



Sob o sol escaldante da Toscana,
tudo pode acontecer...

UM VERÃO EM SIENA ESTHER FREUD

EDIÇÕES
ASA



Ficha Técnica

Título: Um Verão em Siena

Título original: LOVE FALLS

Autor: Esther Freud

ISBN: 9789892311371

Edições ASA

é uma chancela do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdoba, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2007, Esther Freud

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.asa.leva.com

www.leva.pt

Para a minha irmã, Bella

Um Verão em Siena

— Não sei se alguma vez te falei na minha amiga Caroline — disse Lambert, quando um prato branco e espesso de *kedgeree*^[1] chegou à mesa e foi pousado sobre a toalha de linho imaculada, à frente de Lara —, mas recebi uma carta, esta manhã, e... — fez uma pausa para agradecer as costeletas que acabavam de chegar — ...parece que ela não está nada bem.

— Oh, quero dizer, não, não me parece que alguma vez me tenha falado nela. — Lara baixou os olhos para os filetes de peixe, o dourado da gema do ovo, a salsa agarrada ao arroz. Tinha vontade de começar a comer, mas pareceu-lhe indelicado. — Ela é... muito velha? — perguntou com vivacidade.

— Bem... — O pai pegou numa faca afiada e deu um golpe na carne. — Não é especialmente velha. Terá mais alguns anos do que eu. Deve andar na casa dos sessenta, talvez. — Suspirou. — Ainda é consideravelmente nova.

Lara acenou com a cabeça enquanto levava à boca a primeira garfada, os suaves grãos aromatizados com canela e cravinho, as minúsculas sementes de alcaravia estalando entre os dentes, e perguntou-se se alguma vez iria ser capaz de considerar nova uma pessoa com sessenta anos.

— Fez-me pensar — continuou o pai, enquanto o empregado de mesa servia chá. — Se não deveria ir visitá-la. Ela alugou uma casa em Itália, para o Verão. Todos os anos faz isso porque o falecido marido era italiano, e todos os anos me convida, mas desta vez... desta vez acho que vou mesmo.

Baixou os olhos, então, de sobrolho franzido, dando a Lara a hipótese de observá-lo, de ver em que medida esta declaração estava a afectá-lo. Era um homem que sempre fizera questão de nunca sair de Londres, e, tanto quanto ela sabia, ainda Lara não era nascida quando ele o fizera pela última vez. Certa vez, perguntara-lhe por que razão nunca viajava. O pai encolhera os ombros e respondera: para quê viajar quando se vive no melhor lugar do mundo?

Por uns instantes, ficaram a comer em silêncio, até que o pai, ainda a mastigar, olhou para Lara.

— Já lá estiveste?

— Onde?

— Em Itália.

Lara abanou a cabeça. Tinha ido com a mãe até à Índia, de autocarro. Tinham atravessado a Bélgica, a Alemanha, a Grécia, a Turquia, depois o Irão (se bem que lhe tenham chamado Pérsia para fazer com que os dias passassem mais depressa), o Afeganistão e o desfiladeiro de Khyber. Também tinha estado na Escócia, onde vivera durante sete anos — por isso talvez não contasse —, mas a Itália nunca tinha ido.

O pai continuava a olhar para ela.

— Pensei que talvez gostasses de vir comigo.

— Consigo?

O pai acenou com a cabeça.

— A sério? Quero dizer, sim, gostaria de ir.

Sorriram um para o outro, selando o pacto. E, então, ondas de ansiedade, de receio, de uma excitação delirante percorreram o corpo de Lara com uma tal intensidade que todo o apetite

desapareceu e terminar o pequeno-almoço pareceu-lhe subitamente uma tarefa tão árdua como se lhe tivessem pedido que arasse um campo.

Lambert Gold, o pai de Lara, vivia num apartamento sombrio e densamente alcatifado que ficava ao cimo de uma escadaria larga e atapetada. Tinha uma cozinha pequena, uma sala de estar igualmente pequena, um escritório amplo e um quarto do qual ela tinha apenas breves vislumbres, mas que tinha, junto a uma das paredes, uma planta verde-clara de uma beleza surpreendente, uma vez que era totalmente inesperada num apartamento tão escuro. Através da porta entreaberta, as folhas em forma de coração e os caules entrelaçados pareciam estar a respirar, estendendo-se na direcção da luz, estremecendo muito ligeiramente numa brisa, as folhas mantendo sempre uma cor primaveril, independentemente da estação do ano. Esta planta era a única coisa que lhe fazia lembrar que Lambert, em tempos, conhecera a mãe dela. Também ela tivera uma planta, um gerânio com odor a limão, que mantinha numa mesa baixa ao lado da cama, mas ao contrário da de Lambert — para a qual não tinha um nome —, o gerânio estava sempre a modificar-se, a envelhecer, a lançar novos rebentos, escurecendo e clareando consoante a época do ano. O caule era rugoso e castanho, as folhas mortas caíam no prato, em baixo, formando um montículo retorcido, mas quando alguém se roçava nele, o ar do quarto enchia-se de um aroma de tal forma agradável que quem quer que lá estivesse parava logo o que estava a fazer para poder inspirá-lo.

Desde que conhecera o pai — e incomodava-a, por vezes, não se lembrar do dia em que o conhecera — que ele estava a escrever uma História da Inglaterra no século XX. Algumas partes da obra já tinham sido publicadas, facto de que ele se queixava, porque cada vez que isso acontecia, significava que os seus horários de trabalho iriam ser perturbados com pedidos de artigos e de entrevistas e por cartas a que tinha de responder. Dava a sensação de que ele evitava todo o tipo de interrupções e de que o ideal, mesmo, era que nunca fosse interrompido, o que significava que as poucas pessoas que conseguiam encontrar-se com ele se sentiam as eleitas e todos os segundos passados na sua presença eram uma dádiva que lhes era concedida.

O verdadeiro nome de Lambert era Wolfgang Goldstein. Em criança, tinha sido tratado por Wolf, mas mudara de nome três me ses após chegar a Londres, tendo visto o seu nome impresso, pela primeira vez, no dia seguinte ao seu décimo oitavo aniversário, quando escrevera uma carta agressiva ao *Times*. Por que razão escolhera esse nome: Lambert?, perguntara-lhe Lara, pensando em como poderia vir a chamar-se, se o seu próprio nome — Lara Olgalissia Riley — se tornasse, um dia, um fardo demasiado pesado, ao que o pai respondera que Lambert era menos ameaçador do que Wolfgang, mas, ainda assim, com ele relacionado. Enfim, uma espécie de ironia privada para com ele próprio. Tinha descoberto o nome nas páginas do obituário de um jornal: William Lambert «Bertie» Percival, um coronel do exército que morrera tranquilamente durante o sono. Qual era o assunto da carta do pai? Esquecia-se sempre de lhe perguntar — e quando se lembrava, nunca era o momento propício.

Lambert tinha quinze anos quando chegou a Inglaterra. Tinha sido enviado para fora da Áustria, no ano anterior ao início da guerra, filho único e precioso dos seus pais, e como se fosse esse o seu destino — ser precioso —, tinha sido acolhido e acarinhado pelos Holt. Sir Anthony e Lady Anne

tinham quatro filhos, já adultos, um apartamento em Belgravia e uma casa em Dorset, onde, para sua segurança, Lambert passou os primeiros anos da guerra, explorando a biblioteca antiga, sacudindo o pó de livros que durante anos raramente tinham sido abertos. Os Holt adoravam-no, consideravam-no um génio, não só pelo seu inglês impecável, como também pelos seus conhecimentos de música, de teatro e de arte, o que os levava, por vezes, a convidar os amigos a consultarem Lambert no que tocava aos seus conhecimentos sobre política, nomeadamente sobre as razões pelas quais a Áustria e a Alemanha se tinham revelado tão prontamente disponíveis a apoiarem Hitler na guerra.

A mãe de Lara, Cathy, tinha-se encontrado uma vez com Lady Holt. Fora um encontro casual: Cathy e Lambert estavam a percorrer Piccadilly Street em direcção a Green Park, quando Lady Holt, uma mulher encorpada e de olhar perscrutador, saiu disparada pelas portas da Fortnum and Mason. Lambert apresentara-as, dizendo que Cathy era estudante de Literatura Inglesa na faculdade onde ele estava a lecionar, mas Lady Holt semicerrou os olhos até eles se tornarem quase invisíveis e, olhando para a barriga grávida de Cathy, perguntou-lhe se não era esgotante estar a estudar numa fase tão adiantada da gravidez. «Admira-me que o seu marido o permita», acrescentara.

Cathy olhara para Lambert e, vendo que ele não tinha intenções de esclarecer a mãe adoptiva, gaguejara, murmurando ao mesmo tempo que abanava a cabeça: «Não, não é nada cansativo.» Tinha ficado ruborizada.

— Mas como é possível que Lady Holt não tenha percebido que a mãe era namorada dele? — Lara sentira-se afrontada, pela mãe e por si própria, se é que tal é possível quando ainda se está na barriga, mas Cathy limitara-se a rir.

— O teu pai sempre deixou bem claro que nunca se casaria nem nunca teria filhos. Dizia que não tinha perfil para tal. Enfim, na altura não acreditei nele, tinha apenas dezanove anos, mas era óbvio que Lady Holt o conhecia melhor.

— Mas porquê? — Lara não entendia.

Cathy colocou um braço à volta dela.

— As coisas não correram assim tão mal, pois não? — E beijou-lhe o lado da cabeça.

Lambert e Lara iam viajar de comboio para Itália. O comboio, na opinião de Lambert, seria mais civilizado e mais confortável do que um avião — poderiam jantar em grande estilo na carruagem-restaurante, mas ambos sabiam que as trinta e seis horas de viagem eram sobretudo para lhe dar mais tempo para se habituar à ideia de deixar a Grã-Bretanha.

— A partida é muito cedo, por isso seria mais simples se ficasses a dormir em minha casa — sugeriu o pai. — Dessa forma, temos a certeza de que não corremos o risco de nos desencontrarmos na estação.

— Está bem — concordou Lara, como se isso fosse normalíssimo. E, assim, num fim de tarde quente de Julho, três meses depois do seu décimo sétimo aniversário e uma semana antes do casamento real, para o qual toda a cidade de Londres estava a ser varrida, preparada e engalanada, Lara arrastou a mala pela escada do prédio de Lambert, em Kensington, tocou à campainha e preparou-se para passar a primeira noite da sua vida sob o mesmo tecto que o pai.

— Sê bem-vinda! Entra, por favor. — Lambert fez um aceno formal com a cabeça. Por alguma

razão, o sotaque dele pareceu-lhe estranhamente carregado. Por uns breves instantes, ficaram no vestibulo, embaraçados.

— Já comi — esclareceu ele, não fosse isso constituir uma preocupação e, apesar de ela lhe ter assegurado que também jantara, recuou até à cozinha, onde abriu o frigorífico. Era alto e branco, muito maior do que aquele que ela e a mãe tinham, mas também muito mais vazio. Havia meio limão, uma garrafa de leite fora de prazo e uma coisa achatada embrulhada em papel branco.

— Tenho um pouco de língua — ofereceu ele, hesitante.

Mas Lara explicou que tinha comido macarrão com queijo.

— Jantei com a mãe — disse, esfregando a barriga, como que para garantir que era verdade.

Em casa de Lambert não havia um quarto de hóspedes, por isso tiveram de fazer uma cama no sofá do escritório, com um lençol e uma manta de lã aos quadrados que ele costumava usar para se embrulhar quando tinha frio. Contudo, e por mais que procurassem, não encontraram uma almofada. Descobriram então que o assento do cadeirão de pele se soltava quando puxado com força. Embrulharam-no numa toalha e colocaram-no na cabeceira da cama improvisada.

Deram as boas-noites, quando Lara já estava de camisa de noite, com os dentes escovados e a cara lavada, e ela tentou não ouvir quando ele entrou, por sua vez, na casa de banho. Leu o seu livro, fechando os ouvidos ao ruído do urinar, da descarga do autoclismo e, alguns minutos mais tarde, ao gargarejar cómico que o pai fez a lavar a boca. Dormiu um sono leve — as saliências do sofá de cabedal fizeram-na sonhar que estava no alto mar, passando de onda suave em onda suave. Ao fim daquela interminável agitação, mas demasiado cedo, ouviu as cortinas da sala de estar serem corridas e sentiu a luz forte do sol a atingi-la em cheio na cara.

— Bom-dia! — saudou Lambert e, vendo que Lara já estava acordada, dirigiu-se para a cozinha para encher a chaleira.

Os preparativos de ambos foram feitos sem palavras e sem atropelos, como se tivessem vivido juntos durante toda a vida. Lambert permaneceu na cozinha enquanto Lara se vestia. Depois, ainda de roupão, fechou a porta do quarto, ao mesmo tempo que Lara entrava para a casa de banho para lavar a cara, aproveitando para a submeter a um exame microscópico àquela luz crua da manhã. Fez uma careta ao descobrir a sombra redonda e escura de uma borbulha à espreita sob a pele da bochecha. Escovou o cabelo, ajeitando-o para que uma madeixa caísse sobre a borbulha e depois, insatisfeita, remexeu-o para que não ficasse tão agarrado à cabeça. Não olhes, disse para consigo, mas continuou a olhar, sabendo que os seus esforços eram inúteis e, já com o desespero a instalar-se como um guarda-chuva preto a fechar-se lentamente, arvorou uma expressão optimista e obrigou-se a sair.

Lambert já tinha os bilhetes. Como é que os arranjava? Parecia inconcebível que ele tivesse saído para comprá-los — que tivesse feito o caminho até à estação e tivesse esperado pacientemente numa fila. Talvez alguém o tivesse feito por ele. Alguém pragmático, que soubesse dessas coisas. Lara examinou-os no táxi. Dois bilhetes de ida e volta para o comboio que partia da estação de Victoria directamente para Pisa, incluindo a travessia de barco. Necessitavam apenas de encontrar o cais, o comboio para Dover e os seus lugares.

Lara seguiu-o, mantendo-se bem chegada ao pai, enquanto se apressavam por entre aquela massa

de gente, esforçando os olhos para descortinar alguma pista que os levasse até à plataforma certa. Ainda era cedo, mas a estação já estava apinhada: jovens de mochila às costas estavam sentados como bandos de gaivotas pousadas em terra; famílias, vestidas para um dia de passeio, dirigindo-se para sul, a caminho de Eastbourne ou de Brighthon; e homens de negócios, com pastas a condizer, as calças impecavelmente vincadas.

E foi então, com um sobressalto, que Lara constatou que se tinha perdido do pai. Olhou em volta, viu apenas um mar de cabeças de veraneantes e, ao mesmo tempo que o desespero se instalava e ela apertava com mais força a pega do saco, foi assaltada pela desolação de alguém que abdicou de toda a responsabilidade. Meu Deus!, pensou ela, não tenho bilhete, não faço ideia para onde vamos... Mas aí voltou a vislumbrá-lo, recebendo o troco e enfiando um molho de jornais debaixo do braço. «Pai!», gritou, e surpreendeu-se com a rapidez com que voltara a ser uma criança.

Faltavam apenas cinco minutos para a partida do comboio. Lara imaginou que o apito lhe soava sob a pele. Mas Lambert dirigiu-se a outro quiosque, onde, com toda a calma, comprou uma carteira de fósforos e um maço de *Gitanes*. Podia comprá-los nas *free-shops*, Lara teria dito a outra pessoa, mas manteve-se obedientemente calada enquanto o pai contava as moedas e pagava. «Três minutos», sibilou ela entre dentes e, então, o pai voltou-se e desatou a correr, o saco quase a levantar voo, os ombros embatendo nas pessoas que avançavam lentamente, com todo o tempo do mundo. «Com licença! Perdão!» As desculpas dele flutuavam até Lara, que corria no seu encalço. Chegaram por fim à plataforma, que percorreram à pressa, atiraram os sacos à sua frente e saltaram para dentro do comboio.

— É muito importante — disse Lambert, ofegante — a forma como partimos para o nosso destino.

Um apito soou e o impacto das portas a fecharem fez estremecer cada uma das carruagens.

— Mais importante do que a maneira como chegamos? — perguntou Lara, enterrando-se, aliviada, num dos assentos.

— Respondo-te amanhã — disse o pai com um sorriso, abrindo um jornal que começou a ler com uma descontração convincente.

Em criança, Lara poucas vezes vira o pai: um gelado ocasional no Verão ou uma ida a uma livraria, onde ele lhe disse que ela poderia escolher tudo o que quisesse. Ela optara por um exemplar de *O Pequeno Lorde*, que tinha uma capa azul-celeste e letras castanhas e esguias. Era um exemplar que ainda guardava e que, sempre que o seu olhar o captava no meio dos seus livros, na sua maioria velhos volumes de capa brochada ou com encadernações muito manuseadas, comprados mais pela sua beleza do que pelo seu conteúdo, lhe despertava uma vaga insatisfação, como se, aos dez anos, tivesse feito uma escolha demasiado sentimental. Interrogava-se se deveria ter escolhido um dos livros da autoria do pai, sabendo que teria sido ridículo ter pedido o estudo dele sobre a Europa no período entre as duas guerras mundiais ou o livro que ele tinha escrito sobre a Grã-Bretanha, o seu país de adopção, onde explicava como as pessoas tinham mudado radicalmente nos anos do pós-guerra.

Depois da Índia, quando Lara e a mãe vieram viver para Londres, começaram a ver-se com mais frequência. Encontravam-se para tomar o pequeno-almoço em hotéis, formais e à moda antiga, no

Claridge's ou no Dorchester, ou, por vezes, ao fim do dia, ela ia ter com ele à porta de um museu, onde, quase em cima da hora de encerramento, faziam apressadas visitas às exposições.

Mais raramente, Lara visitava o pai no apartamento dele, onde, de vez em quando, esquecendo-se de que ela ali se encontrava, Lambert acabava uma conversa telefónica e de imediato retomava o trabalho. Lara ficava sentada na cozinha, folheando velhos catálogos de leilões, tesouros antigos prestes a serem leiloados na Sotheby's ou na Christie's, ou passava uma hora a ler cada uma das páginas lúgubres do *News of the World*.

A cozinha de Lambert estava atulhada de pilhas altíssimas de jornais. Por que razão não os deitava fora?, perguntava-se Lara, mas quando olhava para as datas, verificava que eram apenas a acumulação de jornais de uma semana. Mas para quê comprar tantos? Certamente que todos diziam a mesma coisa. Por vezes, ficava a observar o pai, que não dispendia de muito tempo para os ler, folheava rapidamente cada uma das páginas, inspeccionando-as de alto a baixo, como se estivesse à espera de encontrar alguma coisa.

Nessas tardes, Lara decidia, por fim, enfiar a cabeça pela abertura da porta e via-o, de caneta na boca, olhando o vazio.

— Pai... é melhor eu ir andando — sussurrava. E o pai dava um pulo na cadeira ao aperceber-se de que ela ainda ali estava.

Naquela manhã, mal tinham tido tempo para tomar o pequeno-almoço. Apenas haviam comido uma maçã e tomado uma chávena de um chá fraco. Lara trouxera com ela as maçãs que sobraram, pensando que se as deixasse ficar na fruteira, acabariam por apodrecer. Metera-as na mochila, juntamente com um garrafa intacta de *Perrier* que encontrara na entrada. Abriu a garrafa e deu um gole que borbulhou de tal forma na garganta que quase se engasgou.

— Então — disse Lambert e agarrou na garrafa para beber.

Lara não percebeu se deveria atribuir ao gás, à água ou ao facto de ter partilhado uma garrafa, cujo gargalo não limpara, a enorme sensação de excitação que subitamente a invadira. Estavam de partida. Iam ter umas férias a sério! Até àquele momento, Lara ainda não tinha concebido que isso pudesse ser verdade. Para esconder a excitação, voltou-se para a janela e ficou a olhar lá para fora. Londres estava a ficar para trás, moviam-se já através de uma paisagem suburbana e em breve chegariam a zonas de bosque e de terras agrícolas. Voltou-se para o pai, mas ele fechara os olhos e segurava a garrafa de água pelo gargalo.

Apesar de o comboio estar cheio, com pessoas de pé nos corredores, eles encontravam-se sós na carruagem de primeira classe, com os seus assentos pretos, mais amplos do que o habitual e cujas protecções para a cabeça pareciam os aventais engomados das camareiras de hotel. Lara sabia que não estava certo, sentia nos ossos toda aquela injustiça, mas isso não a impediu de se estender confortavelmente. Comeu uma maçã, lançou o caroço pela fresta da janela e viu-o ser arrastado pelo vento.

Pensou na mãe, tal como a deixara na noite anterior, a lavar a alface para a salada, e ocorreu-lhe que não lhe perguntara o que planeava fazer. Talvez Cathy fizesse aquilo que Lara costumava fazer quando a mãe estava fora: dar uma festa, importunar os vizinhos, comer folhas de parra enlatadas ao

pequeno-almoço, tomar três banhos por dia. O sol jorrava pela janela e, subitamente, sentiu uma felicidade suprema, consciente de que estava naquela fase perfeita de uma viagem — o início ficara para trás e o desfecho ainda estava longe.

Lembrou-se de como se sentira infeliz no último dia de aulas, apenas dez dias antes. De como se sentira cobarde por ter deixado escapar a oportunidade de dizer a Clive uma palavra que fosse — Clive, com quem ela tinha sonhado, fantasiado e que tinha desejado durante três períodos, mas que, tanto quanto Lara sabia, continuava a não saber que ela existia. Todas as segundas-feiras se havia sentado atrás dele, em História, demasiado absorvida pelos caracóis pretos do cabelo despenteado e pelos ombros largos do blusão, para conseguir registrar outra coisa que não uns apontamentos ilegíveis. E tomara, então, uma decisão. Iria falar com ele na festa da escola, a última das que tinham lugar todas as quarta-feiras à hora do almoço e nas quais, durante três períodos, nunca dançara. Lara e a sua melhor amiga, Sorrel, entravam e saíam pelas portas de batente, mantinham-se coladas às janelas de cortinas corridas, sussurravam pelos cantos escuros, e havia sempre aquela sensação excitante de que alguma coisa estava prestes a acontecer.

Naquela quarta-feira, tinha ficado perto de Clive, aguardando, sem nada entre ambos à exceção de uma pilha de cadeiras, mas precisamente quando ela tivera a certeza de ter reunido coragem suficiente, apareceu uma finalista do curso de Teatro que, sem o mínimo de hesitação, pegou na mão de Clive e o arrastou para a pista de dança. E ele deixara. Fora tão fácil quanto isto. Porque é que tinha ficado tão assustada? Por que razão era tão estúpida? Fechou os olhos perante a visão dos dois, Mege Clive, beijando-se sofregamente atrás do palco, passada apenas meia hora.

— Meu Deus. — Lambert endireitou-se no assento de um salto quando o comboio começou a abrandar a sua marcha. — Já aqui estamos.

Reuniram a bagagem e, abrindo caminho por entre os outros passageiros, prepararam-se para sair do comboio.

Havia um bar no barco, já empestado de cheiro a cerveja e com os cinzeiros a transbordar, e uma cantina que Lara espreitou, esfomeada, mas foi no restaurante que Lambert decidiu que deveriam comer. Quando finalmente o encontraram, havia apenas uma mesa vaga e mal tinham acabado de se sentar, perguntaram-lhes se se importavam de partilhá-la. Importavam-se? Lara não fazia a mínima ideia, mas Lambert assentiu com cortesia, e um homem, demasiado elegante e aprumado para ser inglês, apresentou-se e de imediato entabulou conversa, como se aquele fosse um almoço combinado.

Era professor de Medicina, belga, fazia investigação e depressa se tornou óbvio que já tinha ouvido falar em Lambert, reconhecia-o agora, e estava entusiasmadíssimo por ter aquela oportunidade de falar com o grande homem. Trocaram-se ideias, opiniões, nomes e apresentaram-se teorias e, para grande surpresa de Lara, Lambert, que estava sempre a dizer que detestava estar com muita gente e abominava ter de discutir o seu trabalho, estava a acenar com a cabeça, a interromper e a advertir o belga, tirando verdadeiro prazer de cada palavra trocada.

Lara ficou sentada a ouvir, esperando encontrar uma forma de participar, consciente de que deveria concentrar-se e tentar reter alguma coisa daquilo que ela sabia ser uma grande conversa, mas depressa percebeu que estava demasiado concentrada a ouvir para conseguir reter alguma coisa, e

por isso pediu licença e saiu à procura de uma casa de banho.

Fez um desvio, passando pelas lojas, pelo balcão de informações, pelas *free-shops* e depois, vendo uma porta aberta, saiu para o convés. Estava bem alto, podendo ver o mar verde-escuro e ameaçadoramente revoltado lá em baixo. Inclinou-se sobre a amurada, enfiando os pés entre os ferros pintados, e pensou em como seria fácil cair. Não deveriam ser mais sólidos? Não deveria ser prevenida a tentação de deixar-se deslizar discretamente? Lara endireitou-se. Gaivotas gritavam e desciam em voo picado, rodeando o barco, e crianças corriam e guinchavam ao longo das rampas.

Caminhou até ao extremo da proa, onde alguns casais se abrigavam do vento, os rostos brilhantes dos salpicos do mar e de alegria, abraçados, os restos das suas merendas espalhados ao longo do banco de madeira. Lara observou os ombros dos homens em busca de sinais de Clive, desejando encontrá-lo neste lugar improvável, desejando uma oportunidade de alterar o destino, de reclamá-lo ou até de lhe dizer apenas olá, mas apesar de se encontrarem ali vários homens de cabelo escuro e blusão, era mais do que óbvio que nenhum deles era Clive.

Lara lembrou-se, de súbito, que deveria estar a almoçar. Voltou-se e correu, enfiando-se pela primeira porta que encontrou, subindo e descendo escadas de metal, perdendo-se, depois voltando a encontrar o seu caminho, junto às *free-shops*, passando de novo pela cantina, pelo posto de informação e ali estavam eles, o pai e o belga, ainda a conversar, e o empregado, tendo desistido de esperar por ela, começava a levantar a mesa. Lara sentou-se com um discreto sinal de desculpas e fez-se uma pausa enquanto decidiam que não, não iam querer sobremesa.

— A primeira classe? — perguntou Lambert a um guarda que se encontrava na plataforma de Calais. — *La première classe avec couchette?* — O guarda abanou a cabeça com cara de poucos amigos e respondeu que naquele comboio não havia primeira classe. Agarrou nos bilhetes e sacudi-os, com ar trocista. Também não havia *couchettes*. Não para eles. Por um instante, ficaram ambos a examinar os bilhetes, incrédulos e então, percebendo que estavam a perder um tempo precioso, embarcaram no comboio e começaram a procurar dois lugares.

Parecia impossível, mas não havia dois lugares juntos em toda a extensão do comboio. Foram passando, ansiosos, de carruagem em carruagem, espreitando para dentro de compartimentos onde as pessoas, já bem instaladas, lhes lançavam olhares hostis. Quem era aquela gente?, questionava-se Lara. De onde vinham? Como era possível que se tivessem instalado tão cedo? Começou a odiar aquelas pessoas que os olhavam com arrogância, como se fossem donas dos lugares, como se os tivessem herdado, como se não tivessem absolutamente nada em comum com ela. Lambert pareceu desmoralizado quando deixou que outra porta deslizesse pesadamente e Lara teve de se controlar para não lhe pegar no braço.

Talvez não devesse ter deixado Londres, a segurança do seu escritório, a grandeza da sua reputação; e então, mesmo a tempo, depararam com uma carruagem onde uma senhora rechonchuda, com uma enorme quantidade de malas, tinha ocupado três lugares.

— *Excusez-moi, pouvez-vous enlever vos bagages?* — perguntou Lambert num francês cordial. A senhora levantou-se, com enorme graciosidade, e começou a arrumar as suas malas.

Lambert sentou-se ao lado da senhora e Lara defronte dele. Sorriram um ao outro, aliviados, e

Lara abriu a garrafa de *Perrier* e bebeu um gole. Esticou-se para passar a garrafa ao pai.

— Obrigado — agradeceu o pai, como se ela lhe estivesse a oferecer champanhe, e segurou na garrafa como tinha feito antes: pelo gargalo.

Acenaram com a cabeça, consolidando o seu ritual, e isso agradou tanto a Lara como se tivessem brindado com os copos.

Ouviram-se assobios e portas, pesadas como paredes, a fecharem-se com força.

Estavam a sair da estação, para o interior da França, voltando costas ao mar e encaminhando-se na direcção da Suíça, dos Alpes, de Itália e de Pisa.

— Sabes alguma coisa de italiano? — perguntou Lambert mais tarde, quando metade dos ocupantes da carruagem já se encontrava a dormir.

— Não. — Lara reflectiu por uns instantes e depois perguntou, ligeiramente alarmada: — Isso poderá constituir um problema? Lambert inclinou-se na direcção dela.

— A expressão mais grosseira que se pode dizer a um italiano, pior ainda do que... — hesitou — «a tua mãe é a amante de um chimpanzé de duas cabeças...» — baixou a voz até ser apenas um sussurro, enquanto Lara olhava em volta para se certificar de que não corriam o risco de serem ouvidos — é *Porca Madonna*.

— *Porca Madonna* — sussurrou Lara, por sua vez, e a senhora da bagagem abriu repentinamente os olhos.

Eram três horas quando embarcaram no comboio e às sete começaram a ter fome.

— Vamos procurar a carruagem-restaurante? — sugeriu Lambert.

Lara imaginou uma noite passada a beber vinho, a comer pratos requintados, intercalados por sorvete ou talvez uma tigela de sopa. Sentar-se-iam numa mesa estreita, posta para dois, com uma cortina pregueada e um candeeiro enfeitado com uma franja *bordeaux*, enquanto um empregado de mesa, de luvas brancas, se debruçava sobre eles. Lara tinha a noção de que se tratava de uma cena de um filme, ou de algum romance que em tempos lera, mas, ainda assim, continuava a desejar viver um momento daqueles por uma noite que fosse.

Antes de abandonarem a carruagem, arrumaram a bagagem cuidadosamente e fizeram sinal à senhora, que acabara de comer todo o conteúdo de um cesto, na esperança de que ela percebesse que deveria proteger os lugares deles com a própria vida.

No corredor, a todo o comprimento do comboio, havia pessoas de pé, encostadas às janelas, a fumar, a comer, a conversar ou a desentorpecer as pernas. «Com licença. *Excusez-moi*.» Foram avançando, apreciando a viagem, o calor da luz do entardecer e o estremecer das rodas, em baixo. Havia qualquer coisa de estranhamente agradável na forma como o comboio os atirava de uma parede para a outra, suficientemente forte para os abanar, mas não para os magoar. Mas depois de terem percorrido quatro ou cinco carruagens, Lara apercebeu-se de que não lhe chegava nenhum cheiro a comida.

— Desculpe. *Il y a un restaurant?* — perguntou Lambert a um homem que vinha na direcção oposta.

O homem inclinou a cabeça para um lado e fez uma pausa para pensar.

— *Non* — respondeu, fazendo a palavra saltar, *non*, e, sorrindo, seguiu o seu caminho.

De início, pareceu-lhes mais fácil não acreditar no que o homem dissera, pelo que seguiram em frente, o matraquear dos carris agora menos agradável, aos solavancos sob os seus pés, fazendo-os desequilibrar-se, até que constataram que o homem tinha razão. Não havia carruagem-restaurante. Nem bar. Nem sequer um carrinho a servir chá. Deram meia-volta e foram abrindo caminho de regresso à carruagem, percebendo que deviam saltar quando o comboio fazia curvas e que deviam usar as mãos para não embaterem nas janelas e nas paredes.

Por fim, chegaram ao compartimento e, aliviados por verem os seus lugares, já tão familiares como a sua casa, deixaram-se cair pesadamente. Lara pegou na garrafa de *Perrier* e bebeu um pouco. Estava morna e já sem gás. Estendeu-a na direcção de Lambert.

— Não, obrigado — respondeu ele, abanando a cabeça.

Lara espreitou para dentro do saco. Ainda sobrava uma maçã. Retirou-a e ofereceu-a ao pai, que de novo abanou a cabeça. Está a poupar as rações, pensou ela. Lambert pegara no jornal, dobrara-o e começara a ler, voltando para ela uma fotografia de página inteira de Lady Diana Spencer, uma semana antes de se tornar mulher do príncipe Carlos.

Lara pôs as pernas para cima e examinou a foto. Constatou que era o cabelo de Diana que tornava tão difícil gostar dela. O cabelo dela era muito armado e caía para cima de um olho. Diana tinha vinte anos, mais três do que Lara. Perguntou-se o que diria Cathy, ou mesmo Lambert, se ela estivesse prestes a casar-se com um homem que estava a atingir a meia-idade. Mas a verdade é que, quando ela própria nascera, Lambert tinha quarenta e um anos e Cathy apenas dezanove. Mas era diferente. Lara não sabia explicar ao certo, mas Lambert não tinha idade, com a sua pronúncia do Velho Mundo e a sua enorme bagagem de conhecimentos, e a mãe, ao tê-la, provara ser livre, temerária e determinada.

O comboio abrandou até parar. Estava a começar a escurecer e a estação, muito iluminada, contrastava com a meia-luz do entardecer. As portas abriram-se, pessoas gritaram e então, no cais, Lara viu um vendedor ambulante com um carrinho.

— Veja! — disse ela, apontando, a cara colada ao vidro, e enquanto observavam, um magote de gente rodeou o homem, atirando-lhe dinheiro, servindo-se, saindo daquele amontoado com sanduíches enormes, pacotes de bolachas e latas de bebidas. — Que acha?

Lambert começou a procurar na carteira o dinheiro estrangeiro que tinha trocado, mas enquanto o fazia, ouviu-se um apito, as pessoas separaram-se e o comboio recomeçou a andar.

Da próxima vez, prometeu Lara a si própria. Mas na vez seguinte, apesar de já se encontrar nos degraus, segurando na mão uma grande nota de francos, à espera do momento certo, ficou demasiado aterrorizada com a possibilidade de o comboio co meçar a andar assim que ela descesse, obrigando-a a correr pela plataforma fora, como Omar Sharif em *Dr. Jivago*, quando ele se dirigia para uma pequena cidade no extremo oriental da Rússia, sem suspeitar que a mulher que ele realmente amava, Lara (de quem ela recebera o nome), também aí iria viver. O Dr. Jivago tinha sido puxado para dentro do comboio por uma quantidade de pessoas, todas elas esticando os braços para ele por uma porta bem aberta, enquanto que ela apenas poderia contar com os braços do pai, o qual poderia nem se aperceber de que Lara tinha ficado para trás.

Por volta da meia-noite, com o estômago já a contrair-se de fome, reuniu coragem suficiente para sair do comboio, correr até ao vendedor ambulante e apontar para uma baguete, com o recheio de

queijo e alface à mostra, mas precisamente naquele momento, o apito soou e apesar de afinal se tratar de outro comboio, Lara correu tão depressa de volta para os degraus da carruagem que teve a sensação de que os pulmões lhe iam rebentar.

— Achas que tente? — perguntou Lambert, mas só de antecipar a descontração do pai e as suas lentas ruminações enquanto contava o dinheiro, Lara ficou tão ansiosa que perdeu o apetite.

— Não vá, por favor — implorou-lhe. — A sério, não estou com fome.

E encostando a cara ao canto da janela, como se fosse uma almofada, fechou os olhos e fingiu dormir.

Através do negro das pálpebras, evocou as plataformas das estações na Índia, cheias de homens vendendo cestos de chamuças, *puri*,^[2] *dosas*^[3], sacos de grão-de-bico e nozes. Quem não quisesse sair do comboio, só precisava de esticar o braço pela janela, ou até mesmo pedir uma refeição a partir do conforto da sua carruagem. A refeição era entregue na estação seguinte, servida num tabuleiro dividido em secções, que eram preenchidas com arroz, *dhal*^[4] e caril de vegetais, e ainda pequenos frascos de iogurte e *chutney*^[5] servidos à parte. A comida era reconfortantemente familiar. Era quase idêntica à que serviam no Samye Ling, o centro tibetano na Escócia, se bem que o iogurte servido no comboio fosse menos espesso e o *chutney*, quando o provaria, lhe tivesse queimado a língua.

Lara tinha quatro anos quando fora viver com Cathy para a Escócia. Até então, tinham vivido num apartamento que ficava no alto de Ladbroke Grove, não muito longe de Lambert. Haviām-se mudado depois de Cathy ter recebido a carta de um amigo dizendo que tinha encontrado a resposta e que ela deveria mudar-se para lá o mais cedo possível, para estudar budismo tibetano com Sua Santidade, que estava a viver num campo de refugiados no sopé dos Himalaias. Se conseguisse lá ir ter, poderia beneficiar dos ensinamentos dele e toda a sua infelicidade desapareceria.

— Que infelicidade? — perguntara Lara quando Cathy lhe contou esta história, mas Cathy, como sempre, tinha olhado para Lara como se ela não entendesse o essencial.

— Seja como for, como não podia ir para a Índia, pelo menos naquela altura, viemos viver para aqui — continuava a mãe, quando as pessoas lhe perguntavam o que a levara até aquele vale da Escócia, tão cheio de árvores de Natal que parecia estar sempre à beira de escurecer.

Encontraram uma casa para alugar no topo de uma colina e, um ano mais tarde, Lara entrou para a escola. A escola ficava na aldeia, mesmo atrás do centro budista Samye Ling, e todas as crianças a olhavam com tanta curiosidade como se ela própria fosse tibetana. Tinham-na rodeado, tocado com o dedo e cheirado as roupas dela. Olhavam, enojados, para a comida que ela desembrulhava para almoçar — sanduíches caseiras de pão escuro, recheadas de alface e *Marmite* — e para o aspecto da mãe dela que, tendo percorrido a pé os três quilómetros que separavam a casa da escola, aguardava ao portão, de galochas.

Mas Lara não se importava minimamente. A mãe estava mais feliz. As longas horas de meditação deixavam-na leve e calma e na maior parte das férias tinham visitas, hóspedes que conseguiam ver, pelas janelas do primeiro andar da casa, avançando lenta e esforçadamente pela estrada do vale, junto à ribeira. E uma vez por ano iam de boleia até Londres. Saíam da aldeia, de mochila às costas, em

direção a Lockerbie e depois apanhavam uma boleia pelo menos até à auto-estrada, orgulhando-se de conseguirem sempre chegar a Londres antes do fim do dia.

Quando Lara acordou, já era de manhã. As pernas do pai estavam esticadas ao longo do espaço que separava os assentos de ambos. Lara sentia os dedos dos pés dele de encontro à sua coxa e conseguia ver-lhe a pele branca das pernas, que as calças repuxadas revelavam, os pêlos negros e finos e a linha do osso ao longo da canela. Com extremo cuidado, desviou-se uns milímetros. Lambert mexeu-se, pareceu prestes a acordar, e Lara, aproveitando a oportunidade, bocejou e, como que involuntariamente, ajeitou-se no assento até conseguir libertar-se por completo. Mas Lambert continuou a dormir, a cabeça apoiada na janela, a boca ligeiramente aberta. Lara voltou a olhar para os pés do pai. Pareciam agora tão inofensivos, desprotegidos até, voltados para fora, para o espaço que ela deixara vazio, mas, ainda assim, não retomou a posição.

O comboio começou a emitir um matraqueado e o recorte de uma estação surgiu no horizonte. Tabuletas, cujas indicações não conseguiu captar — Bin... Binar... —, passavam por ela a toda a pressa.

— Onde estamos?

Lambert já estava acordado. Baixou as pernas com rigidez e enfiou os pés nos sapatos.

— Binario, julgo eu.

Olharam um para o outro. Não havia dúvida de que se encontravam em Itália. Mais umas horas e chegavam. Para comemorar, Lara sacou a garrafa de *Perrier* e bebeu umas gotas, passando a garrafa a Lambert para que ingerisse o último gole. Depois retirou a maçã e, recorrendo a um truque que aprendera na escola, torceu-a até que ela se partiu ao meio. Comeu a sua metade devagarinho, o sumo, agridoce, picando-lhe a boca, e olhou espantada para o pai, que se descartava do caroço da sua metade, lançando-o pela janela quando ainda tinha, no mínimo, três boas dentadas. Lara devorou a sua parte até ao pedúnculo, até já não haver mais nada senão o caroço, onde três pevides estavam expostas. Depois disso, sentiu-se ainda com mais fome, o estômago a contorcer-se, recordando e lamentando todas as refeições que deixara no prato, meio comidas.

Nesse momento, chegavam a outra estação. Bin... Binar... Binario. Estavam outra vez ali. Ou então tinha estado tão absorvida a comer a maçã que nem reparara que o comboio não se tinha mexido. Debruçou-se para a frente, para ver o relógio do pai. Eram oito horas e estava previsto chegarem às duas da tarde. Olhou para fora, para o cais. Mesmo que tivesse reunido coragem para sair, não havia sinais de qualquer quiosque ou vendedor ambulante.

Lara levantou-se e esticou o corpo, e depois, para passar o tempo, percorreu a extensão do comboio, espreitando para dentro dos compartimentos, tentando não ficar a olhar demasiado tempo para as pessoas que, prevenidas, começavam a desempacotar os seus pequenos-almoços, servindo canecas de café quente, arrancando nacos de pão branco. Tinha falhado apenas duas refeições, mas já se sentia mais magra, mais leve, as roupas mais folgadas, e lembrou-se da dieta a que se sujeitara no final do primeiro período — um dia de jejum, três dias de fruta e, como recompensa, um pouco de requeijão que lhe soubera melhor do que qualquer coisa que alguma vez tivesse provado. E tinha resultado. Tinha ficado elegante e bonita para a festa de Natal da escola, talvez um pouco pálida.

Mas de que servira? Tinha tido tanto frio que não conseguira despir o casaco e era ainda demasiado cobarde para falar com Clive.

Quando Lara regressou ao seu compartimento, estavam de novo em Binario. Lambert olhou para ela e encolheu os ombros. Rindo e desejando subitamente que nunca chegassem, dividiram as páginas do jornal e prepararam-se para esperar.

Na estação de Pisa, tinham à sua espera Ginny, a cozinheira de Caroline. Tinha estado atenta à chegada deles no cais (ou *binario* — palavra cujo significado tinham finalmente percebido), e quando os viu, correu até eles e apoderou-se das suas bagagens. Ginny era uma inglesa que viera da sua aldeia nas Cotswolds de carro e que, muito amavelmente, parara na estação, que ficava a caminho, para lhes dar boleia. Era uma mulher grande e pálida, com madeixas douradas e sardas nos braços e na cara que lhe cobriam a pele de pontos acastanhados. As roupas que trazia vestidas, profusamente floridas, faziam-na parecer ainda mais volumosa, mas quando se apresentou, a sua voz revelou-se fraca e aguda.

— Que animado vai ser! — chilreou ela. — Um Verão em Itália! Ocorreu então a Lara que iriam ser apenas eles os quatro — Caroline, Lambert, Ginny e ela.

— Querem partir já? — perguntou alegremente. — O carro não está muito longe, mas está mal estacionado.

Lara lançou um rápido olhar ao pai para ver qual seria a resposta dele.

— Sim, claro — concordou Lambert, sem revelar que estavam ambos famintos e, obedientemente, seguiram-na, saindo da estação.

O carro era um 2CV amarelo-vivo, sufocante devido ao calor acumulado. Lara entrou para o banco traseiro com as duas malas e, enquanto se apressavam a sair de Pisa, Ginny começou a contar-lhes, com grandes pormenores, como eram perigosas as estradas italianas. Despistes, choques em cadeia, todos os dias havia acidentes. Tagarelava alegremente, mas Lara estava a achar difícil aceitar a ideia de ser passada a ferro por um camião quando aquilo que mais a preocupava era o facto de estar à beira de morrer de inanição. Seria... Poderíamos? E então, na berma da estrada, viu uma banca com montanhas de fruta.

— PARE! — Não foi capaz de se conter. E apesar de ter sido apanhada de surpresa e forçada a guinar o carro para o lado errado da via, Ginny conseguiu parar.

Lambert apeou-se e Lara saiu atrás dele, aos tropeções. Ficaram a olhar para as laranjas grandes e doces, para as uvas, para as enormes maçãs, para os tabuleiros de figos, acabando por se decidir por um quilo de pêssegos, de pele aveludada e odor adocicado.

— Comida — suspirou Lara ao dar uma dentada no primeiro pêssego, inclinando-se para a frente para deixar o sumo pingar para o chão. Lambert serviu-se de um e devorou-o em três rápidas dentadas.

— Vamos lá, então — disse para Lara, segurando-lhe a porta. Lara sentou-se na parte de trás do carro com o saco de papel

pardo dos pêssegos no colo e comeu outro, depois mais outro. Lambert olhou para trás.

— Se fosse a ti, não comia muitos mais — avisou-a e, pelo olhar dele, Lara presumiu que poderia ser perigoso.

— Está bem. — Dobrou o saco, enrolando o papel macio uma e outra vez, constatando que,

estranhamente, aquele era o primeiro conselho que o pai lhe dava, e apesar de saber que estava a ser de masiado dramática, não conseguia esquecer a história da mulher que, ao ser libertada de Auschwitz, recebeu uma salsicha de um soldado bem-intencionado e, ao devorá-la, tombara para o lado e morrera.

Para onde quer que Lara olhasse, via que estavam rodeados por colinas. Havia grandes colinas azuladas ao longe e outras, mais pequenas e mais áridas, elevando-se de cada lado da estrada. As colinas, apesar de íngremes, estavam divididas em terrenos, alguns plantados com fileiras de oliveiras e todos, sem excepção, albergavam uma casa ou um aglomerado de casas lá bem no topo, como se todas as oportunidades de alcançar um pouco de ar fresco devessem ser aproveitadas. As casas eram lindíssimas, da cor da terra, terracota, ocre, o rosa pálido do cimento. Decoradas com vinhas e persianas verde-jade, cada uma mais bonita do que a anterior. Lara exclamou, surpresa, e apontou para as primeiras seis ou sete, mas depois, vendo que corria o risco de não fazer outra coisa, desistiu, limitando-se a apreciá-las, deixando-as passar.

Ginny tinha um mapa aberto nos joelhos e, de vez em quando, parava num cruzamento e baixava os olhos, mas parecia extraordinariamente eficiente e segura do caminho, e como tal, Lara fechou os olhos e deixou-se ficar a ouvi-la contar a Lambert que tinha feito um curso de cozinha naquela região e que já tinha perdido a conta das vezes que tinha cozinhado para famílias inglesas que iam passar ali o Verão.

— Uma família, imagine, apenas um casal e os amigos, trouxeram com eles um massagista. — Lambert deve ter acenado com a cabeça porque ela prosseguiu. — Eu tinha permissão para usufruir dos serviços dele, uma vez por semana, no meu dia de folga... — Ginny inalou profundamente. — E sabia-me sempre tão bem.

Lara nem se atreveu a abrir os olhos com receio de notar algum vestígio de riso nos ombros do pai. Em vez disso, imaginou o corpo dourado de Ginny estendido em cima de uma toalha e as mãos fortes de um homem a massajar a sua carne flácida.

— Já cozinhou para Caroline antes? — perguntou Lambert, ao que Ginny respondeu que não, que ainda não a conhecia.

— Mas... — Baixou a voz: — Ouvi dizer que é uma senhora muito respeitável.

Respeitável. Fez-se silêncio no carro e Lara manteve os olhos fechados durante tanto tempo que deve ter adormecido, porque quando acordou, tinham abandonado a planície e estavam a subir as colinas ao longo de estradas sinuosas.

Ginny estava de novo a tagarelar. Era muito conhecida, dentro de um certo círculo, pelo seu *chutney* de tomate verde.

— Se estiver interessado — sugeriu ela —, posso colocar o seu nome na minha lista de encomendas.

— Sim — Lambert foi invulgarmente amável. — Sem dúvida que estou interessado. Muito obrigado.

A tarde já ia bem adiantada quando pararam numa entrada de garagem cheia de sombra e foram

saudados pelo som de água a correr. Ginny saiu do carro, esticou o corpo e deu a volta para abrir o porta-bagagem.

— Lamb, querido — ouviu Lara, assim que o pai saiu do carro. Uma mulher alta e esguia estava parada na soleira da porta.

— Vieste mesmo.

Lambert abriu os braços e os dois abraçaram-se. Caroline envergava uma saia plissada, blusa bege e um cinto, e Lambert teve de se inclinar apenas muito ligeiramente para beijá-la por debaixo da aba do seu chapéu de palha.

— Parabéns! — disse ela, recuando finalmente. — Conseguieste! — E olhou na direcção de Lara.

— Olá — disse Lara com um aceno de cabeça. — É muito agradável estar aqui.

Aguardou que Caroline a examinasse, olhando de Lara para o pai em busca de semelhanças, tentando encaixar o Lambert Gold que ela conhecia com o homem que subitamente tinha conseguido dar origem a esta filha crescida.

— Finalmente ficamos a conhecer-te.

O olhar de Caroline não era totalmente amigável. Parecia que continuava à procura, forçando Lara a comparar-se com o pai. Havia alguma semelhança? A mãe sempre achara que sim. Sempre dissera que lhe davam vontade de rir as semelhanças que ela tinha com o pai: a maneira como andava, os pequenos movimentos que fazia quando se sentia frustrada, mesmo quando ainda era apenas uma criança, mesmo quando ainda era raro ver o pai.

Por essa altura, já Ginny tinha colocado todos os seus sacos na entrada.

— Olá — cumprimentou.

Caroline voltou-se para ela e estendeu uma mão pálida e esguia.

— Virginia, prazer em conhecê-la. Agradeço-lhe imenso por ter ido buscar os meus convidados — e, olhando para a enorme quantidade de sacos, acrescentou: — Se está pronta, vou mostrar-lhe o seu quarto.

Ginny assumiu uma postura rígida, como se subitamente se tivesse recordado de que estava ali como empregada.

— Vamos lá, então. Até já. — Acenou e seguiu Caroline, descendo uns degraus e contornando o lado da casa.

Lara permaneceu no caminho de acesso à casa, observando o borbulhar dos repuxos do sistema de rega, enquanto a voz calma de Caroline, transmitindo as suas instruções, ia deixando de se ouvir.

Inspirou profundamente. O ar cheirava tão bem aqui, suficientemente intenso para ser bebido, perfumado de rosmaninho e lavanda e com o cheiro fresco de pedra lavada. Pensou no jardim das traseiras de sua casa, numa fileira de casas velhas e delapidadas sobranceira à estação de Finsbury Park, e em como o seu emaranhado de lilases actuava como escudo contra o ar saturado e queimado da estrada principal. Três semanas! Lara inalou outra golfada de ar e seguiu o pai até dentro de casa.

A casa tinha o chão coberto de tijoleira e fora toda renovada, pelo menos no interior, com portas de madeira clara e sofás bege. Estava concebida para o Verão, dispondo de uma cozinha austera, forrada de armários e com um frigorífico alto que emitia um som contínuo e intenso. Uma das paredes da sala de estar era toda em vidro, e uma parte deslizava para o lado para dar acesso a um terraço onde uma mesa redonda estava coberta com a correspondência de Caroline: folhas cor de

salmão com «La Forestella» impresso no topo. *Lamento ter de lhe dizer isto*, leu Lara, não resistindo à tentação, *mas não queria que ficasse a saber por algum mexeriqueiro ocioso, o que, vendo bem as coisas, até é o seu caso...* Lara olhou rapidamente em volta, certificando-se de que ninguém a estava a observar, e ao constatar que não, voltou a baixar os olhos. *Dizem que ar fresco e sol... e eu digo, que diabo, bem podia, já agora, fumar uma ou outra cigarrilha...*

Obrigou-se a sair dali e a juntar-se ao pai, que estava debruçado sobre a balaustrada do terraço. A casa fora construída numa colina, o que não era perceptível do lado da frente da casa, porque, em baixo, o terreno caía abruptamente num jardim coberto de fetos, caniços, loendros floridos, entrecortado por um caminho sinuoso de lajes de basalto que descia até a uma zona plana onde, qual oásis, se encontrava uma piscina em forma de rim de água azul cintilante. Lara teve vontade de arrancar a roupa, desatar a descer os degraus de pedra e lançar-se lá para dentro, mas Caroline apareceu precisamente naquela altura.

Os braços dela eram magros e estavam frios quando os apoiou na balaustrada, entre Lara e o pai.
— Ora muito bem — inspirou profundamente. — Já informei a Ginny de que pode usar a piscina entre as oito e as nove, de modo a não incomodar ninguém, e eu gosto de nadar assim que me levanto, antes do pequeno-almoço, mas tirando isso, podem usar a piscina sempre que quiserem.

Lara olhou para a piscina, tão límpida e tentadora, o azul-turquesa da água cintilando ao sol.
— Mas agora — acrescentou Caroline, voltando-se. — Julgo que devem estar com vontade de se refrescar.

Quando Lara saiu do duche, ouviu o telefone, e depois a voz pausada e séria de Caroline, seguida, quase de imediato, pelo som da sua gargalhada. O sol ainda estava quente, entrando pela janela aberta. Ansiosa por chegar à água antes que a tarde arrefecesse, começou a remexer no saco. Tinha um fato de banho ali, algures, um biquíni que pedira emprestado à mãe à última hora, mas assim que o vestiu e o apertou, Lara percebeu que tinha cometido um erro terrível. O biquíni tinha riscas roxas e brancas, a parte de cima apertava atrás do pescoço, com fitas e a parte de baixo era apertada nas coxas com laços, mas desde a última vez que o usara, o seu corpo tinha-se modificado.

— Oh, meu Deus! — Mirou-se no espelho de corpo inteiro, tentando cobrir os seios protuberantes e ajustando a estreita tira de tecido que mal lhe cobria o rabo.

Nem podia culpar a mãe. Não era por culpa dela que, no último minuto, decidira abandonar o fato de banho preto e começar a vasculhar as roupas da mãe. Na verdade, nem sequer sabia se Cathy alguma vez o usara. Talvez nem a ela lhe servisse, se bem que isso fosse pouco provável. Cathy era baixa e magra e tinha ancas estreitas e mãos e pés finos e compridos. Tinha uma abundante cabeleira castanha-clara, que tentava domar com produtos de cheiros florais, camomila e calêndula e, por vezes, aceitando a derrota, com um lenço. Lara nada tinha a ver com ela. Era mais alta e mais morena. Devia ter herdado as curvas de outro lado qualquer

Aproximou-se relutantemente da janela para verificar se a piscina ainda estava ao sol e, para sua grande surpresa, viu o pai praticamente despido, apenas com uns calções de banho azul-berrantes. Estava parado no extremo mais próximo da piscina, os ombros cobertos de uma fina penugem, as pernas comicamente brancas e, ali, na parte de trás da cabeça, uma abertura nítida no espesso cabelo

grisalho, algo em que ela nunca antes reparara.

Não devia estar a observá-lo, disse para consigo, mas o choque daquela visão invulgar, o seu pai sem o seu fato escuro, tornava impossível desviar o olhar. Onde teria ele arranjado aqueles calções de banho?, interrogou-se. Teria ele, sequer, uns calções de banho? Aqueles que tinha vestidos eram uns *Speedo*, justos e azul-eléctricos. Ela estava a sentir-se embaraçada em relação ao pai. Ia precisamente afastar-se da janela quando ele levantou os braços e fez um mergulho perfeito. Lara olhou para o quarto. Era espaçoso e simples. Uma cama, uma cómoda e uma mesa com um candeeiro. Não podia ficar ali eternamente, por isso decidiu embrulhar-se na maior toalha que encontrou e descer.

Quando chegou à piscina, Lambert estava sentado numa espreguiçadeira, a pingar. Antes que o pai tivesse tempo de levantar os olhos, Lara deixou cair a toalha e mergulhou. A água envolveu-a, fazendo contrair cada poro do seu corpo e deixando rígido, pelo choque, até o mais ínfimo pêlo. Foi até ao fundo, tacteando os azulejos com os pés, mantendo-se submersa, a água, já mais quente, segurando o seu corpo, atenuando a dormência e as dores nos ossos. Abriu os olhos, nadou ao longo da superfície azul do fundo, maravilhada com a estranha natureza anfíbia das suas pernas, e quando já não conseguia sustentar a respiração, disparou em direcção à superfície e deixou-se boiar de olhos fechados contra a luminosidade. Manteve-se imóvel como uma estrela-do-mar, de pernas e braços esticados, obrigando-se a ver até quando conseguia aguentar. O sol penetrou através das pálpebras, deslizou sobre o nariz e as faces, começou a queimar os cumes brancos dos joelhos até que se viu forçada a rolar sobre si e nadar para a borda.

Lambert continuava ali, lendo agora, fazendo anotações ocasionais na margem do livro. Lara observou-o por uns instante e, depois, impulsionando o corpo com os pés, nadou de um lado ao outro da piscina, dando umas braçadas rápidas e descontroladas, parando em cada extremo para recuperar o fôlego.

Lambert pousou o livro.

— Quem é que te ensinou a nadar?

— Ninguém. — Lara tinha engolido alguma água e teve de tossir durante minutos antes de conseguir concluir a resposta. — Aprendi sozinha.

— Hum. — Lambert estava a avaliá-la.

— Tínhamos um lago... — recomeçou ela, mas calou-se.

Todos os anos, na Escócia, naqueles raros dias de calor que cheiravam a amora e a urze, desciam a colina até ao lago. Ficava numa depressão do terreno, suficientemente afastado da estrada para ficar invisível, escudado por árvores de Natal de um dos lados e rodeado por terrenos cheios de dejectos de coelhos e montículos de terra deixados por toupeiras, de outro. Era o lago delas. Era assim que o viam, apesar de, por vezes, outras pessoas se lhes juntarem, filhos de agricultores e, mais tarde, famílias budistas que foram viver para o vale para ficarem perto de Samye Ling. Traziam mantas e *scones* caseiros, pedaços de queijo e maçãs verdes bem brilhantes, e passavam o dia a chapinhar e desafiando-se uns aos outros a entrarem na água. Mas mesmo nos dias mais quentes, o lago continuava tão frio que paralisava e parecia cortar um anel de gelo à volta do escalpe de modo que, quando entrava na água, Lara não tinha tempo para fazer nada mais gracioso do que bater os braços e as pernas num esforço frenético para se manter quente.

— Estás a cansar-te demasiado — disse Lambert, levantando-se e sentando-se na borda da piscina. Juntou as mãos, com os dedos espetados como se fossem duas folhas e, depois, com os músculos contraídos, afastou os braços.

Lara fez o mesmo, mas, ao esquecer-se de utilizar as pernas, quase se afundou, e quando emergiu, descobriu que ele tinha entrado na piscina e que se encontrava ao seu lado.

— Mantém as mãos juntas e só no último minuto é que as viras e afastas a água.

— Está bem. — Lara colocou as mãos em posição e com o nariz dentro de água, como uma seta, deu um impulso para a frente, com as pernas.

— Devagar — gritou Lambert e ao ver que Lara se atrapalhava, lançou-se atrás dela e colocou uma mão sob a barriga dela.

Lara ficou petrificada. Tentou elevar-se e afastar-se dele, mas Lambert manteve a mão encostada à pele dela.

— Descontrai-te — disse ele. — Mantém as pernas direitas, concentra-te nos braços.

Os dedos da mão esquerda de Lambert estavam a milímetros do elástico das cuecas do biquíni. Braços, disse Lara para consigo. Braços.

Lambert estava a impulsioná-la lentamente para a frente, avançando ao seu lado como quem conduz um cavalo, incentivando-a a esticar as mãos, a virá-las e a afastar a água.

— Agora ajuda com as pernas — encorajou-a e Lara, num esforço para se libertar, avançou com tal vigor que escapou da mão dele e acelerou pela piscina fora.

— Muito bem — disse Lambert assim que ela chegou ao extremo oposto.

Era óbvio que ele estava à espera que ela se voltasse e nadasse na sua direcção. Lara apontou as mãos, inspirou e, determinada a nadar bem, avançou pela água como uma profissional, a cara meio submersa, cada tendão do seu corpo flectido.

— Sentes a diferença? — Lambert estava a içar-se para fora de água.

Lara sorriu para ele, gotas de água cintilando sobre os seus olhos.

— Sim — sentia-se eufórica de alívio —, sinto.

Durante todo o final da tarde, Lara treinou o seu estilo de bruços até que o ar começou a arrefecer e viu Caroline surgir no terraço sobranceiro, vestida com umas calças plissadas e de copo na mão. Deviam ser quase horas de jantar. Só de pensar nisso, sentiu-se fraca. Subiu os degraus a correr, encharcada e enrolada na toalha, para ir trocar de roupa.

A mesa estava posta para três, com pratos laterais, copos e dois conjuntos de talheres. Ginny tinha-lhes feito um prato de esparguete, sobre o qual deitara molho de manjerição, cremoso e enriquecido com nozes e queijo. Se pudesse, era capaz de comer isto todos os dias, durante o resto da minha vida, pensou Lara. Os sabores estavam misturados, mas ainda assim continuavam distintos, a textura de cada um intacta.

De seguida, veio bife, uma tira de carne mal passada no centro, e uma taça de salada bem temperada. Lara olhou para o prato. Devia ter dito que era vegetariana. Já o era há dois anos, desde que fizera uma visita ao jardim zoológico e a visão do urso polar, desenhando um oito ao longo do pátio e lançando-se na última curva para dentro de uma piscina de água estagnada, a tinha deixado tão

profundamente condoída que se sentira compelida a fazer qualquer coisa para o ajudar... Mas ajudara? Recentemente, Lara voltara ao jardim zoológico e o urso polar continuava lá, um pouco mais magro, ainda mais desesperado e ela não podia fingir, nem mesmo para si própria, que o seu protesto tinha resultado.

— Está tudo bem? — perguntou-lhe Caroline, e viu então que estava a ser observada.

— Sim — respondeu e, disfarçando, começou a cortar o bife.

O sabor da carne explodiu dentro da sua boca. Tenra, macia e cheia de ervas aromáticas. Comer carne em Itália não conta, disse para consigo. Depois do trabalho que Ginny tinha tido, seria indelicado não comer, por isso olhou para ela para lhe dizer que estava delicioso. Mas Ginny não estava sentada à mesa com eles. Estava na cozinha, preocupada, submissa, e Lara interrogou-se se deveria fazer o elogio.

— O bife estava fantástico — acabou por dizer Caroline, quando Ginny regressou para levantar a mesa, e Lara, aliviada por poder concordar, quase derrubou o copo.

— Obrigada. — Ginny levantou-lhe o prato.

Paralisada pela indecisão, Lara não sabia se era permitido, ou mesmo esperado, que ajudasse. A tensão tornou-se de tal forma insuportável que se levantou a tempo de levantar o galheteiro de prata e de o colocar no aparador.

— O galheteiro fica ali — disse Ginny, apontando para a despensa. Apesar de Lara perceber, pelo tom de voz, que Ginny não estava satisfeita, não tinha como saber o que tinha feito mal.

Naquela noite, Caroline e Lambert ficaram a pé até tarde a trocar novidades. Referiram uma longa sucessão de pessoas de quem Lara jamais ouvira falar e teve a certeza de que Caroline lhe lançava, de vez em quando, um olhar incrédulo, como se ela pudesse estar ali com segundas intenções, como se talvez nem fosse filha de Lambert.

— Como é que se conheceram? — perguntou Lara, entrando na conversa.

Caroline riu-se e lançou um rápido olhar a Lambert.

— Conhecemo-nos desde sempre, não é, querido? A minha mãe era prima da Anne Holt. Conhecemo-nos quando éramos crianças. Bem, eu, aparentemente, nunca fui criança — piscou o olho a Lambert. — Mas o teu pai era um simples rapazinho.

— Eu não tenho nada de simples. — Ele sorriu cordialmente.

Caroline inclinou-se para a frente com os olhos brilhantes.

— Lembras-te daquele horrível Peregrine? Há dias, pensei nele, não sei a que propósito, e lembrei-me de repente daquela noite em que ele nos apanhou, quando estávamos a chegar de Paris, cerca de um ano depois do fim da guerra, com uma quantidade absurda de compras. Todos os sacos pareciam ter escrito nomes como *Champs-Élysées* e *Boutique Parisien*, mas ele, muito educadamente, perguntou-me como tinha corrido a minha semana em casa da minha mãe, em Wiltshire. — Caroline começou a rir. — Em que estaríamos nós a pensar quando decidimos escapulir-nos daquela maneira, mesmo debaixo do nariz dele? Meu Deus, depois de te teres ido embora, houve uma discussão horrível.

— Lembro-me, pois. — Lambert olhou-a com carinho. — Ficámos no Crillon.

— Exactamente — suspirou Caroline. — Se ele ao menos tivesse sabido como fui tudo tão inocente.

Deixaram-se ficar em silêncio durante algum tempo.

Lara pediu licença e subiu para o seu quarto. Tirou o livro sobre a Revolução Francesa que devia estar a ler para a escola e deitou-se a lê-lo, mas antes mesmo que tivesse tempo de levantar o braço para virar a primeira página, sentiu que estava a rodopiar e a afundar-se, até que, com um sobressalto, ouviu o livro a cair no chão e adormeceu logo a seguir.

Na manhã seguinte, quando Lara desceu, o pequeno-almoço já tinha sido servido e a mesa levantada.

— Onde estão os outros? — perguntou Lara. Ginny explicou que tinham ido de carro até Siena.

— Saíram cedo, antes que o calor se tornasse insuportável, mas voltam — continuou — à hora do almoço.

Ginny já estava a cozinhar, cortando legumes, fazendo massa, pondo a cozer uma panela de clementinas para fazer um bolo.

— Esteve a nadar? — Lara deitou o leite sobre os cereais e Ginny respondeu-lhe que sim, que tinha feito cem piscinas.

Colocou a taça em cima da mesa e, enquanto batia, começou a falar do seu jardim nas Cotswolds, da mãe que, aos 87 anos, insistia em continuar a viver sozinha, da sua admiração por Lady Diana Spencer. Como era bonita. E pura.

— Vê-se logo que é virgem. — Ginny olhou para Lara como se estivesse habituada a que a contradissem. — Até a minha mãe concorda e ela tem olho de lince.

— Acho que tem razão. — Lara nunca se tinha dado ao trabalho de pensar no assunto, por isso falou sobre a mãe, de como eram muito amigas, sobre a viagem de autocarro que tinham feito à Índia, no Budget Bus, uma viagem económica entre Londres e Nova Deli por 50 libras.

— Ida e volta? — perguntou Ginny e Lara riu-se porque toda a gente lhe fazia mesma pergunta.

— Só ida. — Riu-se não só pelo facto de uma viagem por esse valor já ser por si só uma verdadeira pechincha, mas também por as pessoas que viajavam naquele autocarro não fazerem a mínima ideia de quando regressariam, se é que alguma vez o fariam.

Lembrava-se dos mineiros galeses, esparramados nos últimos assentos, e que no Afeganistão tinham trocado a roupa, inclusivamente as calças de ganga e os blusões, por ópio e haxixe. Quando chegaram a Nova Deli, apenas lhes restavam as cuecas e as *T-shirts* e quando colocaram as mochilas às costas, estavam leves como o ar. Interrogou-se se, passados estes cinco anos, eles ainda lá estariam, deambulando pelas ruas, seminus.

— O motorista do nosso autocarro chamava-se John — contou a Ginny. — Era uma espécie de pai. Arranjava os melhores sítios para acamparmos, sempre perto de um mercado, de um lugar onde nos pudéssemos lavar e quando a camioneta avariava, ele conseguia sempre repará-la, apesar de, numa das vezes, ter demorado três dias.

Lara tinha mantido um diário que decorara com desenhos de borboletas e passarinhos, tendas e mulheres de véu, feitos com canetas de feltro, e onde anotara os relatos da viagem, cuidadosamente

escritos para compensar as aulas a que iria faltar.

— Quando chegámos a Nova Deli, estávamos todos tão dependentes do nosso «pai» que ninguém queria abandonar o autocarro.

Andámos por ali, até mesmo os mineiros, inventando desculpas para voltar, à procura de alguma coisa que pudesse ter ficado esquecida. Ficámos o dia todo ali sentados, até que ele teve de nos escorraçar.

Lara teve uma súbita lembrança da mãe, a cara branca, abrindo caminho através da cidade, agarrada ao braço dela, rodeadas de gente que agitava as mãos, chamando, sorrindo, os dentes manchados de vermelho. Subiram para um riqueza e trotaram dali para fora, embrenhando-se no trânsito, mas sempre que paravam, eram de novo cercadas, as mesmas mãos esguias tocando-lhes no colo. Cathy estava assustada, tão assustada de facto, que resolveu desistir de procurar os amigos dos amigos em casa de quem contavam ficar, e hospedar-se num hotel. Tratava-se de um hotel pequeno, apenas meio construído, mas o quarto era asseado, a porta tinha fechadura e, de manhã, levaram-lhes um tabuleiro com chá e uma banana. As bananas eram, na verdade, a única coisa que elas se atreviam a comer, dado estarem bem seladas dentro da sua própria casca.

— Como é que regressaram? — Ginny estava a adiantar-se na sua preocupação, por isso Lara falou-lhe do motorista completamente diferente que tiveram um ano depois, que parava o autocarro apenas onde lhe dava jeito, em ruas onde não havia nada ou em terrenos irregulares.

— Ele andava a fazer contrabando ou tráfico de drogas, e se alguém dizia alguma coisa, como por exemplo pedir para ele parar perto de um *hammam*, isto é, um sítio onde nos pudéssemos lavar, ele desatava aos gritos. A viagem foi de tal forma horrível que assim que chegámos à Alemanha, saímos do autocarro e pedimos boleia.

— Boleia? — Ginny parecia alarmada. Lara falou-lhe então na casa da colina que tinham tido na Escócia, e de como todos os verões costumavam ir a Londres e regressar sempre à boleia.

— Às vezes chegávamos mais depressa do que o comboio — acrescentou, se bem que isso talvez não fosse verdade.

Contou a Ginny que tinham tido uma cabra para dela retirar o leite, falou-lhe dos iaques que os tibetanos importavam e que a mãe tinha sentido tantas saudades das suas cabras que, ao regressarem a Londres, decidira criar abelhas. Já tinham um gato, mas ela queria um animal que produzisse alguma coisa e agora, no telhado plano que ficava por cima da casa de banho, tinham duas colmeias que produziam mel suficiente para a maior parte do ano. Quando as abelhas enxameavam, ficavam suspensas numa enorme bola negra e fervilhante, junto a um lilás que se encontrava ao fundo do jardim e alguém da associação de apicultores urbanos de Londres deslocava-se lá a casa e, vestido com um fato branco e munido de um chapéu com um véu, enfiava-as dentro de um saco.

Era agradável estar ali sentada, envolvida pelos cheiros a comida, pelo adocicado da cebola a alourar e pelo agridoce da casca da fruta. Poderia falar a Ginny sobre Clive. Pensou nisso, mas descobriu que ali não conseguia concentrar-se nele. Parecia-lhe esbatido e distante no seu blusão.

Lá fora, o dia ia aquecendo e o ar ficava mais denso à medida que se aproximava o meio-dia. Lara vestiu o biquíni e desceu à piscina. Praticou o seu novo estilo hidrodinâmico, deslizando através da água sem provocar quase nenhuma agitação, e quando finalmente se cansou de fazer tantas piscinas, saiu e deitou-se numa toalha em plena luz do sol. Sentia-o picá-la, a envolver-lhe o corpo em calor e

quando já estava seca, virou-se para que os raios escaldantes batessem nas suas costas.

— Oh, minha querida! — exclamou Caroline, ao almoço. — Apanhou um escaldão! — E era verdade, via-se uma tira vermelha ao longo da cana do nariz de Lara e uma meia-lua cor-de-rosa debaixo de cada olho.

— Onde foram? — perguntou ela, para desviar a atenção. Caroline respondeu que tinham ido até Siena para falarem com um homem sobre um cavalo.

— Estou com esperança que o meu cavalo seja escolhido para correr no Palio. Já foi escolhido uma vez, há três anos, mas, desde então, tem sido ignorado.

Lara olhou em volta.

— Tem um cavalo?

— Aqui não — disse Caroline, erguendo o sobrolho, numa expressão divertida. — É um cavalo de competição. O meu marido era dono de vários e eu fiquei com um, em sua memória. O maior desejo dele — fez um olhar melancólico — era que o cavalo ganhasse o Palio.

— O Palio — explicou Lambert — é uma corrida de cavalos que tem lugar em Julho e depois em Agosto na praça principal de Siena.

— Uma corrida de cavalos?! É muito mais do que uma corrida de cavalos! — interrompeu Caroline. — É um estilo de vida! É o acontecimento mais importante desta região; as pessoas preparam-se para ele durante o ano inteiro. Não deve haver altura em que a população local não esteja a pensar nele. Em que não estejam ressentidas em relação ao vencedor do ano anterior e cheias de esperança de vencerem a próxima edição.

— É uma tradição da cidade desde o século XIII — acrescentou Lambert, conhecedor. — É uma corrida disputada entre os diferentes bairros da cidade, os *contrade*. Existem dezassete e cada *contrada* tem um símbolo, a Pantera, o Caracol, a Torre, a Concha, cada um com as suas próprias cores, e quem ganhar o Palio torna-se o Rei de Siena durante esse ano.

— Todos os jóqueis vêm da Sardenha. — Caroline estava ruborizada. — Cavalgam à volta da praça, sem sela e a uma velocidade incrível. Dão três voltas. Alguns caem, há cavalos que ficam incapacitados, o público fica ao rubro. São os noventa segundos mais intensos, não há nada que se lhe compare, e quando chegam ao fim, sentimos necessidade de uma bebida bem forte.

— Isso não é um pouco... — Lara estremeceu. — Um pouco cruel?

Caroline pareceu irritada.

— Tão cruel como o Grand National. E o cavalo que ganha, esse então, torna-se um herói. É levado à catedral, abençoado e respeitado para sempre.

— Os cavaleiros também se magoam — sublinhou Lambert.

Lara não conseguiu conter-se e disse-lhe aquilo que ele já sabia:

— Mas ninguém os obriga a fazer aquilo! — Baixou, então, os olhos para a salada, mas não com rapidez suficiente para perder o olhar divertido que Caroline e Lambert trocaram, como que a dizer: «Isto passa-lhe! Ainda é nova.»

Não me vai passar, pensou, agitada, recordando um livro que certa vez vira com fotografias de touradas — a multidão gritando, sedenta de sangue, o toureiro espicaçando o pobre touro ensanguentado com as suas bandarilhas. Estou tão feliz, pensara na altura, por ser vegetariana, e ao recordar o bife que comera, sentiu uma pontada de culpa.

— Mas afinal quando é o Palio? — perguntou Lambert. Caroline informou-o de que era dentro de poucas semanas, a 16 de Agosto.

— Estás salva, Lara — disse ele, inclinando-se na direcção da filha —, os nosso bilhetes estão marcados para o dia anterior.

— Ah, mas mudem-nos — Caroline apertou-lhe a mão. — Têm de mudá-los. Não podem perder o Palio. Eu trato disso por vocês. Ou podemos pedir à Ginny. É possível que a Ginny vá a Pisa no final desta semana. Ela não se deve importar de passar pela estação dos comboios e de vos trocar os bilhetes.

Lambert sorriu.

— Vou pensar nisso — respondeu, mas Lara não conseguia imaginá-lo a querer ficar nem mais um minuto para além do que estava previsto.

Caroline voltou-se para ela:

— Tenta convencê-lo.

— A sério? — Lara ficou demasiado sensibilizada para conseguir protestar. — Vou tentar — e olhou para Lambert, erguendo o sobrolho de forma inquiridora, mas ele baixou os olhos para o prato.

Naquela tarde, Lara e Lambert tentaram dar um passeio. Saíram do jardim e avançaram vagarosamente ao longo de um caminho estreito e depois, ao depararem com uma bifurcação, e incertos quanto à direcção a tomar, viraram à esquerda e deram consigo a caminhar em passo pouco firme, ao lado de um campo agrícola. A poeira da terra embranquecia-lhes as pontas dos sapatos. De cada vez que paravam, perscrutando a distância, tentando perceber se estavam a dirigir-se para algum lugar interessante, ouviam o restolhar de salamandras, surpreendidas por estarem a ser incomodadas à hora da sesta. Era agradável ter Lambert de novo só para si, retomar o seu silêncio habitual, quebrado ocasionalmente pelas perguntas de Lara e pelas respostas ponderadas do pai.

Os campos que os rodeavam estavam plantados com oliveiras, em filas que subiam encosta acima, direitas como os dentes de um pente, mas depois, ao passarem por elas, e olhando para trás de um ângulo diferente, pareciam completamente desalinhas. A cada passo que davam, o sol atingia-os mais impiedosamente, até que a testa de Lara se encheu de suor.

— Só cães raivosos e ingleses é que saem ao sol do meio-dia — murmurou Lambert, e quando Lara abriu a boca para falar, descobriu que o ar lhe queimava a garganta.

— O que achas? — Lambert olhou para trás, para o lado de onde tinham vindo.

— Voltamos para trás? — perguntou, estacando o passo, e com renovada energia, inverteram a marcha e apressaram-se a regressar à frescura da casa.

Naquele serão, Lara enroscou-se no sofá bege, folheando uma revista, enquanto Caroline e Lambert conversavam.

— Ainda te dás com o Henry? — perguntou Caroline. — A que propósito me daria com ele?

— Ora, porque gostavas dele — disse Caroline, encolhendo os ombros.

— Encontrei-o uma vez por acaso — disse Lambert. — Num autocarro.

Lara olhou para o pai, incapaz de imaginar uma situação em que ele se visse forçado a entrar num autocarro.

— Na verdade, ele estava em muito boa forma. Sugeriu que lhe pedisse emprestado algum dinheiro e quando lhe perguntei a que propósito, mostrou-se surpreendido. «Para que eu possa passar os próximos dez anos a tentar recuperá-lo, como é óbvio.» Achei isto muito inspirado.

— Não há dúvida de que ele está com saudades tuas. — Caroline dobrou as pernas esguias debaixo do corpo, escondendo uma nódoa negra que se formara a partir do tornozelo.

— Talvez, mas imagino que entretanto já as tenha superado, dado que isto se passou há cerca de quinze anos.

Durante algum tempo, nenhum dos dois falou e o único som que se ouvia na sala era o folhear da revista que Lara estava a ler. Era uma revista espanhola — a ¡Hola! — que tinha fotografias da realeza europeia, intercaladas com ocasionais fotografias de pilotos de automóveis ou de estrelas de Hollywood. As páginas centrais eram quase todas dedicadas a especulações sobre o vestido de noiva de Lady Diana, ilustradas com montagens fotográficas nas quais a cara sorridente de Diana surgia colada a uma série de possibilidades. Lara passou os olhos pelas várias opções: modelos colados ao corpo, modelos com mangas tufadas, modelos com fitas fininhas, outros com folhos de cetim e outros ainda cheios de rendas. Havia vestidos cor de marfim, bege e amarelo-limão, cor-de-rosa e branco-pérola, mas em todas as fotografias Diana surgia com o mesmo corte de cabelo, de franja aberta ao meio e enrolada para fora, caindo timidamente para a frente, escondendo-lhe metade da cara.

— Ficaste muito desiludida? — Caroline estava agora a dirigir-se a Lara. — Por perderes o grande dia?

— O grande...? — Lara levantou os olhos de um enorme volume de tecido cor de pêsego. — Quer dizer casamento?

— Ouvi dizer que já há pessoas a acampar ao longo do percurso, mas não sabia como é que vocês, os jovens, estavam a encarar o acontecimento.

— Nós? Bem... — Como haveria de colocar a situação de forma educada. — Nós não estamos especialmente interessados, pelo menos os jovens que conheço. — Para reforçar a sua opinião, fechou a revista — Simplesmente parece ser um pouco trágico, julgo eu.

— A sério? — Caroline estava a olhar para ela com ar incrédulo. — Eu pensava que isto seria o sonho de qualquer rapariga. Casar com um príncipe, viver no Palácio de Buckingham, conhecer gente rica e poderosa e viajar pelo mundo.

Para Lara, era mais do que óbvio de que não era esse o caso, que aquele casamento jamais faria feliz uma rapariga, mas o único argumento de que dispunha era o facto de o príncipe em questão, o príncipe Carlos, usar a risca demasiado caída para o lado. Lara teve de morder o lábio inferior para controlar o riso. O cabelo era obviamente o seu único critério para emitir juízos de valor em relação às pessoas. Deveria escrever uma tese sobre o assunto. Devia desistir do exame de História do secundário e fazer um trabalho sobre a psicologia do cabelo.

— Parece-me tudo tão antiquado — acabou por dizer, mas arrependeu-se de imediato.

Caroline recostou-se no sofá, acendendo um cigarro, enquanto Lambert pegava no *Times* do dia anterior, comprado a peso de ouro naquela manhã, em Siena. A primeira página trazia a fotografia

que tinha deixado o país num alvoroço: Diana, de pé, à porta do infantário onde trabalhava, as pernas recortadas em contraluz, graças ao sol, e aparentemente nuas por baixo da saia fina.

— Devo dizer que ela é muito bonita. — Caroline tinha a cabeça inclinada para o lado e Lambert esticou o pescoço para espreitar o que estava do outro lado. — Parece que ele escolheu a rapariga errada. — Soprou uma suave baforada de fumo branco. — Pelo menos é o que toda a gente diz.

— Mas isso não foi tudo combinado? — Lambert estava a olhar para o jornal com os olhos semicerrados.

— Sim, mas as pessoas pensam que ela se enganou. Apontou-lhe a direcção errada. Ele ia pedir a mão de uma das outras irmãs... seria Jane, ou Sarah? Baralho-as todas, mas depois disseram-lhe: não, a sossegada, a Diana.

Lambert ficou a contemplar a fotografia com o mesmo olhar com que poderia estar a observar um acidente de comboio ou a devastação de uma bomba.

— Sossegada não me parece ela. Não, esta é vivaça. Não me parece que eles saibam no que se estão a meter.

— A família real? O casamento foi arranjado por eles? — Lara estava horrorizada.

Olharam ambos para ela.

— Não. — Os olhos de Caroline estavam a brilhar. — Foi a namorada do príncipe Carlos quem a escolheu.

Lara ficou tão chocada que preferiu não acreditar nela. Certamente que se o príncipe Carlos tinha estado tantos anos sem casar, era porque *não conseguia* arranjar uma namorada!

— Mas... se... — Lara começou a falar atabalhoadamente. — Por que razão... Quero dizer, se ele tem uma namorada, porque não casa com ela, simplesmente?

— Ela é... — Caroline olhou para Lambert como se a verdade pudesse ser demasiado chocante para aqueles ouvidos de dezassete anos. — Porque ela não é o par apropriado.

Lara voltou a pegar na ¡Hola! e olhou com mais interesse para as fotografias de Diana. Não — observou minuciosamente cada uma das fotografias idênticas — conseguia vê-lo na discreta segurança do rosto dela, no seu sorriso esperançoso, até mesmo no cabelo que lhe caía para a cara: Diana não fazia a mínima ideia.

Naquela noite, Lara sonhou com Carlos e com a sua namorada jamaicana negra, à procura das calças dele no quarto dela, Lara. Riam e namoriscavam e faziam comentários lascivos, apaixonados, num meio-termo entre Ray Cooney [\[6\]](#) e *Macbeth*, e teve de se esconder debaixo dos lençóis com receio que eles caíssem em cima da sua cama.

Na manhã seguinte, foram todos a Siena. Caroline tinha uma consulta médica às dez horas.

— Encontro-me aqui convosco daqui a cerca de uma hora. — Indicou-lhes uma esplanada e afastou-se, avançando delicadamente, apertando a mala de mão.

Lara parou no topo da Piazza del Campo e ficou a olhar. Estavam numa praça medieval rodeada por edifícios de pedra, tão altos e antigos que formavam uma protecção contra o sol.

— É aqui que fazem a corrida de cavalos? — perguntou, e afastou-se da parede fria.

A Piazza, tal como toda a cidade de Siena, está construída numa colina. Tem a forma de uma meia-

lua, ou de um sol poente, com os seus raios espraçando-se da base da praça em direcção ao topo, onde eles se encontravam. Esta meia-lua está rodeada por uma faixa de cimento plano e o seu extremo mais elevado limitado por uma fileira de cafés, cujas mesas e cadeiras estavam protegidas por guarda-sóis.

Lara começou a descer, abrindo caminho por entre as pessoas que estavam sentadas no chão e desviando-se das crianças que desciam a correr e de braços abertos os riscos que formavam os raios de sol. Em cada risco, entre os tijolos vermelhos escuros, havia uns quantos *confetti*, o que levou Lara a imaginar toda uma Primavera e todo um Verão de festas de casamento, com os convivas surgindo de algum pátio escuro, seguidos por uma multidão a desejar felicidades aos noivos e a polvilhá-los com pedacinhos de cor.

Acima dos telhados, para lá da praça, erguia-se uma torre listrada de preto e branco.

— O Duomo — disse-lhe Lambert. — Não deve ficar longe. Localizando-o com o olhar, escolheram uma travessa que saía da Piazza.

A rua estreita, com as suas paredes altas, era um autêntico corredor de frescura, com lojas que pareciam cavernas onde o sol nunca penetrava. Havia lojas de iguarias com as montras decoradas com pacotes de massa, encaracolada ou em espiral, riscada como guloseimas, moldadas em laços multicoloridos. Havia frutos secos dispostos nas entradas, alperces tão carnudos que Lara dificilmente lhes resistiu, nozes e pevides e pacotes de bolinhos secos feitos de amêndoa e açúcar baunilhado à espera de serem amolecidos numa chávena de chá. Havia prateleiras de malas de senhora dispostas de forma igualmente bela, e uma farmácia com as paredes cobertas por espelhos de molduras douradas, candelabros suspensos do tecto, armários tão ornamentados como um museu.

Por essa altura já tinham perdido a torre listrada de vista, por isso apressaram-se a subir a encosta até chegarem a outra praça, onde descobriram que se encontravam acima dela, que a torre, de alguma forma, tinha mudado de lado. Voltaram-se na direcção do sopé da colina, espreitando becos empedrados que se abriam entre edifícios altos, de cujas janelas pendia roupa lavada e à porta dos quais se encontravam estacionadas *Vespas* de cor pastel, até que, por fim, chegaram a uma abertura e ali estava ela, à frente deles, uma catedral de uma tal beleza que a sua torre parecia agora não passar de um pequeno pormenor, a cauda de um animal, agarrada à sua traseira. A fachada da catedral também era listrada, mas num tom mais pálido, rosa e bege, as colunas e os torreões destacados e moldados como a elaborada decoração de um bolo. No topo, uma rosácea e acima dela um mural sobre folha de ouro.

— O Duomo — sussurrou Lambert, como se se tratasse de um amigo meio esquecido, e subiram os degraus para a porta principal.

No interior, a escuridão era total. Lara teve de apertar o braço do pai para não tropeçar.

— Desculpe — disse, assim que se apercebeu do que acabara de fazer, e soltou-lhe o braço. Ficaram lado a lado, esperando que o escuro se dissipasse e, qual negativo a ser revelado, os contornos da catedral ganhassem vida.

— Meu Deus!

O interior estava totalmente coberto de listras brancas e pretas, os pilares, os arcos, as paredes e, acima deles, as diferentes camadas do tecto abobadado estavam cobertas de estrelas douradas. O piso era de mosaicos pretos, brancos e vermelhos, nalguns pontos de forma tão intrincada que havia áreas

inteiras delimitadas por cordas, e havia estátuas, altos-relevos, cabeças de cardeais iluminadas com ouro.

— Meu Deus! — repetiu Lara, agora mais baixo, e depois, rindo, constatou que era precisamente essa a reacção que era esperada.

O púlpito era uma massa de esculturas representando Jesus Cristo em vida, e morrendo crucificado. Viam-se cadelas com cachorrinhos suspensos das suas tetas, leões devorando monstros de pescoços compridos, serpentes e pessoas que pareciam escravos.

— Pai? — Estava à espera de respostas, mas quando levantou os olhos, já ele tinha desaparecido.

Lara caminhou muito lentamente ao longo da catedral, mantendo-se na orla de grupos de turistas a ouvir as explicações dos guias, mas mesmo quando descobriu um guia que estava a falar inglês, percebeu que estava demasiado agitada para conseguir ficar parada. Deu consigo numa capela onde um homem estava a rezar, ajoelhado junto ao gradeamento, iluminado, como que por sua própria intervenção, por um feixe de luz que entrava por uma rosácea bem lá no alto. O homem estava absorto, a cara sem expressão, os lábios suplicando enquanto apertava um rosário nas mãos. Estava demasiado concentrado para reparar em Lara, e ela ficou convencida, pela simples postura do corpo dele, de que ele estava a rezar por alguém à beira da morte.

À porta daquela capela havia um suporte com velas, todas elas tremeluzindo na penumbra, prometendo esperança, e Lara apressou-se a tirar uma. Para quem ia ela acender a vela? Encostou o pavio a uma chama enquanto se decidia. Ia acendê-la para alguém... — o pavio pegara fogo, tinha de se apressar — para alguém que ia amar.

— Lara? — Ela deu um pulo, corando, como te tivesse sido apanhada em falta, a filha de uma budista e de um judeu ateu apanhada a levar a cabo um ritual supersticioso, mas quando se voltou para Lambert, ele sorriu e disse amavelmente que era melhor irem andando.

Por uns instantes, ficaram parados nos degraus, mais uma vez incapazes de ver, e quando os seus olhos finalmente se adaptaram, continuaram ali por mais um minuto, observando um grupo de freiras a tentar tirar uma fotografia enquanto três rapazes atiravam uma bola de *rugby* um ao outro, chutando-a para ângulos inesperados, obrigando as freiras a saltar e a lançarem-lhes olhares reprovadores.

Estavam quase de regresso à Piazza del Campo quando Lara abrandou o passo para espreitar a montra de uma loja. No interior, viam-se fatos de banho de todos os feitios. Alguns estavam suspensos do tecto, seguros por um fio, enquanto outros estavam bem apertados em redor de bustos de algodão — o peito espetado para fora, a *lycra* da parte de baixo bem esticada e plana.

— Precisas de alguma coisa? — perguntou Lambert.

Lara apontou para um biquíni castanho e preto às pintas, uma versão discreta daquele que ela já tinha.

— Porque não o experimentas? — sugeriu ele, e esperou enquanto Lara se vestia rapidamente num pequeno gabinete, rodeada de sacos e caixas.

Muito bem. Cobria-a. Era só isso que precisava de saber e, desejosa de libertar o pai da situação embaraçosa de ter tiras de *soutiens* a roçarem-lhe a cabeça, apressou-se a despi-lo.

— Muito obrigada — disse ela, enquanto Lambert tirava as liras necessárias e a lojista segurava a porta para eles saírem com um olhar reprovador.

Caroline já se encontrava à espera. Estava a beber café e a fumar um cigarro longo e fino.

— Como é que correu? — Lambert deu-lhe um beijo a coberto da sombra do chapéu dela.

Caroline lançou uma baforada de fumo e riu.

— Tudo na mesma. — Mas, apesar disso, pareceu estar subitamente exausta. Lambert puxou a cadeira para junto dela e sentou-se ao seu lado, mas quando lhe tomou a mão, ela retirou-a e disse — Não exageres. Francamente. Logo tu.

Fez estalar os dedos para o empregado de mesa e pediu mais café.

— Acho que vamos fazer um almoço frio, assim que regressarmos. — Caroline retirou uma caixinha de pó-de-arroz para examinar a cara. — E, claro, esta noite vamos jantar fora.

Lara olhou em volta, para as outras mesas, casais a conversar amigavelmente, famílias esparramadas, ocupando um número excessivo de mesas. De que falariam, eles os três, durante toda a noite, e interrogou-se se seria muitíssimo indelicado da parte dela, pedir para ficar em casa.

— Jantar fora? — Lambert ergueu o sobrolho.

Caroline inspirou profundamente o cigarro.

— Eu disse que íamos a casa dos Willoughby. Sabes que eles estão mesmo ali perto, em Ceccomoro. Pensei que seria divertido para a Lara.

— Do Andrew Willoughby? — Lambert abriu a boca como que para acrescentar mais qualquer coisa, mas voltou a fechá-la.

— Por amor de Deus, Lamb! — exclamou Caroline em tom de censura. — Não sejas um... Essa história foi há tanto tempo, e digas o que disseres acerca dele, a verdade é que ele tem-me ajudado imenso, aqui em Itália.

Lambert olhou para a praça.

— Claro — comentou, friamente. E não disse mais nada.

No quarto, Lara vestiu o biquíni em frente ao espelho alto do roupeiro. Assentava-lhe na perfeição, algo que ela nem tivera tempo de verificar quando o experimentara na loja, com tanta pressa. E pela primeira vez desde que o seu corpo começara a mudar, desde que, aos doze anos, constataria, com horror, que os seus seios estavam a começar a despontar e a desenvolver-se — pequenos seios assimétricos que ela nunca pedira —, pela primeira vez, com efeito, em cinco anos, gostou de se ver. Rodopiou num ligeiro movimento de prazer, admirando a sua imagem, tão elegante naquele padrão de pintas — o rectângulo das costas entre as tiras do biquíni passara de rosa a castanho —, as pernas bem torneadas, a barriga lisa. O nariz ainda apresentava vestígios do escaldão, mas a tira por baixo dos olhos estava a escurecer, transformando-se em sardas, iluminando-lhe o olhar.

Pegou na toalha e num frasco de protector solar e atravessou a casa num passo ligeiro e saltitante.

— Não te esqueças de usá-lo — gritou Caroline quando Lara passou a correr pelo terraço. — Sei que te julgas imortal, mas um dia, quando a tua pele começar a parecer-se com couro enrugado...

— Está bem — respondeu Lara, olhando para trás, na direcção de Caroline, toda de bege na sua

saia plissada, o chapéu ligeiramente puxado para a cara, as pernas pálidas. — Obrigada. — E continuou, com mais cuidado, descendo os degraus de pedra escaldante com os pés descalços.

Tinha valido a pena não ter nadado naquela manhã, pois a antecipação era agora bem maior. Lara foi entrando muito lentamente, pelos degraus pouco fundos, molhando-se aos poucos, vendo a água avançar pela borda do seu novo biquíni, escurecendo-o, até submergir por completo. Nadou debaixo de água até já não aguentar, observando as mãos assumirem a forma de folha, sentindo os músculos flectirem e contraírem ao afastar a água. Emergiu em cada extremo, sacudindo a cabeça, tirando prazer naquela chuva de respingos, e mergulhando de novo, impulsionando o corpo com força, deslizando em direcção ao extremo oposto, o corpo explodindo de prazer, a mente liberta de quaisquer pensamentos. Quando os olhos começaram a arder, virou-se de costas, nadando mais de vagar, cortando a água com os braços, batendo com as pernas para trás e para a frente.

Por fim, içou-se para fora da piscina e sentou-se por uns instantes na pedra escaldante da borda, sentindo-a crepitar contra o corpo molhado, maravilhando-se com a rapidez com que a sua pele secava. Olhou para o terraço e, não fosse Caroline estar a observá-la, pegou no frasco castanho de *Ambre Solaire* e mudou-se para a sombra. Esfregou um pouco de creme na cara. Cheirava a coco, a chocolate *Bounty* e a praias de anúncios. Deitou algumas gotas a todo o comprimento das pernas e dos braços e assim que acabou de as espalhar, lançou uns borrifos para trás dos ombros e esticou o braço para espalhá-los pelas costas.

— Queres que te ajude? — Era Lambert.

Lara girou na direcção dele.

— Não é preciso. — Ficou cheia de medo de que ele pudesse tocar-lhe na pele. Pegou no frasco e enfiou-o de baixo da cadeira. — Vou deitar-me de costas — explicou, sorrindo, na esperança de ter disfarçado o pânico, depois ajeitou-se na toalha e fechou os olhos.

Pouco depois, ouviu uma pancada na água. Abriu um olho e viu o ondular no azul suave da piscina. Virou-se de lado. Conseguia vê-lo sob a superfície. Nadou uma piscina, virou, tomou uma golfada de ar profissional e fez outra piscina. Onde teria ele aprendido a nadar assim? Quem o teria ensinado? Mas mais do que saber isto, Lara desejava saber como era possível que tivesse conseguido resistir àquele prazer durante todos aqueles anos. Todos os verões da infância dela, durante os quais ele permanecera preso à secretária, o único exercício que fazia era um passeio até Kensington Gardens e voltar. Pela maneira como Caroline falava, era óbvio que ele devia ter tido outra vida, bem mais animada, mas sempre que Lara lhe perguntava se ia para fora, se ia tirar algum tempo de férias, a resposta dele era sempre a mesma: «Como se não bastasse o pouco tempo de que disponho.»

Lara levantou-se para arrastar a espreguiçadeira mais para a sombra. Pegou no frasco de loção solar e começou a espalhar uma nova camada nas pernas. Lambert saiu da piscina, amarrou uma toalha à volta da cintura e deixou-se cair na outra espreguiçadeira. Lara sorriu-lhe e passou-lhe a loção, observando-o — não conseguiu evitar — a despejar uma enorme quantidade na palma da mão e a espalhá-la sobre a espessa camada de pêlos do peito.

— Não me importava nada se ficássemos aqui esta noite — disse Lara.

— Ah, não — Lambert abanou a cabeça, como se quaisquer que fossem as reservas que tinha manifestado naquela manhã já tivessem sido esquecidas. — Tens de vir. Ver todos aqueles jovens. Acho que foi por isso que a Caroline combinou este jantar. Ela tem receio que te aborreças.

— Não me aborreço nada.

— Bom, se não queres mesmo ir, então... — Lambert franziu o sobrolho, como se aquilo fosse apenas mais uma complicação.

— Bem... — Lara já se estava a arrepender de tudo. — Quero dizer, não me importo.

Lambert recostou-se com o jornal na mão.

— Parece que é uma casa muito interessante, Ceccomoro. Era, originariamente, uma aldeia ou um lugarejo, suponho, mas o Willoughby conseguiu comprar as casas a todas as famílias, o que lhe levou anos, e transformou-o no seu império do alto da colina. Os Willoughby são os nossos vizinhos mais próximos, e o Andrew vive aqui permanentemente, ou pelo menos o tempo que é necessário viver no estrangeiro para se poder ser considerado um expatriado fiscal. — Houve um laivo do seu tom de desagrado dessa manhã. Depois, ao fim de uns minutos, meio perdido num bocejo distraído, acrescentou: — Conheci a mulher, há muitos anos.

— Ai sim? E ela vai lá estar, esta noite?

Lambert riu.

— Duvido.

— Ele vive aqui sozinho?

— Não me parece provável. — Voltou a página do jornal. — Mas conto descobrir isso.

Lara olhou para o céu. Para a taça de azul profundo. Tão luminosa como um postal do mar. Eram tantas as perguntas que ela queria colocar: quantos filhos tinha Andrew Willoughby; que idades tinham eles; a que distância se encontravam esses vizinhos mais próximos? Olhou em volta, mas a única coisa que conseguia ver eram as folhas verde-acinzentadas das oliveiras e as colinas elevando-se do vale, densamente cobertas de pinheiros.

— O grande drama de Lorde Willoughby... — Lambert estava a falar com ela, supôs — é que ele era um jovem muito promissor. Era o segundo filho de Lorde Montague, estudou Direito, o segundo filho podia dar-se a esses luxos, e já se tornara advogado, julgo até que um brilhante advogado, quando o irmão mais velho morreu e a família ficou à espera que ele desistisse da carreira para assumir a gestão das propriedades. Mas ele não estava apto a fazer isso. Esbanjou todo o dinheiro da família a que conseguiu deitar as mãos e em vez de se mudar para o Yorkshire para tomar conta da propriedade, passou o tempo todo a andar atrás de raparigas.

— Mas julguei que o pai tinha dito que ele era casado. Ou melhor... que conhecia a mulher dele.

— Sim — Lambert franziu o sobrolho. — Sim, bem, ele era casado. Ainda é. Pobre rapariga. Seja como for, o pai acabou por desistir dele, deserdou-o e passou o título directamente para o filho dele, o Kip, que, aos sete anos se tornou no novo Lorde Montague. Pobre rapaz. E o Andrew Willoughby abandonou todas as suas obrigações e fugiu para aqui com o rabo entre as pernas.

Lambert percorreu o jornal com os olhos como se pudesse encontrar nele mais notícias sobre aquele caso. E Lara, esquecendo-se que ainda não tinha colocado protector solar nas costas, voltou-se de bruços e entreteve-se a observar as formigas, atarefadas no seu trabalho de arrastar, através do chão de tijoleira, pedaços de erva seca maiores do que elas próprias.

Naquela noite, Lara experimentou todas as peças de roupa que tinha levado e achou que nenhuma

delas era apropriada. Havia um par de calças às riscas cor-de-rosa e brancas que comprara em Oxford Street, mas, ao examiná-las, percebeu por que razão haviam sido tão baratas. Em casa, quando as experimentara, subira para a cadeira da casa de banho para poder observá-las bem no estreito espelho oblongo que ficava por cima da banheira, contudo, aqui, no espelho de corpo inteiro da porta do roupeiro, via que não lhe assentavam nada bem. Despiu-as e experimentou uma saia, mas não encontrava nenhuma camisa que conjugasse bem e estava a ver esgotarem-se todas as combinações possíveis. Decidiu-se então pelas calças de ganga e pela camisa de algodão que usara na viagem e que tinham aparecido aos pés da cama tão bem lavadas e passadas a ferro que quase não as reconhecera. Calçou sapatos de salto alto, passou rímel nas pestanas, reparando, com agrado, como estava branco o branco dos olhos e azul o azul da íris em contraste com as minúsculas sardas das faces.

Quando, por fim, desceu, Lambert e Caroline estavam à sua espera no terraço. Assim que os viu, o orgulho que tinha sentido com a sua aparência desvaneceu-se por completo. Lambert estava com um fato claro e Caroline parecia uma estrela de cinema com uma finíssima túnica de seda em croché.

— Vamos? — Caroline examinou-a por um instante, depois sorriu e encaminharam-se para o carro.

Ninguém falou quando o carro arrancou. Estava a começar a arrefecer e as sombras projectadas pelos arbustos pareciam acrescentar um toque de inquietação à noite que despontava. Caroline conduziu, as costas bem direitas, as mãos quase translúcidas pousadas no volante, com um aglomerado de jóias em cada dedo anelar de tal forma extraordinário que era impossível que quem as visse não se questionasse sobre quem lhas teria colocado. Desceram suavemente uma colina, depois subiram outra, a seguir fizeram uma curva, num semicírculo, através de campos abertos até virarem num caminho de gravilha, cujo início estava marcado por dois leões de pedra. Foram avançando, agora mais lentamente, sentindo as pedras brancas quebrarem e esfarelarem-se sob as rodas, depois dobraram uma esquina e Caroline abrandou o carro.

— Cá estamos.

A casa ficava recuada, encostada à colina e voltada para o vale. Era, com efeito, um conjunto de casas, um aglomerado de telhados, de onde desciam jardins, muros baixos, terraços e anexos de ambos os lados. Por cima, integrada na colina, encontrava-se uma capela com uma torre sineira, com degraus escavados que se estendiam por mais de um quilómetro e meio.

— É lindo! — exclamou Lara, porque era, e também porque era esperado que se dissesse alguma coisa. Lambert abanou a cabeça.

— Eu disse-te. — Caroline colocou uma mão no braço de Lambert. — Ele está a gostar de ser o senhor da terra aqui.

Continuou a avançar, deixando o carro balançar ao longo do caminho, abrandando assim que chegaram junto de dois potes gigantes com loendros, colocados, quais sentinelas, de cada lado do caminho. Caroline virou o carro, entrou num pátio e estacionou entre um *Mercedes* e um jipe.

— Por aqui — indicou Caroline e, tomando a dianteira, subiu um pequeno lanço de escadas e entrou por uma abertura no muro.

Lambert e Lara seguiram-na e deram por si num ponto sobranceiro a um pátio interior. Via-se um longo canteiro de roseiras e, por detrás, uma piscina delimitada por azulejos e protegida de um lado

por uma parede alta de pedra que, à luz do entardecer, adquiria a cor de mel. No centro do pátio, que em tempos deveria ter sido a praça da aldeia, havia uma mesa comprida coberta por uma toalha. Enquanto pararam ali a admirar a cena, várias mulheres italianas, de touca e avental, apareceram ao virar da esquina da casa com pratos, velas e jarras de flores que começaram a dispor ao longo da mesa.

— Olá!

Voltaram-se ao ouvir o cumprimento e viram uma rapariga de biquíni que estava encostada à parede de rocha, uma rapariga de uma beleza voluptuosa, de corpo bronzeado, cuja reduzidíssima tira branca do biquíni apenas amparava o enorme peso dos seus seios.

— Caroline! — A rapariga acenou, depois elevou-se nas pontas dos pés e, desenhando um arco perfeito, mergulhou na piscina.

— Quem é aquela? — perguntou Lambert, mas, quase de imediato, a rapariga subiu à superfície e, de cabelo colado à cabeça e olhos cintilantes, saiu da piscina.

— Vou avisá-los de que já chegaram. — Sorriu e, agarrando uma toalha, subiu uns quantos degraus e entrou em casa.

— Ajuda-me — pediu Lambert, desta vez num tom de voz mais cauteloso. — Qual delas é aquela? Caroline, fazendo-o esperar, acendeu um cigarro e lançou uma baforada de fumo para o ar imóvel.

— A Lulu? Ah, não... ela não é filha do Andrew. É a filha da Pamela.

Lambert inclinou a cabeça para o lado como que a tentar percebê-la.

— Estou a ver.

Nesse momento, uma mulher vestida com um quimono japonês saiu para cumprimentá-los.

— Caroline — e olhou com ar suspeito para o cigarro na mão dela. — Não acredito! E as ordens do médico?

— Pamela — disse Caroline, ignorando-a —, já conheces o Lambert, claro, e esta é a filha dele, a Lara, que muito amavelmente veio fazer companhia aqui aos velhos. Chegou há três dias e já está morta de tédio.

— Não — protestou Lara. — A sério. — Mas já outros convidados começavam a chegar e tanto Caroline como Pamela se voltaram para eles.

Lara deixou-se ficar junto do pai quando as pessoas começaram a juntar-se. Lambert sacou do seu maço de *Gitanes* e começou a fumar nervosamente e Lara, sentindo-se observada, ficou a olhar as rosas do jardim com uma atenção excessiva, tocando a suavidade aveludada das suas pétalas, curvando-se para inalar a doçura citrina do seu odor.

E eis que surgiu Andrew Willoughby, pequeno, com uma barba mesclada, cabelo ralo sob as orelhas, mas inequivocamente o dono da casa. De chapéu e colete de lantejoulas, deu indicação, do seu lugar à cabeceira da mesa, para que as pessoas se sentassem. Lara apressou-se a juntar-se a Lambert, aproximou-se dele o mais que se atreveu. Andrew, no entanto, tinha-a descortinado e estava a chamá-la e a acenar.

— Lara! Lara Gold! Vem para aqui, junta-te a esta ponta da mesa. Onde tens a cabeça? Certamente que não vais querer sentar-te aí, junto dos velhos e tolos.

Lara olhou para o pai, que se afastara, e vendo que não lhe restava outra alternativa, avançou relutantemente na direcção de Andrew Willoughby, que estava a segurar uma cadeira para ela,

precisamente aquela que estava vaga ao lado dele. Assim que Lara se sentou, ele começou a apresentá-la aos jovens que se encontravam ali.

— Lara, esta é a Lulu, a filha da Pamela, uma grande atriz que nos está a honrar com algumas semanas do seu tempo. — A beldade da piscina sorriu-lhe. — E esta é a May que é... o que és tu? A minha quarta filha?

May tinha cabelo louro, pele dourada e um nariz de boneca perfeito, arrebitado.

— Olá — cumprimentou ela, e Lara constatou que se não estivesse sentada ao lado de Lulu, certamente que seria considerada bonita.

— E Piers, o noivo dela.

Piers, que estava sentado do outro lado de Lara, tomou-lhe a mão e apertou-a como se estivesse a ser o mais educado possível, mostrando ao futuro sogro até que ponto era um cidadão exemplar.

— E, claro, o meu filho Kip. Kip!

Kip, no entanto, ignorou-os. Estava todo esticado por cima de Lulu para conseguir chegar aos *grissini*, que acabou por derrubar ao tirar um.

— Desculpa — disse ele, roçando a mão pelo decote de Lulu, cujos seios estavam particularmente expostos num *top* de ombros descaídos.

— Desanda. — Lulu afastou-lhe a mão, indulgentemente. — Ou quando acabar o jantar vou atrás de ti, e olha que não estou a brincar. Sento-me na tua cara — disse com um sorriso.

— Então, Lara Gold. — Andrew voltara-se de novo para ela. — Fala-nos de ti.

— Eu... bem. — Lara sentiu-se corar. — Na verdade o meu nome é Lara Riley. Tenho o nome da minha mãe.

— És o O’Riley de quem falam tão bem? — Andrew inclinou-se para ela:

És o O’Riley de quem ouvi contar?

Ora, se és o O’Riley de quem tão bem se fala

Cego eu seja, O’Riley,

Estás mesmo com boa cara! [\[7\]](#)

Andrew terminou com um floreado e, nesse preciso instante, alguém deu um pontapé a Lara por debaixo da mesa.

— Desculpa. — Kip levantou os olhos com preocupação genuína, o olhar dele cruzou-se com o dela e, por um segundo, a ex pressão dele ficou mais séria.

— Não faz mal. — Lara tentou sorrir, mas havia qualquer coisa no olhar dele que a fez sentir como se tivesse sido atingida. Levou a mão ao peito. Mal conseguia respirar. Era como se todas as engrenagens de uma *slot machine* tivessem parado. — Eu, hum...

— Não sejas tímida — pediu Andrew. — Fala-nos de ti.

— Que idade tens? — disse May, muito prestável.

Lara desviou o olhar de Kip.

— Dezassete.

— E que vais fazer quando fores mais velha? — Os olhos de Andrew estavam a cintilar. Sentindo

que era uma pergunta com rasteira, Lara fez um enorme esforço para se lembrar de alguma coisa inteligente e sofisticada.

Não conseguindo encontrar nada para dizer, acabou por contar a verdade:

— Gostaria de trabalhar na mesma área que a minha mãe... — Hesitou, mas vendo que eles pareciam interessados em ouvir mais, prosseguiu. — Ela ensina adultos, pessoas que nunca tiveram a oportunidade de aprender a ler e a escrever. Com o apoio da administração local, a minha mãe criou um grupo de alfabetização para as mulheres que chegam à Grã-Bretanha sem qualquer tipo de formação. No ano passado, publicaram um livro...

Esquecera a timidez e estava agora empenhada em transmitir-lhe, a ele e a toda a mesa, a noção de quão cativante era aquele trabalho. Poder ver todas aquelas mulheres, que não muito tempo antes mal conseguiam ler ou escrever, percorrerem o índice de um livro e descobrirem o seu nome.

— O livro está repleto de poemas e dos relatos das suas vidas: histórias sobre as suas terras de origem, sobre aquilo que sofreram e as situações terríveis que testemunharam. Está à venda na livraria da nossa zona e, até ao momento, já foram comprados 65 exemplares.

Terminou de falar e olhou em volta, para Piers, que estava coradíssimo, para May, que estava a fazer uma escultura qualquer com o guardanapo, e para Kip, que estava a desfazer o *grissino* num montículo de migalhas. Lulu tinha empurrado a cadeira para trás e estava a formar palavras com os lábios, transmitindo qualquer informação a uma rapariga que se encontrava noutro ponto da mesa.

Só Andrew Willoughby estava a olhar para ela.

— Com que então, temos entre nós uma convidada com consciência social — comentou. — E quais são as tuas disciplinas nucleares? Ou desististe do nosso sistema de ensino elitista?

— Não... São Inglês, História e...

— História...? Estou a ver. É sempre um sinal de perigo. — Olhou ao longo da mesa, para Lambert. — Quer dizer, então, que temos aqui uma pequena bolchevique em formação? É melhor termos cuidado! — E voltando-se para os outros. — Tenham cuidado, não vá ela infiltrar-se com as suas ideias.

Nesse momento, um homem de cara rosada e cabelo louro abriu espaço e sentou-se ao lado de Lulu.

— A conversa daquele lado está muito chata — justificou-se. — E que excitação é esta?

— Temos aqui uma comunista — explicou Andrew. — Uma comunista de olhos azuis e nariz escaldado. São do tipo mais perigoso. Fica atento.

— Sou o Roland. — O homem louro estendeu a mão e quando Lara a apertou, declarando não ser comunista, ele fez deslizar o polegar de encontro à palma da mão dela e acariciou-a. Surpreendida, Lara retirou a mão. O homem riu e Kip, apercebendo-se certamente do truque, também se riu.

Para grande alívio de Lara, Andrew desviara a sua atenção para Lulu que lhe falava sobre o filme para cujo elenco havia sido seleccionada, e ele estava a brincar com ela sobre a cena de sexo que ia ter de fazer.

— Mas eu ainda nem dei a minha autorização formal — dizia ele. — Como é que esses ianques se atrevem a aproveitar-se das nossas raparigas mais bonitas?

— Lamento desiludi-lo — disse Lulu —, mas, em primeiro lugar, não é meu pai e em segundo não vou fazer quaisquer cenas de sexo. É apenas um beijo.

— Isso não é verdade — insistiu Andrew, deixando Lara na dúvida sobre qual das duas informações é que ele estava a refutar.

A comida chegou, por fim, dando-lhe uma desculpa para se desligar da conversa e tentar descortinar uma maneira de descascar o camarão, de arrancar a casca escorregadia e de retirar aquela amálgama macia e escura.

De vez em quando, levantava o olhar e, sempre que o fazia, via que Roland estava de olhos postos nela.

— Assim, camarada Lara — disse ele, depois sugou a barriga de um camarão, fazendo um som ruidoso com a língua, e piscou o olho.

Durante o prato principal, Roland descreveu uma cascata de que ouvira falar, «*La cascata dell'amore* — a Cascata do Amor». Tinha um lago em baixo, para o qual se podia saltar.

— Só terá graça se pudermos ir todos — disse, expansivamente. — Excepto a minha mulher gorda, claro! Ela pode ficar em terra.

Lara inspirou profunda, se bem que inaudivelmente, e olhou em volta à espera de alguma reacção, mas o insulto foi ignorado e só quando a noite já ia adiantada e uma mulher alta, muito grávida, surgiu atrás dele e lhe sussurrou ao ouvido é que Lara compreendeu que se tratara de uma piada.

Os convivas começaram a circular, trocando de lugares ou apertando-se para partilharem as cadeiras. Andrew levantou-se para desentorpecer as pernas e, desistindo declaradamente dos jovens, dirigiu-se para o outro extremo da mesa, onde, de imediato, se fizeram ouvir grandes gargalhadas, como se ele tivesse acabado de contar alguma anedota que tivesse estado a guardar só para eles. Lara sentiu a atmosfera aligeirar-se na sua ponta da mesa e pela primeira vez, em genuíno tom de conversa, May voltou-se para ela e perguntou-lhe onde vivia.

— Em Finsbury Park — respondeu Lara.

— Onde fica o Rainbow? — Tinha conseguido atrair a atenção de Kip e todos eles olharam para ela, surpreendidos, impressionados, tão espantados como se ela tivesse dito que vivia em Marte.

— Já lá foste ver alguma banda? — perguntou Kip.

— Vi o Peter Tosh, uma vez. — Não referiu que tinha ido acompanhada da mãe. — E tu?

— Eu estava a pensar ir — disse ele. — Queria ter ido ver o Peter Tosh, mas estava fora, na escola.

— Foi muito bom — contou Lara, recordando o vulto alto, escuro e dançante da estrela do *reggae*, e a forma como Kip a olhou transmitiu-lhe confiança.

— E tu, tens mais irmãos e irmãs ou estão todos aqui? — Lara queria remeter a conversa de novo para eles.

— Irmãs — corrigiu May, e explicou que, à excepção de Kip, eram só raparigas. Tabitha, a grávida, e outra mais velha, Antonia, que tinha lugar entre os adultos. — Depois temos a Katherine, que está nos Estados Unidos, e a Fifi que... não está bem.

— E, por fim, apareci eu — acrescentou Kip, levantando os olhos.

— Pois, tu. — May deu-lhe um encontrão. — Pobre mãe, o pai jamais teria permitido que ela deixasse de parir enquanto não nascesse um herdeiro.

— E ela está...? — Lara recordou-se demasiado tarde da certeza que o pai manifestara quanto ao facto de ser muito improvável que a mãe de todas aquelas raparigas, a mãe de Kip (tão desconcertantemente bonito que ela até receava olhar para ele), estivesse presente.

— Chiu! — May segurou-lhe o braço. — A mãe nunca esteve aqui. O papá não a deixa vir. E se alguma vez a vires, faças o que fizeres, nunca fales no nome da Pamela.

— Claro — concordou Lara, sem pensar muito no que dizia, e acenou com a cabeça como se fosse provável que dentro em breve se cruzasse com Lady Willoughby.

Mais tarde, enquanto os adultos e as raparigas mais velhas se sentavam a beber *grappa* com o café, Lara sentou-se com May, Piers, Lulu e Kip junto à piscina, com os pés dentro de água, a beber cerveja fresca, a fumar *Marlboro* e a lançar a cinza para os canteiros de roseiras que ficavam nas suas costas.

Lulu estava a falar. Parecia ainda mais bonita, se isso era possível, do que quando a vira de biquíni. O *top* muito decotado revelava a beleza imaculada da sua pele, o peito e o pescoço de um tom dourado tão suave que parecia que ela se tinha sentado com um prato de cobre no colo para reflectir o sol. Os seus braços, numa pose descontraída, eram sensuais e as pernas, nuas dos joelhos para baixo, também eram douradas. Falava e os outros ouviam, conscientes de que no ano seguinte ela já não estaria ali. Era apenas uma adolescente honorária, honrando-os com a sua companhia, brincando com as crianças antes de dar o salto. Falou-lhes de Los Angeles, contou-lhes coisas sobre os actores que tinha conhecido, sobre o filme em que participara, sobre as aulas que tivera e sobre aquilo que se dissera sobre o seu talento. Ocasionalmente, roçava a mão pela perna de Kip, quando esticava ou dobrava o corpo e Lara reparou, com surpresa, que ele não aproveitava nenhuma das oportunidades que ela lhe estava a dar para corresponder.

Lara estava sentada do outro lado dele e conseguia sentir-lhe a tensão do ombro e o calor da perna. Certa vez, quando Lulu se encostou momentaneamente a ele, Kip voltou-se e surpreendeu Lara a olhar para ele. A rapariga teve de tossir para disfarçar o facto de se ter engasgado nervosamente.

— Então, Kip, que planeias fazer, agora que parece vais chumbar espectacularmente nos exames de acesso à universidade? — Piers parecia estar a falar com sinceridade.

Kip mexeu-se nervosamente.

— O mesmo que planeava fazer antes, nada. — Ergueu o sobrolho e sorriu.

— E a tua guitarra? — instigou May. — E se continuasses a praticar?

— E tu? Que planeias fazer? — perguntou ele, num tom acusador.

— Sabes muito bem que me vou casar — respondeu May, lançando um rápido olhar a Piers. — E há muita coisa para organizar.

— Pois olha que se calhar vou fazer o mesmo — disse ele, encolhendo os ombros. — Casar-me.

Lara estava em vias de tossir de novo quando alguém, que se aproximara por detrás, a empurrou para dentro da piscina. Caiu de lado, desajeitada, com a boca aberta num grito, pelo que foi com a garganta cheia de água que desceu até ao fundo, e estava a ter dificuldade em conseguir impulsionar-se até à superfície. Estava a sufocar, a debater-se e então, como se a maré estivesse a mudar, Lara começou a subir.

— Seu filho da mãe! — gritou de raiva, quando finalmente chegou à superfície, olhando para a fileira de caras sorridentes. — Seu filho da mãe!

Pousou os olhos em Roland, que se tinha espremido entre Lulu e Kip e estava a rir mais

descaradamente do que os outros. Atirou-lhe com a ponta do cigarro, aquele que ainda estava a segurar, e vendo que ninguém esperava que ficasse zangada, tentou sorrir enquanto nadava até à borda. Içou-se para fora e, de costas para eles, começou a torcer a roupa molhada.

— Estou encharcada — suspirou ela, para dar tempo a si própria, e começou a torcer a água da camisa, que se tinha tornado transparente, agarrada ao corpo, delineando-lhe os seios, colando-se às pontas escuras dos mamilos.

Ficou ali parada, mortificada, recusando-se a dar a Roland o prazer de a ver voltar-se, até que May, com pena dela, lhe trouxe uma toalha.

— Estás bem? — perguntou, e vendo que Lara estava a tremer, ofereceu-se para lhe emprestar roupa.

— Obrigada — agradeceu Lara, tentando disfarçar o tremor da voz, e com a toalha enrolada à volta do corpo, seguiu May até casa.

— Porque é que ele fez aquilo? — perguntou, inutilmente. May riu-se.

— Ah, ele é sempre assim. Não leves isso a peito. Não tem nada a ver contigo.

Com os pés molhados, percorreram um caminho ladeado por canteiros de alfazema e subiram por uma escada de pedra antiga.

— Este edifício pertencia a uma família de dezasseis pessoas — explicou. Entraram numa divisão de tecto alto e com várias portas. May abriu uma que conduziu a um quarto quase completamente ocupado por uma cama alta de madeira. — É aqui que eu durmo.

Havia dois armários de madeira escura repletos de roupa, gavetas e cabides cheios de peças de algodão lavadas e passadas a ferro. May puxou com força uma gaveta baixa que ficou pendente, quase a tocar o chão, e depois de remexer no seu conteúdo, retirou uma camisola azul-clara sem mangas e uns calções. Agradecida, Lara vestiu-os, depois de se livrar da roupa molhada, colocando a toalha em redor dos ombros para se aquecer.

— Ótimo — disse May, e conduziu-a para fora do quarto por um corredor estreito. Passaram por uma casa de banho, para dentro da qual May lançou as roupas molhadas, e desceram vários degraus até passarem pela porta entreaberta de outro quarto. Viam-se pratos e livros espalhados pelo chão, roupas, revistas e maços amachucados de *Marlboro* abandonados em cima da cama.

— Espera um pouco — e entrando apressadamente, May pegou numa camisola cinzenta que estava em cima da cama. — O Kip não se há-de importar — e atirou-a a Lara.

Era suave como seda e estava amarrotada, mas as rugas desfizeram-se assim que Lara a vestiu. Enrolou as mangas e viu a camisola cair sobre as suas coxas.

— Obrigada — disse, mas quando levantou os olhos, May estava a observá-la. — O que foi?

— Nada. — Parecia que estava a afastar algum pensamento. — Fazes-me lembrar alguém. — E franzindo o sobrolho, atirou com a toalha para dentro de outra casa de banho, enquanto conduzia Lara para fora de casa.

O grupo que tinha estado junto à piscina já dispersara e as pessoas sentadas em redor da mesa iluminada por velas tinham voltado a mudar de lugar. Um prato com chocolates circulava entre os convidados e Kip, que se sentara no lugar onde o pai tinha estado inicialmente, sentado com as pernas apoiadas no rebordo da mesa, apoderou-se dele, tirando o mais que pôde antes de o passar aos outros.

— Lamento muito. — Tabitha, a mulher de Roland, sentou-se ao lado de Lara. — Ouvi dizer que o meu terrível marido voltou às velhas partidas dele. Seja como for — acrescentou com um sorriso doce —, estás linda com essa roupa. Rollo, és mesmo um caso perdido.

Das três irmãs que tinha conhecido, Tabitha era a mais parecida com Kip, com o cabelo escuro caindo, sedoso, sobre a cara, uma boca grande e aqueles olhos azuis muito claros e cujo branco também tinha um brilho azulado. Estava com um vestido de algodão, apertado sob o busto para cair solto sobre o volume da barriga que se destacava de tal forma do resto do corpo que seria indelicado fingir que não existia.

— Quando é que nasce o bebé? — perguntou Lara. Tabitha pegou-lhe na mão e colocou-a sobre a barriga. Era uma sensação estranha, tão dura e quente, mas agradável, de tal forma que Lara teve de fazer um esforço para a retirar.

— No final do Verão. Faltam seis semanas. — Tabitha olhou para o marido, que conversava com Caroline, muito inclinado para ela, os olhos semicerrados, recorrendo a todos os seus artifícios para atrair a atenção dela.

Lara descobriu uma cadeira vaga ao lado do pai e antes que ela fosse ocupada, avançou ao longo da mesa e sentou-se.

— Olá. — O pai olhou para ela com ar surpreendido, sem perceber muito bem o que é que nela estava diferente. Vendo-os juntos, Caroline levantou-se, sem fazer cerimónia em deixar Roland a meio de uma frase, e perguntou-lhes se estavam prontos para regressar a casa.

— Sim — responderam em coro, e não desejando interromper a festa, despediram-se discretamente apenas de Pamela e caminharam lentamente até ao carro. Caroline, com a cara branca à luz do luar, tropeçou num degrau e Lambert tomou-lhe o braço e apertou-a de encontro a si enquanto transpunham a passagem aberta no muro.

— Queres que guie? — Ofereceu-se ele quando chegaram junto do carro, mas Caroline recusou a oferta firmemente.

— Estou ótima.

De regresso ao quarto, Lara mirou-se ao espelho, envolta na camisola cinzenta de Kip. Puxou-a até ao nariz e inspirou. Cheirava ligeiramente a tabaco, a cloro e ao pó húmido da pedra. Inspirou ainda mais profundamente, pressionando os punhos contra a cara, e sentindo ainda o frio provocado pelo mergulho inesperado, enfiou-se na cama com a camisola vestida.

Acordou às primeiras horas da madrugada, o coração acelerado, o terror de um sonho não recordado pulsando-lhe no sangue. Deve ser apenas porque estou muito quente, pensou, despindo a camisola e depois saiu da cama e foi até à janela para apanhar ar.

A princípio não reparou — estava demasiado tomada pelo medo que o sonho lhe provocara, mas assim que se debruçou na janela, ouviu distintamente o som de música que lhe chegava vindo das colinas. Era música cigana. Cadenciada e perigosa. Abriu mais a janela. Fê-la recordar-se do primeiro Verão que passara com os avós, em Dublin, e do *ceilidh* a que eles a levaram e no qual se apaixonara tão profundamente pelo som do acordeão que prometera a si própria que assim que crescesse iria aprender a tocá-lo.

Quando estava a olhar, uma luz piscou — fogo ou uma lanterna, não conseguia perceber. Piscou várias vezes e depois desapareceu. Ficou à espera, mas apesar de ter estado ali meia hora, inspirando

os odores frescos da noite, escutando a música que chegava até ela, as colinas continuaram escuras e sombrias.

Por fim, voltou para a cama. Fechou os olhos, inspirou e deixou-se reviver o momento em que Kip levantara os olhos e a fixara com o olhar. E voltou a acontecer, a surpresa, a hilaridade, a vertigem, o sobressalto, como se o tivesse reconhecido, apesar de saber que não era possível que o tivesse visto antes.

Na manhã seguinte, estavam todos murchos. Caroline estava fraca, demasiado cansada até para a sua natação matinal e Lambert, num súbito acesso de desassossego, decidira trabalhar. Estava sentado à mesa, no terraço, os apontamentos seguros por pisa-papéis, suspirando e fazendo esgares à medida que escrevia apressadamente.

Levantava-se constantemente, como que para ir buscar um livro e, depois, recordando-se de onde estava, abanava a cabeça e sentava-se de novo.

Lara estava a ler, deitada à sombra. O calor era demasiado para nadar e, além do mais, estava com dores de cabeça. Por fim, Ginny chamou-os para o almoço, que serviu na cozinha para que Lambert não tivesse de tirar os seus papéis. Fizera para eles uma espécie de comida para bebés: *ravioli* recheados de um queijo branco, salada e um puré de espinafres oleoso. Para a sobremesa havia tarte de limão, tão agridoce que ardia na língua, e assim que passava, fazia-nos desejar um pouco mais.

Mais tarde, Lara voltou para a cama e passou a tarde toda a ler e a sonhar, olhando fixamente para o quadrado de céu que via pela janela, à espera de algum indício que revelasse que a temperatura tinha baixado. Deve ter dormitado, ainda que só por uns instantes, porque acordou sobressaltada com o chiar de pneus, com o som dos travões e de vozes em baixo. Levantou-se de um salto, ajeitou as roupas e desceu a correr para ver de quem se tratava.

— Eu digo-lhe — estava Ginny a dizer, pela porta aberta, quando Lara se espremeu para conseguir passar por ela.

— Olá! — Ali estava May, com um saco branco de papel e, atrás dela, o jipe de Ceccomoro com a capota de lona enrolada para trás. Piers estava sentado ao volante, enquanto Roland e Kip fumavam, encostados ao muro do jardim.

— Viemos trazer as tuas roupas — disse May e Kip deu um pontapé numa pedra que atravessou o pátio da frente.

Lara recebeu o saco e espreitou o interior, onde, impecavelmente dobradas, encontrou as roupas lavadas e passadas a ferro.

— Muito obrigada.

Olhou para as portadas fechadas do quarto de Caroline. Não sabia se tinha o direito de os convidar a entrar. Olhou para Ginny, que estava simplesmente a acenar com a cabeça e a sorrir, e incapaz de pensar em qualquer coisa para dizer, ficou a vê-los subirem para o jipe.

— Ah — lembrou-se, então. — Ainda tenho... — Mas o carro já estava a dar a volta e a sua voz ficou abafada pelo chiar que os pneus fizeram ao ganharem velocidade. — Adeus! — gritou, acenando num súbito aceso de simpatia, e Kip sorriu-lhe através da abertura traseira, ao mesmo tempo que lançava fora o cigarro meio fumado.

— Não devolvi a roupa *deles* — disse para Ginny, e sentindo-se subitamente perdida, seguiu-a até à cozinha.

Ginny serviu-lhe um copo de sumo de pêra, que ela bebeu lentamente, sentindo a espessura gelada descer-lhe até ao estômago.

— Não se preocupe — sossegou-a Ginny, sorrindo suavemente. — Oportunidades não lhe hão-de faltar.

Passado um momento, com a cara ruborizada e enrugada num sorriso incontrolável, perguntou num tom estridente:

— Aquele era o filho do Lorde Willoughby, não era? O rapaz tem sorte, deve sair à mãe.

— Sim — disse Lara, engolindo o resto do sumo. Ginny riu e debruçando-se para lhe despentear o cabelo, acrescentou: — Espero que saiba que ele deve ser o solteiro mais cobiçado da cidade, e sê-lo ia mesmo que não fosse bonito como é.

Não, quis dizer, irritada, e percebeu que tinha tido esperança de que ninguém tivesse reparado. Que fosse possível que a beleza de Kip fosse visível apenas para ela.

Ginny voltou-se para ralar um pedaço de queijo, os dedos firmes e competentes na tarefa de transformar o parmesão numa nuvem de espuma.

— *Lady* Lara Willoughby — disse, contendo o riso. — Não soa tão bem?

Corando de fúria, Lara disse-lhe para se calar.

A primeira vez que Lara se apaixonara tinha sido no Budget Bus. Ele chamava-se Sam, era louro, magro e desengonçado e tinha um grande sorriso de dentes muito brancos. Lara vira-o antes de partirem, quando ainda se encontravam em Tottenham à espera que a viagem começasse. As pessoas andavam por ali, arrumando as bagagens no porta-bagagem, verificando os seus nomes com o motorista, escolhendo os lugares que iriam ser seus durante as seis semanas seguintes. Havia 52 lugares, um por cada semana do ano, e dentro de poucos dias já seriam tão familiares como as suas casas.

— Olá — cumprimentara Sam, sorrindo para Lara e para Cathy quando elas entraram no autocarro, apenas uma hora depois da hora marcada, e quando escolheram dois lugares no lado esquerdo, a cerca de um terço do comprimento, ele tinha ido sentar-se num lugar vago atrás delas.

— Olá! — Lara retribuía o sorriso. O rapaz inclinara-se para a frente e dissera que tinha uma irmã com a idade de Lara, a quem tinha dado ordens para não crescer enquanto ele não voltasse para casa.

E quando será isso?, interrogara-se Lara, sentindo-se, de súbito, muito embaraçada e tímida.

Uma hora mais tarde, quando atravessavam Londres a um ritmo muito lento, o rapaz perguntara a Lara se queria jogar às cartas.

— Pode ser — tinha concordado ela, e ficara a vê-lo baralhar as cartas, admirando a forma como ele as voltava, partia e as deixava cair numa cascata. Jogaram *gin rummy* durante horas sem fim, alterando e dificultando as regras. Mudaram, depois, para o jogo do burro e a seguir para *racing demons*, um jogo que implica que as cartas sejam dispostas como numa paciência, pelo que se instalaram no corredor do autocarro, lançando as cartas rápida e violentamente, e gritando

freneticamente com quem quer que quisesse passar.

O Budget Bus era famoso. Havia quem lhe chamasse «autocarro mágico», principalmente pessoas que nunca tinham andado nele. Lara e Cathy haviam-no considerado mágico enquanto esperavam, na Escócia, que terminasse aquele último ano lectivo da primária, e Lara constatou, ao fim de cerca de dez dias de viagem, que chegara a imaginar que ele voaria — que abriria as suas asas e se elevaria por sobre as montanhas, para depois mergulhar e pousar nas margem de lagos. Na realidade, contudo, o Budget Bus movera-se lenta e ruidosamente ao longo da Europa, através da Turquia e do Irão. Avariara-se no Afeganistão, e depois no desfiladeiro de Khyber, onde as mudanças tinham deixado de funcionar numa zona de planície. Pouco tempo depois, um rapaz atirou uma pedra ao vidro traseiro, fazendo com que estilhaços de vidro caíssem sobre os ombros nus dos mineiros, deixando pequenos furos do tamanho de pontas de alfinete na já macerada pele dos homens.

Lara e Cathy fizeram uma outra amizade — uma mulher pálida, de cabelos ruivos, chamada Jennifer e, à noite, os quatro aventuravam-se em passeios pelas cidades onde paravam. Compravam fruta nos mercados, pacotes de bolachas e pão achatado, e quanto mais para oriente avançavam, mais atenção atraíam. Homens de turbante e longas túnicas de algodão, homens saídos de *As Mil e Uma Noites*, seguiam-nos e ficavam a olhar, para Cathy, com as suas calças de ganga e lenço na cabeça, para Jennifer, com a sua pele azulada, mas principalmente para Lara, que tinha entrançado o cabelo negro e prendera as pontas com elásticos cor-de-rosa e laranja.

— Estás na idade ideal para casar — disse-lhe Sam — na cultura deles.

E em mais do que uma ocasião, foram oferecidos dinheiro e camelos em troca dela.

— Mantém-te bem junto a nós — advertiu-a Cathy. E Lara enfiou a mão na de Sam.

Já passava do meio-dia e Lambert estava em pé com uma pilha de papéis nos braços a observar, com ar desaprovador, enquanto dois trabalhadores transportavam a mesa em que tinha estado a trabalhar para o extremo oposto do terraço.

— Não, para este lado, aqui! — Ginny estava a orientá-los, com voz autoritária, envolta num avental muito profissional, as mãos a pingar de ter estado a lavar louça.

— Acho melhor ir trabalhar lá para cima — anunciou Lambert.

— Por amor de Deus! — exclamou Caroline. — Será que não podes esquecer o trabalho por um dia que seja? Afinal de contas, quando foi a última vez que fizeste férias?

— O problema é que os anos estão passar — explicou Lambert. — E o século, caso não tenhas reparado, é bastante longo.

— Sim — Caroline condescendeu. — Eu sei. — E, já mais calma, aproximou-se dele e deu-lhe um beijo na testa.

Lara ficou a observá-lo enquanto ele subia as escadas. Que aconteceria, pensou ela, se ele não conseguisse chegar ao fim? Que préstimo teria o livro se ele morresse antes de o ter terminado? Estavam em 1981 e Lambert já tinha quase sessenta anos. Ainda faltavam dezanove anos. Mais do que o tempo que ela tinha vivido. Nessa altura, ele iria ter setenta e sete — a ideia fê-la estremecer.

— Bom trabalho — gritou-lhe Caroline. — E não te esqueças: eles vêm todos à uma.

Lara não se atreveu a perguntar quem vinha, com receio de ficar desapontada. Naquele momento,

estavam colocadas três mesas no terraço e Ginny cobria-as com espessas toalhas de linho branco.

— Posso ajudar? — perguntou. Ginny respondeu que podia contar dezasseis conjuntos de facas e garfos, grandes e pequenos. E dezasseis colheres.

Lara começou a contar. Para além deles, eram esperados treze convidados. Se eram os Willoughby, isso significava: as três filhas, Antonia, Tabitha e May; depois Kip, Roland e Piers; Pamela e Lulu e, claro, Andrew. No entanto, ficavam ainda a faltar quatro pessoas. Talvez eles trouxessem os seus próprios convidados. Ou então eram treze pessoas completamente diferentes.

Depois de pôr a mesa, Lara passou o resto da manhã na piscina, nadando rapidamente para trás e para diante, até que se sentiu firme, revigorada e esfomeada e com o espírito apaziguado. Foi-se mudar, mas manteve o biquíni por baixo da roupa, não fosse dar-se o caso de Roland repetir a brincadeira. Constatando que ainda era cedo, regressou à cozinha.

— Calculo que queira saber ao lado de quem vai ficar sentada. — Ginny deu-lhe uma cotovelada, depois passou-lhe uma taça de flores para colocar em cima do vinco da toalha branca. — A Caroline já distribuiu os lugares, por isso vamos fazer figas e ver onde foi que ela a colocou.

Enquanto elas tinham estado a conversar, Caroline andara com um cestinho com etiquetas brancas que colocara à frente de cada prato.

— Como é que estás hoje? — perguntou, enquanto Lara a se guia, ao longo da mesa, olhando, gratificada, para cada um dos tão desejados nomes.

— Estou bem, obrigada. — Hesitou. Seria adequado perguntar pela saúde de uma pessoa que estava doente? Seria educado, principalmente quando estavam todos a esforçar-se tanto para fingir que estava tudo bem? Em vez disso perguntou quem era Isabelle.

— Isabelle? — Caroline pareceu confusa como se apenas naquele instante tivesse percebido que a tinha colocado ao lado de Lambert. — Hum... — Fez um ar de quem estava prestes a trocá-lo de lugar, mas, depois, com um encolher de ombros, virou costas e entrou em casa.

Inquieta, Lara não largava Ginny, vendo-a a mexer o molho de salada, a soltar com destreza o abacate da casca, a cortá-lo às rodela e colocá-las sobre rodela brancas de *mozzarella*, rodela grandes de tomate e pequenos ramos de manjerição.

— Despache-se — disse Ginny quando ouviram soar a campainha da porta. — Lave as mãos, primeiro! — E empurrou-a na direcção da casa de banho, quando Caroline apareceu para ir abrir a porta.

— Foi uma viagem muito desagradável? — estava Caroline a perguntar. — Coitados! Foram muito queridos em terem feito todo este esforço.

Lara ouviu o som de passos ao longo da sala. Secou as mãos, olhou-se no espelho e ensaiou:

— Olá! Estou bem, obrigada. — E, inclinando a cabeça, ora para um lado, ora para o outro, fez um sorriso que lhe chegava às orelhas.

Quando saiu, foi apresentada a uma mulher, Isabelle, e ao marido dela, Hugh. Tinham dois filhos que já estavam a correr para a piscina, uma rapariga com cerca de doze anos e um rapaz de sete ou oito anos, tão cheio de vida como um cachorrinho.

— É melhor ir atrás deles — disse a mulher, afastando dos olhos finas madeixas de cabelo, e saiu, ansiosa, para o jardim. — Allegra, segura-o.

Lara apertou a mão a Hugh, um homem grande, de andar indolente, com um cabelo

surpreendentemente forte a emoldurar uma cara desgastada.

— Muito prazer em conhecer-te. — E, inclinando-se, sussurrou-lhe ao ouvido, de forma perfeitamente desnecessária: — Um enorme prazer, mesmo.

Saíram para o terraço e olharam, por sobre a balaustrada, para onde Isabelle tentava freneticamente impedir o filho de se lançar à piscina.

— Não, Hamish — não se cansava de repetir, a voz subindo de tom à medida que ele ia tirando a roupa. — Não. Pára com isso. NÃO!

— Deixa-o ir — murmurou Hugh.

Caroline inspirou fundo e gritou:

— Deixa-o tomar banho. Só vamos almoçar daqui a uma hora, no mínimo!

Isabelle olhou para eles, levantando as mãos para o céu, como que em agradecimento. Muito obrigada! Ao lado dela, a criança sorriu, deitou a língua de fora e mergulhou. Allegra, que tinha estado agachada junto à parte funda da piscina, o longo cabelo a tocar na água, levantou-se lentamente e, despindo o vestido de alças para revelar um fato de banho prateado, experimentou a temperatura da água com a ponta do pé.

— Tens irmãos e irmãs? — perguntou Hugh, enquanto observavam as duas crianças, uma nadando serenamente, a outra rodopiando e mergulhando, lançando o corpo para a frente e para trás.

— Não, sou filha única. — E, como sempre, ficou sem saber se deveria estar grata ou lamentar esse facto.

— A Lara é filha do Lambert — explicou Caroline, entregando um copo de *whisky* a Hugh.

— Pensei... — Parou, de braço esticado. — Não sabia — concluiu, franzindo o sobrolho.

Naquele instante, e no meio de grande alarido, chegaram dois carros cheios de Willoughbys. Irromperam animadamente pela casa, cumprimentaram Caroline, foram apresentados a Hugh, apesar de alguns já o conhecerem, e depois ficaram a aguardar, muito animados, que lhes servissem bebidas.

— Esta é a Ginny — apresentou Lara, quando Ginny surgiu com uma taça de palitos de queijos ainda quentes do forno. Cumprimentaram-na todos, com uma simpatia exagerada. Roland chegou ao ponto de lhe beijar a mão, mas Ginny pareceu não se importar. Corou, soltou umas gargalhadinhas e foi buscar mais vinho ao frigorífico.

Por fim, Isabelle subiu os degraus de pedra, arrastando um irrequieto Hamish, de cabelo todo espetado, e seguida languidamente pela filha, que voltara a enfiar o vestido.

— Obrigada — disse a Hugh, lançando-lhe o olhar de quem acrescenta «por não teres ajudado». Mas Hugh, a quem já havia sido servido um segundo *whisky*, inclinou a cabeça para o lado, com uma expressão implorativa.

— Eh — murmurou ele e os seus olhos pareciam perguntar «que foi que eu fiz?».

Caroline começou a sentar os convidados, os mais novos alternando com os mais velhos, tanto quanto Lara conseguia perceber, para sua grande desilusão, apesar de, muito acertadamente, ter colocado Hamish ao lado de Kip que, de imediato, começou a fazer com ele um jogo do «pedra, tesoura ou papel», acrescentando às regras do jogo a aceitável tortura de sujeitar a pele do braço a uns valentes torções para aquele que perdesse três vezes seguidas. Hamish guinchou deliciado da primeira vez que a pele do seu braço foi torcida e Isabelle, com um sorriso cansado, aceitou um grande copo de vinho e deixou-se cair na cadeira.

— As férias estão a correr bem? — perguntou-lhe Pamela. Isabelle afastou o cabelo dos olhos.

— Sim — respondeu, suspirando.

Lambert apareceu nesse instante. Parecia descomposto, como se tivesse vindo de muito longe, e havia uma mancha de tinta ao longo dos dedos da mão direita.

— Peço imensa desculpa — disse, abanando a cabeça. — Perdi a noção do...

Toda as pessoas que estavam sentadas à mesa olharam para ele. Tinha também um borrão debaixo do olho, como se tivesse estado, literalmente, a lutar com a caneta.

— Chegaste mesmo a tempo — disse Caroline, com graciosidade, fazendo-lhe sinal para que se sentasse no lugar vago ao lado de Isabelle.

Lambert sentou-se. Serviu um pouco mais de vinho a Isabelle, deitou água no seu copo e, depois, inclinou-se para ela e sussurrou qualquer coisa, demasiado baixo para ser ouvido por quem estava à volta.

— Ai, que engraçado! — Um sorriso espalhou-se-lhe pela cara e Isabelle voltou-se para Lambert e baixou também a voz.

Tinha cabelo castanho-claro, de um tom que muitas mulheres pintam de louro, e olhos amendoados igualmente castanho-claros. As mãos, que não paravam de dobrar e desdobrar o guardanapo, estavam invulgarmente envelhecidas, a pele do dedo indicador ressequida e estalada e as unhas cortadas curtas e a direito. Apesar de tudo, exalava encanto e sedução, como se aquelas mãos, de entre

todas as outras, hidratadas e de unhas arranjadas e polidas, fossem as únicas mãos que era possível alguém ter.

— E então... hum...

Alguém pigarreou e Lara percebeu nesse momento que não era apenas ela, mas também Hugh, quem estava a observar Lambert e Isabelle.

— Também estão cá de férias? — perguntou, voltando-se para ele.

Hugh engoliu.

— Temos casa aqui perto, a cerca de uma hora. Vimos para cá todos os anos, no Verão e na Páscoa e, por vezes, quando o tempo o permite, também no Outono. A Issy tem uma enorme paixão por esta região. Se ela pudesse, vivia aqui o ano inteiro.

Não conseguiram evitar: voltaram a olhar para Lambert e Isabelle. Parecia que o rosto da mulher de Hugh se transfigurara. As rugas tinham-se suavizado, os olhos haviam adquirido brilho e até mesmo o cabelo estava coberto de finos reflexos dourados.

— Pai? — Lara sentiu que tinha ao menos de tentar acabar com a agonia de Hugh. — Pai? — Tentou de novo, mas Lambert, tão pouco habituado a que alguém o tratasse por pai, continuava a não olhar.

Por fim, Ginny apareceu misericordiosamente com duas taças de salada, das quais toda a gente se podia servir.

— Deixe-me ajudá-la — ofereceu-se Hugh, agarrando numa e segurando-a num ângulo de tal forma assustador, que Lara teve de recolher a sua dose antes que ela tombasse sobre a mesa numa poça de azeite.

— Pão? — perguntou ele, passando o cesto em volta, e ficou a segurá-lo insistentemente à frente de Isabelle, apesar de ela já ter respondido que não com um frio aceno de cabeça.

— Não quero, obrigado — disse Lambert ao ver que Hugh continuava a segurar o cesto na frente deles, e as suas vozes diminuíram ainda mais de volume ao retomarem a conversa.

Lara olhou ao longo da mesa. Kip estava a empilhar fatias de pão no prato, como se não comesse há uma semana, e Hamish, desejoso de o imitar de todas as formas, também estava a amontoar pão no seu prato.

— Não. — Hugh debruçou-se em frente de pelo menos duas pessoas, numa nota crescente de histeria, e retirou todas as fatias à excepção da última. — Perdão — disse então, e como que desculpando-se perante as pessoas que quase empurrara, começou a oferecer uma nova rodada de vinho. — Vá lá, então — insistiu, quando Lara declinou, e fez uma expressão tão triste que ela mudou de ideias, apesar de ter ficado com a cabeça a andar à roda com o copo que acabara de beber.

No final do prato principal, Lara tinha bebido tanto que estava a falar animadamente com Tabitha, sentada à sua frente, perguntando-lhe que tal era a sensação de estar grávida, de ter uma coisa a mexer-se dentro de nós, de senti-la dar-nos pontapés. Como é que Tabitha iria saber que era chegada a hora de ele nascer? Estava com medo? Teve de se conter para não lhe perguntar como é que ela aguentava estar casada com um homem como Roland, quando ele se agachou entre as cadeiras das duas, a transpirar ligeiramente e segurando um cigarro.

— Alguém quer vir tomar banho? — perguntou.

— Se nadares agora, afundas-te, meu grande pateta — comentou Tabitha, passando-lhe os dedos pelo cabelo.

— Tens-te visto ao espelho ultimamente? — Semicerrou os olhos e lançou-lhe uma baforada de fumo para a cara.

Tabitha riu-se.

— Vai nadar com ele, Lara, senão ele vai amuar.

Não querendo contribuir para o jogo de insultá-la, Lara seguiu-o em direcção às escadas. Olhou para trás uma vez, para ver se alguém a olhava com ar desaprovador, mas toda a gente se estava a servir de café e a movimentar-se em redor da mesa, toda a gente à excepção de Lambert e Isabelle, que permaneciam no mesmo lugar.

Assim que chegaram à piscina, Roland, com um gesto fluido, despiu a camisa, puxando-a pela cabeça, e atirou-a para uma cadeira. Desapertou o cinto, desabotoou as calças, começou a puxar o fecho e, nesse instante, como que adivinhando que Lara estava a observá-lo, atirou a cabeça para trás.

— Não cobro nada — disse ele, com um sorriso. — Aproxima-te. — Despiu as calças, revelando umas coxas musculadas. Por baixo, trazia uns calções de banho e, como que única e exclusivamente para deleite dela, começou a dar uma volta à piscina, muito devagar. Tinha um corpo atlético, forte por natureza, o tipo de corpo que lhe deve ter garantido, sem um mínimo esforço, o papel de herói da escola. O cabelo, se bem que fosse louro, tinha, no entanto, uma ligeiríssima tonalidade esverdeada, tonalidade essa que se estendia à pele. Enfiou a ponta do pé na água e depois, sem aviso prévio, elevou-se no ar, deu um salto mortal e mergulhou. Lara não conseguiu impedir-se de rir.

— Este não é um desporto para espectadores — gritou, sacudindo a água da franja. — Entra! — E deixou-se ficar a flutuar, de costas, observando-a a despir a roupa da forma mais descontraída que

lhe foi possível.

Avançou hesitantemente até à borda da água, recuando um pouco de cada vez que ele se aproximava, sentindo-se como se estivesse junto a um tanque com peixes perigosos. Eu entrava, pensou, se tivesse a certeza de que ele não me atacava e, então, como se lhe tivesse lido o pensamento, Roland afastou-se e começou a nadar de costas de um extremo ao outro da piscina, para lhe mostrar que não tinha nada a recear. Lara sentou-se na borda da piscina, enfiou as pernas dentro de água e, depois, para seu grande alívio, Kip, seguido de Hamish, vieram a correr pelas escadas.

Assim que eles chegaram, Roland escondeu-se debaixo de água e surgiu repentinamente ao lado de Lara. Passou um braço por cima das pernas dela, pondo a mão na coxa dela, obrigando-a a dar-lhe uma bofetada para o afastar, os olhos fitos em Kip para lhe mostrar que aquilo não era o que parecia, que não tinha sido por aquela razão que se tinham escapulado da mesa. Kip, no entanto, não procurou o olhar dela. Em vez disso, despiu a roupa à pressa, abandonando-a no preciso lugar em que havia caído, e lançou-se à água, deixando-se cair como uma bomba na zona mais profunda da piscina. Hamish tentou copiá-lo, caindo de barriga, e agitando os braços e as pernas por uns instantes, enquanto não recuperava o fôlego.

Um momento mais tarde, Allegra apareceu, silenciosa, descalça, e despiu o vestido de alças azul. Sentou-se ao lado de Lara, com as pernas esguias dentro da piscina, o rosto insondável, enquanto ia formando desenhos com gotas de água que deixava cair na pele. Ficaram a observar em silêncio. Kip e Roland faziam corridas e lutavam, e Hamish nadava entre os dois como um cachorrinho, implorava que lhe pegassem e o atirassem ao ar. Lara imitou Allegra, recolhendo mãos-cheias de água, lançando as gotas frescas contra a cara e espalhando-as sobre a cabeça escaldante. O sol estava agora a pique e o céu de um azul intenso. Mas em vez de entrar, Allegra estava a lançar grandes quantidades de água sobre si própria, molhando o fato de banho, o pescoço e o longo cabelo, para mantê-lo afastado da cara. Pela primeira vez, Lara teve oportunidade de a observar atentamente: a boca grande e a testa alta, as cores delicadas da sua pele. Era alta, magra e exuberante e já lhe deviam ter tido um milhar de vezes que iria tornar-se uma beldade.

Aos poucos, todos os convidados desceram até à piscina. Traziam chávenas de café, copos de licor minúsculos e Hugh uma garrafa de vinho tinto cheia. Os adultos acomodaram-se à sombra e Andrew Willoughby pegou na edição mais recente do *Times* e começou a ler.

— Quem é que amanhã quer vir a Ceccomoro, para ver o casamento? — perguntou, e como ninguém respondeu, deixou o jornal deslizar para o chão. — Como queiram — acrescentou e fechou os olhos.

— Eu vou — disse Allegra, levantando a mão, mas Isabelle, que estava deitada numa espreguiçadeira, abanou a cabeça.

Lambert apanhou o *Times* abandonado.

— Os jornais ingleses... — comentou, cheirando o papel. — Quase compensa o facto de estarmos longe de casa. É o único prazer com que podemos contar.

Com os olhos ainda fechados, Andrew ripostou:

— Tudo depende de figurarmos neles ou não.

— É verdade — murmurou Lambert. — E do que neles é dito.

A festa prolongou-se até ao cair da noite, altura em que toda a gente começou a sair, arrastando-se lenta e sonolentemente.

— Vemo-nos amanhã? — perguntou May, à saída. — Vem cedo, para não perderes a cerimónia.

Lara olhou para Caroline.

— Gostaria muito, se tiver como lá chegar.

— Se houver algum problema, o Kip poderá vir buscar-te. Não é, Kip?

Kip, que tinha Hamish preso pelo pescoço, levantou os olhos. — O quê?

— Podes vir até cá, a pé, e mostrar o atalho à Lara?

— Socorro! — gritava Hamish. — Misericórdia!

— Ela gostava de ver o casamento — insistiu May.

— Se já estiver a pé, sim.

Hamish estava a dar-lhe pontapés, tentando libertar-se, quando Lulu, que tinha passado a tarde a conversar sobretudo com os adultos, colocou as mãos sob a camisa de Kip e fez-lhe cócegas, de tal maneira que Kip libertou Hamish com um grunhido e voltou-se para lhe agarrar o pulso.

— Não consegues apanhar-me — guinchou ela, fugindo dele, em direcção ao jardim da frente, gritando e rindo de tal maneira que toda a gente se voltou para vê-los no preciso momento em que se deixaram cair no banco traseiro do carro.

May encolheu os ombros e revirou os olhos, e Lara voltou-se para se despedir de Hugh, que estava a beber uma caneca de café, enquanto a mulher o observava, encostada ao carro, de braços cruzados.

— Eu disse que conduzia — declarou, mas ele ignorou-a e sorrindo com ar cansado para Caroline, Lara e até para Lambert, contornou o carro e entrou.

Quando todos partiram, entraram em casa, já totalmente arrumada e limpa como nada se tivesse passado. Lara deitou-se num sofá branco, de novo a folhear as páginas da ¡Hola! e a ouvir Caroline e Lambert a dissecarem os convidados.

— Desculpa ter-te colado ao lado da Isabelle Whittard. Ela dantes era amorosa, mas o casamento tornou-a um pouco enfadonha. Lambert pareceu divertido.

— Curioso — disse —, sempre a achei muito desinteressante, mas agora vejo que me enganei.

Caroline ergueu o sobrolho.

— Pois olha que parece deixar o marido bastante exasperado. Não admira que tenha tentado afogar as mágoas. Mas a miúda deles é bastante gira.

Lara olhou para o pai por cima da revista e viu-o inclinar a cabeça, pouco convencido. Ainda bem, pensou, mas não conseguia apagar a imagem de Allegra, da sua grande boca rosada, do cabelo cor de mel a cair-lhe sobre o rosto enquanto observava Kip a saltar para fora de água.

— E quanto ao Andrew Willoughby... — Caroline espreguiçou-se.

— É verdade — concordou Lambert —, sempre foi um idiota. E uma sombra desceu-lhe sobre a cara.

Lara levou o jornal para o quarto e estudou o retrato de Lady Diana reproduzido na primeira página. Tinha acabado de ser descerrado na National Portrait Gallery. *A primeira mulher da realeza a ser imortalizada de calças*, dizia a legenda. Aparentemente, o artista estava preparado para fugir, uma vez que já se vira forçado a andar escondido durante três semanas, na altura em que fez um retrato da princesa Margarida que não foi aprovado. Se pela Coroa, se pelo público, isso a notícia não referia. Numa página interior, encontrava-se uma fotografia de Carlos e Diana numa festa ao ar livre, posando de guarda-chuva sob uma chuva torrencial, acompanhada da citação de uma frase de Diana, dizendo que nada a incomodava, só não podia chover na quarta-feira. Não podia chover no dia do casamento. Simplesmente tinha de estar um tempo seco. Lara levantou-se e olhou para o céu nocturno. Consequia ouvir a música, de novo, valsando, apanhada pela corrente do vento, e ao olhar, viu o tremeluzir brilhante de uma fogueira. Seria uma forma de código?, perguntou-se quando, passado um minuto ou dois, o foco de luz se apagou para se reacender de novo. Abriu mais a janela e debruçou-se.

Lara não tinha sido a única a apaixonar-se no autocarro. Uma professora de Birmingham tomara-se de amores por um artista de vitrais do Kent e antes mesmo de atravessarem o Canal da Mancha, já estavam a perguntar aos respectivos vizinhos de assento se não se importavam de trocar de lugar para que os dois pudessem ficar juntos. Naquela primeira noite, quando pararam para acampar — em tendas que haviam pertencido ao exército e que eram fornecidas pela empresa de camionagem —, eles escapuliram-se da fogueira onde estava a ser preparado o jantar, e quando regressaram vinham com os olhos cansados e o corpo fraco. Mal tocaram na comida e durante todo o dia seguinte ficaram sentados juntos, acariciando-se e beijando-se, sussurrando ao ouvido um do outro.

— Oh, por amor de Deus! — exclamara Cathy, abanando a cabeça. Lara, por outro lado, ficava a olhar sempre que lhe era possível.

Naquela noite, quando já todos se haviam instalado para comer, começaram a ouvir umas pancadas e uma agitação vindas do autocarro vazio. «O que é isto?» A princípio, ficaram alarmados, mas depressa perceberam que era o casalinho apaixonado que estava a fazer amor na bagageira. Era difícil ignorar o chiar da suspensão e o estranho eco dos gemidos deles, mas a situação prolongou-se por tanto tempo, que houve alguém que começou a tocar guitarra e as vozes aumentaram de volume e, no espaço de uma semana, apesar de o casalinho ter começado a passar noites inteiras dentro da bagageira, já ninguém se dava ao trabalho de falar naquilo.

— Que noite estranhamente silenciosa — troçavam Lara e Sam sempre que havia silêncio, e partiam à descoberta da cidade, dirigindo-se invariavelmente para o mercado, onde compravam

carrinhos de linhas coloridas com as quais Lara começara a decorar a roupa das pessoas. Bordava flores, folhas e filas de crianças de mãos dadas e, em troca, os passageiros davam-lhe *Coca-Cola* ou, à falta disso, pedra-sabão transformada em amuletos religiosos.

Na manhã seguinte, Kip não a foi buscar. No fundo, Lara nunca acreditara que ele o fizesse, mas ainda assim, levantou-se cedo e passou grande parte da manhã no quarto, à espera de ouvir o som dos passos dele cruzando o saibro com os seus sapatos gastos. Por fim, já perto das onze da manhã, desceu lentamente ao andar de baixo, onde Lambert estava a trabalhar e Caroline a escrever uma espécie de lista, e perguntou se mais alguém estava a pensar ir até Ceccomoro ver o casamento.

— Minha querida — Caroline olhou-a, divertida —, pensei que não estavas minimamente interessada.

Lara hesitou, recordando-se de que há apenas um ou dois dias não estava.

— Bem, é que eu prometi — explicou, corando, e Caroline, com um ligeiro sorriso, foi em direcção à cozinha, onde Ginny estava a tirar a fina pele de pimentos grelhados, e perguntou-lhe se ela não se importava de dar boleia a Lara.

Ginny ficou excitadíssima e de tal maneira deliciada com a oportunidade de falar sobre o casamento que, ao subir para o 2CV, primeiro esqueceu-se de fechar a porta e depois, ao tentar fazer inversão de marcha, deixou o carro ir abaixo.

— É um verdadeiro conto de fadas! — suspirou e Lara viu que Ginny estava à beira das lágrimas.

Durante todo o caminho, mesmo depois de terem transposto os leões de pedra e quando percorriam a estrada de gravilha, Ginny não parou de falar da sua admiração por Lady Di. Lara manteve-se calada, os lábios apertados, receosa de poder trair a sua própria ambivalência, desejando poder trocar de lugar com Ginny. Caroline, no entanto, iria sentir a falta dela quando chegasse a altura de servir o almoço, e que diriam os Willoughby se ela a convidasse? Por fim, estacionaram no pátio.

— Sabe uma coisa? — perguntou Ginny. — Estive quase para não aceitar este emprego. Tinha planeado estar lá, a acampar no exterior da Catedral de São Paulo. Mas não podia, de forma alguma, recusar um mês inteiro de trabalho. — Ginny sorriu, encolhendo os ombros. — Caso contrário, e se tivesse possibilidades para tal, tê-lo-ia feito, por ela.

Despediu-se de Lara, fungando de emoção, e começou a fazer inversão de marcha.

A sala da televisão estava na semiobscuridade e o chão de pedra coberto de tapetes e de almofadas retiradas do sofá para aumentar o número de lugares sentados. Toda a gente olhou assim que Lara abriu a porta, alguns sorriram, outros mostraram-se surpresos e outros, ainda, agiram como se nunca a tivessem visto ou, se tivessem, não esperassem voltar a colocar-lhe a vista em cima.

Passou cuidadosamente por cima de corpos estirados, à procura de um espaço livre, até que encontrou uma almofada vaga, encostada ao braço de um sofá que estava mais recuado. Só quando se sentou é que percebeu que tinha o ombro encostado à perna de Andrew Willoughby e que ao lado dela, o corpo que se encontrava mais perto era o de Kip. O rapaz olhou para ela e acenou com a cabeça, esboçando um ligeiro sorriso, para logo depois se voltar na direcção da porta, onde Lulu se encontrava, olhando para o lugar que Lara acabara de ocupar.

— Oh! — Lara fez um esforço para se levantar. — Peço desculpa.

Mas de imediato começaram a ouvir-se pedidos de silêncio e Lulu, encolhendo os ombros, deu um pequeno pontapé a Roland para que este abrisse espaço para ela se sentar no braço da cadeira em que ele se encontrava.

Lara não estava atrasada. Em Itália, estavam uma hora adiantados, pelo que o príncipe e a quase princesa ainda não tinham entrado na catedral. Estava um dia lindo em Londres. Graças a Deus, pensou ela, rindo de si mesma ao ver-se tão absorvida pelo acontecimento. A verdade é que o simples facto de estar a ver Londres, o Palácio de Buckingham e a Catedral de São Paulo, estava a deixá-la nostálgica e percebeu que sentia saudades da mãe, como se ela pudesse estar entre a multidão. Apesar de tal ser muito improvável, começou a observar atentamente a cara das pessoas que agitavam as suas bandeirinhas do Reino Unido, animadas pela alegria do momento e por um fervor patriótico, que quase raiava a histeria com a sorte de o dia estar tão bonito.

«Sua Alteza Real» — fez-se ouvir uma voz sobre o burburinho da multidão — «Carlos Filipe Artur Jorge, Príncipe do Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte, Príncipe de Gales e Conde de Chester, Duque da Cornualha, Duque de Rothesay, Conde de Crick e Barão de Renfrew, Senhor das Ilhas e Grande Senescal da Escócia, vai casar-se, dentro de momentos, na Catedral de São Paulo, com... Lady Diana Frances Spencer.»

O nome de Diana soou a Lara extremamente pobre, ao lado do nome do príncipe. Não poderia ela ter recebido um ou dois títulos extra, só para aquele dia? Baronesa dos Infantários, Criadora-Mor de Tendências de Penteados de Todas as Nações de Além Knightsbridge e até Ao Fim do Mundo, Condessa de Sloane Square, Animadora dos Tempos Livres da Corte aos Domingos, Princesa dos Puros e dos Crentes, Amada Especialmente pela Ginny.

Nesse momento, viu-se o coche real. O príncipe Carlos estava a chegar, o formato da cabeça dele era inconfundível visto de cima, mesmo com o chapéu posto. Lara tinha a certeza de que o cabelo dele devia ter o risco ainda mais descaído para o lado do que era habitual. Mas onde estava ela? Era Diana que a multidão queria ver. Chegaria atrasada? Era forçoso que chegasse atrasada. Três minutos. Não é esse o tempo tradicionalmente permitido, antes de as pessoas começarem a ficar ansiosas? Carlos estava dentro da catedral, tal como a rainha e a rainha-mãe, ambas em blocos de cor, a mesma dos pés à cabeça. Ali estavam o príncipe Filipe, a princesa Ana e os príncipes André e Eduardo.

A câmara perscrutou a multidão, e ali estava ela, no seu coche, a cara velada, o pai parecendo mais ruborizado do que nunca ao lado de todo aquele branco. «Como plebeus», informava o comentador, «não têm direito a escolta militar, tendo de se contentar com a polícia montada». A multidão, contudo, não estava preocupada com os uniformes da escolta dos Spencer. Aquilo por que tanto aguardavam, mais ainda do que poder observar Diana ao vivo, era conseguir vislumbrar o seu vestido. O coche estava a parar. Iam poder vê-lo. Na sala, todos contiveram a respiração quando Diana se levantou para sair da carruagem. E ali estava ele. Hediondo! Mais horrível do que qualquer das coisas imaginadas pela ¡Hola!. Lara olhou rapidamente em volta, mas estavam todos petrificados pela visão, digna de um conto de fadas, da transformação de uma jovem tímida e desajeitada numa princesa. Diana caminhava agora, ignorando a cauda do vestido e deixando para as damas de honor o trabalho de se debaterem com ele, de o atacarem como a um lençol desgovernado. Foi avançando, determinada, subiu os degraus com suavidade e desenvoltura, desaparecendo através das portas da

catedral, seguida pela cauda até que, por fim, também esta ficou fora de vista.

— Merda! — A voz de Tabitha elevou-se do sofá, num bocejo. — Alguém que me dê uma ajuda. Tenho de ir fazer xixi.

Roland ficou onde estava, mas quando a mulher já se encontrava de pé, ficou a vê-la afastar-se, periclitante, por entre a multidão de familiares, balançando assim que alcançou a porta.

— Piers — sibilou Roland, e quando Piers se voltou para ele, piscou-lhe o olho. — O próximo és tu.

Piers voltou-se de novo para o ecrã, onde Carlos e Diana se encontravam agora lado a lado, Carlos muito escovado e cintilante, Diana escondida pelo seu véu branco.

— Pois é — murmurou Piers, ignorando a provocação, e apertou a mão de May.

O silêncio instalou-se de novo quando a cerimónia começou e não se ouviu uma única palavra até que Diana, a quem haviam pedido que repetisse os nomes de Carlos, lhes trocou a ordem.

— Oh, nãããã! — gritaram todos, e começaram a dizer disparates e a rir, aliviados por alguém ter quebrado aquela tensão. Quando finalmente se acalmaram, Carlos e Diana já estavam casados.

— Muito bem — disse Andrew Willoughby, bocejando e espreguiçando-se. — Lá se casou, finalmente. — E dando um beliscão no traseiro de Pamela, que estava a levantar-se, comentou que já tinha tido uma dose de Grã-Bretanha que lhe chegava para todo o Verão; só queria voltar a ouvir outra palavra sobre o assunto no mínimo daí a um ano.

Um a um, todos se levantaram e saíram para o exterior. Lara não sabia o que fazer sem receber de Caroline autorização oficial para permanecer ali, por isso seguiu os outros, que se encaminharam para o parque de estacionamento, ficou junto à entrada de pedra, espreitando para fora como se tivesse ali um carro. Olhou para trás, pensando que devia pelo menos despedir-se e agradecer, quando Kip saiu de casa e chamou-a:

— É melhor ficares para almoçar, senão vai haver problema.

— Está bem — concordou Lara. Vendo o olhar espantado dela, Kip aproximou-se.

— Ela pensa que nós a detestamos, é só isso.

— Quem é que pensa isso?

— A Pamela. A grande P. Quero dizer, nós detestamo-la, mas hoje está demasiado calor para uma discussão.

Ficaram ali, a olhar para a paisagem, para as manchas escuras de árvores, para os muros de pedra que bordejavam os campos inclinados, que desciam para depois se elevarem em colinas.

— Onde é que fica o atalho? — perguntou Lara. — Isto é, para o caso de eu querer ir a pé para casa?

— Ah, isso. — Sorriu. — Estás a referir-te ao caminho sensual? — E corando inesperadamente, pareceu ter-se esquecido do que ela lhe havia perguntado e começou a encaminhar-se para a piscina.

Naquela tarde, estavam todos deprimidos. Era como se as imagens da Grã-Bretanha os tivessem deixado envergonhados, lhes tivessem feito recordar-se de quem habitualmente eram. Lara deitou-se ao sol, no terraço, sentindo a pedra queimar-lhe ligeiramente a pele, ouvindo ociosamente o murmúrio da conversa. Piers estava a perguntar a todos que lugar escolheriam se estivessem a planear uma lua-de-mel e as respostas não se fizeram esperar: Escócia, um palácio flutuante na Índia, Egipto, Bali, Devon. Carlos e Diana iam passar três dias na casa de Lorde Mountbatten, que morrera

dois anos antes, vítima de um atentado bombista do IRA; em seguida, e como que para apagar a memória, iam partir num cruzeiro de duas semanas pelo Mediterrâneo.

— Se forem a Los Angeles, podiam ir visitar-me — disse Lulu languidamente, e Andrew, que estava a ler numa espreguiçadeira, perguntou-lhe quando é que ela os ia abandonar.

— Querido! — Pamela mostrou-se ofendida. — Já te tinha dito. Ela vai-se embora amanhã. Vou levá-la ao aeroporto. Por isso *eu* vou estar fora o dia todo.

Andrew puxou o chapéu ainda mais para a cara e emitiu um som de incredulidade. Parecia cansado, o nariz inchado e vermelho, as pernas quase comicamente magras a saírem dos calções coloniais.

— Pois bem — desabafou —, quem é que me vai animar, agora que a Lulu se vai embora? — Bateu com a revista, irritado, e em tão os seus olhos pousaram em Lara. — *Miss Riley*, estou a contar consigo para nos manter divertidos e bem-dispostos.

— Eu? — Lara sorriu, na esperança de não ter percebido bem, mas Andrew susteve o olhar dela, como se esperasse que, naquele preciso instante, ela dissesse alguma coisa engraçada. — Posso tentar — respondeu, porque sentiu que tinha de dizer alguma coisa. Aparentemente satisfeito, Andrew Willoughby voltou à sua leitura, enquanto Lara começou a vasculhar a memória à procura de alguma coisa engraçada para contar.

— Lara. — Alguém estava a tocar-lhe com o pé.

— Sim? — Sentou-se, a vista desfocada, de tal forma os olhos estavam semicerrados por causa do sol.

— Que me dizes? — Era May, o cabelo castanho-claro preso num carrapito. — Vamos jantar a Siena para comemorar a última noite da Lulu?

Estavam todos a olhar para ela, expectantes. Todos excepto Lulu, que estava a ler, deitada de barriga para baixo, com uma perna nua ligeiramente afastada, tocando ao de leve na toalha de Kip.

— Está bem.

— Assim sendo... — May começou a contar, os olhos animados com os preparativos. — Tu, eu e o Piers, a Lulu, o Roland e o Kip. Somos seis. Tabsy, vens connosco?

Tabitha lançou um olhar ao marido.

— Posso ir jantar, mas se estão a pensar ficar até muito tarde... — Bocejou. — Por norma, às dez da noite já estou de rastos.

— Oh, Tabs — protestou Roland. — Não sejas desmancha-prazeres. Se fores, vai ser necessário levar dois carros.

A desilusão ficou estampada no rosto de Tabitha.

— Como queiram. É-me completamente indiferente. — Pouco depois, no entanto, Lara reparou que Tabitha se levantou sozinha, o mais cuidadosamente que lhe foi possível e, num passo instável, entrou em casa.

A caminho de Siena, pararam em casa de Caroline, o carro levantando pedrinhas de saibro ao derrapar na travagem.

— Estás de volta! — Lambert encontrava-se à porta, tão contente que esticou o braço e abraçou Lara. — Já começava a perguntar-me... mas afinal quanto tempo demora um casamento?

— Ela só veio mudar de roupa — disse Roland, aproximando-se. — Estamos de partida para uma noite.

— Ah. — Lambert pareceu ficar ligeiramente decepcionado e largou-lhe o braço.

— É a última noite que a Lulu passa cá — explicou Lara. — Estávamos a pensar ir a Siena comer uma piza na praça e continuar a noite numa discoteca. Ao que parece, há uma discoteca, o Purple Pussycat, que fica atrás do Duomo.

Por uns instantes, Lambert pareceu ficar mais animado, mas logo depois percebeu que Lara não o estava a convidar. Olhou para o grupo, que de repente se calara perante o seu olhar penetrante:

— Espero que se divirtam.

Mas não podíamos?, pensou Lara, não o podíamos convidar? Mas nada dependia dela.

— Despacha-te! — gritou Piers de dentro do carro. — Se te vais mudar...

Sem olhar de novo para Lambert, Lara subiu as escadas a correr.

Constatou que aquele tinha sido o primeiro dia em que não tinham estado juntos desde que ela chegara ao apartamento dele, havia uma semana. E enquanto passava em revista as suas roupas, na esperança de que se materializasse alguma coisa que não se encontrava ali, equacionou a hipótese de ficar. Poderia ficar aninhada num dos sofás brancos, ouvindo Caroline e Lambert trocarem histórias do seu passado, mas sabia que não conseguiria resistir à sedução da saída nocturna, à excitação de passear de carro ao cair da noite, de comer uma piza no escuro.

Lara olhou pela janela e viu Kip, andando para trás e para a frente, de mãos nos bolsos, a nuca dourada em contraste com o clarinho branco da camisa. Rapidamente, vestiu umas calças de ganga, enfiou os pés numas sandálias de salto alto e só com um olhar passageiro para o reflexo da sua cara afogueada, passou o *eye liner* pelos olhos, mordeu os lábios para lhes dar cor e desatou a correr.

Os outros tinham entrado para a sala, estavam encostados aos móveis, agitados, irrequietos, falando com Caroline, que estava sentada com os pés pousados numa pilha de almofadas, as pernas envoltas num xaile de lã *mohair*, tão leve que mal lhe tocava a pele. Lambert estava à margem, as mãos nos bolsos, a cabeça inclinada.

— Estou pronta — anunciou Lara e todos eles se viraram ao mesmo tempo e apressaram-se na direcção da porta. — Adeus, pai! — Esticou-se para ele e sentiu no cabelo o toque suave dos lábios de Lambert.

— Adeus.

Era estranho ser ela a ter de sair, quando durante tanto tempo tinha sido ele quem estava sempre demasiado ocupado para ficar. Por norma, ao fim de meia hora juntos, o pai começava a mostrar-se demasiado impaciente e ansioso por voltar para o trabalho, ou ia sair porque tinha combinado ir tomar um copo com um editor, ou porque tinha uma reunião com um investigador que desencantara um documento de uma tal magnitude e significado que não podia esperar. Certa vez, tinha-a deixado sozinha para ir a uma festa na embaixada francesa, cujo embaixador era um grande admirador do seu trabalho, obrigando-a a descer às entranhas de Londres para apanhar o metro para Finsbury Park.

— Adeus. Não venho tarde — disse Lara, sabendo de antemão, como ambos sabiam, de resto, que deveria mesmo chegar tarde.

E apesar de o pai ter sorrido de forma encorajadora, quando arrancaram, Lara não teve coragem de olhar para trás pela abertura traseira do jipe.

À noite, Siena era mágica: a tonalidade do arenito das paredes suavizava-se, passando a cor de favo de mel; a Piazza del Campo resplandecia de tanta luz. Casais elegantemente vestidos passeavam de braço dado, o cabelo brilhante, as roupas impecáveis, tão bem enfiadas que parecia terem um batalhão de mães italianas a trabalhar em casa apenas para aqueles momentos: para poderem mandá-los para a noite com orgulho. Também havia turistas que seguiam com entusiasmo os hábitos italianos: vestidos com a sua melhor roupa, ficavam sentados à mesa, observando os jovens a passar indolentemente, enquanto os mais velhos permaneciam no interior, bebendo café e cerveja em *flûtes* finas e esguias.

Um empregado juntou duas mesas e dispôs seis cadeiras em redor.

— Alguém sabe falar italiano? — perguntou Lara.

Kip riu:

— Mais *batati friti* e mais cerveja.

— Estou a aprender — respondeu May. Todos apontaram para a piza que desejavam e ela ia lendo o pedido ao empregado de mesa, acompanhada, de vez em quando, por um coro de «Não te esqueças, mais *batati friti* e mais cerveja».

Lara sentou-se, voltada para o restaurante e de costas para a praça, numa cadeira que balouçava ligeiramente, o que a obrigava a estar inclinada para a frente, com os cotovelos na mesa, para se equilibrar. Lulu, Roland e Kip sentaram-se do lado oposto, recostando-se nas cadeiras, de braços cruzados, fazendo comentários sobre quem passava.

— Ena! — comentou Roland com ar apreciador. — Olhem-me para aquilo!

Automaticamente, Lara voltou-se para ver.

A rapariga para a qual Roland estava a olhar tinha um nariz grande e uma testa pequena, mas envergava uma *T-shirt* branca muito justa, que acabava na cintura e que revelava todas as costuras e contornos do *soutien*, até mesmo a forma do fecho que se enterrava na pele das suas costas. Ao lado dela, com ar orgulhoso, caminhava um homem com uma *T-shirt* sem mangas e com um peito protuberante como o de um touro.

— Estás com vontade de andar à pancada? — riu Piers. E então, enquanto Roland começava a exhibir os músculos, May levantou-se de um salto, como se tivesse acabado de ser picada.

— Kip! Se queres brincar com o pezinho, é melhor escolheres outra pessoa!

— Mas eu não estava a fazer nada disso — disse ele, calmamente. — Eu só estava a esticar as pernas.

— Lara? — May não desistia. — Acho que o pé se destinava a ti — comentou, fazendo uma expressão inocente na direcção de Lara.

— Não me chateies! — disse Kip, atirando-lhe com uma fatia de pão e aí, sim, a perna dele roçou realmente a de Lara.

Lara ficou petrificada, olhou para a toalha da mesa e só voltou a tirar de lá os olhos quando sentiu ser seguro e, mais tarde, quando captou o olhar de Kip, no meio da agitação da chegada da comida, julgou ter visto um ligeiríssimo sorriso de gratidão repuxar-lhe o canto da boca.

Na altura em que deixaram o restaurante, estavam todos embriagados. Durante algum tempo, deixaram-se ficar na praça, a discutir preguiçosamente sobre se não seria igualmente divertido ficarem sentados no meio do Campo a observar as pessoas que passavam.

— Não. — Tanto Lulu como May foram insistentes. — Não podemos deixar de ir ao Purple Pussycat! — E gritando «Sigam-nos!», encaminharam-se na direcção do torreão preto e branco.

Os outros seguiram-nas, a passo lento, percorrendo becos e vielas, arrastando-se colina acima e voltando a descer. Lara era a única que estava de saltos altos e os sapatos estavam constantemente a ficar presos e a esfolar-se nas pedras da calçada, fazendo saltar pedacinhos de cor. Ao fim de vinte minutos, viram-se de novo na praça.

— Santo Deus! — Roland suave, o cabelo húmido e escurecido, quase castanho, mas os outros desataram a rir.

— Não é melhor ficarmos por aqui? — sugeriu Kip, mas já May começara a abordar algumas pessoas:

— *Per favore.* — Fez o seu sorriso mais doce. — *Dov'è il Purple Pussycat?*

Deparou, na sua maioria, com olhares inexpressivos e encolher de ombros, até que um homem, de casaco xadrez e sapatos cor de beringela muito engraxados, parou para lhe explicar. Contudo, ao vê-los a olhar para ele com um ar tão imbecilmente esperançoso, fez sinal para que o seguissem.

Sem ele, jamais teriam encontrado o clube nocturno. O Purple Pussycat ficava por detrás de uma porta em forma de arco, enterrada na parede, exibindo apenas uma minúscula faixa de néon a indicar a sua existência.

— *Molto, molto genitale!* — disse May, apertando-lhe as mãos, mas o homem recuou e afastou-se apressadamente.

— Oh, meu Deus! — O rosto de May revelava um enorme embaraço. — Queria dizer obrigada, foi muito gentil... *molto gentile*, mas em vez disse julgo que lhe disse que ele tinha grandes genitais!

Todos se deixaram cair contra a parede, rindo às gargalhadas, tossindo e arfando como se os seus pulmões estivessem prestes a explodir e então Piers disse, com dificuldade:

— Eu bem te disse que aprender italiano era perigoso.

— Bem me parecia que ele tinha ficado um pouco chocado — acrescentou Roland. — Seja como for, é melhor entrarmos antes que o homem perceba o erro dele e volte para te mostrar se tinhas ou não razão.

Ainda a rir, empurraram a porta e desceram por uma escada coberta por um tapete vermelho até um pequeno vestíbulo, onde, mediante o pagamento de milhões de liras, foram admitidos no clube nocturno. O recinto estava todo forrado de veludo, chão, paredes, bancos e até mesmo o bar, a base do qual estava revestida por um material macio e pegajoso. Atrás do bar, havia tubos e espirais de luz roxa, com intensidade suficiente para revelar a enorme variedade de bebidas servidas, mas o resto do clube estava imerso numa escuridão quase total, sendo apenas visíveis os contornos das mesas e o pequeno rectângulo da pista de dança, iluminada por pequenos focos encastrados no chão.

Roland pegou no braço de Lulu.

— Dança comigo! — cantarolou ele e Lulu, olhando, por cima do ombro na direcção de Kip, encolheu os ombros e avançou cheia de segurança para o extremo oposto do clube, onde, pouco depois, as suas silhuetas negras e perfeitas dançavam ao ritmo de uma música lenta.

May desapareceu na direcção dos lavabos, Piers ofereceu-se para pagar bebidas a todos, e Kip e Lara ficaram sós.

— Que tal sentarmo-nos aqui? — sugeriu Lara, deslizando ao longo do banco de veludo para

arranjar espaço para ele. Durante uns instantes, permaneceram sentados em silêncio, depois Lara reparou que estavam a usar roupas iguais. — Olha, somos gémeos.

Kip olhou para si próprio e depois para Lara, para as pernas envoltas em ganga, mais acima, para a camisa branca que lhe cobria o tronco e depois, lentamente, para a cara dela. Então Lara recebeu todo o esplendor da atenção dele, as pupilas negras e redondas, a esfera de azul, e as pestanas, longas como as de uma rapariga, tão longas como as dela, cintilando na pele dele, só muito ligeiramente bronzeada, a marca do luxo, sabendo que ainda tinha todo o Verão pela frente.

— Dá-me um dos teus sapatos — disse ele —, para ficarmos impossíveis de distinguir. — E encostou a perna à dela, tocando-lhe o pé.

Lara sentiu uma chama percorrê-la.

— Não — disse, rindo —, vais dar cabo dele. — Mas, ainda assim, o pé dele começou a arrancar-lhe o sapato. — Não!

Lara começou a lutar com ele, a perna dela quase enrolada na de Kip, depois o braço dele em redor dela, pressionando-a contra o assento. Estavam ofegantes, os rostos próximos, os lábios dele a milímetros da orelha dela. Lara conseguia cheirar o hálito dele, ainda fresco e com o cheiro doce da cerveja.

— Vocês os dois, acabem lá com isso! — Era Piers, pousando as bebidas na mesa, pequenos copos de licor. — Ou vão verificar a vossa identificação e descobrir que são menores!

Os dois afastaram-se com tal rapidez que o cotovelo de Kip quase derrubou um dos copos.

— Tenho dezoito anos — sibilou ele. — Por isso, cala-te, está bem?

Lara escolheu uma bebida.

— O que é isto? — Deu um gole. O líquido translúcido e quente queimou-lhe a garganta.

— *Grappa* — respondeu Piers. — Bebe devagar.

Apesar de ter ficado com os lábios dormentes e os olhos a arder, Lara sentiu-se animada por uma nova coragem, fez deslizar a mão ao longo dos centímetros de banco que a separavam de Kip e encostou-a à dele. Houve um perigoso espaço de tempo perdido em que Lara não sentiu nada, até que os dedos dele tactearam os dela e apertaram-nos suavemente. O seu coração deu um salto. A boca abriu-se num sorriso e, se fosse outra pessoa que estivesse sentada defronte deles que não Piers, certamente que teria perguntado que diabo se estava ali a passar. Ficaram assim sentados, sem olhar um para o outro, mas com os dedos febris, transmitindo mensagens entre si, numa conversa totalmente codificada.

— Cheguem-se para lá, vocês os dois. — Era Roland, com a testa brilhante de suor. E depois apareceu May, vinda dos lavabos, com o cabelo acabado de escovar e os olhos cintilantes com a maquilhagem renovada. Lara chegou-se mais a Kip, escondendo as mãos de ambos com o corpo.

— Preciso de me sentar. — Lulu estava despenteada, com a cara ruborizada e húmida da dança e da água com que devia ter borrifado o rosto. — Abram espaço! — E apertou-se entre os dois.

Agora, Lara nem sequer conseguia ver Kip. Apenas a sombra dele por cima do ombro de Lulu. Continuou a beber a sua *grappa* para manter vivo o calor que estava a sentir, mal acompanhando a conversa que, como sempre, não era sobre nada que ela conhecesse, até que deixou de ser uma conversa para se tornar num devaneio e até o próprio Roland admitiu que corriam o risco de perder os sentidos na cela hiper-almofadada que era aquele recinto.

Valeu a pena ter passado uma ou duas horas no interior do Purple Pussycat apenas para sair de novo para a noite. Foi um milagre — tão recortada e fresca, e as estrelas, à medida que percorriam a cidade agora escurecida, pareciam brilhantes pulverizados sobre um fundo negro.

— Por aqui, crianças — indicou Roland, orientando-os, subitamente gentil como um adulto, e os sapatos de Lara ecoavam e deslizavam na sua tentativa de manter a mesma velocidade que os outros. — Tu, aí, despacha-te! — gritou por cima do ombro.

Estavam a subir uma colina por uma ruela estreita e íngreme, apertada entre edifícios altos, quando Lara ouviu música: violoncelos e violinos, os assobios agudos de uma flauta. Olhou para cima.

O som vinha de um edifício à sua esquerda. Tinha uma porta alta, em arco, e por cima da porta um letreiro: *Accademia Musicale*.

— Oiçam. — Inspirou profundamente e quando olhou em volta, viu que os outros continuavam a avançar no seu ritmo acelerado. Conseguiu vê-los desaparecer ao virar de uma esquina. Mas Lara não conseguiu mexer-se, tal era a beleza da música no silêncio. Transpôs a porta e deixou que a música a percorresse no momento em que o maestro deve ter levantado os braços, enchido o peito e indicado aos músicos para começarem a tocar em crescendo. Lara abriu os braços e deixou a cabeça cair para trás.

— Que estás a fazer? — Kip estava a olhar para ela, espantado.

— Tens de ver isto. — O pátio estava meio coberto por um tecto de frescos: um céu azul-claro com querubins reclinados em nuvens. Havia oliveiras em vasos, a parte inferior das folhas cor de prata e, à sua frente, num inesperado intervalo entre dois edifícios, via-se, suspensa, uma lua perfeitamente redonda. A música desceu, chorosa, da sala sobranceira, quando Kip se aproximou dela. Oh, meu Deus, pensou Lara quando ele pousou as mãos nos seus ombros, ele vai beijar-me. Neste lugar mágico. Encheu os pulmões de ar e susteve a respiração.

— Isto é tão piroso — comentou Kip, franzindo o sobrolho. — Sinto-me como se fizesse parte de um musical foleiro.

— Pois é — concordou Lara, soltando uma gargalhada forçada, e ficou a vê-lo atravessar o pátio e sair para a rua.

— Anda — chamou ele. — Senão eles vão-se embora sem nós.

— Está bem, vou já. — Lara descalçou as sandálias e correu atrás dele, apressando-se através das ruas ligeiramente sinuosas e conseguindo alcançá-lo. Chegaram os dois ao carro, sem fôlego e ao mesmo tempo.

Lulu abriu espaço para Kip no banco do jipe e assim que ele se instalou, encostou a cabeça ao peito dele e deixou que a mão percorresse o comprimento da perna dele.

— Por amor de Deus, Lulu! — suspirou May. — Deixa-o em paz. Não sabes que o casamento entre irmãos por afinidade é ilegal? — Não é nada! — gritou Roland, do banco da frente. — E, seja como for, nem toda a gente vive obcecada pelo casamento. O teu pai não acha que seja necessário casar com todas as mulheres com quem vai para a cama. Nem sequer considera necessário casar com a velha P.

— Só porque continua casado com a mamã! — ripostou May.

E Lulu balouçava uma das suas longas pernas em cima do joelho de Kip e roçava os lábios na orelha dele:

— Case comigo, Lorde Willoughby — disse, numa voz suave e cantarolada.

— Francamente! — May revirou os olhos, mas todos os outros riram, inclusivamente Lara.

Quando Lara acordou, descobriu que as suas articulações eram feitas de lata, que as concavidades do seu corpo estavam repletas de fumo. Saiu da cama lenta e penosamente e viu pela janela semicerrada que o dia estava encoberto. A camisola de Kip continuava numa cadeira. Vestiu-a e desceu para tomar o pequeno-almoço com Ginny. Mas Ginny tinha saído e a mesa do pequeno-almoço já tinha sido levantada, por isso serviu-se de sumo e saiu para o terraço, onde o pai se encontrava a trabalhar, escrevinhando furiosamente, tomando notas, folheando livros, proferindo frases que pareciam fluir, desprovidas de vírgulas, linha após linha.

Lara puxou uma cadeira e, cheia de cuidados para que o copo não corresse o risco de tocar uma ponta que fosse de uma página, aguardou que Lambert olhasse para ela. Esperou durante algum tempo, tossindo levemente, mexendo-se um pouco na cadeira, chegou mesmo a levantar-se sem fazer barulho e entrar em casa para descascar e comer um figo — a doçura húmida da polpa fê-la olhar em volta, envergonhada. Mas valeu a pena — a polpa granulosa tinha o sabor do seu cheiro. Revigorada pelo fruto, voltou a sair e tocando ao de leve no ombro de Lambert, perguntou-lhe como estava.

— Pensei que podíamos ir até Florença. — Levantou os olhos, como se tivesse estado toda a manhã à espera de lhe dar esta notícia.

— Florença? — Nunca tinha passado pela cabeça de Lara que pudessem ir a outro lugar qualquer. Julgara que o pai havia esgotado todo o seu interesse por viagens ao chegar ali.

— Será apenas por uns dias. Parece-me um crime virmos até cá e não visitarmos o Palácio Pitti. Podemos apanhar um comboio em Siena, a meio da manhã, e chegar a tempo do almoço. Estava a pensar experimentar o Harry's Bar.

Havia um Harry's Bar em Londres, o qual, agora que pensava nisso, *era* italiano, apesar de ter aquele nome. Serviam um prato de esparguete com um molho de queijo cremoso, que apesar de Lara saber ser demasiado pesado para ela, certa vez comera tanto que ficara enjoada.

— Já lá estive? Em Florença, quero dizer.

— Sim — Lambert espreguiçou-se, como se aquela pergunta fosse a mais natural que ela lhe pudesse colocar. — Passei um Verão a passear por Itália. Fiquei num hotel fantástico, perto da Ponte Vecchio, mas segundo a Caroline já não existe.

— Um Verão inteiro...

Lara desejava perguntar-lhe que outras cidades visitara, quando, como e com quem. E por que razão deixara de viajar. Mas, como se adivinhasse os pensamentos dela, Lambert voltou a pegar na caneta e começou a ler o que acabara de escrever, passando os olhos pelas palavras como se só naquele momento compreendesse o que elas diziam.

Quando Lara regressou da Índia, imaginou que iria contar a Lambert todos os pormenores do ano que vivera longe. Falar-lhe-ia da peregrinação que haviam feito a Bodhgaya, ao templo onde Buda havia encontrado iluminação. Imaginara que lhe iria contar como aí haviam chegado, viajando de comboio a partir de Nova Deli — aliviadas por estarem de novo em movimento, depois da sua única

noite num hotel —, seguras num compartimento, observando a paisagem estender-se à sua volta, pensando que jamais conseguiriam ultrapassar a tristeza e o alívio de se verem fora daquele autocarro. Passaram a noite num quarto que tinha dois bancos corridos para dormirem, uma mesa de madeira com uma cadeira onde Lara, muito conscienciosa, escrevera no seu diário e, na manhã seguinte, apanharam um riquexó até ao templo.

O templo era lindo, com um Buda de ouro na frente e, no interior, pintada nas paredes, a história da vida de Buda. Lara ficou surpreendida ao descobrir que Buda tinha tido uma vida. Até então, tinha pensado que Buda era um deus, como Krishna ou Shiva, mas

ali aprendera que ele tinha nascido quinhentos anos antes de Cristo, do flanco da mãe, e que vivera num belo palácio rodeado de belos jardins.

— Os pais amavam-no tanto que não queriam que ele conhecesse o sofrimento — contou-lhe Cathy, enquanto olhavam para cada uma das pinturas. — E, por isso, mantiveram-no no interior do palácio, constantemente entretido, servindo-lhe a comida mais deliciosa e as bebidas mais doces, rodeado pelos amigos mais queridos, até ele ter atingido os vinte e tal anos.

Por essa altura, Buda começava a ficar impaciente. O palácio era lindo. Os jardins eram perfumados e estavam cheios de aves, mas aquilo que ele desejava era ver o que existia para lá dos muros do palácio. Os pais pediram-lhe muito que não se aventurasse para o exterior, imploraram-lhe que se satisfizesse com aquilo que eles lhe podiam oferecer, mas como não podiam mantê-lo prisioneiro, acabaram por aceder a deixá-lo sair dos terrenos do palácio, mas apenas se fosse numa procissão. Na parede do templo, havia uma imagem dessa procissão. Saris de seda estampados, elefantes e dosséis, serviçais abanando folhas de bananeira.

Assim que se encontrou no exterior, a primeira coisa que Buda viu foi uma pessoa muito velha. «Que aconteceu?» Tinha ficado muito chocado. Explicaram-lhe, então, que aquilo era a vida. As pessoas envelheciam. A pele ficava enrugada e as costas encurvadas. Depois, um pouco mais à frente, Buda viu alguém que estava doente. Ficou indignado. Como era possível que aquilo acontecesse? A vida era aquilo? Em seguida, na berma do caminho, viu uma padiola na qual estava um cadáver, rodeado de familiares destroçados pelo desgosto. Que significado tem a vida — perguntou — se contém tanto sofrimento? Regressou ao palácio e durante muito tempo ficou sentado a pensar.

Nessa altura, Buda tinha mulher e um filho bebé, mas mesmo assim, depois de muita meditação, decidiu partir de novo. Não levou nada consigo e durante muitos meses permaneceu na floresta, com um grupo de ascetas. Não comiam quase nada e pensavam muito, e no templo havia muitas imagens de um Buda esfomeado, vestido com farrapos, irreconhecível sem a protuberância da sua barriga.

Deixou a floresta e caminhou até chegar a Bodhgaya, onde parou e descansou. Comeu, dormiu e recuperou as suas forças e, então, descobriu uma árvore Bodi de grande beleza e sentou-se debaixo dela. Durante três dias e três noites, permaneceu ali sentado, atormentado por todas as angústias mentais, até que, ao terceiro dia, quando começou a amanhecer, tudo se tornou claro. Estava iluminado. Sem ninguém a quem contar a sua revelação, tocou no chão para marcar o momento da sua iluminação.

Na parede do templo havia uma grande pintura do Buda, com um punhado de terra a escorrer-lhe por entre os dedos, um olhar sereno no seu já sereno rosto. No jardim do templo, no exacto lugar em que Buda se sentou e tocou a terra, havia um monumento. Os pombos empoleiravam-se nele, mas

Cathy duvidou que a árvore que crescia nas proximidades pudesse ser a Bodi original que existira ali há dois mil anos. Fosse como fosse, instalaram-se à sua sombra para almoçarem.

— Muitas pessoas vieram falar com o Buda sobre a sua iluminação — contou Cathy a Lara. — «Ensina-nos, por favor», imploravam-lhe, mas Buda replicou: «Está demasiado perto e é muito simples. É demasiado inacreditável para ser ensinado.» Mas acabou por ceder, e aquilo que lhes ensinou foram as quatro nobres verdades: o sofrimento; as causas do sofrimento; o caminho do sofrimento e a cessação do sofrimento.

Lara e Cathy passaram o dia todo no templo. Atiraram migalhas aos papagaios e aos pavões que deambulavam pelos jardins, compraram duas pulseiras e um pequeno Buda esculpido em pedra a uma mulher que estava ao portão.

— Ele alguma vez voltou a casa para ver o filho? — perguntou Lara. — O Buda, depois de ter atingido a iluminação?

— Hum... — Cathy pensou por uns instantes, mas teve de admitir que não sabia.

Lara tinha tentado conversar com Lambert sobre as suas viagens, chegou mesmo a fazer-lhe uma demonstração da dança que aprendera em Bangalore, os joelhos bem flectidos, os pés batendo no chão, os pulsos descrevendo círculos, o pescoço longo, os olhos fazendo a sua própria dança, de um lado para o outro, mas parecia-lhe absurdo, uma fanfarronice, falar de palácios e de templos, de cores garridas e campainhas sonantes, de camelos e bicicletas familiares quando ele passara todos os dias de todas as semanas do ano nas fronteiras limitadas do seu pequeno apartamento de Kensington.

— Pai? — chamou, dando-lhe uma pancadinha no ombro, e ele levantou os olhos da página. — Quando pensa que deveríamos ir?

— Desculpa? — Lambert estava perdido algures no século. — Ah, sim! — lembrou-se. — Florença. Amanhã. Apanhamos o comboio da manhã. — E com uma expressão determinada, retomou o trabalho.

Lara desceu até à piscina e sentou-se na borda, com os pés dentro da água fria, a camisola de lã macia de Kip absorvendo calor quando o céu começou a abrir. Tinha a cabeça a latejar, suavemente, ao início, mas em breve a dor tornou-se tão forte que teve de subir até casa, procurar na cozinha e depois voltar a sair para o jardim e descer até à porta semioculta do quarto de Ginny, mas não a encontrou. Foi verificar na entrada da casa e viu que o carro de Ginny não estava e o de Caroline também não. Significava isto que não havia ninguém a quem pedir uma aspirina, à excepção de Lambert, mas pela posição das costas, dos ombros e pela tensão do pescoço, sabia que não o devia incomodar. Resolveu então vestir o biquíni e ir nadar. Foi doloroso. A água fria forçou a dor a repercutir-se pelo corpo, estalando ao chegar à cabeça.

O Kip irá ter saudades minhas?, perguntou a si própria, escondida debaixo de água. Será que vai reparar que me fui embora? E, então, com um sorriso que ameaçava deixar entrar água, recordou-se da sensação dos dedos dele pressionando os seus, na discoteca. Lara emergiu, a dor de cabeça já esquecida, e pegou na camisola de Kip, deixando cair gotas de água em cima dela, que rolaram como mercúrio através da lã. Secou-se com a camisola, dando umas pancadinhas ao de leve no corpo, e depois levou-a ao nariz, inspirando o cheiro dele ainda entranhado nas malhas.

E eis que viu Ginny debruçada na balaustrada do terraço, colocando um dedo sobre os lábios, indicando que Lambert ainda estava a trabalhar, antes de acenar. Lara vestiu a camisola por cima do biquíni e correu ao encontro de Ginny, que estava a arrumar as compras, empilhando alperces numa taça, lavando nectarinas num passador.

— Como foi? — perguntou, a cara toda iluminada de entusiasmo. — Conta-me todos os pormenores. — Colocou uma panela de água ao lume. — Fala-me do vestido.

— Ah, sim... claro.

O casamento parecia ter sido há tanto tempo, e para compensá-la por quase se ter esquecido, recriou para Ginny o espectáculo de Diana a descer do coche, subindo os degraus da catedral, a cauda ridiculamente comprida agarrada por damas de honor de todos os tamanhos e feitios. Ginny ouvia atentamente, deitando tomates na água em ebulição, deixando-os suar antes de os retirar para serem pelados. Cortou um grande molho de manjerição, cujo odor, tão adocicado embora com um travo de urina de gato, encheu a divisão.

Lara descreveu-lhe o interior da catedral, as velas, as flores, as capelinas, as caras, os ecos e a música; na verdade, contou-lhe mais coisas do que aquelas em que na altura reparara. Ginny partiu ovos para dentro de uma taça com farinha, juntou-lhe água e uma pitada de sal e, assim que a massa ficou uniforme, estendeu-a. Cortou-a depois em quadrados, com a ajuda de um cortador de metal de bordos ondulados. Enquanto Lara falava, Ginny deitava em cada quadrado uma polpa de *ricotta* e depois selava os bordos com uma pincelada de ovo e com a pressão do polegar. Lara recitou-lhe os votos, tropeçando, tal como tinha acontecido com Diana, na lista de nomes de Carlos, e Ginny, empalidecendo, olhou para ela e fez uma expressão de desagrado, revelando não ter achado piada nenhuma.

— Ele estava tão sério — explicou Lara, em sua defesa e de Diana —, o Arcebispo. Não sorriu uma única vez.

— Pois é — acenou Ginny. — Mas o casamento é um assunto sério.

Quando Carlos e Diana se viram finalmente sós, dentro do seu coche dourado, acenando obedientemente a milhares e milhares de pessoas, já Ginny tinha feito um monte de embrulhinhos de *ravioli* e uma panela com molho de tomate a ferver.

— E foi assim... — concluiu Lara, enquanto Ginny deitava cada um dos embrulhinhos dentro da grande panela. Ficaram, juntas, a observar o vapor a elevar-se e os *ravioli* a afundar-se, a inchar e, por fim, a flutuar na superfície.

Caroline chegou a casa com um ramo de flores e um jornal que exibia, na primeira página, a chuva prateada do fogo de artifício que havia sido lançado na noite da véspera do casamento. Ginny olhou ansiosamente para o jornal, mas Lambert, que acabara de pôr de parte o trabalho, abriu-o apressadamente, dirigindo-se, primeiro, às páginas do obituário, e depois folheando de trás para a frente até chegar à primeira página. Ginny ficou à espera, ficaram todas à espera, que as páginas se fechassem, para servir o almoço. Para além dos *ravioli*, havia salada e um prato de carne fria e, em vez de doce, um prato de alperces, quase demasiado bonitos para serem perturbados na sua taça verde.

— Se a comida no Harry's Bar for assim tão boa... — comentou Lambert, olhando para Ginny, que pousava na mesa um tabuleiro com chá de menta e, corando, se apressou a regressar à cozinha para

ir buscar um prato de *petits fours*.

— Já me ia esquecendo. — Caroline abriu a carteira e retirou um envelope que fez deslizar pela mesa. — Aqui estão os bilhetes para amanhã. O vosso comboio sai às dez e trinta e dois.

— Muito obrigado — Lambert tocou-lhe suavemente a mão e Lara viu o poder da gratidão dele, tão bem-vinda que até mesmo uma mulher com uma saúde tão debilitada era capaz de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para merecê-la. — Estamos desejosos de ir, não é verdade, Lara?

— Ah, é verdade, Lara — Caroline voltara-se para ela. — Não sei a que horas chegaste, mas esqueceste-te de desligar a luz da entrada.

— Oh! — Lara ficou mortificada. — Peço imensa desculpa.

E, subitamente, sentiu-se feliz por estarem de partida e desejou não terem de esperar nem mais um minuto para saírem dali.

O hotel em Florença ocupava os dois últimos andares de um edifício antigo. Era elegante, com *chaises-longues*, tapetes e quadros. A sala de jantar tinha as paredes cobertas de espelhos que reflectiam o verde-claro das toalhas de mesa e os guardanapos eram do mesmo tom verde-escuro das paredes.

Um homem de uniforme cor de ameixa conduziu-os até aos seus quartos. Tinham uma porta de ligação, mas Lara reparou que a chave estava do lado de Lambert. Viram o quarto dele primeiro, admiraram a cama ampla, as cortinas pálidas e a casa de banho que parecia feita de creme glacé e cujos mosaicos eram tão espessos que pareciam comestíveis. O quarto de Lara era idêntico, só que a cama era mais pequena, mas dispunha de uma poltrona, profunda e baixa, daquelas que são muito convidativas e das quais é difícil sair. A casa de banho era muito semelhante, mas mais bonita pelo simples facto de ser a sua. Apeteceu-lhe de imediato pôr um banho a correr, despejar o conteúdo daquelas garrafinhas minúsculas e deixar-se ficar ali durante uma hora, e depois envolver-se nas toalhas do tamanho de lençóis. Mas Lambert estava a olhar para o relógio.

— Temos de ir — disse, colocando uma gorjeta na mão do paquete do hotel.

O homem inclinou a cabeça e recuando para fora do quarto, fechou a porta.

— Queres trocar de roupa? — perguntou Lambert, inspeccionando o vestido às flores e as sandálias, cujos saltos estavam muito esfolados, mas depois, como que pensando melhor, abanou a cabeça. — Não, deixa estar, estás óptima assim.

— Tem a certeza? — Lara foi espreitar-se à casa de banho e passou os dedos pelo cabelo.

— Sim — insistiu o pai, voltando a olhar para o relógio.

— *Signor Gold!* — cumprimentou efusivamente o chefe de sala do Harry's Bar. — Venha comigo, por favor. A sua amiga... — e baixando a voz para um sussurro — já chegou.

Lara sorriu e olhou para o pai para ver como é que ele iria reagir àquele engano, mas Lambert continuava a avançar, deslizando ansiosamente por entre as mesas, até ao lugar onde, meio escondida por uma transbordante jarra de flores, uma mulher estava sentada, sozinha. Tinha cabelo castanho-claro, olhos amendoados e uma mão apertava o pé de uma *flûte* de champanhe. Quando se aproximavam, a mulher levantou a *flûte* e bebeu um gole, como que para ganhar coragem antes de se

levantar.

— Isabelle. — Lambert envolveu-a com um braço e apenas por um instante puxou-a para si de tal forma que lhe amarrotou a saia.

— Olá. — Lara olhou em volta à procura de Hugh, de Hamish ou de Allegra, sabendo de antemão que eles não deviam estar ali. Depois, para disfarçar, deu um beijo em cada uma das faces de Isabelle, antes de todos se sentarem.

Lambert e Isabelle deram o seu melhor para incluírem Lara na conversa. Ajudaram-na a escolher, insistiram para que experimentasse um *Bellini* — um copo de sumo de pêsego com champanhe —, até lhe perguntaram o que gostaria mais de ver em Florença, mas era óbvio que, apesar de todos os seus esforços, estavam a almoçar sozinhos. Lara ia concordando com eles, acenando educadamente com a cabeça, participando ocasionalmente na conversa, rindo-se das piadas deles, mas acabou por lhes permitir que desistissem. Concentrou-se na refeição, esvaziando o copo, pedindo outro, pescando todas as migalhas do prato e franzindo o sobrolho no esforço de levar a cabo aquela árdua tarefa, e esquecendo que tinha prometido a Ginny confirmar se a comida do Harry's Bar era ou não tão boa quanto a dela.

— Quanto tempo ainda tens? — perguntou Lambert, inclinando-se para Isabelle.

— Até amanhã à noite — respondeu ela, em tom de conspiração.

Sorriram um para o outro, os rostos resplandecentes de prazer, e Lara viu o pai introduzir a mão por baixo da mesa e pousá-la na perna nua dela.

— Come sobremesa — insistiram ambos, indulgentes, como se ela fosse a filha deles, e assim, apesar de eles terem declinado a sobremesa, Lara pediu um sorvete de laranja amarga que atacou à colherada e que lhe deixou a boca dormente.

— Lara?

— Sim? — A boca dela fechou-se em redor da colher gelada. — Os Uffizzi ou o Palácio Pitti? Não conseguimos decidir.

— Ou o *David*? — sugeriu Lambert. — Sabias que o *David* de Miguel Ângelo está aqui em Florença?

Não, pensou Lara incomodada, não sei nada, mas acenou afirmativamente, dizendo que gostaria de ver isso.

Lá fora, na rua, estava horivelmente quente. Não estava aquele sol forte e brilhante de Siena, mas sim um calor húmido, abafado, perante o qual só apetecia estar deitado. Passearam ao longo do rio Arno, espreitando para o interior fresco e sedutor das lojas, abrindo caminho contra a avalanche de turistas, enxotando as moscas e os mosquitos que pairavam sobre as suas cabeças. Lambert acendeu um cigarro e espalhou o fumo, mas acabaram por desistir e, parando num hotel, pediram para lhes chamarem um táxi. A Accademia era um edifício branco, invulgarmente modesto, onde, ao fundo de um longo corredor flanqueado por fileiras de escravos de Miguel Ângelo — tentando libertar-se dos constrangimentos da pedra a que ainda estavam agarrados —, encontraram a figura de *David*, aguardando para ser admirado. Aguardando, informou-as Lambert, des de 1504.

Enquanto ali permaneceram em silêncio, observando a estátua, empurrados de vez em quando por outros visitantes, ouviram comentários em todas as línguas possíveis e imaginárias. O corpo dele era perfeito, os olhos exibiam a expressão surpreendida de alguém que descobre ter acabado de enfrentar

um gigante. Então por que razão seriam os seus genitais tão pequenos?, interrogou-se Lara. Lançou um olhar furtivo a Isabelle, a Lambert e à impaciente multidão de alemães, franceses e japoneses, convencida de que todos eles estariam a pensar o mesmo. Não que ela tivesse uma vasta experiência, ou alguma experiência, sequer, mas até uma criança era capaz de ver isso... E então ela e Isabelle bocejaram ao mesmo tempo.

— E agora? — perguntou Lambert, encaminhando-as para a saída. — Não estamos longe da catedral. Também podemos voltar atrás, na direcção do rio, e ver se a fila para os Uffizi é muito longa.

— Está bem — disse Lara e então, apesar de ter a certeza de que Lambert tinha ficado indignado com o gesto delas, também ele bocejou.

Ficaram parados na rua estreita, o sol batendo de frente, o ar tão carregado e denso que se tornava difícil respirar.

— Eu não me importo. — Lara encostou-se ao edifício, esperando retirar alguma frescura da pedra, e quando olhou para cima já tinha ficado decidido que iriam regressar ao hotel.

Ficaram em silêncio no elevador, mantendo-se o mais afastados uns dos outros que lhes foi possível, três perfeitos estranhos a caminhos dos seus quartos. Mas no patamar silencioso e brilhante, não era possível fingir. Lara deu a volta à chave, abriu a porta do seu quarto e de seguida, incapaz de resistir, voltou-se para olhar para Lambert, apanhando-o no preciso momento em que estava a colocar o braço em redor de Isabelle e a conduzi-la para o quarto dele.

Lara deitou-se na banheira, com a água borbulhando à sua volta, a pensar em como a vida poderia ser bem diferente se todos os dias fossem divididos ao meio por uma sesta. Alguém alguma vez alcançara algum feito digno de nota durante a tarde? E pensou naquelas infindáveis horas de almoço, na escola, no fim das quais estavam todos com vontade de ir para casa. Constatou, então, que tinha deixado de pensar em Clive. Fechou os olhos e imaginou-o encostado a uma parede, a enrolar um cigarro, o ombro inclinado para proteger a chama do isqueiro do vento. Mas enquanto antes ele surgia, impressionante, numa nítida imagem a preto e branco, agora Lara apenas conseguia evocar uma versão pálida e ensombrada. Mais uma semana e ele cessaria de existir por completo. Lara deixou-se ficar na banheira até a água arrefecer e a espuma se ter diluído, deixando um rasto azul gorduroso. Kip já teria dado conta de que ela tinha partido, e o que pensaria assim que tivesse conhecimento disso? Agradava-lhe e deixava-a inquieta pensar que ele pudesse imaginar que ela estava a ser fria. Fosse como fosse, a melhor amiga dela, Sorrel, teria ficado impressionada. «Quanto mais gostamos de uma pessoa», tinha-a aconselhado ela, «menos se deve demonstrar!»

Saiu lentamente da banheira e ficou nua em frente ao espelho. Estava tão bronzeada que as estreitas faixas do biquíni sobressaíam. Voltou-se e torceu-se, inspeccionando-se de todos os ângulos e então, com uma excitação que nunca antes tinha sentido perante o reflexo do seu próprio corpo, constatou que pela primeira vez desde que entrara na puberdade estava sem uma única borbulha. Enxugou o cabelo e envolveu-o numa toalha, como um turbante, esfregou o corpo com três loções diferentes e massajou os pés. Examinou a pele seca dos cotovelos, pintou as unhas dos pés de cor-de-rosa e deitou-se na cama.

Foi nessa altura que os ouviu. Um som indistinto, de movimento e murmúrios, nada que forçasse demasiado a sua imaginação, mas suficientemente alto para lhe recordar que eles estavam ali. O pai dela e Isabelle, juntos, no quarto ao lado. Apressou-se a ligar a televisão e com aquela algaraviada italiana tão leve e optimista em bom volume, enfiou-se debaixo dos lençóis.

— Estás pronta?

Lambert mudara de roupa e estava muito elegante para jantar, no seu fato de linho claro. Isabelle estava a carregar no botão do elevador, com o cabelo, ainda molhado nas pontas, a roçar a gola do vestido.

— Sim — respondeu Lara, calçando os sapatos.

Desta vez, não tinham nada programado. Passearam pela cidade, admirando edifícios, atravessando praças, até que chegaram à Ponte Vecchio, com as suas lojas antigas, suportadas por pilares, apertadas de cada um dos lados da ponte.

— Sabiam — começou Isabelle, timidamente, enquanto atravessavam a ponte — que na Segunda Guerra Mundial esta ponte esteve em vias de ser demolida? Mas era demasiado bonita. Nem os alemães foram capazes de fazê-la ir pelos ares.

Ambas olharam para Lambert, à espera de ouvir o que ele tinha para dizer.

— Sim, é muito bonita. — Olhou para trás, para o lado de onde tinham vindo, e o seu rosto não deixava transparecer a emoção das outras coisas, mais belas, que eles não tinham poupado. Aclarou a voz. — Esta ponte foi construída em 1354 — começou a contar — e até ao século XVI esteve ocupada por talhos, mas acontece que o rei Fernando I, que tinha uma passagem privativa na parte de cima da ponte, que ligava o Palácio Pitti aos Uffizi, não suportava o cheiro de carne e correu com os talhantes. Desde então, a rua encheu-se de ourives.

— Já imaginaram — murmurou Isabelle — ser detentor de um tal poder?

Caminharam lentamente, parando a cada montra, espreitando para o interior, até que Isabelle suspirou e levou as mãos à boca.

— A minha mãe tinha uma coisa igual àquela. — Apontou para um broche, uma borboleta de prata, feita com um novelo de minúsculos fios. — Quando ela morreu, procurei-o por todo o lado, mas nunca o encontrei.

Lara olhou para o pai, à espera de ver o que iria ele fazer. Mas Lambert estava a olhar pela janela que ficava ao fundo da loja, para a água que ficava por detrás.

Passearam até ao cair da noite, sem terem em mente um lugar específico para jantar. Atravessaram e voltaram a atravessar o rio, caminhando lentamente ao longo de cada uma das margens, escutando as explicações de Lambert sobre a arquitectura, as datas e a história de cada ponte. Era como se ele tivesse vivido toda a vida em Florença, tivesse nascido e sido criado em Itália, tivesse vivido mil anos e sido uma peça-chave na concepção da cidade. De vez em quando, passavam por um restaurante, paravam e espreitavam o menu, lendo em coro, quase num sussurro. Mas sempre sem discussão continuavam caminho. De que andavam à procura, Lara não sabia, até que o viram — o lugar perfeito. Um restaurante construído dentro da muralha. Era banhado por uma luz dourada e do seu interior emanava o cheiro quente de comida a ser cozinhada, e o agradável som de gargalhadas, de

copos e talheres. Havia escadas que conduziam ao restaurante e, como que atraídos por magia, nem se dando ao trabalho de olhar para o menu afixado na porta, querendo apenas fazer parte daquele galeão dourado que flutuava acima da água, entraram.

Assim que as entradas chegaram, perceberam logo que tinham sido enganados.

— Isto é comida para turistas! — exclamou Isabelle, destroçada. — Tudo isto foi feito na segunda-feira e vão servi-lo até ao fim da semana.

Era verdade, a comida era sensaborona, a salada estava murcha e as doses eram pequenas. A desilusão não teria sido tão grande se estivessem em Inglaterra, onde estavam habituados a comprar sanduíches a saber a borracha velha, mas aqui, em Itália, era uma verdadeira desgraça. O segundo prato não foi melhor, gorduroso e meio frio. Incapazes de o terminar, pediram a conta.

Lambert pagou, deixando o dinheiro num prato e então, quando se levantaram para sair, o seu olhar iluminou-se.

— *Porca Madonna!* — rosnou ele, suficientemente alto para ser ouvido, e deitando abaixo um copo, no meio da excitação, gritou-lhes para que corressem.

Desceram as escadas e correram até chegarem a meio da rua, altura em que riam tanto que tiveram de parar e encostar-se à muralha do rio. Por fim, dirigiram-se para o hotel, sentindo a comida pesada dispersar a cada quinhentos metros, inspirando o ar quente e estagnado, deixando para trás o sabor do vinho e do pão seco, ainda rindo por vezes, unidos pelo seu crime e pela sua coragem. Nem se preocuparam em evitar cruzar os olhares ao entrarem no elevador, e até se mantiveram muito chegados na subida até ao último andar.

— Deve ter sido a comida — desculpou-se Lambert, à mesa do pequeno-almoço. — Não te importas, pois não, de ir dar uma volta pela cidade sozinha? Acho que é preferível ficar com ela, para o caso...

— Claro. — Lara detestou a ideia de que ele pudesse estar a mentir e, assim que pôde, interrompeu-o. — Não se preocupe.

Saiu pouco depois do pequeno-almoço, levando um mapa com a localização do hotel marcada a vermelho pelo recepcionista do hotel. Descobriu o caminho para o rio e, daí, avançou na direcção da Ponte Vecchio e, para lá dela, do Palácio Pitti. O Palácio Pitti não era pequeno, como ela o tinha imaginado, mas sim um edifício enorme, imponente, de pedra cinzenta. Comprou um bilhete e subiu até ao topo de uma ampla escadaria, onde descobriu uma sala com estátuas talhadas em mármore branco, sendo que as dos homens estavam todas, sem excepção, com o pénis arrancado. A que propósito? Observou mais de perto. Como e quando teria aquilo acontecido? Olhou em volta, para ver se havia alguém a quem pudesse colocar a questão, mas todas as pessoas estavam a olhar para as pinturas, para os retratos e naturezas-mortas, para as cenas de crueldade e de morte do Velho Testamento, sombrias e arrebatadas.

Percorreu as salas, mas deu por si a apreciar os tectos, esculpidos e moldados em ouro, as paredes, forradas por um papel de padrão elaborado e os detalhes dos ladrilhos no chão. Nos aposentos reais, havia carpetes, candelabros de cristal e camas de colunas e sentiu-se tão deslumbrada pelo seu esplendor que mal olhou para os quadros.

Quando finalmente saiu para o exterior, sentiu vontade de se deitar. Sentou-se num banco do pátio e deixou que os olhos repousassem, agradecidos, na pedra lisa. Dois gatos ficaram a mirá-la, na expectativa de que tivesse alguma comida.

— Xô daqui! Vão-se embora! — Não conseguia enternecer-se perante aqueles gatos de pêlo imundo e orelhas carcomidas. Pensou no seu gato, *Berry*, com o andar delicado e peito branco luminoso.

— Desculpem — disse, cheia de remorsos, perguntando-se quando é que se tornara tão dura. Entrou no café e comprou um pacote de *biscotti* e leite, e deitando o leite num prato, ficou a vê-los bebê-lo.

Ao fundo do pátio, havia uma fonte carregada de nenúfares, onde querubins de pedra brincavam às lutas, na água. O fundo estava pejado de moedas, resultado de, pelo menos, um ano de desejos. Lara atirou também uma moeda. Observou-a a descrever um arco, rodopiar e mergulhar na água e imediatamente antes de a moeda atingir o fundo, desejou que a sua vida começasse. Seria pedir de demasiado? Demasiado ambicioso? Pedir um desejo para toda a vida? Mas nas ruas onde vivia, tinha visto demasiadas pessoas entrarem em desespero por causa de doenças, da pobreza, de vidros partidos e maridos bêbedos, para não saber como é que as coisas podiam acabar. Pensou na mãe, no quanto ela se havia esforçado para conseguir criar um espaço alegre e luminoso para ambas: pintara de branco os quartos da pequena casa para parecerem maiores, e de azul-vivo o frigorífico em segunda mão que estava manchado. Sentiu um aperto no coração, tão agudo que teve de voltar para o banco, mas não sabia por quem era. Pela mãe, decidiu, apesar de o nome de Kip estar na palma da sua mão, pronto para ser lançado sob a forma de uma nova moeda. Kip. Permitiu-se pensar nessa possibilidade, mas foi demasiado cobarde para pedir mais desejos.

Lara deambulou pelas ruas, comprou uma fatia de piza, ficou a olhar para os adolescentes, fazendo poses disparatadas para as fotografias. Pareciam tão bem tratados. Como é que eles tinham conseguido manter-se crianças quando ela se tornara adulta há tanto tempo?

Mais tarde, bateu à porta de Lambert.

— Estou de regresso — informou, através da madeira envernizada, mas não obteve resposta.

Lara estava quase a dormir quando Lambert foi ao encontro dela.

— Estás pronta? Temos de sair quanto antes.

Isabelle estava atrás dele, um pouco mais afastada.

— Sente-se melhor? — perguntou Lara. Sempre era verdade, Isabelle estava mesmo pálida.

Foram juntos até à estação e Lara esperou, olhando em volta à procura de alguma coisa que a distraísse enquanto Lambert e Isabelle se despediam. Mas não era preciso fingir tal alheamento, porque eles apenas trocaram um pequeno beijo na face e acenaram uma única vez, antes de o comboio iniciar a marcha.

— Adeus, Lara — gritou Isabelle e Lara teve de se voltar rapidamente para conseguir acenar antes que ela desaparecesse de vista.

Faltava meia hora para o comboio deles sair, e para compensar a viagem anterior, compraram provisões suficientes para uma semana. *Panini* e batatas fritas e sacos castanhos a transbordar de

fruta, jornais, revistas e guloseimas. Sentaram-se de frente um para o outro, folheando páginas brilhantes e perfumadas, comendo os seus víveres, bebendo quantidades luxuosas de água e quando, passada uma hora, Lambert descalçou os sapatos e pousou os pés no assento dela, Lara não estremeceu nem se afastou.

Ginny e Caroline aguardavam-nos na estação de Siena. Lara viu-as assim que desceu do comboio.

— Muito bem — disse Caroline, quando eles se aproximaram. — Conseguiram regressar. — E olhou para Lambert com um olhar divertido.

Ginny não se conteve e deu um abraço a Lara.

— Como é que correu? — perguntou.

Lara descreveu as maravilhas de Florença com muito mais prazer do que aquele que sentira na altura.

— Devia lá ir — instigou-a.

Mas Ginny começou a murmurar ansiosamente qualquer coisa sobre a mãe e tomates e Lara percebeu logo que ela já se tinha decidido a ir directamente para casa.

— Isso fez-me lembrar — começou Caroline, quando entraram no carro — que preciso de saber se ficam para o Palio. É quase impossível arranjar bilhetes, por isso se estão...

— Sim — respondeu Lambert sem hesitação.

— Lara? — Caroline estava a olhá-la com muita intensidade. — Ficas?

— Sim — acenou entusiasticamente. E imaginou a mortífera corrida de cavalos, os gritos das pessoas, mas, essencialmente, a oportunidade daqueles dias extra.

— Pois muito bem! — Caroline estava a sorrir. — Fico contente, independentemente do que quer que vos tenha feito mudar de ideias. — E, ao volante, levou-os na direcção do ar fresco e doce de casa.

A camisola de Kip tinha sido lavada, passada a ferro e dobrada juntamente com as roupas dela. Lara tirou-a para fora e cheirou-a, mas não havia cheiro nenhum, à excepção de sabão de roupa e ar puro. Levo-a comigo amanhã, pensou, e nesse preciso momento, Lambert apareceu à porta.

— Não deverias perguntar à tua mãe...? — Tossiu ao proferir a palavra pouco familiar. — Perguntar à tua mãe se podes ficar? Ou pelo menos dar-lhe conhecimento disso.

— Sim. — Lara constatou que ainda estava a segurar a camisola e, confusa, vestiu-a. — Vou já tratar disso.

Desceram ao andar de baixo, o telefone estava na secretária de Caroline. Lambert ajudou-a com o indicativo e depois foi fazer tempo para o terraço, acendendo um cigarro, enquanto Lara marcava o seu número de telefone e ouvia o familiar toque de chamada. Conseguia ouvir o eco do toque na mesa verde do vestíbulo, subindo as escadas, ressoando pela cozinha, onde provavelmente a mãe estaria sentada a ler o jornal, talvez com uma panela de arroz ou um pouco de sopa a cozer ao lume.

— Mãe? Sou eu.

A mãe teve um sobressalto, como se ouvir a voz de Lara fosse doloroso.

— Lara?

— Como é que está? — Lara estava a arreliá-la, deixando-a na expectativa, porque, como é óbvio,

sabia que Cathy estaria demasiado apreensiva com o motivo daquele telefonema para se dar sequer ao trabalho de responder que estava bem.

— Há algum problema?

— Só lhe queria dizer que vou ficar aqui por mais algum tempo. — Conseguiu sentir que a respiração da mãe se alterara. — Só mais uns cinco dias, por isso não conte comigo no final da próxima semana.

— Está bem... — A mãe estava agora a tentar detectar algumas pistas. — E queres mesmo ficar?

— Sim. É por causa de uma corrida de cavalos. O Palio. Pelo que contam, seria uma loucura perdermos esta oportunidade. — Lara sabia que esta era uma linguagem de complacência que Cathy não tinha desejo de compreender.

Fez-se silêncio.

— Bem... — disse, por fim. — Diverte-te.

— Obrigada. — Houve uma pausa que, num filme americano, teria sido aproveitada para duas pessoas declararem o seu amor. — Então, adeus. Até breve. Adeus. — E sem mais nada para dizer, desligaram ambas o telefone.

Lara sabia que, para a mãe, o telefone era uma máquina perigosa: podíamos pegar nele, discar um número, perdermo-nos em conversas e depois, passados uns meses, o seu custo ruinoso bater-nos-ia à porta. Havia um radiador assim, no vestíbulo. Um radiador eléctrico que usavam apenas no pino do Inverno, quando o interior dos vidros das janelas congelava. Cathy ligava-o, mas assim que o vestíbulo, com o seu tapete e o soalho nu de madeira corrida, começava a descongelar, perdia a coragem e voltava a desligá-lo. Lara costumava olhar para ele, a luz vermelha a piscar, o extremo aguçado pulsando calor, e imaginava notas de uma libra queimando na sua frente, encarquilhando e tombando no chão.

— Ah, é verdade. — Eram horas do pequeno-almoço e Caroline estava a deitar açúcar no café bem quente. — Os teus amigos de Ceccomoro vieram à tua procura.

— A sério? — Lara estudou a maçã que estava a cortar às fatias longitudinais para admirar a estrela do interior. — Quando?

— Ontem. Ou anteontem. Deixa-me cá ver... — Fechou os olhos para tentar recordar-se da data. — Iam dar um passeio qualquer e vieram saber se os querias acompanhar. — Caroline sorriu, servindo-se de um pãozinho branco e fofo. — Mas disse-lhes que estavas fora.

— Eu tenho, eu... — Baixou os olhos para o prato. — Estava a pensar se haveria alguma forma de ir até lá a pé. Tenho uma coisa... para devolver.

— Ah, não te preocupes. Vou ter de lá ir falar com o Andrew. Se quiseres, posso levar.

Lara mordeu o lábio.

— Obrigada. — Via as suas hipóteses irem por água abaixo. — Vou buscá-la. É apenas uma camisola. Acho que é do Kip.

— Mas haverá uma forma? — Lambert levantou os olhos do jornal, onde as notícias sobre o casamento real tinham finalmente cedido o destaque de primeira página à notícia da morte de mais um irlandês em greve de fome. — Haverá uma forma de se ir a pé até Ceccomoro? Talvez fosse

interessante a Lara experimentá-lo antes que o calor comece a apertar.

— Não faço ideia. Não estou mesmo a ver como. — Caroline olhou para Lara. — Mas se fazes questão de ir, aproveita a boleia.

Uma hora mais tarde, estavam a percorrer a estrada até Ceccomoro. Caroline ia ao volante e à medida que passavam sob as árvores, a cara dela ficava malhada de sombras, mas nos troços abertos, entre campos de girassóis e milheirais, a sua pele ficava branca como cera.

— Gostaste de Florença? — perguntou.

Lara respondeu com demasiada prontidão, como uma rapariguinha das Guias:

— Oh, sim!

— Deve ter sido um programa extremamente preenchido, a correr de um lado para o outro para ver tudo... — Caroline fez uma pausa e Lara percebeu que ela estava a tentar obter informações.

— Sim — disse, desta vez mais hesitante. — E estava um calor insuportável.

— Queres dizer que esteve demasiado calor para visitar galerias?

— Não. — Lara já lhe tinha falado, na véspera, ao jantar, sobre o esplendor da cidade, as filas para os Uffizi, a beleza serena da estátua de *David*, tendo sido ocasionalmente interrompida por Lambert, que ia acrescentando os seus comentários como se tivesse estado o tempo todo com ela.

— Não, mas estava muito calor para andar a passear. O ar é muito pesado, cansa-nos.

— É um tempo para *siestas*... — murmurou ela.

E recordando o luxo que era aquela casa de banho branca, Lara descontraiu-se.

— É verdade, custava muito deixar o hotel.

Caroline desviou os olhos da estrada e olhou para ela, apenas por um segundo, e Lara teve a certeza, se bem que não conseguisse imaginar como, de que tinha deixado escapar alguma coisa.

Em silêncio, contornaram o limite exterior do vale, abrandando no ponto em que o aglomerado de casas que era agora Ceccomoro ficava aninhado na encosta da colina.

— Até há não muito tempo, havia gente a viver aqui — contou Caroline. — Gente idosa que viveu nesta aldeia toda a sua vida, que nunca saiu destas colinas. Consegues imaginar o que é isso? Nunca ter ido sequer a Siena?

Caroline virou no estreito caminho de gravilha, passou pelos leões de pedra, e estacionou no pátio. Lara segurou com força a camisola de Kip, como se esta fosse um bilhete. Reparou que o jipe não se encontrava ali e, ao seguir Caroline, que não havia ninguém na piscina nem no roseiral.

Pararam no fresco *hall* de pedra do edifício principal, subiram uns quantos degraus até uma sala elaboradamente decorada, onde videiras, flores e diamantes estavam pintados directamente sobre o estuque, e ali, como se tivesse estado à espera delas, estava Andrew Willoughby, de pantufas e lenço ao pescoço, segurando uma pasta com papéis debaixo do braço.

— Querida — encostou os lábios à face de porcelana de Caroline. — Tão pontual! E quem é que temos aqui? — Voltou-se para Lara, erguendo um sobrolho. — Uma jovem secretária?

Havia uma conotação tão sexual na palavra secretária que Lara sentiu necessidade de olhar para os sapatos.

— Espero lá fora, no jardim. — E continuando a apertar a camisola, deu meia-volta e tornou a sair.

Deambulou pelo roseiral, apanhando as pétalas caídas, recordando-se de que, quando era criança, costuma polvilhá-las de açúcar e deixá-las do lado de fora da janela durante a noite, na esperança de que, assim que acordasse, elas se tivessem transformado em guloseimas. Conseguia mesmo sentir aquela estranha doçura meio bolorenta e recordar-se de que as pétalas nunca ficavam exactamente iguais às da ilustração do livro.

Ao fundo do roseiral, havia um portão e um caminho que descia e depois subia colina acima. No topo, havia uma estátua, uma figura de braços abertos. Incapaz de resistir, Lara transpôs o portão. Entrou noutro jardim, cheio de árvores e carregado dos odores a pinheiros e bolotas, a terra e ribeiros secos. Caminhou lentamente a princípio, pois não sabia se lhe era permitido estar ali, e depois, quanto mais o caminho à sua frente se estendia, mais depressa ela avançava, até que desatou a correr. Talvez aquele fosse o caminho que ligava à casa de Caroline, ou algum caminho subsidiário. Entrou numa zona de arbustos e, protegendo os olhos, tentou descortinar algum campo, colina ou alguma estrada longínqua que lhe parecesse familiar.

Em vez disso, embateu numa coisa que se encontrava aos seus pés, quase tropeçando. Parecia uma pedra branca, mas quando se agachou, viu que se tratava de um par de seios, ali isolados, sem um corpo à vista. Os seios estavam maravilhosamente esculpidos, perfeitos no seu contorno, os mamilos ligeiramente diferentes, tal como os dela. Lara olhou para trás, na direcção de onde tinha vindo e reparou noutras elevações que tinha julgado serem pedras delimitando o caminho que acabara de percorrer. Fez o trajecto inverso, vagarosamente, inspeccionando cada um dos montículos, mais seios, algumas nádegas e um pénis que teria deixado Miguel Ângelo envergonhado.

Quando acabou de os inspeccionar a todos, o sol estava quase a pique, secando a erva, fazendo-a estalar e crepitar ao longo do caminho branco. Sentia a cabeça a andar à roda, os tornozelos ardiam-lhe nas zonas que tinham ficado arranhadas, e a camisola, que continuava a segurar, estava húmida do suor das suas mãos. Ignorando o último pénis flácido, deitado na sua almofada de bolas de pedra, voltou para trás, transpôs o portão, contornou o jardim e aproximou-se lentamente da sombra de Ceccomoro. Lá estava a piscina, tão fresca e convidativa. Lara libertou-se das sandálias e sentou-se na borda, mergulhando os pés e as pernas.

— Ah, és tu.

Pamela estava de pé, do outro lado, a olhar para ela. Envergava um quimono cor-de-rosa e preto, cujas mangas quase tocavam o chão, o cabelo apanhado num carrapito, mas a cara denunciava-a. Estava inchada, marcada pelas lágrimas. Retirou um lenço do bolso e, voltando-se, assoou-se.

— Estás bem? — perguntou, fungando. — Aqui fora, completamente só?

— Estou bem, estou... — Lara hesitou e depois, aliviada por ter alguma coisa para fazer, apanhou a camisola e retirando os pés da água, entregou-lha. — Levei isto emprestado há imenso tempo e achei melhor vir devolvê-la. Acho que é do Kip.

— Estou a ver. — Pamela recebeu a camisola e apertou-a contra si. — Eles saíram todos.

— Eu sei, não faz mal. Eu queria ir a pé para casa, mas a Caroline não conhece o caminho.

Pamela olhou em redor. Tinha os olhos raiados de sangue, o rímel esborratado nas finas linhas húmidas.

— Queres saber onde fica o caminho da fuga? — Riu secamente e apertando o quimono, começou a descer o caminho que corria por detrás do jardim. — Vou mostrar-te onde fica.

Foi avançando a passos largos, as suas pernas nuas, morenas, eram apenas ligeiramente menos bonitas do que as da filha Lulu, e os ombros e o cabelo queimado do sol, vistos por trás, eram idênticos.

— A partir daqui... — parou e apontou. — Vais na direcção daquele terreno agrícola, que acompanhas pela borda até chegares à esquina, onde encontrarás um caminho por entre o milheiral. Só tens de seguir por aí para, ao cabo de vinte minutos, desembocares na estrada que fica sobranceira à tua casa. — Pamela deve ter captado o olhar apreensivo de Lara, porque lhe lançou um sorriso de encorajamento. — Depressa vais perceber onde te encontras. E não te esqueças, cuidado com o javali.

— Sim. — Lara retribuiu o sorriso, esperando que se tratasse de uma piada. — Vai correr tudo bem.

Só quando já ia a meio do caminho que ladeava o terreno é que se lembrou de Caroline. Deu meia-volta para gritar um recado a Pamela, mas já ela desaparecera de vista. Ficou parada por uns instantes, indecisa, e olhou para trás, para Ceccomoro, para as paredes brancas das casas, os degraus e telhados vermelhos, as portadas cinzentas e, por baixo, escavada no flanco da colina, a faixa azul da piscina, bordejada de alfazema, tão densa que imaginou sentir o seu cheiro àquela distância. Ouviu então o ecoar distante de um grito e o som inconfundível de um mergulho. Seriam eles? Mas se eram eles que tinham regressado, certamente que ela teria ouvido o carro. Sabendo também que já era demasiado tarde para voltar atrás, continuou a avançar.

Ali estava a esquina do terreno, tal como Pamela assegurara, e uma massa alta de pés de milho, de um verde muito vivo, que pareciam maçarocas. Eram tão viçosos e macios que a fizeram pensar em água e constatou que, apesar de estar com tanta sede, se esquecera de pedir alguma coisa para beber. Agora Lara avançava mais rapidamente, consumida por um único desejo: ver-se de regresso àquela que subitamente considerou ser a sua «casa». À sua frente estava o caminho. Ficou orgulhosa com o seu sucesso, com as suas capacidades, com a sua intrepidez e qualidades de navegadora, mas passados alguns minutos, e como que para castigá-la, surgiu um segundo caminho, desdobrando-se um pouco para o lado. Nenhum deles oferecia uma única pista do lugar onde ia dar.

E agora? Que faço? Não querendo deter-se por muito tempo, escolheu um deles ao acaso, e começou a avançar apressadamente, com o milho a dar-lhe pela cintura, a terra clara do caminho diminuindo à medida que a folhagem se tornava mais densa, as pernas e os braços marcados por arranhões pouco profundos, os olhos a arder da poeira libertada pelos caules que eram sacudidos. Continuou a avançar, apesar de lhe parecer impossível que aquele fosse o caminho certo. Por fim, e para responder às suas dúvidas, o trilho chegou ao fim. Viu-se no meio de um campo, rodeada de milho por todos os lados. Lara parou. Tinha a garganta sequíssima, o calor estava a provocar-lhe um zumbido na cabeça e uma zona queimada no alto da sua cabeça estava a ficar mais dorida a cada raio de sol. Deu meia-volta lenta e relutantemente, e abrindo caminho por entre os caules já pisados, chegou surpreendentemente depressa ao ponto em que o caminho bifurcava. Nem se atreveu a olhar para Ceccomoro, a imaginar a piscina e a mesa que, àquela hora, já devia estar posta para o almoço. Por isso, meteu-se pelo outro caminho.

A erva era mais baixa, macia como uma banana, acalmando-lhe os braços feridos. O caminho serpenteou, mudou de direcção, alargou e atravessou um pequeno bosque onde as árvores estavam inclinadas, criando um refúgio de sombra. Lara parou, bebendo a frescura, encostando os seus

membros doridos ao tronco cor de granito de uma árvore, deixando que o ardor que sentia na cabeça repousasse e sossegasse. Já não devia estar longe.

Espreitou para a entrada escura do caminho que mergulhava no fio de água vermelho-ferrugem de um pântano seco, e viu, com grande desilusão, que daí partia outro caminho, mais estreito, mas mais direito, vislumbrando a luz tremeluzente do sol ao fundo.

Regressou à sua árvore. Tinha a boca tão seca que mal conseguia engolir. Uma grande sensação de desalento foi crescendo dentro dela. Ficaria ali para sempre, perdida naquele bosque, acabando por ser comida por um javali. Teve de rir, então, quando deslizou pela árvore até ao chão. O que tornava tudo pior era o facto de ela saber que poderia voltar para trás com a maior das facilidades. Se corresse, em dez minutos ou menos estaria em Ceccomoro, mergulhando na piscina, saboreando um copo de sumo fresquíssimo. Mas mesmo quando estava a pensar nisso, sabia que essa solução estava completamente fora de questão. Para isso, primeiro era preciso que um javali selvagem lhe comesse um dos braços, pelo menos.

— Santo Deus! — exclamou, em voz alta, avançando para o fundo do riacho. A terra estava quebradiça, e quando esticou o braço para se agarrar à raiz de uma árvore e içar-se, ouviu um barulho, um restolhar de erva, o bater de pés. Gotas de suor cobriram-lhe o corpo e o coração começou a bater tão forte que conseguia senti-lo pulsar nos ouvidos.

— Quem é que teve esta ideia? — Era uma voz masculina, grave e queixosa.

E, depois, a de uma rapariga, irritada:

— Foi tua!

— Das duas uma: ou ela é uma atleta olímpica ou foi raptada pelos comunistas. — Reconheceu a voz como sendo a de Kip.

— Não brinques. — Era May — A sério. Podiam tê-la confundido com alguém importante.

Lara olhou para baixo, para as pernas. Havia um longo fio de sangue onde um galho lhe atingira uma veia. As mãos estavam cinzentas de terra e sentia pedaços de casca picarem-lhe o couro cabeludo. Engoliu em seco e as lágrimas começaram a picar-lhe perigosamente os olhos.

— Vamos voltar para trás. — May estava agora muito perto. — Senão a P ainda nos mata.

Lara susteve a respiração quando Kip, primeiro, nos seus mocassins muito usados, os tornozelos bronzeados a saírem das calças de ganga e, a seguir, a irmã, de calções de caqui e chinelos, passaram por ela, roçando na erva.

Lara mal se atreveu a respirar enquanto eles não desapareceram de vista, mas assim que sentiu que era seguro, trepou para a outra margem até à boca do caminho por onde eles tinham vindo e correu sem parar até chegar à estrada. Irrompeu pela estrada, tão zonga de alívio que a princípio não conseguiu orientar-se. Onde estava a casa? Para a esquerda ou para a direita? Mais para cima ou para baixo? Mas quando um carro passou, célere, e os três homens que seguiam no seu interior se voltaram para olharem para ela, de vestido de alças esfarrapado e sandálias rasgadas, lembrou-se. Desatou a correr estrada abaixo, abrandando apenas para entrar sorrateiramente pela porta e subir até ao seu quarto, onde esperou até alcançar a segurança da casa de banho para, sob o chuveiro, se permitir, por breves instantes, soluçar.

— Perdeste um almoço muito agradável — disse Caroline, olhando-a atentamente à mesa do chá.

— Os desgraçados dos Willoughby mais novos foram à tua procura.

Lambert levantou os olhos.

— Eu só queria encontrar o caminho — justificou, mas percebeu que Caroline não aprovava o seu gesto.

— Acho que seria muito simpático da tua parte — continuou Caroline — se lhes telefonasses a informar que estavas bem.

Anotou o número de telefone, e assim que Lara o marcou, retirou-se graciosamente para o terraço, onde Lambert estava a trabalhar, à sombra.

Quanto mais o telefone tocava, mais calmamente Lara respirava. Quem estaria dentro de casa numa tarde tão bonita? E voltando-se para se certificar de que Caroline tinha testemunhado a sua tentativa, preparou-se para colocar o auscultador no descanso.

— *Pronto?*

Demasiado tarde. Lara aclarou a voz.

— Olá. É a... Lara.

— Lara. — Era a inconfundível voz arrastada de Roland. — Estávamos precisamente a interrogar-nos sobre o que te teria acontecido, e agora posso perguntar-te pessoalmente: queres ou não queres ir dar uma volta connosco, amanhã?

Lara hesitou, olhou para o pai e recordou-se de como tinha sido embaraçoso da última vez que ele tinha ficado para trás.

— Vamos até à Cascata do Amor. Sabes... — E assumindo um falso sotaque italiano: — *La cascata dell'amore*. E é muito bonito dizeres que vais, mas o que se passou no outro dia? Fazes promessas e depois desapareces sem dizer nada?

— Eu... fomos até Florença!

— Lara... — Roland riu. — Eu estava a brincar contigo!

— Agora a sério. — E baixando a voz: — O meu pai pode ir connosco? É que...

O riso de Roland tornou-se numa gargalhada.

— Claro, traz quem tu quiseses. Traz a tua mãe, a tua irmã. Traz a cozinheira! — Quase se engasgou de tal forma a ideia lhe pareceu hilariante e, ainda a rir, desligou o telefone.

Às dez da manhã do dia seguinte, Lara e Lambert já estavam prontos, as toalhas enroladas num chouriço, com os fatos de banho dentro. Ginny tinha-lhes preparado um saco de mantimentos: grandes sanduíches, bem recheadas de fiambre e *mozzarella*, unidos com azeite, e um cesto com meia dúzia de frutas diferentes. Caroline tinha encontrado um jornal em Siena, um exemplar do *Times*, que Lambert, encostado à ombreira da porta, estava a folhear.

— Divirtam-se! — gritou Caroline, quando o primeiro dos dois carros estacionou na entrada da garagem.

Piers saiu do carro e, vendo Lambert, acenou cordialmente com a cabeça e abriu-lhe a porta do passageiro, oferecendo-lhe o braço como se ele fosse um idoso.

— Lara! — chamou Roland que estava ao volante do jipe, de tronco nu. — Entra lá para trás,

vamos fazer uma corrida com eles.

Lara lançou um olhar a Lambert para lhe mostrar que não tinha alternativa e, atirando o saco e a toalha para dentro do carro, trepou para a parte de trás, transpondo a porta de metal.

— Olá. — Kip estava no banco da frente e voltou-se, captando, por um segundo, o olhar dela.

Sentiu-se derreter. A arder e a dissolver ao mesmo tempo.

— Olá — murmurou, e sentiu-se tão zozza que fechou os olhos.

— Estás bem? — Era Tabitha, que estava sentada do outro lado, com um vestido vermelho vivo, cujas mangas rendilhadas e decote redondo e acentuado revelavam a beleza da metade superior do seu corpo, ajudando a desviar a atenção das suas pernas, que desde a última semana tinham inchado, a barriga das pernas pesada e cheia de varizes, os tornozelos indistintos.

— Sim — respondeu Lara, beliscando a parte de trás do joelho, onde ninguém repararia. — Fomos até Florença por uns dias, foi só isso.

Mas Tabitha estava demasiado cansada para se concentrar mais. Deixou a cabeça cair para trás, a mão pousada no alto da barriga.

— Prontos? — perguntou Roland, e arrancou, acelerando.

— Cuidado — sussurrou Tabitha, mas pareceu que ninguém a ouviu.

Depressa ultrapassaram os outros, que estavam a conduzir mais calmamente, Lambert na frente e, atrás, duas raparigas que Lara não reconheceu. Quando estavam a ultrapassá-los, captou o olhar do pai, e ao vê-lo tão alarmado, forçou-se a acenar-lhe alegremente. Pouco depois, viraram numa estrada que não estava aplanada, e em vez de abrandar, Roland continuou a acelerar, fazendo com que o carro chocalhasse e saltasse por cima das lombas do piso.

— Calma aí! — gritou May, involuntariamente, ao ver a irmã ser atirada ao ar, quase tocando o tejadilho, e Antonia, que estava do outro lado de Tabitha, perguntou-lhe, gritando por sobre o barulho, se não achava que estaria melhor sentada à frente.

Tabitha limitou-se a abanar a cabeça.

— Eu estou bem. — Mas umas gotas de suor formaram-se-lhe na testa.

Conduziram por montes e vales, guinando nas curvas e contracurvas, caindo para cima uns dos outros, agarrando-se com toda a força às paredes de metal e de lona. A poeira entrava pela abertura traseira, e os carros, aqueles em que por pouco não embatiam, buzinaavam furiosamente, e Roland, optando por ignorar o tom recriminatório, buzinaava de volta alegremente. Quando finalmente pararam junto de um pomar, onde vários outros carros estavam estacionados, Lara estava tão zangada que mal se conseguia conter. Apetecia-lhe correr para Roland e esmurrá-lo, manifestar-lhe a sua revolta pelo comportamento dele, mas sabia que qualquer indício de sensibilidade seria recebido com hilaridade e deleite.

— Conseguimos! — Roland espreguiçou-se, encolhendo a barriga e espetando o peito. — A cascata *L'Amore*!

Abriu os braços, de músculos contraídos, o cabelo caído e húmido do suor. Deixou-se ficar assim, mais tempo do que seria necessário, como que gozando simplesmente a força do seu corpo, o glorioso privilégio de ser ele, de estar vivo. Não conseguindo resistir, os cinco ficaram a olhar para ele: um leão, o líder do seu bando. Para mostrar que já tinha visto aquilo muitas vezes, mas incapaz de disfarçar um sorriso de orgulho, Tabitha pegou num cesto de vime e começou a avançar na

direcção da água — cujo barulho era tão forte e apoderara-se de tal forma dos seus ouvidos que Lara só então se apercebeu dele.

A cascata era impressionante. Ao cair, formava uma massa de espuma que de imediato se transformava numa corrente de água verde translúcida que desembocava, depois, num lago mais abaixo. O lago estava rodeado por rochas planas e quentes, como se a natureza as tivesse formado para nenhum outro propósito que não o da diversão. Viam-se pessoas a nadar no lago mais baixo, deixando-se empurrar pela água revolta, agarrando-se às rochas para não serem levadas pela corrente.

Tabitha estava a estender uma manta à sombra de uma árvore que ficava sobranceira ao lago. Lara desenrolou a toalha ao lado dela e ficou a ver May, de corpo seco e bronzeado no seu fato de banho azul-turquesa, entrar no rio. Olhou em volta, à procura dos outros, e viu Roland, seguido de Kip e de Antonia, trepar as rochas que conduziam ao topo. As rochas eram enormes, com fendas e reentrâncias para apoiar os pés, e Lara percebeu, só de olhar para lá, que não seria fácil descer.

Por fim, atingiram o topo, voltaram-se e, um a um, avançaram ao longo das pedras escorregadias até chegarem ao ponto que ficava precisamente sobre a zona onde a água caía. Roland ergueu os braços, soltou um grito de batalha e depois, em vez de saltar, esticou o braço e empurrou Kip do rochedo. O sangue de Lara subiu-lhe à cabeça, as mãos cerraram-se, mas, ao lado dela, Tabitha estava a rir.

Kip caiu, meio escondido pela queda de água, os braços e as pernas curvados para fora, para evitarem as rochas. Pareceu a Lara que a boca dele se abrisse num grito, mas depois atingiu a água e desapareceu. Mal conseguia aguentar a espera. Mais do que tudo, desejava desviar o olhar, mas não o queria fazer sem primeiro o ver emergir, são e salvo. E ali estava ele: triunfante, cuspiendo água, os olhos brilhantes.

— Agora é a vossa vez, seus canalhas — gritou para cima, para onde Roland e Antonia ainda se encontravam. Virou-se de costas e impulsionou-se em direcção à boca do rio.

Lara vestiu o fato de banho, atirou o vestido e correu na direcção dele. Graças a Deus que estás bem, queria dizer-lhe, mas nem uma palavra lhe saiu. Em vez disso, sorriu e deslizou para dentro de água e, nadando para longe dele, fechou os olhos contra o sol e esperou que ele lhe tocasse. Quase conseguia senti-lo. O seu abraço debaixo de água, o retomar da sua conversa secreta, sem necessidade de palavras, mas em vez de Kip, foi agarrada por um estranho. Era compacto e forte. Os músculos do braço dele apertaram-lhe a carne. Lara debateu-se para se libertar, mas quando tentou repeli-lo, sentiu a água à sua volta a ser sugada para baixo e um adolescente, que se lançara como uma bomba, atingiu a superfície com tal força que a arrancou das mãos do homem e a empurrou para baixo. Quando subiu à superfície, o homem olhou para ela e abanou a cabeça. «*Stupida*», ouviu-o murmurar, quando, ainda sem fôlego, lhe agradeceu. *Molto genitale*, disse, mas não em voz alta.

A partir daí, Lara manteve-se junto às rochas, passeando-se pelos baixios, colada à margem. A água era tão clara nas margens que conseguia ver cardumes de minúsculos peixes dourados logo abaixo da superfície e outros, maiores e mais acastanhados, tão perto que teve a certeza de que poderia estender a mão e tocar um, fazer-lhe cócegas como um salmão até que ele adormecesse nas suas mãos. Sentou-se numa rocha meio submersa e ficou a ver Roland a saltar, as pernas direitas como uma agulha, a pele dourada cintilando na luz forte, e depois Antonia, que, após uma longa

espera cheia de hesitação, saltou para a cascata com um guincho. Quando emergiu, tinha os olhos brilhantes, içou-se para fora de água e, lançando um olhar de desdém a Roland e Kip, que se haviam recompensado com cigarros e estavam estirados, voltou a trepar a rocha e, após nova e excitante espera, lançou-se de novo.

Quando finalmente Lambert chegou, Lara já se tinha esquecido que ele também ia. Tinha-se esquecido do outro carro, com Piers ao volante, abrandando sensatamente nas curvas e contracurvas. Lambert trazia na mão o cesto da fruta e um guarda-sol comprido e enrolado. Vinha seguido por duas raparigas perfeitamente iguais que subiram timidamente para a rocha ao lado de Tabitha e se instalaram.

Lara saiu da água.

— Olá! — Tocou no braço do pai, que, voltando-se, fez as apresentações.

— Lara, estas são a Nettle e a Willow. A mãe delas é amiga da Pamela e deve aparecer dentro de dias.

— Willow e Nettle — corrigiram elas e olharam para Lara com o ar perplexo de quem passou muitos anos num colégio interno, as suas costas ossudas e curvadas.

Nesse preciso momento, Roland lançou-se do alto da rocha, saltando perigosamente da cascata, apertou os joelhos flectidos em pleno mergulho e caiu como uma estrela.

— Meu Deus! — exclamaram as raparigas, ficando a admirá-lo enquanto ele saía com um andar orgulhoso e confiante.

— Têm de tentar — disse-lhes, borrifando-as, mas elas deixaram-se ficar sentadas, dobradas sobre si próprias, os joelhos levantados, a barriga metida para dentro como a de um galgo.

Lambert sentou-se ao lado de May.

— E então? — Parecia pouco à vontade. — Que estás a dar na faculdade?

— Ah, não estou a dar grande importância à faculdade — respondeu ela, com igual embaraço. — Estive em Paris, a fazer um curso de culinária da Cordon Bleu e na próxima Primavera... vou-me casar.

— Sim — Lambert pigarreou. — Claro, já me lembro. Pois é.

Lara deitou-se ao sol, lendo o jornal ao mesmo tempo que observava Kip a saltar da cascata, a sua pele macia, o seu adorável corpo desengonçado. De tempos a tempos, a conversa de Lambert desviava-se para ela. Estava a contar a May a história de Siena, como, há muitos anos e durante tanto tempo, tinha estado em guerra com Florença. Lambert descreveu-lhe as batalhas entre as duas cidades, e a fraqueza nas políticas do Renascimento que acabaram por permitir que os franceses atacassem e tomassem o poder.

— No Palio, como deves saber, ainda prestam homenagem às cidades que os acolheram no exílio. Não é uma ideia extraordinária uma cidade inteira partir para o exílio — acrescentou, melancolicamente — e depois regressar a casa?

May murmurou que sim.

— Isso é muito interessante — concordou, com um entusiasmo um pouco excessivo. — Não sabia disso.

Por fim, Lambert levantou-se para ir dar um mergulho e assim que ele entrou na água, May mudou a toalha dela para junto de Piers.

— Estive a pensar — disse ela — que para além de vinho e de champanhe, também devíamos ter sidra no copo-de-água. Para to dos os teus horríveis amigos do *rugby*.

— Hum, como queiras — respondeu Piers, sonolento, e tomou-lhe a mão.

— Então, raparigas — Roland estava a agachar-se ao lado das gémeas —, quais são as novidades deste Verão? A vossa mãe continua naquela peça horrível?

— Sim — responderam, hesitantes.

Roland deitou-se ao lado delas, de costas para a mulher, apoiado num braço de forma que o músculo ficou totalmente destacado.

— E então, quais são os mexericos e os escândalos? Vá lá, contem-me alguma coisa que eu não saiba.

— Não há nada para contar — responderam, incomodadas. — Nada.

Tabitha ignorou-o. Tirou uma revista e, equilibrando-a na sua barriga protuberante, folheou as páginas sumptuosas.

Quando Lambert saiu da água, já não havia lugar para ele. Ficou de pé, por uns instantes, sem saber o que fazer, olhou para Antonia e Kip, no alto do penhasco, instigando-se mutuamente para saltos cada vez mais audaciosos. Olhou para Piers e May, de mãos dadas na sua manta, programando o seu casamento, discutindo amigavelmente os nomes dos bebés que esperavam vir a ter.

— Sente-se aqui — chamou Lara, batendo com a mão na toalha ao lado dela, e Lambert sentou-se.

Agora dependia dela. Teria de o entreter, mas não lhe ocorria nada para dizer. Olhou em volta ansiosamente. Como era possível que o ignorassem daquela maneira? Tagarelando e rindo, quando deviam aproveitar a oportunidade de poder conversar com ele. Mas apesar de estar a culpá-los, a verdade é que também ela se esforçava por descortinar alguma coisa para lhe dizer. Lambert abriu uma garrafa de sumo de alperce e ofereceu-a a todos, mas ninguém quis.

— E então... — Lara retirou a sua deixa das notícias. — Que irá acontecer se todos os grevistas da fome acabarem por morrer? — Tinha estado a ler no *Times* que os terroristas haviam disparado tiros por cima do caixão do homem de vinte e cinco anos que morrera após ter estado setenta e um dias sem comer. Sentiu os olhos encherem-se de lágrimas de pena, o coração encher-se de raiva em defesa dele. — Não há ninguém que faça *alguma* coisa? — Pareceu-lhe ouvir Roland suspirar, mas não olhou para trás.

Lambert semicerrou os olhos como se tivesse acabado de ver alguma coisa nova em Lara.

— Vai fazer uma diferença — respondeu ele —, mas apenas quando ninguém estiver a olhar. — E explicou como era importante que o governo nunca parecesse estar a falar com os seus inimigos, mesmo que a única maneira de ultrapassar os problemas fosse conversar. E começou a falar-lhe sobre o conflito da Irlanda do Norte, o nascimento do IRA, as políticas do Partido Conservador, e Lara ouviu tudo com tanto esforço que acabou por se distrair e deu por si a ver Kip a lutar com a irmã no alto da rocha. — A situação já te parece mais clara? — perguntou Lambert, obrigando-a a desviar a sua atenção de novo para o pai, e mesmo a tempo de apanhar Roland num enorme bocejo.

— Sim — acenou com sinceridade. — Acho que sim.

Lambert pegou no jornal e Lara leu, por cima do ombro dele, a notícia de um rapazinho que estava desaparecido desde o dia do casamento real. Nesse dia, usava calças escuras e uma camisola às riscas azul e branca, tendo sido visto pela última vez pela ama e pela irmã mais nova, quando comprara

guloseimas em Kensington High Street e depois se encaminhara para casa à frente delas. Uma semana, pensou Lara. Desapareceu há uma semana, e o rapaz que havia recriado os seus últimos passos, um rapaz chamado Sunil, também tinha usado a camisola às riscas e comprado precisamente as mesmas guloseimas.

Finalmente eram horas de almoçar. Os Willoughby tinham trazido um banquete. Lara empurrou o cesto de fruta para o centro e tirou as sanduíches, que pareciam pobres e quase um insulto ao lado do tabuleiro de frango, legumes assados, saladas e bolo que May e Tabhita retiraram do carro. Mas comer foi um alívio. Neste aspecto, havia qualquer coisa de unânime; era uma coisa em que todos podiam participar. Até Kip e Antonia se arrastaram para fora de água e vieram, enregelados e a brilhar, para a borda da toalha.

— Vamos fazer um jogo — sugeriu Piers, e decidiram então que cada pessoa, à vez, teria de dizer uma coisa que nunca tivesse feito.

— Nunca fiz sexo com uma cabra — começou Roland, com a boca ainda cheia, mas não ganhou nenhum ponto porque ninguém havia feito isso.

— Só ganhas pontos se todos os outros já tiverem feito isso — criticou May. — Precisas de ser o único a ter resistido aos encantos de uma cabra.

— Nunca fiz sexo... — Antonia parecia satisfeita — Com um homem!

Mas a sua pontuação não foi muito boa porque Roland, Kip, Piers, Lambert, Willow e Nettle levantaram as mãos.

— Nós também não! — gritaram.

— Piers... — May estava a espicaçá-lo. — Vá lá, sê honesto. E na escola?

— Isso também conta? — perguntou ele, arregalando os olhos, ao que lhe disseram que sim.

Roland riu e também baixou o braço.

— Eram só miúdos.

O coração de Lara batia apressadamente. A sua única noite contaria? A noite passada com hesitações e desculpas e mantendo os olhos bem fechados enquanto um rapaz de Turnpike Lane tentava fazer amor com ela? Sim, decidiu. Tinha de contar. E ficou satisfeita, então, por ter feito aquilo.

— Lara! — O grupo chamava-a. — É a tua vez!

— Está bem. Nunca... — que haveria de dizer? — usei franja. — Fez-se um momento de silêncio, enquanto todos os outros absorviam isto. — Quero dizer, sempre usei risca ao lado. Pensei em usar franja... mas...

— Está bem, está bem, sua tonta. A seguir. — Ouviram-se suspiros e gargalhadas e foi a vez de Tabitha.

— Nunca vi um javali.

— Nem eu.

— Eu também não. — Quase ninguém tinha visto. O jogo prosseguiu.

— Nunca consumi cocaína — disse Piers, triunfante, como se tivesse sabido que a sua abstinência viria a revelar-se útil. E estava certo. Todas as mãos se mantiveram em baixo, à excepção das de Lambert. Até mesmo Nettle e Willow mantiveram os braços caídos.

— Nunca vi a minha mãe nua — disse May e, por uns breves segundos, pareceu triste.

— Eu vi — disse Kip melancolicamente.

— Mas tu foste mimado. O bebé. O único que ela amou! — Devias ter estado lá. Não teve assim tanta graça.

— Tudo bem, chega de discussões — suspirou Antonia. — É a tua vez, Kip.

Kip pensou por um momento e depois levantou os olhos.

— Nunca estive apaixonado. — Fez-se um silêncio e os olhos dele percorreram o círculo. Por um curto instante cruzaram-se com os de Lara, que baixou o olhar.

Era óbvio que já tinha estado apaixonada. Toda a sua vida havia sido vivida em graus de adoração. Que mais havia para fazer? Olhou para Willow e Nettle, corando, fazendo desenhos na terra, e Antonia — uma mulher experiente, mas não com cabras ou homens. De pois havia Piers e May, oficialmente apaixonados, e o único par casado — certamente que alguma vez deveriam ter estado apaixonados. A mão de Roland agitou-se e depois alguém a deitou abaixo com uma sapatada. E depois, lentamente, de entre o círculo quieto e silencioso, Lambert ergueu a mão.

Lambert e Kip olharam um para o outro.

— Caramba! — Kip abanou a cabeça.

E Lambert sorriu, pesaroso:

— Caramba, pois.

— Ganhou a Lara — anunciou Roland, levantando-se e espreguiçando-se.

A tarde ia adiantada quando chegaram a casa.

— Como é que correu? — perguntou Caroline, levantando os olhos da carta que estava a escrever.

— Correu bem. — Lara teve de fazer um esforço para sorrir. Sentiu-se subitamente cansada, a pele seca e empoeirada de tanto sol.

— Foi interessante. — Lambert estava outra vez de camisa branca e sapatos engraxados e sentou-se no sofá como se tivesse acabado de levar a cabo uma experiência que poderia, agora, ser colocada de parte em segurança.

Assim que sentiu que era aceitável fazê-lo, Lara foi-se deitar. Como era possível, perguntou-se, que ele dissesse que nunca tinha estado apaixonado? E ficou sem saber em relação a quem estava a sentir-se mais amargurada — se ao pai, se a Kip.

Só Ginny reparou que alguma coisa não estava bem.

— Terá sido uma insolação? — E fez a Lara uma bebida de água gelada e limão e cortou duas rodelas de pepino para ela colocar sobre os olhos.

— Pode ter sido — concordou Lara, com esperança de que o fosse, mas sentia o coração pesado e sem esperança.

Deitou-se na beira da piscina, nadou, sentou-se no seu quarto, escreveu até um postal que tinha para a mãe há mais de uma semana. *Isto aqui é fantástico*. Deixou que a escrita fluísse. *Estou a divertir-me muito. Nado, como, apanho banhos de sol. A Berry já teve os gatinhos? Espero que esteja bem*. Imaginou a mãe a ler, voltando-o para ver a imagem da frente — o Palio, cavalos a correr em redor da Piazza, as patas tão delicadas e frágeis que bastaria uma queda para se partirem. Conseguia vê-la

voltar a virá-lo, franzindo o sobrolho perante a escassez de informação. Antes que se sentisse tentada a acrescentar mais alguma coisa, rabiscou uma fileira de beijos e assinou.

Depois do almoço, Lara foi dar um passeio.

— Cuidado — advertiu Lambert, mas ela não o convidou e ele também não se ofereceu para a acompanhar.

Lara desceu a rua, fez a curva e descobriu-se na entrada do caminho que conduzia a Ceccomoro. O caminho da fuga. Lembrou-se do rosto triste de Pamela e continuou a descer a rua. Estava calor naquele dia. Cães raivosos e ingleses, recordou-se, e desejou então não ter saído sozinha. Um carro passou a alta velocidade e Lara protegeu os olhos contra o brilho. O calor emanava da estrada, lançando reflexos prateados nas folhas das oliveiras, batendo dolorosamente nos seus dedos dos pés expostos. Sabia que deveria dar meia-volta, mas, à sua frente, surgiu uma área de repouso com um carro vazio estacionado na sombra de algumas árvores.

Ao chegar lá, Lara encontrou o resto do pilar de pedra de um antigo portão, no qual podia sentar-se à sombra do bosque. Cheirava bem, a pinheiro, a terra e ao alcatrão quente da estrada. Inspirou grandes golfadas de ar. Havia silêncio ali, à excepção do canto estridente dos grilos a que ela tinha de prestar atenção para saber que eles ali estavam. E então, um carro branco abrandou na curva. No seu interior encontravam-se duas pessoas a conversar. O carro estacionou mesmo depois dela. O motor continuou a trabalhar, o escape lançando um fumo escaldante, enquanto as duas cabeças se juntavam e beijavam. Lara conseguia ver o contorno das silhuetas, as madeixas do cabelo da mulher, o homem meio careca e com alguns caracóis. Estão a ver?, deu consigo a pensar, até eles estão apaixonados. E então a porta do passageiro abriu-se e Andrew Willoughby saiu. Lara desviou o olhar.

— *Au revoir* — ouviu-o dizer. — E que seja dentro em breeeve. — Soltou a palavra carregada de desejo.

— «Breeevimento» — respondeu a mulher, e Andrew riu. Lara olhou para trás a tempo de os ver beijarem-se de novo, Andrew inclinando-se para dentro do carro, a mulher com uma cortina de cabelo castanho claro caída para a frente, ocultando-lhe a cara.

— *Arrivederci* — Andrew endireitou-se. — Adeus. — O carro arrancou, com um chiar de pneus, atravessando para o outro lado da estrada.

Lara voltou a desviar o olhar, mas já era demasiado tarde.

— Será possível que seja a nossa pequena comunista? — exclamou Andrew, ajeitando as roupas. — À espera de algum revolucionário que passe por aqui e a leve para as colinas? — Sacou de umas chaves de dentro do bolso. — Agora a sério, minha querida, se queria ir ter com os seus amigos, veio na direcção errada. — Destrancou a porta do carro. — Entre — convidou —, vá lá, dou-lhe uma boleia.

Lara entrou, obedientemente. Os assentos estavam quentes e pegajosos, apesar da sombra, e Lara teve de semicerrar os olhos para olhar para ele.

— Então... — Andrew conduzia lentamente, uma mão no volante. — Tens-te divertido? — Lançou um olhar para as pernas nuas de Lara queimando de encontro ao cabedal do assento. — A Itália tem correspondido às tuas expectativas?

— Sim — respondeu. — Sem dúvida.

— Ainda bem. — Andrew soou magnânimo, o anfitrião de toda a Itália, como se estivesse ao seu

alcance resolver a situação, caso Lara não estivesse satisfeita. — Ouvi dizer que foste a Florença, com o teu querido papá.

— Sim. — Foi só nessa altura que Lara percebeu que tinham passado pelo desvio da casa de Caroline e que se encaminhavam para Ceccomoro. — Oh, não — suspirou. — Eu... vão ficar preocupados se eu não regressar para casa. Avisei que ia apenas dar um passeio. Além do mais, estive ontem com toda a gente.

— Achas que eles vão ficar desapontados por te verem outra vez? — Riu. — Não imaginas a quantidade de distrações de que a minha família precisa.

— Exactamente — sublinhou ela. — Provavelmente precisam de uma cara nova.

Andrew olhou para ela.

— É verdade. — Os olhos dele estreitaram. — Mas como não há mais ninguém... — Sorriu, como que arrancando o ferrão. — Por isso, anima-te. Terás de ser tu a fazer esse papel. — Deu-lhe uma ligeira palmada na perna e transpôs a barreira de leões de pedra, conduzindo ao longo da alameda e parando no pátio. — Vou telefonar à Caroline e avisá-la de que te vamos manter aqui até à noite.

Só mais tarde, no escritório fresco e de pedra, suavizado com tapetes e tapeçarias, à espera que Andrew discasse o número, é que teve tempo para se questionar sobre o que teria ele estado a fazer para ter deixado o carro numa área de repouso e ter partido com outra pessoa. Quem era ela? Lara franziu o sobrolho e teve a estranha sensação de que a mulher lhe era familiar, com aquela cortina de cabelo castanho captando a luz quando se inclinara para puxar a porta.

Não havia ninguém junto à piscina, nem no jardim.

— Sim — assegurou Andrew Willoughby pelo telefone. — De pois alguém a leva a casa. — Cumprido o seu dever, afastou-se, os passos ecoando na pedra, e deixou-a sozinha.

Lentamente, Lara percorreu a estreita teia de ruelas que se estendia por entre as casas. Olhou para os edifícios, esperando ouvir o som de vozes saindo por uma ou outra janela, mas o ar estava carregado de silêncio e não havia ali ninguém. Acabou por regressar à praça principal, onde se encontrava a mesa, sob a sua tenda dupla, rodeada de inúmeras cadeiras. Não muito longe, apenas um pouco mais acima, ficava a cozinha, instalada num velho edifício de pedra tão sombrio que se tornava frio. Lara espreitou para o interior. Havia duas bancadas de trabalho, um fogão, um frigorífico branco e alto, mas estava tudo arrumado e deserto, as superfícies vazias, o chão varrido. Atravessou a divisão em bicos de pés, entrando numa sala de pequenos-almoços que ficava do outro lado.

Daí, seguiu por um corredor e ficou surpreendida ao descobrir-se, de novo, na zona principal da casa. Um quarto com uma cama pintada de branco, um salão de recepções com uma mesa de madeira e uma espécie de trono gigante em madeira escura. A seguir, havia uma divisão onde apenas se encontravam dois armários altos, de tom claro, e uma máquina de costura numa mesa, com o pedal encastrado na estrutura.

Mais à frente, reconheceu a porta da sala da televisão. Lara abriu-a e viu-se perante uma escuridão quase total. Poderia sentar-se ali, pensou, e assim que estivesse mais fresco, regressar a pé para casa. Deixou que a porta se fechasse atrás de si. Um vulto mexeu-se no canto e Lara deu um salto. Era um homem, Lara conseguia vê-lo agora, as pernas penduradas do braço de um cadeirão.

— Detesto o sol. Será que ele não podia esconder-se atrás de uma nuvem, uma vez que fosse? —

Percebeu que se tratava de Kip.

Lara aproximou-se. Kip tinha vestidas umas calças de ganga e uma camisa escura. Tinha sapatos calçados e um casaco.

— Estou à espera de um pouco de chuva — disse ele. — Pensei que talvez ajudasse se estivesse preparado.

Lara escolheu uma cadeira e deixou-se cair nela. Apetecia-lhe rir, mas ele pareceu-lhe demasiado sério.

— Sentes saudades? — perguntou ela, fazendo balançar as pernas no braço da cadeira.

— De quê?

— De... — Ia dizer casa, mas conteve-se a tempo.

— Não tenho saudades do colégio, se é a isso que te referias. — Mas de Inglaterra?

Kip mexeu-se na cadeira.

— Sentes saudades de Finsbury Park? Do Rainbow ... ?

— Não — riu. — Quero dizer, se calhar até posso vir a ter, se ficar longe muito tempo.

Ficaram sentados, em silêncio.

— Acho que teria saudades da minha mãe — acabou por dizer. Tentou visualizar a mãe, mas a única coisa que conseguiu ver foi a cara amorosa da gata.

Kip balançou a perna e, por um breve segundo, os pés de ambos tocaram-se. Lara sentiu cada nervo do seu corpo retesar-se. Engoliu em seco, e ambos ouviram o som.

— Então, que vais fazer? — perguntou. — Hum... Isto é, os exames correram-te assim tão mal?

— Vão enviar-me para fora.

— Para onde?

— Primeiro, disseram que eu poderia ir para qualquer lado, mas quando sugeri Las Vegas, disseram-me que aquilo que tinham querido dizer era que eu poderia ir para qualquer lado... em África.

— Oh! — Lara sentiu-se atordoada com o choque. Ele ia para longe. Mas ao mesmo tempo ficou aliviada. Em África, Kip estaria em segurança. Longe não só dela, mas também de toda a gente. De Lulu, das irmãs, das irmãs dos amigos. — Quanto tempo vais estar fora?

— Um ano, mais ou menos. É para me manterem afastado de sarilhos. Para me moldar o carácter. E para me darem a oportunidade de viver a vida.

— Uma espécie de ano de descanso antes de entrares na universidade?

— Sim, mas sem a universidade.

Riram ambos e, depois, franzindo o sobrolho, Kip ficou a olhar para o chão.

— Quando é que vais? — A voz dela era quase um sussurro. — Daqui a um ou dois meses. Não sei bem.

Deixou cair as pernas e içou-se da cadeira. Parecia não saber o que fazer em seguida, porque ficou ali parado, ainda de sobrolho carregado, como se tivesse esquecido daquilo que o fizera levantar-se. Lara estendeu-lhe uma mão. Kip tomou-a e, como se ajudá-la fosse a coisa mais natural do mundo, puxou-a para cima. Lara apertou-se contra ele e Kip, ainda segurando-lhe a mão, fez deslizar o braço dela para dentro do casaco. Lara sentiu o calor das costelas dele através do algodão da camisa, e o forro de seda do casaco. Com o outro braço, envolveu-a.

— Será isto demasiado piroso? — perguntou ela.

— Não sei. — A boca dele estava próxima. — Mas acho que é capaz de ser bom.

Voltaram-se e observaram a sala. Havia um sofá com a coberta meio caída para o chão e um cinzeiro cheio de beatas.

— Estamos seguros... nada de violinos... não há luar... — Inclinou a cabeça e beijou-a.

Os lábios dele estavam frios, o hálito fresco como o Verão, e quando a puxou para ele, Lara sentiu o coração acender-se como uma chama.

— És tão... — tentou dizer-lhe.

— O quê? — murmurou ele.

Acariciou-lhe as costas por cima da camisa.

— Atraente. — E beijou-o através do sorriso dele. — Devias dizer-me o mesmo — brincou ela, mas, em vez disso, ele voltou a beijá-la, uma e outra vez, até ficarem inebriados, e sem se soltarem, deitaram-se no chão.

Kip tirou os sapatos, atrapalhou-se a desapertar os botões da camisa dela, mas Lara envolveu-o com os braços e puxou-o para si. Queria sentir o peso dele, os joelhos, a fivela do cinto enterrar-se-lhe na carne.

— Olha que eu esmago-te — advertiu-a, mas a verdade é que ela queria que ele a esmagasse.

Quando a campainha para o jantar soou, a cara dela estava dorida de tantos beijos, a roupa amarrotada e o cabelo desalinhado do calor.

— Meu Deus! Que horas serão? — Sentou-se de um pulo. Pareceu-lhe que tinha estado naquela sala durante vários dias.

Kip olhou em volta, à procura dos sapatos. O casaco estava meio escondido debaixo de uma cadeira e a fivela do cinto estava desapertada. Ele tinha-lhe pegado na mão e introduzira-a na braguilha dos *jeans* para que ela sentisse a rigidez dele dentro das cuecas, mas não tinham feito mais nada. Fazer mais do que isso teria exigido que falassem. Contracepção, a porta fechada à chave. Fora mais fácil continuarem a beijar-se.

Kip acendeu a luz.

— Ui! — Lara tapou os olhos. Voltou-se de costas para abotoar a camisa, passou os dedos pelo cabelo e virou-se para ele. — Que tal estou?

Kip inclinou a cabeça para o lado.

— Fantástica — respondeu e, tomando-lhe a mão, conduziu-a para fora da sala.

Lara sentou-se à mesa e pressionou um copo gelado contra a cara.

Andrew Willoughby estava sentado com uma gémea de cada lado, animando a sua metade da mesa e perguntando-lhes qual era a rapariga da escola que mais admiravam.

— É aquela por quem têm uma paixoneta? Vá lá, podem contar-me. Não é assim que as coisas funcionam entre os gémeos? — Fez uma pausa para ver qual delas corava mais, mas era impossível distingui-las.

Lara escondeu-se por detrás do desespero delas, observando-as, aliviada, a lançarem ocasionais olhares de súplica na direcção de Pamela, no extremo oposto da mesa, de novo alegre e sorridente, a

cara resplandecente do sol e da maquilhagem.

O prato principal foi levantado, serviram gelado e assim que sentiram que era seguro fazê-lo, Nettle e Willow escapuliram-se da mesa e, com a partida delas, a mesa ficou liberta. Houve trocas de lugares, cafés acompanhados de bebidas espirituosas e Lara, May e Tabitha retiraram-se para a piscina, onde mergulharam as pernas, e acenderam cigarros enquanto Tabitha aspirava, sequiosa, os fios de fumo.

Kip aproximou-se a passos lentos. Lara olhou para ele e o rapaz estendeu o braço e apertou-lhe a mão.

— Vem comigo — pediu, e as irmãs ficaram a olhar, enquanto ela se levantava com esforço. — E vocês também — disse-lhes, sorrindo —, venham, o Roland teve uma ideia.

May levantou-se com prontidão, mas Tabitha ficou onde estava. — Acho que consigo resistir. — Bocejou e, esticando a mão, arrancou o cigarro de entre os dedos de May.

Seguiram Kip através da escuridão do jardim, contornaram a casa principal e atravessaram o pátio onde os carros estavam estacionados até um conjunto de estábulos que haviam sido convertidos em mais quartos de hóspedes. Havia luzes acesas e quando bateram, Roland abriu a porta e levou o dedo aos lábios. Saiu e, caminhando elaboradamente em bicos de pés, levou-os ao longo de todo o comprimento da construção até uma porta no extremo oposto. Aí, bateram à porta muito formalmente.

— O vosso entretenimento, minha senhora — anunciou Roland. Fez uma vénia quando Nettle olhou para fora e empurrou a porta.

As raparigas estavam de pijama — ramos de flores azuis pálidas e golas brancas, muito menineiras. Ficaram pasmadas ao ver os visitantes e como se tivesse sido apanhada nua, Nettle cruzou os braços sobre o peito.

— Apaguem as luzes! — ordenou Roland e Willow desatou a rir nervosamente. Roland arrancou várias folhas de papel e começou a escrevinhar o alfabeto a toda a volta. — Arranja um copo — disse para Piers, que acabara de chegar, e foram todos instigados a sentarem-se no chão, de pernas cruzadas, enquanto ele estendia o quadrado de papel e colocava o copo no centro. — Chegou a hora de começar a sessão espírita.

De início parecia estar demasiado escuro para se conseguir ver alguma coisa, mas as cortinas foram corridas, a lua estava luminosa, e assim que os olhos se adaptaram, a sala animou-se com raios de luz e sombra. Esticaram todos as mãos, tocando o topo do copo.

— Não sou eu — garantiu Roland quando, passado apenas um minuto, o copo começou a mexer-se.

— Alguém deve estar a empurrá-lo — sussurrou Kip, e todos se entreolharam com ar desconfiado.

Lara pousou as mãos ainda com mais leveza do que antes, mas ainda assim o copo afastava-se dela, umas vezes lentamente, outras mais depressa, movendo-se de uma letra para outra: P, Z, H, B.

— Não está a funcionar — queixou-se May.

— Chiu! — protestou Roland, mexendo-se. — Pode estar a aquecer. — Colocou o copo de novo no centro. — Têm de se concentrar. Transmitam-lhe a vossa força.

— Cala-te, idiota — disse Piers, mas colocou a mão no copo.

Lentamente, recomeçou a mexer. M. U. Parou por um momento e, depois, como se estivesse

duvidoso, retomou o movimento, muito lento, até que parou na letra T.

— Mut? — sugeriu Willow.

Mas o copo continuou a mover-se, mais depressa, rodando sobre o tabuleiro, regressando ao T.

— Mutt! — Nettle lançou um sorriso à irmã, mas antes que tivesse terminado de falar, já o copo se movera para o I. Inclinaram-se todos para a frente para ficarem a ver.

— *Mutti?* — Piers suspirou. — Que significa isso?

— Pode ser alemão — adiantou May. — Se fosse uma sessão espírita alemã poderia estar a querer dizer «mãezinha».

— *Donner und Blitzen*, temos um espírito alemão a visitarr-r-nos. — Roland pegou no copo e soprou-lhe para dentro. — Em inglês, por favor — ordenou, e até Nettle e Willow se riram.

Mais uma vez esperaram, de braços esticados e olhos pregados nas mãos ligeiramente suspensas uns dos outros. Pela pressão dos dedos, devo ser capaz de perceber quem é, pensou Lara, prometendo não desviar os olhos do copo, mas, passado algum tempo, não resistiu a lançar um rápido olhar em volta, à procura de pistas que lhe pudessem indicar quem é que o estaria a empurrar. Não era ela. Essa era a única certeza que tinha. Ouviu-se, então, um arrastar, e o copo moveu-se — deslizando ao longo do papel, levando com ele os dedos de todos, mas perdendo alguns ao atingir o S. Permaneceu aí por um instante e depois avançou até ao I. Lara sentiu que a pele estava a ficar retesada e que o silêncio que se instalara estava a tornar-se sufocante. D, o copo estava a dirigir-se para o D e, depois, sem fazer nenhuma pausa, continuou para o V.

— Sid V... Sid Vicious! — gritou Kip e, naquele preciso momento, a janela, que tinha estado fechada, abriu-se de rompante e um vaso estatelou-se no chão.

Gritaram todos, ou pelo menos as raparigas gritaram tão alto que se tornou impossível saber se Kip, Piers e Roland teriam emitido algum som. May acendeu um candeeiro e, com toda aquela luz, os gritos cederam lugar às gargalhadas.

— Vamos repetir — sugeriu um deles, mas a luz permaneceu acesa e ninguém fez menção de jogar.

Já passava da meia-noite quando Lara chegou a casa de Caroline. Roland levava-a de carro, e Kip também a tinha acompanhado, apertando-se ao lado dela no banco dianteiro do jipe. Tinha fechado os olhos enquanto aceleravam através da noite escura e sentira-se tão feliz, que nem se importara que Roland estivesse a colocar a vida de todos eles em risco. A luz do alpendre estava acesa.

— Até amanhã — gritou Kip, e sem lhe perguntar onde e quando, Lara apressou-se a entrar em casa.

As escadas estavam às escuras, mas a sua cabeça estava demasiado cheia de gritos, de amor e de gargalhadas para ceder ao medo. Deitou-se na cama e imaginou o peso do corpo de Kip esmagando-a até ficar sem fôlego. Virou-se e revirou-se e depois, para se acalmar, fez deslizar a mão por entre as pernas. «Tens de treinar para o caso de encontrares alguém de quem realmente gostes.» Pensou em Sorrel e na teoria dela sobre a virgindade, e em como, por fim, quando tinha quase dezasseis anos, tinha passado a noite com um amigo do namorado da Sorrel, naquele apartamento em Turnpike Lane tão imundo que ficara convencida de que, pelo simples facto de se deitar na cama dele, iria apanhar

uma qualquer doença incurável. Ele tinha-a apalpado e penetrado durante o que lhe haviam parecido horas, e quando tudo acabou, ele deitara-se de costas e acendera um cigarro.

— E então? — perguntara-lhe ele, ao fim de um silêncio em baráçoso. — Quantos orgasmos tiveste?

Lara estava tão envergonhada que mal conseguira falar.

— Não sei — balbuciara, com os olhos ainda fechados. — Não me consigo lembrar.

Quando, pouco depois, ele se levantara, para vestir as cuecas cor de mostarda, Lara constataria que tinha passado por aquilo tudo sem sequer ter visto a pilinha dele. Pilinha! Fora isso que ela lhe tinha chamado? Mas que outro termo havia? Picha era algo pornográfico, e pila demasiado parecido com um insulto que ela não tinha intenção de usar. Pénis era uma palavra estrangeira, tão feia como vagina e completamente errada. «Pombinha» — era assim que ela e a mãe designavam as suas, mas havia tanto tempo. Há vários anos que ficara sem nome.

Certa vez, lera numa revista que as raparigas deviam colocar-se nuas frente a um espelho e examinar o seu corpo. As coxas, os seios. A vagina. Levantar uma perna e espreitar lá para dentro. Ou melhor, voltarem-se de costas, baixarem a cabeça e darem uma olhadela. «Conheçam e Cumprimentem», era o título do artigo. Devia ter sido uma revista americana. Mas elas não tinham um espelho de corpo inteiro em casa e era impossível colocar-se em pé na borda da banheira e manter o equilíbrio.

Lara acendeu a luz. Havia um espelho, aqui, encastrado na porta do roupeiro. Hesitante, ruborizada até, despiu a camisa de noite e dobrou-se. Havia muito mais exposto do que lhe parecia aceitável. Uma longa fenda de pêlos e carne, um labirinto cor-de-rosa conduzindo a uma pequeníssima área central e, de cada um dos lados, dois pequenos pêndulos como amígdalas suspensas. Isto é bonito? És bonita?, perguntou. Recordando-se de que não deveria apenas conhecer, mas também cumprimentar. Poderia uma coisa ser bonita se não tivesse um nome? Passarinha, rata, cona. O sangue começou a latejar-lhe na cabeça. «Vou chamar-lhe...», pensou, «depressa, para me poder levantar», e foi então que lhe surgiu: iria chamar-lhe Iris. Iris. Voltou a vestir a camisa de noite e, satisfeita consigo própria, sentindo qualquer coisa de diferente, meteu-se na cama.

Lara acordou tarde e, quando se levantou, viu um carro branco estacionado na entrada. Correu até à outra janela, que dava para a piscina, mas não estava lá ninguém. Vestiu-se e desceu. Não podia ser Kip, pois não? Tão cedo? Mas em vez de Kip, era Isabelle quem estava sentada no sofá, voltada para Lambert, a falar baixinho, os dedos de uma mão percorrendo a dele.

— Olá! — cumprimentou Lara, e recordando-se de que, oficialmente, só estivera uma vez com Isabelle, recuou um pouco, apesar de Caroline não se encontrar presente. — O Andrew está cá... ? Quero dizer, pensei...

Gaguejou, embaraçada, percebendo que associara o carro branco à área de repouso, e vendo de repente o seu erro, reconhecendo naquele instante o cabelo caído de Isabelle, sentou-se e começou a contar-lhes, demasiado depressa e sem sequer esperar que eles manifestassem algum interesse, todos os momentos da sessão de espiritismo.

— Que assustador! — exclamou Isabelle, os olhos bondosos, as faces rosadas, mas Lambert não

disse nada.

— Isso está correcto, pai? — perguntou-lhe. — Significa mes mo mãezinha em alemão?

Lambert olhou para ela como se não houvesse razão alguma para que ele devesse saber.

— Sim — respondeu por fim. — *Mutti*. — Proferida por ele, a palavra soou diferente, suave como uma carícia.

— Acho que vou tomar o pequeno-almoço. — Lara engoliu em seco e saiu discretamente.

Serviu-se de um copo de sumo de alperce e cortou uma fatia de pão com tanta energia que quase o espalmou com a faca. Espreitou o frigorífico, tão esfomeada estava, retirou queijo e uma fatia finíssima de fiambre, que enfiou na boca. Ligou a chaleira e assim que o chá ficou pronto, saiu para o exterior e sentou-se ao fundo do terraço, de costas voltadas para eles. Por mais que tivesse vontade, conseguiu resistir a olhar para trás. Teria havido alguma desavença? Mastigou o mais silenciosamente que conseguiu, atenta a uma possível alteração no tom das vozes, quase esperando que Isabelle desatasse num pranto, mas, em vez disso, foi interrompida por Caroline.

— Voltaste a deixar a luz do alpendre acesa. — A voz era acre, o rosto pálido. — Não era melhor se ficasses fora a noite toda?

Lara quase se engasgou.

— Poderia tê-la desligado — gaguejou. — Desligue-a, por favor, quando se for deitar.

Mas já Caroline se afastara, muito direita, dobrando a esquina da casa.

Lara regressou à cozinha, onde cortou mais uma fatia de pão, barrando-a generosamente com doce de mirtilo, mas quando se dirigia para o terraço, olhou, sem intenção, pelas janelas da sala e viu o pai e Isabelle, de pé, junto às estantes, as caras tão próximas que os seus narizes se tocaram. Apressou-se a sentar-se à mesa, e percebendo que não havia um único lugar seguro para onde pudesse ir, refugiou-se nas palavras cruzadas de um jornal com três dias, e ficou a olhar para as pistas impossíveis até que foi salva por Ginny, que regressava do mercado local, carregadíssima de comida.

Lara estava deitada numa espreguiçadeira e pensava no rapaz de Turnpike Lane. Lamentava agora mais do que nunca não ter olhado. Sorrel tinha visto homens nus. Uma série deles. E tinha descrito o «equipamento» deles, como ela lhe chamava, como sendo grosso, fino, curvo e, certa vez, até quadrado. Quadrado? Sim, juro! Curto e atarracado. Era horrível, parecia uma caixa. Lara tinha estado com ela da primeira vez. À espera de um comboio, em Edgware Road. Tinha acabado de colocar dinheiro numa máquina de venda automática e, apesar de saber que nunca funcionava, estava a puxar a gaveta de metal, tentando chegar ao chocolate que lhe pertencia por direito. «Filha da mãe!», rosnara, esmurrando a máquina com a parte lateral do punho, quando Sorrel correu na sua direcção, os olhos arregalados, a cara afogueada.

— Estava de fora, enorme e vermelha! — Apontou para um homem que estava a correr pela plataforma afora.

— O quê? — perguntou Lara, apesar de saber.

— A coisa dele — respondeu ela, sacudindo as mãos como se lhe tivesse tocado. — Que nojo!

— Achas que devíamos contar a alguém? — Lara olhou em volta, mas, nesse preciso momento, o

comboio delas entrou na estação e, não podendo perdê-lo, embarcaram.

— Tiveste tanta sorte! — Sorrel voltou-se para ela. — Por ele não te ter abordado a ti.

Mas assim que chegaram a casa, a mãe de Sorrel fez semelhante alarido que Lara começou a pensar se não teria sido ela quem tinha ficado a perder. Se ao menos tivesse visto, pensou. Se ao menos o homem se tivesse exibido na sua frente, e ocorreu-lhe, então, que talvez o tivesse feito na altura em que ela tinha estado demasiado ocupada a esmurrar a máquina de venda automática para reparar. «Aconteceu comigo, uma vez. Ou melhor, quase...», apetecia-lhe contar-lhes, mas resistiu a revelar a promessa que tinha feito ao monge tibetano.

Fora na Índia, quando regressava a casa depois de uma ida ao cinema. Tinham visto um filme sobre dois amantes, separados pelo sistema de castas, que apenas se podiam encontrar em segredo. Tentavam beijar-se através de portas, janelas, buracos em paredes, e uma vez até através das grades, quando ele fora encarcerado, in justamente culpado por um crime que outro homem cometera. O público estava frenético, tal era o desejo de os ver abraçarem-se. Por favor, deixem que isso aconteça! Mas foi mantido em suspenso até ao fim, altura em que se descobre que o homem pertence, afinal, a uma casta elevada e acabam por casar num deslumbramento de saris vermelhos e de danças.

No caminho de casa, o monge, que era do campo de refugiados de Purawala, onde Cathy e Lara estavam de visita a Sua Santidade, disse que queria mostrar-lhe uma coisa. Pararam num caminho deserto.

— Posso? — perguntou ele, tão sério e educado que ela jamais poderia ter dito que não.

— Sim — respondeu, e assim que prometeu que não contaria a ninguém, ele levantou as suas vestes cor de laranja, revelando, enfunadas, umas cuecas feitas com uma bandeira americana.

Kip só apareceu a meio da tarde, altura em que Isabelle já se tinha ido embora e Caroline estava a fazer uma sesta.

— Entra — convidou Lambert quando Kip e Lara estavam a sussurrar no *hall*. Entraram juntos na sala, timidamente, e ficaram encostados a uma parede, sentindo-se pouco à vontade.

— Então, como é que estás? — perguntou-lhe Lambert.

Kip fez uma pausa, como se estivesse a ponderar bem a pergunta. — Estou muito bem, obrigado.

— Como está a tua mãe? Há muito tempo que não a vejo.

Kip ficou a olhar para os sapatos, que estavam gastos e esfolados, mas que ainda conseguiam parecer caros.

— Está bem — respondeu.

— Quando a vires — Lambert sorriu —, dá-lhe os meus cumprimentos.

Kip acenou lentamente.

— Está bem. Mas é melhor não dizer que o vi aqui.

Lambert ergueu o sobrolho.

— Ela não deve saber da existência... — e olhando para trás de si, acrescentou — deste lugar.

— Estou a ver — disse Lambert e depois, olhando um para o outro, de homem para homem, sorriram.

Lara bateu com o pé. Queria, mais do que tudo, ir embora.

— E então? — Lambert continuava a olhar para Kip, que se mantinha encostado à parede. — Que se segue? Ouvi dizer que terminaste o secundário.

— Ele vai para o Quénia — interpôs Lara. Tinha de mostrar que sabia quais eram os planos dele. De que ele era dela.

Lambert arregalou os olhos. Estou a ver, parecia dizer, estou a ver, e Lara jurou não dizer nem mais uma palavra.

— Sim. Vou trabalhar algures numa quinta, com cavalos. Lambert assentiu com a cabeça, como que decidindo se aprovava ou não.

— E porque não? — disse, por fim. — Estás interessado na exploração agrícola?

— Não. — Kip franziu o sobrolho.

— Em cavalos?

— Não especialmente. — Os olhos deles voltaram a encontrar-se e ambos sorriram.

— Gosto dele — disse Kip, assim que se viram no exterior, e Lara tomou-lhe a mão. Era quente e macia ao toque e — constatou, com o coração sobressaltado — já familiar.

— Conhece-lo? — Só então lhe ocorreu essa hipótese. — Ao meu pai? Já o tinhas visto muitas vezes?

Kip pensou.

— Sim. Isto é, costumava vê-lo quando era muito mais novo. Ele costumava visitar-nos, antes de eu ir para o colégio interno.

— E quando foi isso?

— Aos sete.

Lara voltou-se para ele antes de Kip ter tempo para sorrir.

— Eras tão novo! — comentou, imaginando-se com sete anos, ainda agarrada ao corpo adormecido da mãe, o algodão da sua camisa de dormir, o cheiro secreto do seu cabelo.

— Pois é, mas se não formos logo na primária, não conseguimos entrar em Eton.

— E tens de ir para Eton?

— Parece que sim.

— Mas que regra horrível, detestável.

— Não foi assim tão mau. Pelo menos, depois de ter passado todo o primeiro período a chorar todas as noites até adormecer.

— Não!

— Claro que não. Só uns quantos casos perdidos que molhavam a cama ainda choravam por altura do Natal.

Lara olhou para a entrada da casa.

— Onde está o carro? — Mas Kip conduziu-a na direcção da estrada.

— Vim a pé. — Puxou-a atrás dele. — Pelo caminho sensual. — E Lara teve de correr para conseguir acompanhá-lo.

— Esse é o caminho que tem todas aquelas... estátuas?

— Não! — respondeu Kip. — Esse é perverso. Essa foi a ideia sinistra que o meu pai teve para uma partida. Este caminho é, na verdade... — estava a rir, agora — realmente sensual.

Assim que se encontraram na zona densa e reclusa do bosque, Kip agarrou-a e empurrou-a de

encontro a uma árvore.

— Vê!

A casca da árvore rompeu-lhe o tecido do vestido e o galho de um rebento novo picou-a na barriga da perna.

— Ai! — gritou ela. — Santo Deus! Larga-me!

— Desculpa. — Soltou-a e ficou parado, de mão sobre a boca, a observá-la a esfregar a perna dorida. — Estás bem? — perguntou então, e Lara, ao ver o embaraço dele, acalmou.

— Estou óptima. — Estendeu a mão e puxou-o de novo para junto da árvore, deixando de se importar com o galho, e apertou-o bem contra si enquanto se beijavam. Os beijos deles eram agora oficiais, os olhos abertos, as mãos livres de explorar.

— Sempre quis que alguma coisa acontecesse neste bosque.

— Mas nada a ver comigo? — Lara fez deslizar a mão sob a camisa dele.

— Bem — riu ele. — Tenho de admitir que o facto de estares aqui ajuda muito.

Lara apertou-se contra Kip, sentindo a rigidez dele pulsar contra ela, o doce cerne do calor brotando do interior, a fome e o desejo e a segurança daquele caminho público.

— Ficas esta noite? — sussurrou, ofegante, ao ouvido dela.

— Não posso — sussurrou em resposta. Era o que Caroline queria: que ela regressasse a casa na manhã seguinte. Com as roupas amarrotadas, o rímel esborratado pela cara abaixo. — Não posso. Não posso mesmo.

— Vá lá. — Kip roçou-lhe a orelha com os lábios. — Por favor. — Não posso. — Imaginava a luz do alpendre a fundir-se. — Talvez... amanhã?

— Amanhã vamos à cascata com toda a gente. Até o papá e a Pamela vão. Mas podes passar por lá mais tarde.

— Está bem.

— Prometes? — Kip olhou-a nos olhos e quando ela disse que sim, esmagou-a de tal forma que quase a deixou sem fôlego.

Aquele era o dia mais feliz da sua vida, pensou, e sentiu o corpo todo a arder de desejo. Prometo. Estava a prometer a si própria, e continuaram a andar, de braço dado, caminhando de lado para não terem de se separar quando o caminho se tornou demasiado estreito. Apertaram-se sob os ramos baixos, arranharam-se ao passar por silvas e depois desviaram-se através do milheiral de folha macia.

— Olha. — Kip trepou um muro baixo e quando ela conseguiu subir, pôde ver o campo que ficava por detrás, cheio de girassóis com as caras de cada um deles voltadas na sua direcção.

Ficaram ali, durante uns instantes, olhando ao longo dos campos e para as colinas arborizadas de cada um dos lados. Em frente, um jacto de água estava a borrifar em volta, impulsionado por uma bomba, e a certa altura a água captou a luz do sol e transformou-se num caleidoscópio de cores. Continuaram a andar até a casa se tornar visível. O vermelho dos telhados agrupados, a velha pedra cinzenta das escadas e das ruas e, sobranceira a tudo isto, na colina que se erguia em fundo, branca e cintilante, a pequena capela com o seu sino que tocava as horas.

— Devíamos subir até ali acima — sugeriu Lara, recordando-se da estátua que nunca alcançara. Mas Kip passou os dedos pelo cabelo e bocejou.

— Estou muito preguiçoso — justificou ele, e dando-lhe um rápido e último beijo, afastou-se antes que ela tivesse tempo de retribuir.

Ao jantar, Andrew Willoughby estava a falar acerca da rainha.

— Ela não é de todo desinteressante — disse aos jovens que estavam sentados na sua ponta da mesa. — Devo dizer até que é bem divertida. — Tinha-lhe sido apresentado numa cerimónia oficial no Parlamento e, na altura, sentira dificuldade em encontrar alguma coisa para dizer.

— Posso pedir-lhe um conselho, *Madam*? — dissera. — Fui convidado para um almoço dos Lordes e não sei como recusar.

— Não pode recusar — respondera a rainha — Não se trata de um convite, mas sim de uma ordem.

— Então como é que poderei escapar? — Andrew tinha baixado a voz.

— Acordar engripado — sugerira a rainha apressadamente, e voltara-se para cumprimentar outro convidado.

Antonia contou uma história passada na festa de uma embaixada. A rainha e o príncipe Carlos eram aguardados e, assim que chegaram, já os convivas se tinham alinhado de cada lado da sala.

— Ficámos do lado da rainha e quando ela chegou junto do papá, ele disse: «Antonia, já conheces a rainha?» Ao que eu respondi: «Não, não me parece.» E depois não me consegui conter e tive um ataque de riso. «Não me parece», repeti, e toda a gente desatou a rir à gargalhada.

Lara, não tendo no seu reportório nenhuma história de reis para contar, deixou-se ficar calada.

Acordou de um sonho no qual alguém havia introduzido um quadrado de chocolate dentro dela — havia-o colocado delicadamente na entrada oca do seu ventre, onde permanecera intacto durante muitas semanas. Disseste que não eras virgem, acusara-a Kip, e ela apercebera-se de que se tinha esquecido de conhecer e cumprimentar a sua Iris. Esquecera-se, inclusivamente, de que possuía uma.

— Sim — acordou-se com um grito, e percebeu que estava alguém a bater à porta. — Entre. — Sentou-se na cama e recordou-se, com uma onda de alívio, que desligara a luz do alpendre.

— Bom-dia! — Era Lambert. — É melhor levantes-te. Vêm buscar-nos às dez.

— Está bem. — Empurrou a roupa da cama para trás e só quando o pai já saíra do quarto é que constatou que não fazia a mínima ideia daquilo a que ele se referia.

— Os Willoughby — explicou Lambert, assim que ela desceu. — Convidaram-nos para irmos à cascata. À Cascata do Amor. Vão todos. Pensei que gostasses de ir.

— Sim. — Olhou para o pai e os calções de banho *Speedo*, azul-berrantes, vieram-lhe à ideia. — Mas o pai não precisa de vir, se não...

Lambert interrompeu-a muito delicadamente:

— Estou a pensar ir. — E, em silêncio, serviu uma chávena de chá pálido a ambos.

O carro de Andrew foi o primeiro a chegar, eram dez e meia. Andrew vinha ao volante, com Pamela ao lado e, atrás, acabada de chegar de Londres, Elizabeth Butler, a mãe das gémeas, resplandecente na sua capelina cor de laranja e colar de pedras de âmbar a condizer. Lara ficou parada junto à porta.

— Upa, upa! — incitou-a Lambert. — Toca a entrar, temos de apanhar os outros.

Obedecendo às ordens, Lara deslizou para junto do corpo hidratado e perfumado de Elizabeth, instantes antes de o carro arrancar.

Lambert ficou do outro lado, escondido por detrás da enorme aba da capelina laranja. Assim que Lara teve a oportunidade, inclinou-se para a frente e sorriu-lhe, grata, afinal de contas, por ele ter vindo, e Lambert, como que percebendo, retribuiu-lhe o sorriso.

Andrew Willoughby conduzia a alta velocidade, tal como Roland, mas sem o desejo declarado de chocar ou matar. Lara encostou-se à janela, sentindo o vento na cara, e deixou que a força do ar e do sol acariciassem o seu corpo, desenhando-lhe padrões dançantes de luz na pele, enchendo-lhe o nariz, a boca e os ouvidos.

Quando chegaram, já os outros se encontravam lá, um pequeno reino delimitado por toalhas, mantas, garrafas de água, taças de fruta, cigarros, revistas e isqueiros. Os grupos estavam formados, as gémeas sentadas nas suas toalhas, de costas arqueadas; Tabitha, May e Piers deitados, em fila, conversando e partilhando um cigarro; Antonia, de fato de banho preto muito esticado em redor do corpo volumoso, desafiando Roland e Kip para uma luta, empurrando um, depois o outro para dentro do lago. E ali estava Allegra, olhando para cima, através de uma cascata de cabelo, e um rapaz que a chamava, da água. Ele estava a gritar e a esbracejar e, de pois, como que cavalgando na crista de uma onda, elevou-se para fora da água e foi projectado para o lado. Lara pôde ver então que se tratava de Hamish, o filho de Hugh e de Isabelle, que tinha estado sentado na cabeça do pai.

— Hugh! — chamou Andrew. — Caro amigo.

Lara sentiu o pai contrair-se quando Isabelle, de vestido branco, levantou os olhos do lugar onde estava instalada, numa rocha sobranceira.

— Prazer em ver-te — avançou na direcção dela, ao mesmo tempo que ela descia ao encontro dele, e o sorriso de Lambert tinha uma interrogação quase imperceptível.

Lara não procurou o olhar de Kip. Estendeu a toalha numa rocha e ficou a observá-lo a andar de um lado para o outro, a lançar-se para a água, a mergulhar, a chapinhar e a divertir-se, a cabeça lisa e brilhante como a de uma foca. Despiu a roupa nervosamente, envergonhada perante a possibilidade de ele poder estar a olhar para ela, receosa de que ele pudesse não estar a fazê-lo, mas quando levantou os olhos, ele estava a subir os degraus do rochedo com a irmã, a mão dela agarrada ao pulso dele.

— Então, como é que estás hoje? — perguntou-lhe Piers, quando ela desviou o olhar.

— Estou muito bem — respondeu e, depois, esforçando-se por ser educada. — E tu?

— Estou ótimo.

Fez-se uma pausa e para se impedir de ficar a olhar, Lara concentrou toda a sua atenção em Piers.

— Então... hum... — Que haveria de lhe perguntar? — Então... como foi que tu e a May se conheceram?

Piers olhou para ela, como se não estivesse a perceber bem o que ela pretendia com aquela pergunta.

— Bom... a May... pois, não sei. — Pensou por uns instantes. — Não. — Abanou a cabeça, irritado. — Ela existiu sempre.

Lara ficou pasmada. Como era possível que ele não se lembrasse do dia em que se tinham conhecido? Mas percebeu, então, o que Piers pretendia dizer. May era um membro do seu clube. Ela

estivera sempre presente, tal como a filha de Isabelle se encontrava presente naquele momento. Olhou para cima e descobriu Allegra de olhos fixos no lago de cima, puxando o cabelo para trás mesmo a tempo de sorrir para Kip, que acabara de se lançar.

Lara voltou-se de novo para Piers, que entretanto se virara de costas, inclinando-se sobre o ombro de May e olhando para a revista dela.

— Vê-se mesmo que ela fez uma plástica — comentou Tabitha, olhando para os seios protuberantes de uma actriz. — E sou capaz de jurar que o nariz dela não está igual ao que era aqui há um mês.

May ia virar a página, mas Piers agarrou-lhe a mão e voltou à página anterior.

— Hum! Nada mal! — Analisou-o atentamente, a terminação em forma de botão, a inclinação perfeita. — Mas não ficou tão bom como o teu.

— Cala-te! — May rasgou a página ao tentar virá-la, e Tabitha, levantando o olhos, captou o olhar de Lara.

— Ela tinha o nariz muito grande. — Tabitha articulou as palavras com um certo dramatismo. — Pobre rapariga, parecia apta a desempenhar o papel de Shylock[8].

Instintivamente, Lara levou a mão ao seu próprio nariz, que tinha um pequeno alto a meio da cana.

— Fizeste? — Foi a única coisa que lhe ocorreu dizer, arrepiada só de imaginar quão doloroso deveria ter sido. — Fizeste mesmo uma operação ao nariz? — Tentou imaginar May sem o seu rosto perfeito de inglesa.

— Ela foi muito corajosa — disse Piers. — Doeui como tudo! Sabias que te dão com um martelo na cara? — perguntou, colocando um braço em redor de May, como se estivesse revoltado por ela ter tido de passar por toda aquela provação.

Durante algum tempo, Lara deixou-se ficar na toalha, deitada de bruços, sentindo o sol penetrar-lhe nas costas. Ouvia as vozes dos diferentes grupos, os tons inconfundíveis de Andrew Willoughby, a gargalhada roufenha de Elizabeth e o risinho estranhamente falso de Pamela. Por vezes, Hugh interrompia-os com uma gargalhada ruidosa e, ainda mais raramente, ouvia a voz séria do pai, mas as suas declarações, habitualmente recebidas com tanto entusiasmo, estavam a ser menosprezadas ou simplesmente ignoradas, e o coração de Lara sofreu no silêncio que se seguia à última palavra dele.

Numa das vezes, quando foi violentamente interrompido por Andrew, com o tema de Boswell e os seus muitos casos de gonorreia. Lara apoiou-se num dos cotovelos e ficou a olhar para eles. Mas Lambert não reparou nela. Estava sentado no rebordo da manta, um pouco mais atrás do que os outros, com uma das mãos esticada de modo a que, como que por acaso, pudesse roçar o braço de Isabelle, que parecia pouco à vontade, ouvindo atentamente tudo o que era dito e rindo ocasionalmente, com a sua gargalhada grave, como que aliviada por ter alguma coisa para fazer.

Lentamente, muito mais lentamente do que os outros, os mais velhos começaram a tirar a roupa. Andrew despira-se até à cintura e Elizabeth tirara a saia e estava a espalhar bronzeador nas pernas. Pamela usava um fato de banho cor de framboesa com um folho preto e alpargatas a condizer. Hugh tinha desabotoado a camisa, revelando um pneu e uma abundância de pêlos grisalhos sob a cara enrugada. Apenas Lambert e Isabelle continuavam totalmente vestidos. Isabelle estava com um ar descontraído no seu vestido de algodão branco, mas Lambert parecia uma ilha de formalidade, de camisa, calças e sapatos pretos engraxados. Até tinha as meias calçadas, aquelas excelentes meias

caneladas, com mistura de seda, que o pai tinha calçadas quando, na distante viagem de comboio, ela acordara sentindo os pés dele a roçar-lhe a coxa.

— Oh, meu Deus! Que horror! — exclamou Tabitha. — Esta operação correu mesmo mal! — Lara voltou-se e viu Tabitha exibindo a fotografia de página inteira de uma mulher: os olhos levantados num permanente olhar de surpresa e o nariz comprido.

Por fim, foram chamados para o almoço e Kip, com a pele arroxeadada de tantas horas dentro de água, deixou-se cair ao lado de Lara. Roland ficou parado do outro lado dela, sacudindo-se, e todas as mulheres que se encontravam à volta da toalha gritaram, incluindo ela própria, o que a deixou verdadeiramente surpreendida.

— Quem é este homem? — Andrew olhou para cima.

— Sou o seu genro. — Roland estava a secar o cabelo, os músculos das coxas contraídos, o simples fato de banho preto secando e delineando o volume dos genitais. — O pai do seu primeiro neto. — E olhando por entre a toalha branca e macia, lançou-lhe um sorriso.

— Não me lembro de ter dado permissão — murmurou Andrew, zangado, e convidou todos a começarem.

A comida era sumptuosa. Alcachofras e favas, pratos de *prosciutto*, espargos com lascas de parmesão, tomate cortado aos cubos com queijo *mozzarella* e manjerição, pedaços de omeleta com espinafres, queijo e ervas aromáticas. Lara encheu o prato, perguntando-se como era possível ter acumulado tamanho apetite tendo estado deitada numa rocha sem fazer nada, e olhou para Kip, que estava a devorar o conteúdo do seu prato como um lobo.

— Diz-me lá. — Elizabeth foi a primeira a falar. — É terrivelmente perigoso saltar do alto daquela cascata? — Na verdade, a pergunta destinava-se a qualquer um deles que já tivesse saltado lá de cima, mas os olhos dela desviaram-se para Roland.

— De forma alguma. — Roland tinha a boca cheia de comida e sugou uma fatia de *mozzarella* que se escapara pelo canto da boca. — É uma sensação incrível. Porque não experimenta?

— Como é que eu posso? — protestou ela. — Já estou demasiado velha para essas coisas, além do mais... — olhou para o decote laranja do vestido e para a depressão bronzeada entre os seus seios. — Era capaz de me saltar tudo.

— Pamela, minha querida — Roland semicerrou os olhos —, não quer experimentar?

Pamela abanou a cabeça.

— Declino — disse, com ar formal, mas tornou-se óbvio que ficara satisfeita por alguém lhe ter perguntado.

Hugh inclinou-se para a frente e pegou na garrafa de vinho.

— Estamos todos velhos e cobardes — comentou, despejando o tinto num copo. — É melhor deixarem-nos em paz.

Lara viu o pai olhar para o alto do rochedo e estremecer, in quieto, e ela sentiu o estômago contrair-se.

— Eu experimento — declarou, com um olhar inflexível, e Lara teve de fazer um esforço para não gritar.

Fez-se silêncio, enquanto todos esperavam que Roland o dissuadisse.

— Vamos a isso! — Roland sorriu. — Mas aposto uma nota de cinco em como não vai conseguir.

Lambert ergueu o sobrolho.

— Isso é o que vamos ver — disse Lambert, e deixou a mão deslizar ao longo do braço nu de Isabelle.

— Por amor de Deus, homem, deixe primeiro que o almoço lhe assente no estômago. — Roland enfiou na boca um pedaço vermelho de *prosciutto* e deitou-se, à espera.

O resto do almoço foi calmo. Lara comeu o mais que pôde, ar rependida de se ter servido de tanta comida. Que aconteceria, pensou, se ele, ao chegar à borda do lago, entrasse em pânico e tivesse de ser ajudado a voltar para baixo? Lançou um olhar a Isabelle, desejosa que ela interviesse, mas Isabelle estava ocupada a convencer Hamish a comer alguma coisa, qualquer coisa verde, oferecendo-se até para lamber o molho da salada de um feijão caso ele aceitasse experimentar.

Todas as pessoas que se encontravam por ali também estavam a comer. Era a hora de almoço italiana, e as famílias e os grupos de jovens haviam-se sentado, como eles, em volta de um banquete central. Mas ao contrário das famílias italianas, que consideravam que, a seguir ao almoço, deviam repousar, Hamish, Allegra, Kip e Antonia voltaram a lançar-se para a água assim que sentiram que tinham comido o suficiente.

— Hamish! — chamou Isabelle. — Ao menos espera cinco minutos... — Mas perante as outras influências, deixou a frase a meio.

Lara teve a sensação de ter captado um tom de desaprovação no sussurrar de umas mulheres de batas floridas e nos olhos semicerrados de pais que já estavam a preparar-se para passar pelas brasas. Homens de pernas curtas e barrigas redondas e proeminentes, homens velhos, com a mesma idade de Lambert.

Lara voltou-se para o pai e reparou que ele se tinha despido. Estava de pé, olhando para a água, vestindo apenas os seus calções de banho azuis. As pernas pareciam finas e pálidas, mas o peito, o pescoço e os braços eram fortes. Lara permitiu-se ter a esperança de que ele fosse capaz, e desviou o olhar da vulnerável careca no cocuruto da cabeça.

— Muito bem! — Roland levantou-se e esticou o corpo, dando umas pancadinhas no estômago cheio. — Quando estiver pronto, é só dizer.

Lambert começou a trepar, seguindo os apoios escavados na rocha que subia, íngreme, até ao topo. Roland piscou o olho aos outros.

— Parece que temos um campeão na forja. — E seguiu atrás de Lambert.

Calaram-se todos e ficaram a observar. Por amor de Deus, quis gritar Lara, deixem-no em paz, mas era impossível desviar os olhos de Lambert enquanto subia. Lara mal deu conta de Kip, quando ele se foi colocar ao lado dela, nem conseguiu sentir a electricidade que era costume acender-se entre os dois.

E lá estava ele, de pé, a silhueta recortada no fundo azul do céu. Uns instantes mais tarde, Roland surgiu ao lado dele, tão estúpido, pensou Lara com o coração na boca, que seria bem capaz de empurrá-lo da borda.

— Velho louco — sussurrou Willoughby. — Vá, despacha-te ao menos.

Lambert começou a avançar ao longo das pedras inclinadas da cascata, os braços abertos para

manter o equilíbrio. Parou no meio, tal como os outros haviam feito. E esperou. Lara teve a certeza de estar a vê-lo tirar as medidas com os olhos, e pensou ouvir Roland gritar-lhe instruções sobre o rugido da água, mas Lambert não se voltou para ele.

— Lá vem ele — anunciou Kip, esquecido, ao lado dela, e era verdade: Lambert estava a inclinar-se para a frente, o corpo contraído, e estava a cair, descendo rapidamente por entre os salpicos, o corpo enfrentando a corrente e toda a gente, tanto quanto Lara se podia aperceber, toda a gente que se encontrava no vale, deu um grito de encorajamento. Mas Lambert não estava a cair como os outros. Kip, Roland e até mesmo Antonia tinham saltado para longe da água, tinham-se lançado, mais do que deixado cair e agora Lara estava a ver o pai descer demasiado perto do penhasco.

— Merda! — exclamou Antonia e naquele preciso momento Lambert atingiu a água e desapareceu.

Roland saltou lá do alto como um foguete. Entrou na água, na dou rapidamente e enquanto os outros ainda estavam paralisados nas suas rochas, Roland subiu à superfície trazendo Lambert com ele.

Lara correu até à água.

— Pai! — gritou. — Pai?

Roland tinha o braço em redor dele.

— Tragam-no aqui para cima. — Isabelle vinha a correr com uma toalha.

— Eu estou bem. — Lambert estava a coxear e tentou libertar-se de Roland, mas assim que pousou o pé no chão, foi percorrido por uma enorme dor e quase caiu. — Senti-o partir — disse ele, e voltando-se para o lado, teve um espasmo. A todo o comprimento da parte lateral do pé, via-se um golpe profundo que começava a encher-se de sangue e o dedo mínimo do pé estava dependurado, solto. — Eu estou bem — disse de novo, recompondo-se e declinando o copo de vinho que Isabelle lhe oferecia. — Simplesmente não... — fez um gesto com a mão que indicava medida —, não medi bem as distâncias.

— Mas quase... — Isabelle estava ao lado dele, estancando o sangue com um guardanapo. — À primeira vista parecia maravilhoso...

Lambert recostou-se no braço de Isabelle, que o envolvia.

— Sim... parecia mesmo maravilhoso. Era como estar a voar e a nadar ao mesmo tempo.

Deixou-se cair na toalha e Lara, que estava sentada por perto, viu que a cara do pai estava pálida.

— Ele está bem? — sussurrou para Isabelle quando Lambert fechou os olhos. Queria tocar-lhe, colocar-lhe a mão na testa, mas não era assim que as coisas funcionavam. — Pai? — murmurou. — Quer que lhe dê alguma coisa?

Mas Lambert apenas mexeu os lábios para suspirar um não.

— Ele está a tremer — disse Pamela, e aliviadas por terem alguma coisa para fazer, as mulheres sacudiram as migalhas de uma manta grande e macia e taparam-no com ela.

— Pai? — sussurrou, ansiosa, mas a resposta dele foi apenas o esboçar de um sorriso.

— Ele é rijo como tudo — comentou Andrew, irritado: — É do choque. Deixem-no sossegado. Deixem-no descansar.

— Não há tolo como um velho tolo, não é? — Hugh abanou a cabeça e, com um estalido de celebração, sacou a rolha de mais uma garrafa de vinho.

Lambert encostou-se a uma rocha com a perna ligeiramente levantada, apoiada numa cama de

toalhas. O pé começava a inchar e a ficar roxo claro em volta dos dedos e de cada vez que o mexia, Lara via que ele engolia em seco num esforço concertado para controlar a dor. E se ele tivesse caído de outra maneira? E se tivesse batido com a cabeça, partido o pescoço? Sentiu-se estremecer. De cada vez que olhava para o pai, parecia-lhe que ele estava a ficar mais pálido. Ocorreu-lhe, pela primeira vez — e achou um absurdo que tal não tivesse ocorrido antes —, que não sabia quase nada acerca do pai. Tinha aceitado a sua reserva e abster-se de lhe colocar até mesmo as perguntas mais naturais: se tinha irmãos ou irmãs; o que tinha acontecido aos pais dele; qual o motivo por que nunca se apaixonara. Colocava-as, agora, na sua conversa muda, mas era óbvio que ele não lhe estava a responder. O que a levava a ser tão obediente? Porque se submetera tanto e tão depressa às regras dele? Estendeu a mão e tocou-lhe no ombro, mas Lambert apenas se encolheu.

— Acho melhor levarmo-lo de volta para casa — sugeriu Lara, falando apenas para Isabelle e, sem esperar pelos outros, começou a reunir as coisas deles.

— Eu levo-vos — concordou Isabelle e, com os olhos frios de Andrew pousados nela, levantaram-no e, uma de cada lado, ajudaram-no a andar até ao carro branco.

— Como é que correu? — Caroline foi ao encontro deles, surpreendida ao ver o carro inesperado.

— O Lambert está ligeiramente ferido — disse Isabelle para preveni-la.

— Eu estou bem — gritou ele, abrindo a porta do carro, e como que para prová-lo, começou a coxear, a manta ainda enrolada à sua volta, o pé e a perna cobertos de sangue seco.

— Acharam que não era suficiente haver um inválido nesta casa? Foi isso? — Caroline abanou a cabeça e entrou para ir telefonar ao médico.

— Não há necessidade disso — insistiu Lambert, mas Ginny, que tinha vindo à porta, ao vê-lo ferido, começou literalmente aos gritos.

— Oh, não! Oh, não! — repetiu, na sua voz esganiçada de rato, e ajudou-o a sentar numa cadeira.

— Que aconteceu? — Caroline estava de volta.

— Bem, foi... — Lara estava com vontade de culpar Roland.

— Foi apenas falta de sorte — atalhou o pai. — Fui incauto. — Fez um esgar. — Não saltei suficientemente para longe. Senti logo. O dedo do pé. Partiu. Lamento muito.

— Meu querido... — sossegou-o Caroline. — O médico já vem a caminho.

— Mas eu estou ótimo — insistiu, olhando para ela. — Foi só um dedo do pé.

— Pois foi — concordou ela. — Claro que foi.

— Ainda se eu fosse um jogador de futebol ou um jóquei... Isto não me vai impedir de continuar a escrever.

— Mas julgas que... — Caroline inclinou-se para ele — Julgas que vais estar recuperado daqui por uma semana, a tempo do Palio?

— Claro! Já estou muito melhor. — Lambert esticou o braço para o jornal. — Qual é o cavalo que vou montar desta vez?

— Pai! — Lara riu-se, e desejou que ainda lhe fosse permitido tocar-lhe na mão.

Isabelle esperou até o médico acabar de examinar Lambert.

— Imagino que em Ceccomoro estejam todos desejosos de receber notícias dele.

— Pois é. — Isabelle começou a pegar nas suas coisas. — É melhor...

— Sim. — Caroline segurou-lhe na porta. — Dá cumprimentos ao Hugh. Imagino que já esteja a estranhar a tua ausência — acrescentou com um sorriso frio.

O médico aconselhou Lambert a manter o pé em repouso durante várias semanas e que, depois, tivesse muito cuidado para não bater com ele.

— Um dedo do pé nunca sara por completo — traduzira Caroline. — Se ele chocar contra alguma coisa, pode voltar a partir-se.

— Os italianos sempre foram uns melodramáticos — comentou Lambert, minimizando a situação. — Várias semanas! — Abanou a cabeça. — Amanhã já estou melhor.

Jantaram na sala, com guardanapos nos joelhos, enquanto Ginny entrava e saía, certificando-se de que tudo estava bem.

— Está alguém lá fora — informou, quando regressou com um tabuleiro com uma taça de frutos silvestres e um jarro de chocolate branco quente. — Ninguém bateu, mas consigo ver uma sombra... ali a pairar.

Nesse preciso instante, Kip enfiou a cabeça pela porta. — Só queria dizer... espero que Mr. Gold esteja melhor.

— Obrigado. — Lambert olhou para ele. — É muito simpático da tua parte.

— Queres beber alguma coisa? — ofereceu Caroline. Kip sentou-se e ficaram todos a olhar para ele, a sua boca grande, os olhos azul-escuros e uma segurança e à-vontade invulgares. Foi ficando, tomou outra bebida, depois outra, enquanto Lambert olhava para ele como se fosse um animal, examinando-o com um tal escrutínio que Lara também pôde observá-lo sem ser detectada.

Por fim, Caroline bocejou.

— Como é que vais voltar? — perguntou, e Kip, bem-educado, levantou-se.

— Vou a pé, não há problema. A única questão... — e olhando directamente para Lara — é que a Lara prometeu que ficava esta noite em Ceccomoro e já está tudo tratado.

Lara foi tão apanhada de surpresa que mal conseguia respirar.

— Bem... — Caroline sorriu, mostrando que nada do que Kip desejasse alguma vez seria recusado. — Lara, é melhor ires lá acima preparar as tuas coisas.

Lara olhou para o pai.

— Não sei... — Mas o seu coração estava a bater acelerado e nada a conseguiria fazer ficar. Saltaria por uma janela, se tal fosse necessário, ou deslizaria por uma corda feita do seu próprio cabelo, como Rapunzel.

Lambert inclinou a cabeça para o lado.

— Se já está tudo tratado...

Lara retirou a camisa de noite de debaixo da almofada, recolheu a escova de dentes, a escova de cabelo, uma muda de roupa e ainda, se bem que soubesse de antemão que não iria abri-lo, o livro. Enfiou tudo dentro de um saco e desceu a escada a correr.

— Trago-a de volta amanhã — prometeu Kip e ficaram de pé, junto à porta, inocentes como dois

aventureiros de partida para uma longa caminhada.

— Então, adeus. — Lara correu de volta para o pai e, debruçando-se sobre ele, beijou-o ao de leve. Tem a certeza, perguntou-lhe com os olhos, e podia jurar que ele tinha dito que sim.

Assim que se viram na rua, Kip desatou a rir como um louco.

— Não pensei que conseguisse fazer isto! — Tomou-lhe a mão e, juntos, correram ao longo da estrada. — «Bem» — começou a imitar a voz autoritária de Caroline — «É melhor ires lá acima preparar as tuas coisas.» — Lara teve a terrível sensação de que tudo aquilo tinha sido um desafio.

Quando entraram no bosque sensual, Kip puxou-a para si.

— Tive saudades tuas, hoje. — E Lara constatou que naquele dia, e pela primeira vez desde que o conhecera, não pensara nele.

— Eu também — disse ela, porque desejava que fosse verdade. Encostou-se àquela que já se tornara a árvore deles e entregou-se aos beijos de Kip.

Estavam a ficar bons naquilo. As suas bocas haviam perdido o receio, as línguas cantavam. Beijaram-se até que os beijos se tornaram o seu mundo. Mas as mãos de Kip também estavam cheias de desejo e de urgência, percorrendo o corpo de Lara, cobrindo-lhe os seios, tacteando e desapertando-lhe as roupas. Lara sentiu que a fivela do cinto dele de alguma forma se desapertara e o calor do metal estava a enterrar-se no seu corpo.

— Não temos... eu não... — Tentou impedi-lo, mas ele estava a pressioná-la com tanta força, a cara enfiada no seu pescoço. — Não é seguro — conseguiu dizer.

Ele parou e olhou para ela.

— Mesmo que tivéssemos um bebé — respondeu ele —, não me importava.

Lara hesitou. Não acredito em ti. Sabia que era mentira, mas ao mesmo tempo era tão excitante. Se tivessem um bebé, ela ficaria ligada a ele para sempre. A ele e a tudo aquilo também. A Ceccomoro, aos roseirais e às estátuas, e a um qualquer casarão frio algures no Yorkshire, com os seus terrenos, os seus pastos e as suas quintas.

— Está tudo bem. — Kip estava a afastar-lhe a roupa interior, a puxar para o lado as cuecas de algodão.

Lara colocou-se em bicos de pés, ajudando-o, esticou as costas, levantou uma perna. A sua respiração era pesada, franzindo o sobrolho num esforço de concentração. Não vamos conseguir fazer. As pernas tremiam-lhe. Mas naquele instante, como se estivesse predestinado, ele entrou dentro dela. Lara abriu os olhos e, por um momento, ficaram muitos quietos, olhando um para o outro. Tinham-no feito e deixaram-se ficar assim, movendo-se suavemente, as bocas ligeiramente abertas, os seus corpos oscilando de encontro à árvore,

— Estás pronta? — perguntou-lhe Kip, num suspiro, e sem saber o que ele pretendia dizer, Lara acenou que sim. Kip começou então a impulsionar-se contra ela com tanta força e violência que Lara perdeu por completo a noção dele, ou de si própria, conseguindo apenas sentir o calor e o desespero de Kip enquanto se agarrava a ele, seguindo a fina linha do seu desejo, como seda colorida, até que o sentiu crescer dentro dela, inchar e, com um forte estremecimento, sossegar.

Lara ajeitou o vestido e ficou espantada por ver que ainda tinha as cuecas meio vestidas. Kip

voltou-se de costas, apertou o cinto e fechou a braguilha, deixando a camisa por fora das calças. Ocorreu a Lara que aquela era a segunda vez e que ainda não tinha visto um pénis ao vivo. Alguma vez veria um, ou passaria o resto da vida de olhos bem fechados?

— Estás bem? — Kip parecia descontraído, mas um pouco embaraçado.

— Sim — respondeu, mas havia uma humidade pegajosa agarrada às suas coxas que a incomodava quando andava. — Tens um...? — Ia pedir-lhe um lenço, mas lembrou-se de que tinha o saco com a roupa.

— Andas sempre tão bem preparada? — perguntou Kip. Lara pegou numa mão-cheia de folhas secas e atirou-lhas.

Foram caminhando, de mãos dadas. Estava muito escuro e cada restolhar, agora que não estavam tão distraídos, fazia-os recordarem-se de que havia javalis naquele bosque.

— O que é isto? — Lara parou. Conseguia ouvir a música cigana que vinha do alto das colinas que se erguiam por cima deles. — Ouve — disse, puxando-lhe a mão.

— São os comunistas. — A música chegava até eles em catadupas. — Devem estar a comemorar alguma coisa. Outro rapto, talvez. — E apertou-lhe a mão.

— É verdade que eles raptam pessoas?

— Claro! — Kip parecia perfeitamente seguro. — Ainda há poucos anos apanharam o antigo primeiro-ministro, Aldo Moro, mantiveram-no durante cinquenta e cinco dias e depois assassinaram-no. Foi encontrado no porta-bagagens de um carro.

— A sério? — Cada nervo do corpo de Lara se contraiu. Não vai durar, pensou Lara, não pode durar, mas, ainda assim, o seu coração rejubilou.

— Na verdade — prosseguiu Kip —, até é bem possível que o tenham encontrado antes. Tinham uma pista sobre o seu paradeiro, fornecida por alguém do governo, mas adivinha como foi exactamente que eles obtiveram a informação?

Lara arregalou os olhos, revelando não fazer a mínima ideia.

— Através de um tabuleiro Ouija! — murmurou ele, e desataram ambos a correr.

Quando chegaram a Ceccomoro, ainda havia gente sentada no exterior, à mesa comprida, iluminada por velas e candeeiros, recostados em bancos e cadeiras. Andrew, Antonia, Roland e, quando Lara se aproximou, viu a figura semicurvada de Hugh e, o mais afastada que lhe era possível, Isabelle, fazendo festas a um cãozinho.

Ninguém os viu aproximar-se, e Lara teve esperança que conseguissem passar despercebidos, mas à medida que se aproximavam da mesa, Roland virou-se e apanhou-os.

— Venham tomar uma bebida. — Levantou-se a agarrou-lhe na mão e, assim, seguida por Kip, Lara sentou-se discretamente nas tábuas frias de uma cadeira de madeira e aceitou um cálice de vinho.

— O tipo de mulher que considero mais atraente, e não me orgulho de admiti-lo... — Andrew Willoughby estava a falar para a audiência — ...é o tipo de mulher que é capaz de fazer inveja aos meus amigos. Uma mulher verdadeiramente bonita, vistosa. Uma mulher deslumbrante, como a Pamela, obviamente. — Olhou em volta e reparou que ela já não estava ali, se é que estivera, sequer. — Hum! — Pareceu perplexo e com ar de quem tinha acabado de fazer um elogio em vão. — Um

borracho. — Agora estava a olhar para o fundo da mesa, para Isabelle, a qual, com o seu cabelo liso e mãos enrugadas, levantou os olhos com um ar distante.

— É das subtis que eu gosto. — Roland colocou o braço em redor de Lara e apalpou-lhe o seio direito.

O protesto dela foi abafado por Hugh.

— Que disparate! — Estava a ter dificuldade em concentrar-se. — Não há nada de subtil na Tabitha. Ela é a rapariga mais bonita de todas as que conheço.

— Eu não estava a pensar nela — disse Roland, mas Andrew fez uma vénia com a cabeça, como se o elogio fosse para ele. — Obrigado. Ela é linda. É verdade.

Kip manteve-se calado.

— Eu digo-vos qual é o tipo de pessoas que considero realmente atraentes. — Antonia bebeu um pouco de vinho. — Aquelas de quem mais ninguém gosta, que só eu descubro.

— Gente feia — comentou Roland e Antonia fez beicinho. — Hum, sim, por favor.

— Mas nunca me apresentas a essa gente feia. Hum. Por que razão? — exigiu Andrew.

Antonia virou-lhes costas.

Lara desejava que a noite terminasse. Queria dormir, com ou sem Kip. Deitar-se em lençóis frescos e terminar aquele dia. Fez deslizar a mão pelo banco e tocou na de Kip. Ele mexeu-se ligeiramente, para reconhecer a presença dela, mas não olhou.

— A questão é que... — começou Hugh, as palavras entarameladas, os olhos caídos como os de um cão — tanta beleza está nos olhos de quem a contempla... — Estava a baralhar as ideias. — Confiança! — Tentou resgatar a sua teoria. — É isso que nos ajuda. — Derrotado, apoiou a cabeça na mesa, e apesar de toda a gente ter rido, ele deixou-a ficar assim e pouco depois o seu ressonar confirmou que tinha adormecido.

A conversa prosseguiu sem ele, Roland e Antonia digladiando-se por sobre a mesa, altura em que Andrew se dirigiu discretamente e a coberto do escuro para junto de Isabelle, agachando-se ao lado dela para acariciar o cão.

— Não podes ir a conduzir até casa a esta hora — falava em voz baixa. — Isso está fora de questão.

Lara levantou-se. Tomou o braço de Kip.

— Onde é que vou dormir?

— Já te mostro. — Deram a volta à casa, passaram pela piscina, contornaram o extremo do jardim, passaram por um telheiro sob o qual estava suspensa uma cama de rede e subiram um lanço de escadas de pedra. Kip abriu uma pesada porta de madeira, conduziu-a ao longo de um corredor de tijoleira, subiram outro lanço de escadas, desta vez de madeira, até que, por fim, ele abriu uma porta que dava para um quarto pequeno, caiado de branco. Havia uma cama com uma colcha de algodão muito branca e uma janela com as portadas abertas para a noite estrelada.

— Podes dormir aqui — informou, e ouvindo passos em baixo, deu-lhe um rápido beijo na boca. — Volto mais tarde. A casa de banho fica ao fundo do corredor. — Ouvia-o assobiar, enquanto descia a escada.

Lara vestiu a camisa de noite e saiu para o corredor. Havia várias portas. Tentou uma e encontrou um quarto vazio, depois outra que dava para um quarto onde apenas havia uma arca com livros. À terceira porta que tentou, encontrou a casa de banho, uma divisão de tal forma inundada pelo luar que

nem se deu ao trabalho de acender a luz. Encheu as mãos de água e pressionou-as contra a cara. Sentiu-se extremamente cansada, ressequida, vazia, mas quando se olhou no espelho, tudo o que viu foram as sardas castanho-claras do bronzeado. Escovou os dentes, bochechou e cuspiu a água. Estava a voltar-se quando ouviu uma voz. Parou, a mão na porta.

— Aquilo que estás a dizer é um verdadeiro absurdo. — Era Isabelle e estava a rir.

Quem quer que estivesse com ela não se mostrava convencido. — Nunca me engano. Não me tomes por parvo — disse o homem.

— Eu jamais faria isso, Andrew.

Lara empurrou a porta com um dedo do pé para a fechar.

— Estiveste com ele. Estiveste com ele daquela vez, em Londres, e a semana passada, quando eu telefonei.

— Não. — Lara quase conseguia sentir, através da parede, Isabelle a abanar a cabeça.

— E sei porque é que ele está a fazer isto — insistia Andrew. — Porquê?

— Sempre admites, então?

— Não, estou curiosa. Só isso.

— Estás a dizer que não sabes? — Andrew Willoughby soltou uma gargalhada seca. — Passei anos e anos. Uma década de sexo infrutífero. Só tive raparigas. E eis que aparece um gajo qualquer e a minha mulher de repente dá à luz um rapaz!

— Não estás a querer insinuar...?

— Mas não é óbvio?

— Não.

Lara olhou para dentro da banheira. Havia uma mancha amarela onde a água devia ter estado a pingar, o esmalte estalado, camadas verdes e castanhas.

— Então é por isso que andas atrás de mim? É por vingança?

— De forma alguma! — Lara conseguia ouvir a respiração ofegante de Andrew. — Ando atrás de ti porque não te consigo resistir. Porque és linda! Porque o teu marido está a dormir e nunca irá saber. E, seja como for... — a voz dele assumiu um tom malicioso — tu disseste que nunca estiveste com ele.

— Aí tens. Nunca estive. — Isabel acalmou-se e Lara ouviu-os embaterem nas paredes enquanto avançavam, em passos instáveis, ao longo do corredor. Ouviu-se o ranger de uma porta, uma gargalhada reprimida e depois fez-se silêncio.

Lara atravessou o corredor o mais silenciosamente possível e deslizou para dentro do quarto. Trepou para a cama, que era alta e estreita, e pressionando a cara contra a almofada, tentou dormir. Onde estaria ele? Queria Kip ao lado dela. Queria que ele pressionasse o corpo dele contra o seu. «Uma década de sexo infrutífero.» Sentiu uma onda de tristeza. Uma enorme tristeza percorrendo-lhe as veias, e lembrou-se de a mãe dizer que Lambert nunca tinha desejado ter filhos. É por isso, dissera-lhe a mãe, que és tão especial. «Mostraste-lhe aquilo que ele desconhecia.» A mãe tinha vertido algumas lágrimas quando Lara lhe contara do convite do pai para irem a Itália. «Estás a ver? Ele agora está grato por te ter.» Lara agitou-se na cama. Kip? Sentou-se, mas eram apenas as portadas a ranger. Voltou a deitar-se e deslizou os dedos por entre as pernas. Continuava húmida, sentia uma película húmida, como cola. Seria útil, interrogou-se, para colar envelopes ou alisar sobrancelhas?

Trouxe os dedos à luz do luar, para poder examiná-los.

Nesse instante, ouviu passos nas escadas. Apressadamente, secou-se à camisa de noite e, puxando-a para baixo, fechou os olhos. O seu coração batia apressado e esforçou-se por abrandar o ritmo da respiração. Os passos aproximaram-se, hesitaram e depois Lara ouviu a maçaneta da porta rodar. Desejava saltar da cama e lançar-se nos braços de Kip, mas sabia que não devia mostrar interesse. Por isso, deixou-se ficar deitada, muito quieta, fingindo estar a dormir.

Por uns momentos, fez-se silêncio, depois ouviu uns pés a deslizarem para fora dos sapatos e o som pesado de uma fivela, quando umas calças caíram ao chão. Ele estava a inclinar-se sobre ela. O coração de Lara batia descompassadamente, a sua boca estremecia, à beira de um sorriso, e sentiu uma corrente de ar fresca, que lhe deixou a pele arrepiada, quando ele levantou o lençol e deslizou para debaixo da roupa.

— Olá! — A voz dele era rouca e estava estranhamente alterada. Em seguida, um braço pesado enlaçou-a. Cheirava a *after-shave* e a bronzeador e trazia uma pulseira de relógio, em metal, que lhe beliscou a pele.

Lara abriu os olhos. Sentiu o estômago revolver-se e subir-lhe à garganta.

— Que estás a fazer aqui, Roland? — Não se voltou. Não queria que a cara dele ficasse próxima da sua. — Sai! Estou-te a avisar!

— Não estás feliz por me ver? — Estava a falar baixo. — O teu namoradinho desmaiou. Não é suficientemente homem para aguentar a bebida. Por isso, pensei: pobre camarada Lara, ali sozinha, à espera, à espera... — E os dedos dele começaram a percorrer-lhe a pele, como uma aranha.

— Eu estava a dormir. — Debateu-se para se conseguir sentar. — Vai-te embora!

— Não devias ser tão má. — Roland estava agora a acariciá-la, deslizando a mão ao longo da perna dela. Lara deu-lhe um pontapé, tentando repeli-lo.

— Estou a avisar-te! — Lara lembrou-se então que Andrew e Isabelle estavam algures naquele andar. Se a ouvissem, ficariam a saber que ela os tinha ouvido a eles.

— Acho que estás um bocadinho excitada... — murmurou Roland, deslizando pela cama para junto dela, e quando Lara protestou, «Não estou excitada», ele atirou a cabeça para trás e riu. — Eu disse que achava que precisas de ser massajada, só isso. Olha. — Tinha, de novo, as mãos nela. — Deixa-me dar-te uma massagem.

Lara tinha os olhos na porta.

— Não, obrigada. — Podia correr até lá. Descer as escadas e tentar encontrar o quarto de Kip, ou até mesmo o de May. Mas e se entrasse no quarto de Tabitha? Ou no de Hugh? Nesse caso, como é que explicaria?

— Só uma pequenina. Vou massajar-te os ombros — insistiu Roland, por isso ela voltou-se e ofereceu-lhe as costas.

As mãos de Roland eram estranhamente moles. Esfregaram e deslizaram em cima do algodão da camisa de noite.

— Não podes tirar isto? — perguntou. — Assim não dá jeito. Lágrimas começaram a picar-lhe os olhos.

— Por favor — pediu. — Vai-te embora.

Cheio de compreensão, Roland colocou os braços em redor do corpo dela e beijou-lhe a cara.

— Não sou assim tão mau — assegurou ele. — Vais gostar. — Acariciou-lhe o cabelo. — Já muitas gostaram.

— Mas eu não — disse Lara. — Eu não quero.

Desejou ter aprendido judo ou karaté para, naquele momento, ter conseguido dar um salto e, sem perder o equilíbrio, atirá-lo ao chão com um único golpe. Mas ele estava a agarrá-la, a embalá-la, entoando uma canção. Estava a fazer-lhe festas no cabelo, a acariciar-lhe as orelhas e, pelo menos por enquanto, ela sentia-se segura.

— Muito bem, vamos então dormir — sugeriu ele, deslizando com ela para dentro da cama.

Ficaram deitados, encaixados um no outro, respirando lentamente, Lara com todos os sentidos alerta, para o caso de ele mexer o braço, que a enlaçava, a escassos centímetros dos seus seios. Sentia-se como uma amêijoia, enrolada sobre si própria, mas quanto mais se enrolava, mais vulnerável ficava por detrás. E tinha razão, mão dele estava a escorregar ao longo dos seus joelhos flectidos,

percorrendo o folho da camisa de noite, deslizando pela pele exposta da coxa.

Lara apressou-se a deter-lhe a mão.

— Não! — Voltou a colocar o braço dele à volta da sua cintura, apoiando-o no lençol, onde ela o conseguia ver bem. — Por amor de Deus! — exclamou, e a voz que fez, irritável como a de uma professora primária, fê-lo rir-se.

— Muito determinada — comentou e, por um instante, Lara pensou que ele ia agarrá-la e obrigá-la a voltar-se, mas ele não se moveu.

Ficou quieto durante tanto tempo que, muito gradualmente, Lara começou a descontrair-se. Roland tinha uma perna apoiada sobre as dela. Uma perna tão pesada como um toro de madeira. E sentia os genitais dele, protegidos por apertadas cuecas de algodão, encostados à sua anca. E, então, como que a dormir, Roland começou a mover a mão, tão lentamente que ela mal podia acusá-lo, a palma apertando-lhe suavemente a perna. Era agradável. Relaxante. Se ao menos fosse Kip. Depois a mão desceu para a barriga. Susteve a respiração. Seria possível que ele estivesse a dormir?

Durante um momento, Roland ficou quieto, mas depois recomeçou a mexer a mão, em círculos indolentes. Sentia-se como um gatinho ou um bebé a ser acariciado, mas também revoltada, se permitisse a si própria pensar. Em breve, repetiu, em breve, ele estará a dormir e poderei escapulir-me. Mas nesse instante, a mão dele, a palma da mão, subiu ligeiramente e roçou o mamilo. Para sua grande surpresa, sentiu uma onda de fogo percorrer-lhe o corpo. Engoliu em seco e mexeu-se, espalmando ambos os seios contra o colchão, mas ele acompanhou o movimento dela, colocando o joelho entre as pernas dela, deixando-a impossibilitada de se mexer. Lara manteve a respiração estável e a mente adormecida. *Vou fingir estar a dormir* e quando ele não estiver à espera, empurro-o. Experimentou empurrar a perna dele, mas parecia feita de pedra.

— Hum — gemeu ele, em resposta. — Isso sabe bem. Não fiques preocupada com a minha mulher, por causa dessa história da solidariedade entre as mulheres, porque ela não se importa. Até fica aliviada. É menos um dia que me tem à perna. — Começou a rir e Lara sentiu a humidade do bafo dele no pescoço.

— Eu não lhe digo — prometeu Lara. — Mas volta para o teu quarto.

De novo, tentou libertar-se do peso de Roland.

— Não há nada para dizer. — Esticou o braço por cima dela e agarrou-lhe o pulso. — Vá lá, dá-me só um beijo.

— Não!

— Vá lá. — Roland estava a deslizar para cima dela, a barba áspera do rosto a arranhar-lhe a cara. Lembrou-se, então, de ouvir dizer que as prostitutas eram capazes de qualquer coisa — fosse o que fosse! —, menos beijar. Agora ele estava em cima dela. Lara libertou o outro braço, mas assim que o fez, ele agarrou-o. — E agora, pequena bolchevique, o que é que vais fazer? — Estava encavalitado nela e a única maneira de Lara se levantar era atirar-se para trás, para o colo dele.

— És patético — disse, tentando libertar um dos braços, mas ele tinha um pulso de ferro. — Ai!

Sentia a pele abrasada. Puxou novamente o braço, mas sem aviso prévio ele empurrou-a com força contra a cabeceira da cama, o peso dele contra ela. Devia ter usado a mão livre para se despir, porque o pau dele — era essa a palavra mais adequada — estava duro e seco e tentava penetrá-la. Roland afastou-lhe as pernas bruscamente e, com um grunhido, entrou dentro dela, rasgando, arfando, suspirando, forçando-a contra a parede.

Lara fechou os olhos. Tinha vontade de vomitar. Queria virar a cabeça e mordê-lo, constatando que até àquele minuto tinha pensado que tudo aquilo não passava de uma brincadeira. Mas não ia gritar. Não podia. Nem queria que alguém viesse a saber. Como tal, manteve-se quieta, tanto quanto lhe era possível, e esperou que tudo aquilo terminasse. O corpo de Roland fervia e contorcia-se, sobre o dela e Lara sentiu-o esforçar-se e todos os seus nervos contraírem-se. Apagou, também, o espírito, não vendo nada a não ser uma longa e brilhante faixa de cor, um pôr-do-sol sobre um rio lamacento. Até que, por fim, tudo acabou. Ficou imóvel, a cabeça tombada sobre o pescoço dela, libertando-lhe as mãos.

Lara ouviu-o engolir em seco.

— Desculpa — sussurrou.

Mas ela não olhou para ele. Se dependesse dela, jamais voltaria a olhar para ele. Deslizou para dentro da cama, de cara voltada para a janela e puxou o lençol bem para cima.

— Não foi assim tão mau, pois não? — Roland apanhou as calças e tirou um maço de tabaco. — Posso? — perguntou, mas Lara não respondeu.

Fez-se silêncio, enquanto ele acendia o cigarro e soltava uma baforada.

— Não eras virgem? — Houve um tremor de incerteza na voz dele.

— Não. — Ficou aliviada por poder responder com a verdade.

— Então para que foi toda essa cena? A menos... — riu. — Achas-me repelente? Não — continuou, depois de lançar três anéis de fumo. — A menos que te estivesse a guardar para o Kip.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

— Gostas mesmo dele? — Roland inclinou-se por cima dela e espreitou-lhe a cara. — Tu gostas mesmo daquele filho da mãe. — Abanou a cabeça, como que da estupidez dela. — És tu e o resto do mundo. É melhor avisá-lo. — Mas em vez de se levantar para ir levar a cabo essa tarefa, Roland enfiou-se mais dentro da cama e, pousando um braço na elevação da anca dela, continuou a fumar.

Lara ficou a olhar para a janela. O céu já não estava tão escuro quanto tinha estado, a primeira luz da madrugada tornara-o cinzento. Ficou deitada, imóvel — não havia mais para fazer — e apertou bem a camisa de noite em redor do corpo. As estrelas já tinham desaparecido e do jardim, em baixo,

chegava-lhe o chilrear de passarinhos. Não vou conseguir dormir, pensou, os olhos doridos, o corpo consumido pelo calor e pela vergonha. Mas, lentamente, começou a descontrair-se. Tranquilizada pelo ritmo do ressonar de Roland e demasiado cansada para conseguir manter os músculos contraídos por mais tempo, permitiu-se afundar contra o baluarte do corpo dele.

Lara acordou e descobriu que estava só. Ficou deitada, tentando convencer-se de que aquela noite não tinha passado de um sonho, mas os braços doridos, a pontada entre as pernas e o arranhão no pulso diziam-lhe que fora realidade.

Vestiu-se o mais silenciosamente que pôde. Que horas seriam? A casa estava mergulhada em silêncio e o jardim deserto lá em baixo, mas o sol já se encontrava bem alto e o quarto estava quente.

Abriu a porta e olhou ao longo do corredor. Não via ninguém, nada, por isso correu, sem olhar para a fileira de portas de madeira branca, todas fechadas.

— Está alguém? — perguntou, ao rodar a maçaneta da porta da casa de banho, mas não obteve resposta. Durante um longo minuto ficou a olhar-se no espelho, espantada mais uma vez por não detectar qualquer diferença, e depois lançou água para a cara, uma e outra vez, até que sentiu que o cheiro de Roland tinha desaparecido.

— Graças a Deus que está de volta. — Ginny saudou-a, à chegada e, baixando a voz, informou: — O seu pai teve febre. Tem estado a chamar por si. Pelo menos pensamos que se trata da Lara. — Encaminhou-se na direcção da sala de estar, com um copo de água na mão, e Lara seguiu-a.

Lambert parecia estranhamente pequeno. Estava deitado no sofá, envolto num cobertor, o rosto pálido, o cabelo espetado do suor.

— Ah, estás aqui. — Estendeu-lhe a mão.

— Pai. — Lara deixou-se cair de joelhos, ao lado dele. — Como é que se está a sentir?

— Não muito mal. — Sorriu e Lara sentiu uma pontada de dor ao constatar que era importante para ele.

— Não volto a sair — disse-lhe. — Vou ficar aqui consigo. — Não. — Lambert tentou sentar-se. — Eu estou óptimo. — Chiu — Colocou a mão no ombro do pai e ele deixou-se cair para trás.

Foi então que viu o pé dele. Estava inchado, preto e verde, o hematoma tinha-se espalhado num rio de cor, subindo até ao tornozelo. Quem imaginaria que um osso tão minúsculo poderia desencadear tamanho protesto?

— O médico vem aí outra vez — declarou Ginny. Pousou no chão uma bacia de água fumegante, na qual flutuavam folhas de rosmaninho e alfavaca. — Se conseguisse mergulhar o pé nesta água, far-lhe-ia muito bem.

Como Lambert não se mexeu, Ginny ensopou um pano de flanela e envolveu-lhe o pé, roçando o dedo momentaneamente, o que fez com que Lambert fizesse um esgar.

Lara sentou-se ao lado dele, numa cadeira baixa. Que poderia ela dizer para o distrair? Incapaz de se lembrar de outra coisa, retirou o livro do saco e começou a ler-lhe passagens de *As Vinhas da Ira*.

— Vejo que estás de volta. — Caroline desceu depois da sesta e, por um instante, olhou para Lara

com verdadeiro interesse. — Não foi uma sorte desgraçada? — Sorriu para Lambert. — Mas talvez daqui por um dia ou dois...

Caroline estava embrulhada em camadas de organza, bege, amarelo claro e lilás, tendo, no chapéu, uma fita de seda que combinava na perfeição. Os pulsos e os tornozelos de Caroline eram tão finos que os ossos sobressaíam, o que lhe dava um ar de animal recém-nascido.

— Cheiras maravilhosamente — sussurrou Lambert quando ela se inclinou para lhe dar um beijo na cara.

— Bom, estou de partida para Siena. Hoje é o dia em que eles trazem a terra para a Piazza del Campo. Trazem-na do campo e espalham-na para fazer a pista. Quando eu estava doente ou deprimida, o Antonio costumava dizer-me: «Não te preocupes, em breve vão trazer a terra para a Piazza. É sinal de que o Palio está muito próximo.» — Inclinou-se de novo sobre Lambert e, como se isso fosse perfeitamente natural, começou a acariciar-lhe o cabelo. — Não te preocupes — sussurrou, com uma suave pronúncia italiana —, em breve eles vão trazer a terra para a Piazza.

Lara lançou um olhar rápido ao pai para ver se ele estava a pensar que Caroline estava maluca. Parecia que estava embriagada. Embriagada ou italiana.

— Vou lá tocar na terra — disse ela, olhando para eles com um grande sorriso e, ignorando as suas expressões surpreendidas, saiu da sala.

Lambert fechou os olhos.

— Já são horas de tomar os remédios? — perguntou, tentando parecer bem-disposto, mas gotas de suor estavam a formar-se na sua testa.

— Os analgésicos? — Ginny já ali se encontrava. — O ideal seria... julgo que já são horas, sim. — Colocou duas grandes cápsulas na palma da mão dele e passou-lhe o copo de água.

Assim que os comprimidos começaram a fazer efeito, o rosto de Lambert descontraíu-se, os punhos suavizaram-se e voltou-se para Lara, de olhos semicerrados.

— Divertiste-te, ontem à noite? — perguntou, como se só naquele momento tivesse reparado que ela estava de volta. — Em Ceccomoro? — Lara acenou com a cabeça, muito depressa.

Pouco depois, Lambert adormeceu. Lara ficou mais algum tempo sentada ao lado dele. Não lhe parecia correcto ficar a observar uma pessoa sem a autorização dela, mas, ainda assim, e enquanto Ginny não voltava, permitiu-se ficar a olhar para ele. As orelhas dele eram pequenas — nunca tinha reparado nisso — muito pegadas à cabeça. Não tinha lóbulos. Isso tem um significado, pensou Lara, pelo menos para os chineses, mas o que quer que fosse, ela não se lembrava. A pele, nas zonas que não tinham barba, era fina e macia como pó de talco. Tinha uma teia de rugas ao longo da testa e duas linhas, longas e profundas, que desciam de cada lado da boca. Os olhos eram encovados, as pestanas estavam descoradas pela ida de, mas o sobrolho estava levantado, como se, até mesmo a dormir, estivesse intrigado. O seu nariz era grande, muito maior do que alguma vez lhe parecera quando ele estava acordado, e tinha o mesmo defeito e a mesma forma que o dela, embora com o dobro do tamanho. Roçou a mão na dele e apesar de as pálpebras se terem agitado, ele não se mexeu.

— Está tudo bem — sossegou-o, e recordou-se do ritual da garrafa de água *Perrier* e da forma como tinham partilhado as últimas gotas. — Chh — fez, apesar de ele estar calado, e quando viu que já não tinha nenhuma razão para continuar ali sentada, subiu até ao seu quarto.

— Lara? — O sussurro de Ginny seguiu-a escada acima. — Lara! — Como receava desatar a

chorar à frente de Ginny, entrou na casa de banho e rodou rapidamente a torneira do chuveiro, afogando-lhe a voz.

Deixou-se ficar debaixo da água corrente durante muito tempo. Lavou-se com força e eficazmente, como se não fosse o seu próprio corpo, mas sim uma cadeira velha, que ela estava a esfregar. Espalhou champô no cabelo e esfregou o couro cabeludo com as unhas, retirando a água com um último puxão, sentindo a violência dos seus dedos, sabendo que era dirigida a Roland. Só de pensar no nome dele, sentia vontade de se arranhar, de verter sangue, e numa espécie de desforra desesperada, urinou ali mesmo, no chuveiro, ficando a ver a corrente amarela misturar-se e ser arrastada por entre os seus pés. Não conseguia imaginar o que a levava a fazer aquilo, mas a verdade é que depois se sentiu muito melhor. Saiu do chuveiro, embrulhou-se numa toalha. «Não», disse, em silêncio, para o espelho onde habitualmente parava para se admirar, e meteu-se na cama.

Acordou com a voz esganiçada de Ginny:

— Ela ainda está deitada. Tem estado a dormir toda a manhã. — Ouviu-se uma voz indistinta e depois Ginny, novamente:

— Mr. Gold? Também está a dormir. Não está nada bem. Mas entre e espere. — Lara susteve a respiração. — Entre, por favor. Vou preparar-lhe uma bebida fresca. A Lara deve estar mesmo a levantar-se.

A voz de Ginny estava mais alta do que o habitual, ecoando, certamente para lhe chegar aos ouvidos, calculou Lara. Mas, pouco depois, começou a ouvir a gravilha a estalar e, gatinhando até à janela, viu Kip a afastar-se. Trazia umas calças de ganga escuras e uma camisa às riscas roxas e brancas e, mesmo àquela distância, Lara percebia que os ombros dele estavam caídos. Ajoelhou-se no chão, os olhos à altura do parapeito da janela, ficando a vê-lo afastar-se. Isto deixou-a de coração dorido, mas não podia chamá-lo, pelo menos enquanto não estivesse segura de ser capaz de guardar o seu segredo, de o enterrar tão fundo dentro de si que nada o pudesse revelar.

Gatinhou de regresso à cama. Queria voltar a adormecer, perder-se em sonhos, mas, por mais que tentasse, não conseguiu. Vestiu-se relutantemente, uns calções velhos e uma *T-shirt* desbotada, e desceu. Levava consigo os livros da escola e, depois de espreitar o pai, estendido no sofá, seguiu em bicos de pés até ao terraço, evitando Ginny, que estava atarefada a estender massa na mesa, e desceu para a piscina. Empilhou os livros à sombra, de baixo de uma espreguiçadeira, e para provar a si própria que as suas intenções eram boas, abriu o primeiro livro num capítulo dedicado à Grã-Bretanha na época da Revolução Francesa, e marcando e sublinhando palavras e passagens, leu uma carta escrita ao conde de Dartmouth, em 1791:

Birmingham está em pé de guerra. O encontro entre os Revolucionários para celebrarem a infame Revolução em França deu azo às mais terríveis acções. Houve alguém que escreveu na igreja, em grandes letras, «Para Alugar» ou «Este estábulo é para alugar ou demolir», pois os relatos do que lá estava escrito diferem. Tão grande foi a ofensa que os escritos provocaram, que a população se reuniu e destruiu todos os vidros do hotel onde os Revolucionários se haviam reunido. Em seguida, queimaram o novo templo, o velho templo e

a casa do Dr. Priestley, em Fair Hill, comtudo o que lá tinha dentro. O médico tinha fugido para Shropshire, caso contrário o mais certo era ter feito a sua última saída, pois a população decapitou uma efígie dele.

Decapitar. Lara pensou e soube que teria de fazer alguma coisa violenta. Bateu com a mão num loendro, decidida a assustar uma salamandra, que fugiu disparada, e ainda agitada, não se dando ao trabalho de voltar a casa para vestir o fato de banho, despiu a roupa e saltou nua para dentro da piscina. A água abriu caminho por entre as pernas dela, irrompeu por baixo das axilas, picou-lhe o céu-da-boca. Deixou o corpo descer até ao fundo, abriu os olhos para ver o outro mundo, as minúsculas bolhas da sua respiração, os extremos pontiagudos das suas mãos. Sentiu-se viva e forte. Bateu com os pés e girou, mantendo-se debaixo de água, agitando a cabeça até que, por fim, foi empurrada para cima, onde, com os pulmões quase a rebentar, irrompeu para fora de água. Não havia ninguém à vista. Cruzou a água, nadando de costas, revelando-se despida para o céu, batendo com os pés na parede e mudando de direcção até sentir que todos os músculos do seu corpo estavam fortalecidos.

— Lara! — Era Ginny, chamando-a do terraço. — Almoço! — E Lara sentiu-se tão grata em relação a ela que quase escorregou ao correr, nua, para a cadeira onde tinha as suas roupas.

Caroline também esteve fora todo o dia seguinte, tratando do seu cavalo, aquele que ela esperava que concorresse no Palio, e Lambert continuava a dormir.

— São os analgésicos — explicou Ginny, mais confiante a cada dia que ia passando. — E o abalo que ele sofreu. Só lhe faz bem, descansar.

Lara pegou no livro e foi-se sentar ao lado dele, se bem que aquilo que estava a fazer era observá-lo. Quanto mais olhava para o pai, mais coisas descobria. As veias das mãos, as unhas brancas e bem cortadas, o tufo de pêlos que emergia do topo desabotoado do casaco de pijama. Dormia com a cabeça virada para o lado, e percebeu que aquele era o aspecto dele que lhe era mais familiar. Esta perspectiva do seu queixo, meio virado de lado — era como se tivesse estado toda a vida a olhar para ele. Passou a tarde toda sentada ao seu lado. A cozinha estava em silêncio, a casa sossegada e o único som que se ouvia, para além do lento respirar do pai, era o restolhar atarefado dos grilos.

Por fim, Ginny apareceu para preparar o jantar e Lara sentou-se num banco alto e ficou a observá-la. Feito por ela, tudo parecia fácil: cortou peras às rodelas, retirou-lhes o caroço, passou-as por um prato com manteiga derretida, polvilhou-as com açúcar e de pois, juntando-lhes uma vagem de baunilha, colocou-as no forno, em lume brando. Em seguida, e arregaçando ainda mais as mangas, começou a fazer *gnocchi*. Desfez batatas já cozidas em puré, juntando-lhe farinha, manteiga, sal, pimenta e ovos. Fez um rolo, amassando com as mãos, até formar uma longa minhoca que depois cortou, com golpes precisos, até obter várias minhocas mais pequenas. Moldou cada uma com o dedo, de forma a parecerem um crescente, de novo com bom aspecto, e colocou-os de parte, enquanto preparava o molho.

Quando chegar a casa, pensou Lara, vou maravilhar a mãe com este prato, e lembrou-se, com desprezo, do molho de tomate aguado que faziam para acompanhar o *spaghetti*, as cebolas e os cogumelos ainda visíveis por entre os pedaços de polpa enlatada.

— Temos de deixar evaporar — ensinou Ginny, enquanto observavam o molho a engrossar com a fervura e ficar como melaço, mas a verdade é que ela e Cathy estavam sempre demasiado apressadas, demasiado esfaimadas para conseguir esperar que alguma coisa ganhasse consistência. Além disso, em Finsbury Park havia muito pouca coisa que lhes recordasse Itália. As lojas eram quase todas das Caraíbas. Inhames e batatas-doces espalhadas pelas ruas. Melões e papaias e uma enorme variedade de tubérculos e de frutos com formas irregulares, cobertos de picos ou em forma de estrela, cujos nomes Lara desconhecia. Também havia lojas cipriotas, que vendiam pão de forma branco salpicado com sementes de sésamo, embalagens de *humous* e *taramasalata*[\[9\]](#), queijo feta, azeitonas pretas em vinagre com os quais se banqueteariam quando não lhes apetecia cozinhar. O pão estava dividido em secções, tornando mais fácil separá-lo, e ao ver Ginny a misturar os ingredientes com tanta habilidade, sentiu uma súbita saudade daquelas refeições instantâneas.

Se o Kip me vier visitar amanhã, disse Lara para consigo, vou querer vê-lo. Vou fingir que está tudo bem. E reconfortada por esta promessa, passou o serão a ouvir Caroline, que tinha regressado a casa cheia de esperança em relação ao seu cavalo, falando de pessoas e lugares, de piadas e de viagens, de animais e de tias velhotas, das quais ela nunca ouvira falar.

— Sim — respondera Lambert quando ela lhe perguntara. — Lembro-me perfeitamente. — E manteve um sorriso terno na cara.

No dia seguinte, Kip não apareceu. Lara sentou-se junto à piscina, leu o jornal do pai, do dia anterior, leu um pouco mais dos seus livros, até passou os olhos distraidamente pelo romance que estava a ler. Talvez devesse ser *ela* a visitar Kip. Oficialmente, era a vez dela. Mas não o podia fazer. Foram várias as vezes que deu a volta até ao jardim da frente e espreitou ao longo da estrada, mas depois, aterrorizada com a possibilidade de se deparar com ele, sem fôlego da corrida pelo caminho sensual, voltou para dentro, sentando-se calmamente à sombra.

*

Apenas Ginny se apercebeu de que alguma coisa não estava bem.

— Zangou-se com os seus amigos? — perguntou, mas perante a veemência com que Lara negou tal possibilidade, não voltou a tocar no assunto.

Lambert continuava limitado ao sofá.

— Podias...? — Estava a tentar levantar-se.

— Claro. — Debruçou-se e o pai apoiou-se no seu ombro, coxeando muito devagar até à casa de banho. Uma vez apenas, o pai bateu com o dedo num candeeiro de pé, de metal, e soltou um uivo de dor. A testa encheu-se de suor e teve de fazer um enorme esforço para se recompor. Lara esperou do lado de fora, cantarolando para abafar qualquer ruído íntimo, e depois, quando o pai saiu, ajudou-o a regressar ao sofá, onde se sentou.

— *Porca Madonna* — exclamou, brincando, mas Lara percebeu que até sorrir lhe custava.

Mais tarde, ouviu-o a falar ao telefone.

— Não, a sério, não preciso de visitas. De forma alguma, isto não tem nada a ver contigo. Não sejas ridícula, simplesmente prefiro recuperar sozinho. — Fez-se um silêncio e depois Lambert voltou a falar, um pouco mais irritado. — Por amor de Deus! Francamente, se eu tenho de explicar...

Obrigado — disse ele, por fim. — Ainda bem que compreendes. É muito simpático da tua parte. — E pousou o telefone.

O dedo mínimo do pé de Lambert tinha ficado completamente preto, a nódoa negra espalhará-se para lá do inchaço, passara de roxo a verde e depois a amarelo, do outro lado.

— Mas sinto-me melhor — insistiu e para prová-lo, co meu vários *crostini* e um prato de salada. — Tenho tido os sonhos mais estranhos, aqui deitado o dia todo — começou, mas depois, como que lembrando-se de que os sonhos só são interessantes para quem os sonha e mais ninguém, mordeu o lábio.

— Como o quê? — encorajou-o Lara. — Que tipo de sonhos? Mas, nesse instante, chegou Caroline, que tinha ido ver o cavalo, e Lambert olhou para ela.

— Arranjaste-me o jornal? — perguntou, esquecendo-se de tudo o resto, e Caroline fê-lo aparecer de detrás das costas.

Sentaram-se juntos a ler o obituário:

— O conde de Donoughmore morreu aos 72 anos. Isso é digno de respeito?

Lambert encolheu os ombros.

— Dantes, julgava que sim, agora já não tenho tanta certeza.

O conde de Donoughmore, leu Caroline, que morreu na República da Irlanda, esteve na mira do público há sete anos quando ele e a sua mulher, a condessa de Donoughmore, foram raptados de sua casa em Clonnel, Condado de Tipperary...

— Pois foi. — Lambert acenou com a cabeça. — Agora já me lembro. Não foi estranho? Continua.

— Julga-se que os raptadores tenham estado à procura de reféns influentes para a causa das irmãs Price, que se encontravam em greve de fome: Lorde Donoughmore tinha sido, trinta anos antes, deputado conservador em representação de Peterborough. Mas depois de ter sido libertado — na sequência da desistência das grevistas —, o conde referiu que não tinha qualquer influência junto do Governo britânico e que não lhe parecia que o Governo se ralasse minimamente com a vida dele ou da mulher.

Lambert riu.

— De certeza que tinha razão.

— Dois filhos, uma filha... — Caroline pousou o jornal. — O costume.

Estava uma noite linda. Ficaram sentados, com as portas do terraço abertas, falando muito pouco, ouvindo música — velhos discos cheios de refrãos com ritmos suaves. Caroline fumava, totalmente concentrada na música e Lambert, incapaz de resistir, voltou a pegar no jornal e leu cada palavra de cada página, como se estivesse a rapar uma taça. Lara olhou para a noite. Que estaria Kip a fazer?, atreveu-se a pensar, e teve de apertar a mão contra o peito para se acalmar.

— Amanhã de manhã — Caroline espreguiçou-se —, os cavalos vão fazer provas de qualificação, na praça. São vinte e só dez serão seleccionados. — Pareceu a Lara tê-la visto estremecer. — Mas estou com um bom pressentimento em relação a este ano e a este cavalo, tenho a sensação de que vamos ser escolhidos. — Olhou para Lara, ao levantar-se. — Vou sair bem cedo. Se estiveres interessada em ir, serás muito bem-vinda.

— Não — respondeu Lara, com demasiada rapidez. — Isto é, prometi... — Olhou na direcção do pai. — Penso, simplesmente, que seria melhor ficar com o pai.

Caroline acenou com a cabeça.

— Então desejem-me sorte — disse ela. — Nem sequer é dos dez melhores cavalos que estão à procura, mas sim os dez que têm iguais possibilidades de ganhar.

— Boa sorte — disseram em coro e, com passo ligeiro, Caroline saiu da sala.

Lara acordou a meio da noite. Ficou deitada, completamente imóvel, o sangue correndo acelerado, a boca seca. Teria ouvido alguma coisa? Uma pedra atirada à janela? Um grito? Meu Deus, faz com que seja o Kip! Ansiava vê-lo e saltou da cama. Mas não se via ninguém, apenas a entrada de gravilha e os dois carros, as sombras dos arbustos e as folhas escuras das árvores que ficavam atrás.

Correu até à outra janela, aberta para a lua, e debruçou-se. Viu uma luz cintilando nas colinas, e depois um trecho de música chegou até ela, pairando. Quanto tempo demoraria a chegar até lá, pensou, a encontrar o caminho que conduzia àquela festa que durava a noite toda, onde pessoas apaixonadas pela política dançavam sob as estrelas.

Ouviu então o som que a fizera acordar. Era o barulho de mobília a ser arrastada e vinha do andar de baixo. Silenciosamente, Lara saiu para o patamar. Naquele momento estava tudo em sossego, mas assim que pousou o pé no primeiro degrau, voltou a ouvir, o som do arrastar de uma cadeira. Lara desceu a escada a correr, espreitou o corredor e ali, sentado à mesa da cozinha, estava o pai, o trabalho espalhado à sua frente, o pé apoiado numa cadeira. Lara ficou à porta, a observá-lo. Tinha a cabeça apoiada numa mão, uma caneta na outra e estava a olhar para o vazio. Quanto tempo iria ficar assim, perguntou-se, mas incapaz de aguentar mais a espera, tossicou e avançou na direcção dele.

Lambert levantou os olhos.

— Não consegues dormir? — perguntou. E Lara, tendo perdido a deixa, sentou-se.

— Que está a fazer?

— Ora, pensei que era melhor continuar com o trabalho. — Esboçou um sorriso, mas, depois, como se tivesse encontrado uma palavra ou uma frase que lhe tivesse desagradado, a expressão do seu rosto ficou novamente sombria. — A questão é que... — Lambert não olhou para ela. — Passei a minha vida a tentar isolar-me, a repelir toda a gente para poder trabalhar... e agora — hesitou. — Sinto-me... acabei de constatar... Que foi isso que fiz. Estou completamente só.

Lara sentiu vontade de lhe tocar, mas não se atreveu. Eu sei, poderia ter dito, mas a verdade é que não sabia. Como tal, limitou-se a assentir com a cabeça.

— Como vai o seu trabalho?

Lambert animou-se um pouco.

— Está a avançar.

Lara foi até ao frigorífico, serviu dois copos de sumo de pêsego e levou-os para a mesa.

— Obrigado. — Lambert fez um aceno e ficaram os dois sentados à mesa, bebendo o sumo espesso, olhando por vezes um para o outro, enquanto Lambert escrevia e Lara observava a noite escura.

Passada cerca de uma hora, Lara bocejou.

— Vai ficar a trabalhar a noite toda? — perguntou-lhe. O pai pousou a caneta e esticou-se.

— Não, vou ver se durmo um pouco. — Sem lhe agarrar o braço, foi a coxear de volta para a sala e deixou-se cair no sofá.

— Boa-noite, então — desejou Lara e ele virou a cara para a parede.

Na manhã seguinte, Lara ainda estava de camisa de noite quando Caroline entrou de rompante em casa.

— Ficámos apurados! O nosso cavalo! Foi seleccionado para a corrida! — Tinha vestido o seu imaculado *chiffon*, as pregas impecavelmente direitas, mas a cara estava afogueada, as faces ruborizadíssimas.

— Isso é maravilhoso! — Ginny estava a picar alface para o almoço, deixando-a saltar atrás da faca, em longos caracóis.

— Quem é que o vai montar? — perguntou Lara. — Que *contrada*?

— Il Nicchio. A Concha. Assim que os cavalos são escolhidos, recebem um número, depois cada número é atribuído a uma *contrada*. Essa é uma das poucas coisas que não pode ser alterada.

— Il Nicchio — repetiu Lara. — Podemos apostar?

— Não há apostas. Quero dizer, não oficialmente. — E Caroline explicou que era mais complicado do que isso. — São os jóqueis que recebem o dinheiro, e apenas no início da corrida, quando os cavalos já estão alinhados. Se bem que, como é óbvio, toda a gente de todas as *contrade* tente subornar todos os outros para os deixarem ganhar, para provocarem rasteiras nos adversários e tratarem bem os amigos. É extremamente complexo e difícil de conseguir abarcar na totalidade porque, oficialmente, e para muitos habitantes de Siena, nem sequer existem apostas. — Caroline voltou-se, espreitando na direcção da sala. — E o Lambert?

— Estou aqui — respondeu ele, numa voz sumida. — Estou a analisar os meus investimentos. A tentar perceber quanto teria de transferir para os cofres da *contrada* de Il Nicchio para conseguir fazer com que ganhasse o dia.

— Lambertezinho! — disse ela, indo ao encontro dele. — Meu querido. Deste-me sorte.

Na manhã seguinte, Caroline voltou a deixá-los bem cedo para assistir às provas. Agora que os cavalos tinham sido seleccionados, era necessário habituá-los a serem montados em redor da praça, ao disparo do canhão que anunciava a partida e ao barulho da multidão. Ao longo dos quatro dias seguintes, iam decorrer seis provas, de manhã e ao fim do dia, e Caroline pretendia estar presente em todas aquelas que conseguisse.

— Sinto-me muito melhor — comentou ela, rindo. — Não sei o que se passa comigo, sinto-me tão bem. — E, acenando com a mão, foi-se embora.

Ao final da tarde, Lara estava tão aborrecida que, quebrando a promessa de não deixar Lambert, saiu para um passeio.

— Não demoro — disse, mas ficou sem saber se o pai a ouviu.

Subiu a colina, na direcção oposta de Ceccomoro. Começara a arrefecer e, à medida que caminhava, começou a sentir-se mais liberta. Passou por um olival e por uma plantação de girassóis,

parando para admirar as suas pesadas cabeças, o castanho-escuro das sementes entre a coroa de pétalas.

Inesperadamente, um ciclista passou por ela, vestido com uns calções justos e uma *T-shirt* cheia de buracos. Subia a estrada irregular, com esforço, o suor escorrendo-lhe pelo corpo. «*Buona sera*», disse ele, ofegante, e Lara retribuiu o cumprimento, desejando-lhe igualmente uma boa tarde. O final da tarde já tinha chegado. Mais um dia. Tinha conseguido, colocara mais um dia entre si e Roland. Se conseguisse continuar a avançar, ou a esperar, ou o que quer que fosse necessário para criar uma distância, então chegaria um dia em que ela ficaria bem, e ficou a observar o ciclista — os tendões das pernas dele como cabos — esforçando-se para continuar.

Quando desapareceu de vista, Lara voltou-se num círculo lento e olhou para as colinas arborizadas em seu redor. Nunca imaginara que a Itália tivesse tantas árvores, e lembrou-se de uma história que Ginny lhe tinha contado acerca de um incêndio, posto por mão criminosa, que devorara uma colina inteira na Toscana. O céu enchera-se de fumo, o calor tornara-se abrasador e, para piorar ainda mais as coisas, os bombeiros tinham esvaziado a piscina da casa onde ela trabalhava, sugando toda a água para ajudar a apagar o fogo. Mas isso devia ter acontecido muitos anos antes, porque as árvores tinham crescido novamente. Lara olhou para trás, ao longo da estrada, na direcção da casa. O sol estava a pôr-se por de trás de uma colina, lançando longas camadas de sombras através das planícies. Era melhor voltar, decidiu, e começou a descer a estrada.

Assim que virou para a entrada da casa, viu o jipe. O seu coração deu um salto. O jipe significava Kip. E significava Roland. Por uns instantes, voltou as costas à situação, mas sabendo que essa não era a solução, obrigou-se a entrar em casa pela porta da frente. Conseguiu vê-los no terraço, a andar de um lado para o outro, sentados, a fumar cigarros — May e Piers e Roland, Nettle, Willow, Kip. O corpo de Lara começou a tremer, o estômago revolveu-se, o sangue agitou-se-lhe nas veias. E teve de levar a mão à boca para se acalmar. «Olá», articulou a palavra para se recordar de como é que se fazia, e sem se dar nem mais um minuto, saiu para o terraço pelas portas de vidro.

— Lara! — May foi a primeira a saudá-la e, quando olhou para cima, viu simpatia genuína nos seus olhos. — Por onde tens andado?

— Em lado nenhum. — E antes que perdesse a coragem, voltou-se para Kip. Apanhou-o a olhar para ela e ambos desviaram o olhar rapidamente.

— Camarada. — Roland ergueu o copo como se fosse de *vodka*, e apesar de ser, na verdade, um grande copo de vinho tinto, esvaziou-o de um só trago.

Lara virou as costas, servindo-se de um copo, e enquanto os outros estavam distraídos a ouvir Caroline descrevendo os acontecimentos do dia, ela afastou-se o mais que pôde de Roland, passando junto a Kip, suficientemente perto para deixar que o seu ombro roçasse o dele. Kip pegou-lhe na mão quando ela se preparava para se afastar, segurando-lhe o dedo mindinho.

— Então, sempre vens? — Tinha-se esquecido de ouvir e era May quem estava a falar com ela. — Vamos a Siena.

Lara continuava a sentir o calor da mão de Kip, mas manteve-se fiel à sua promessa.

— É melhor ficar por aqui — balbuciou. — Sabem... o meu pai...

Só quando todos eles começaram a bater em retirada é que constatou que tinha estado à espera de uma dispensa — à espera que Lambert se apercebesse do seu sacrifício, ou que Caroline, que acabara

de regressar a casa, tivesse intervindo.

Seguiu-os até à porta e viu Roland saltar para a frente do jipe com Piers. May e as gémeas treparam para a parte traseira e Kip içou-se a seguir a elas. Kip olhou em volta, brevemente, mas quando Lara se preparava para lhe acenar, a atenção dele foi desviada por alguém que se encontrava no interior. O motor foi ligado, as rodas chiaram e o carro desapareceu, envolto numa nuvem de pó branco. Lara sentou-se no degrau da entrada como se tivesse sido ferida. Meu Deus, sussurrou, e esmurrou-se no braço para redistribuir a dor.

Naquela noite, Caroline estava numa animação quase febril. Falou sobre as provas da manhã e sobre aquilo que tinham revelado. Agora ia haver outra prova, se calhar estava a decorrer naquele exacto momento, e mais duas, no dia seguinte, mas o médico tinha dado ordens para que ela ficasse a descansar. Se Il Nicchio ganhar — bateu ao de leve com os dedos — vai ser a primeira vitória em doze anos para a Concha. Se Il Nicchio ganhar — não conseguia parar quieta — o meu cavalo vai ser um herói. Vai ficar para a história. Jamais será esquecido.

— Mas a *contrada* de La Selva — disse, pensativa —, a La Selva, o Bosque, tem um bom cavalo e, claro, o pobre Il Bruco, a Lagarta, não ganha desde 1955, pelo que estão, como sempre, muito esperançosos. Conseguem imaginar? — Caroline continuou. — No Il Bruco, há homens e mulheres adultos que nunca assistiram a uma vitória da sua *contrada*. Já pensaram no que isso é? — Ficou a ponderar no assunto, olhando ora para Lambert, ora para Lara, como se nenhum deles conseguisse imaginar o que significava tamanha perda.

— A que *contrada* pertencia o seu marido? — perguntou Lara, mas Caroline abanou a cabeça.

— É necessário ter-se nascido dentro dos muros da cidade para se pertencer a uma *contrada*. O Antonio era de Roma, mas quando era muito jovem apaixonou-se pelo Palio. Na verdade, levou-me a vê-lo pela primeira vez para me animar depois do meu último divórcio, e também eu fui conquistada.

— Quem ganhou nesse ano? — perguntou Lara e, sem hesitação, Caroline respondeu:

— La Girafa. — Passados alguns minutos, acrescentou: — Sabes que casais que pertencem a *contrade* diferentes normalmente vão para casa das respectivas famílias na véspera do Palio. Não é uma lei, mas os nervos ficam à flor da pele e torna-se preferível mantê-los afastados. As pessoas enchem as ruas, cantando, agitando bandeiras. A noite anterior ao Palio é uma das minhas noites preferidas. É o ensaio geral, feito com o guarda-roupa. Espero que possam ir.

— Julgo que talvez seja melhor poupar as minhas forças para a grande noite — disse Lambert, franzindo o sobrolho.

— E eu... — Lara olhou para o pai.

— Vai — disse ele. — Acho que devias.

— Vai ser uma noite bem longa — advertiu Caroline, e Lara questionou-se como é que tal era possível se a corrida durava apenas noventa segundos.

— Vão ser os noventa segundos mais intensos da tua vida — prometeu Caroline. — É incrível. — Agitou as mãos. — É como um orgasmo. — Lara tentou não corar.

Lara estava deitada na cama a ler *As Vinhas da Ira*. De vez em quando, ia pé ante pé até à janela, na esperança de ver Kip, lá em baixo, com uma rosa vermelha e uma garrafa de champanhe meio

bebida, regressado de Siena e incapaz de aguentar mais uma noite sem ela. Mas não via ninguém. Até mesmo os revolucionários da colina estavam sossegados, não havia sinal de fogueira, nem vestígio de música. À uma da manhã, ainda incapaz de dormir, desceu em bicos de pés até ao andar de baixo, onde esperava encontrar o pai debruçado sobre a secretária, mas até mesmo Lambert estava a dormir, o pé lesionado a descoberto, os dedos ainda negros.

Lara apagou a luz e tentou adormecer. Contou carneiros, tentou recordar-se dos nomes de todas as pessoas da sua turma de Inglês, mesmo daquelas que se sentavam ao fundo da sala, caladas, e quando viu que isso não resultava, levantou-se de novo e praticou, o mais silenciosamente possível, os movimentos da sua dança indiana, esticando os braços, alongando o pescoço. Apenas os olhos se podiam mover. Os olhos, a cabeça e os ombros. Esta era a dança mais simples, mas nela, tal como em todas as danças, havia uma mensagem. Estava na posição das mãos, o dedo anelar dobrado para trás, e nas campainhas atadas nos tornozelos, que tocavam quando dançava. Assim que conseguiu aperfeiçoar isto, deixou que o pé batesse ligeiramente no chão, para trás e para a frente, o calcanhar e depois a planta, e recordou-se de como desejara progredir, não tanto pela perícia inerente à dança propriamente dita, mas com o objectivo de lhe ser permitido começar a usar as roupas.

O branco era a cor das aprendizas, uma túnica de algodão branco com pulseiras e campainhas. As bailarinas mais experientes vestiam-se de seda. Azul-pavão, verde e rosa. Plac, faziam os pés dela, plac, plac e, lesta como uma salamandra, voltou a cabeça de um lado para o outro. Quanto mais dançava, mais clara a Índia se tornava para ela, e surpreendida por ter sido capaz de o esquecer, pensou em Thubten Dawa.

Ele tinha ido visitá-las quando estavam a viver em Bangalore, apresentara-se e perguntara-lhes se havia alguma coisa de que necessitassem. Estavam a viver no quarto das traseiras da casa de uma viúva indiana e da sua filha, e apesar de não haver nada de que precisassem, Thubten Dawa ficou a conversar. Estava a estudar Economia em Bangalore, tendo vivido com a família, até ao ano anterior, num campo de refugiados de Bylakuppe. Thubten era magro mas musculado e tinha pele escura. Era meigo e calmo e muito bonito e, pouco depois, começou a visitá-las quase todas as tardes, sentando-se no muro que ficava no exterior da casa da viúva, conversando, contando mexericos e rindo.

No final da primeira semana, Lara já se tinha esquecido de que alguma vez estivera apaixonada por Sam; que alguma vez pensara que jamais recuperaria quando se despedira dele em Nova Deli. As aulas dela voavam, com a expectativa de voltar a vê-lo todas as tardes. Thubten Dawa. Ainda tinha a mensagem dele no seu diário. «O meu maior desejo para ti», escrevera ele, «é que te tornes uma mulher iluminada.» Lara juntara as palmas das mãos acima da cabeça e dera um passo em frente, pousando os calcanhares primeiro, como um camelo.

Dawa, recordou-se, Dawa significa «Lua» e pensou naquela vez em que tinham apanhado um autocarro até ao mar. Tinham ido visitar o templo em Mamallapuram, onde a dança original indiana tinha sido dançada e, tendo deparado com o lugar deserto, Lara fizera uma actuação, em biquíni, apenas para a mãe, para dois leprosos e para Thubten Dawa. Tinha sido ideia de Lara convidarem Thubten a acompanhá-las. Gostaria muito, tinha sido a resposta dele. Assim que chegaram, tinham ido para a praia, onde encontraram muito poucas pessoas: vários homens de camisa e calças e mulheres de sari, tendo um pequeno grupo delas entrado na água completamente vestidas. Mas Cathy e Lara tinham-se enrolado nos seus *dhotis* [\[10\]](#) e vestido os fatos de banho. Thubten Dawa, muito

sério, despira a camisa e enrolara as pernas das calças e os três tinham entrado juntos na água. O mar estava quente. Quente em comparação com a água gélida do lago da Escócia, mas Thubten não estivera muito seguro. Entrara na água muito lentamente e cheio de cuidados até que, inesperadamente, uma onda o atingira na cara.

Recuara, caíra e pouco depois dera um salto.

— Sal — dissera, muito aflito. — Sabe a sal! — E como que perseguido por alguma magia negra, correria para a segurança da areia.

Lara e Cathy ficaram onde a água era pouco profunda e riram imenso, riram sem parar. Sabe a sal, disseram uma para a outra, e Lara pensara no estranho que seria se soubesse a qualquer outra coisa.

No dia seguinte, assim que acordou, Lara soube que Kip não apareceria. Deitou-se à beira da piscina sem colocar protector solar, até que a pele começou a cheirar a escaldão. Mais tarde, quando se estava a vestir, deixou-se ficar nua defronte do espelho, pela primeira vez desde aquela noite. Aquela noite, as palavras eram como um soco, e voltou a repeti-las, cuspindo-as, aquela noite, aquela noite. Mas a repetição não as suavizou. O seu rosto parecia pálido, apesar da máscara castanha, pálida, desdenhosa e dura. «Aquela noite», disse, desta vez com mais suavidade, e pensou em Kip e nos beijos que tinham dado. Na forma como se tinham encostado à sua árvore e entrelaçado como ramos. Tinham-se beijado até os seus beijos se transformarem numa espécie de conversa e as suas línguas terem formado bibliotecas inteiras de palavras.

Lara estava no meio de um mar de roupas abandonadas.

— Estás pronta? — chamou Caroline do fundo das escadas. Já lhe tinha dito que queria sair para a prova às quatro da tarde.

— Sim — gritou Lara e vestiu umas calças de ganga e uma camisa, calçou as sandálias e desceu as escadas a correr.

Caroline estava à porta, de carteira na mão, desejosa de sair.

— Só mais um minuto — pediu Lara e correu até ao terraço, onde o pai estava a ler, com o pé elevado e envolto numa mistela de ervas medicinais preparada por Ginny. — Até logo! — Inclinou-se para ele, e ao fazê-lo, ele mexeu-se e deixou cair o livro das mãos.

— Sim — disse Lambert, e quando olhou para cima, os olhos estavam enevoados e as rugas da testa tinham-se tornado sulcos.

— Peço desculpa. Acordei-o? — perguntou, mas quando ele abanou a cabeça, ouviu-se o buzinar impaciente de Caroline.

Fizeram o percurso em silêncio, ao longo da estrada para Siena, murmurando comentários ocasionais sobre o trânsito, que se tornou mais intenso à medida que se aproximavam dos arredores da cidade. Caroline acelerou através de uma estrada secundária e esforçou o motor ao longo de uma rua estreita e íngreme, fez uma curva repentina que lhes ofereceu uma perspectiva das muralhas da cidade. Acenou alegremente a uma mulher-polícia que estava a dar indicações frenéticas aos condutores para que ultrapassassem um carro que se incendiara, e ao passarem por ele, Lara voltou-se e observou as chamas elevarem-se e as nuvens negras de fumo encherem o ar.

Caroline conduziu com perícia através de ruas secundárias até que chegaram à praça dos correios

que ficava no alto da cidade, onde estacionou frente à porta de um edifício. Um homem apareceu-lhe à janela do carro, para censurá-la, pensou Lara, mas em vez disso, o homem cumprimentou-a numa excitada torrente de italiano e segurou a porta para ela sair. Benevolente como uma rainha, Caroline retribuiu com um sorriso e com algumas frases num italiano perfeito, antes de lhe entregar as chaves do carro e se afastar.

Lara correu para alcançá-la. Havia pessoas em todo o lado, to das elas confluindo para a Piazza del Campo, algumas com lenços decorados com as cores da sua *contrada* e outras com bandeiras, mas quase todas a comer gelados. Lara nunca vira tantos adultos a comerem gelados. Na Grã-Bretanha, os gelados eram para as crianças, eram uma coisa que, com o avançar da idade, se deixava de comer, mas ali, ficarem sentados a lamber um enorme cone com gelado a derreter era um passatempo nacional.

— Esta é a minha *gelateria* preferida — declarou Caroline, como se tivesse estado a ler os pensamentos dela, e entraram numa concorrida loja envidraçada onde tiveram de se esticar para conseguir espreitar os sabores expostos. — Devias experimentar o *crema* — sugeriu Caroline. — Sabe a creme pasteleiro. Ou o de merengue, que não sabe a nada que alguma vez tenhas comido em Inglaterra. — E tomando o sorriso de Lara como um sim, pediu um cone para ela e outro para si também.

Os gelados eram enormes e corriam o risco de deslizar, por isso ficaram na loja a comê-los. Caroline devorou-o, esfomeada, assim como Lara. O gelado era delicioso, suave e leve, e ocorreu a Lara que era a primeira coisa que comia realmente com gosto desde aquela noite. Pára com isso, repreendeu-se a si própria, e deu uma dentada no cone.

— Podíamos comer mais um? — Os olhos de Caroline estavam concentrados no balcão. — Temos de provar o de chocolate.

Lara deixou escapar uma gargalhada de surpresa, que de imediato lamentou, pois Caroline, em lugar de pedir mais dois gelados, limpou cuidadosamente os dedos a um guardanapo, ajeitou a carteira no ombro e sugeriu que seguissem caminho.

— Hoje é o dia em que todas as *contrade* desfilam pelas ruas com os seus cavalos — explicou. — Cantam as suas próprias canções, agitam os punhos na direcção dos inimigos e, mais tarde, depois da prova, têm um jantar comemorativo. Cada *contrada* participa num banquete para comemorar o facto de poder estar prestes a ganhar, até mesmo o Il Bruco, apesar de estar há 26 anos sem ganhar.

Atravessaram uma praça onde longas mesas, mais do que as que conseguia contar, estavam postas com toalhas brancas, pratos, taças e copos. É boa ideia, pensou ela, celebrar enquanto to dos ainda são potenciais vencedores. Celebrar na véspera da competição.

Ao fundo da rua, junto à entrada da Piazza del Campo, havia uma barreira onde mostraram os seus bilhetes e ali estava a Piazza, transformada. Um anel de terra tinha sido espalhado em redor da praça e tinham sido montadas bancadas encostadas às paredes de todos os edifícios. O centro da praça já estava cheio de gente que, segundo Caroline lhe explicou, tinha estado ali à espera durante todo o dia. Todas aquelas *T-shirts* multicolores, encostadas umas às outras, pareciam *confetti* espalhados.

— É melhor ver o desfile numa rua lateral — disse Caroline, e quase correu pela pista de terra até à primeira rua à esquerda.

Colocaram-se na entrada de uma casa, onde, atrás delas, várias pessoas se apertavam e

empurravam, furando para entrar e sair do minúsculo café com fatias de piza e garrafas de água. Não se encontravam ali havia muito tempo, quando subitamente começaram a ouvir cantar. Uma espécie de cântico guerreiro que entrou num crescendo e, pouco depois, já o desfile estava a passar por elas.

Na dianteira, seguia um cavalo de olhar selvagem e, logo atrás, num grupo de seis pessoas, estava a *contrada* do Ganso. Eram todos homens, todos eles de peito espetado para fora, cabeça bem erguida, rugindo o seu hino, agitando os punhos, cheios de esperança e orgulho. Eram seguidos pelas mulheres, pequenas e ferozes — gente combativa —, e por uma trupe de crianças, cantando a plenos pulmões.

— Meu Deus! — Lara fora contagiada pelo entusiasmo de Caroline. — Que estão eles a cantar?

Caroline, de cara afogueada, traduziu:

— Somos os melhores, o resto não presta! A nossa *contrada* é a mais bela do mundo!

— A sério? — Lara estava desejosa que aparecesse a próxima *contrada*.

Agora, até ela estava a empurrar. Com uma versão explosiva da mesma canção, a *contrada* da Águia apareceu de rompante nas suas cores — dourado, preto e azul. O cavalo parecia estar cheio de energia, a cabeça bem levantada, e toda a gente recuou à sua passagem, a multidão quase tombou para o interior da loja quando ele se voltou de repente para o lado.

— Mas eles estão a cantar a mesma canção!

— Pois estão — confirmou Caroline, mas com palavras diferentes — «Somos os melhores, o resto não presta. A nossa *contrada* é a mais bela do mundo.»

As várias *contrade* foram desfilando apressadamente, cada uma delas cantando a sua canção feroz. A melodia deixava os pêlos dos braços de Lara arrepiados e enchia o seu coração de um desejo violento.

— Lá vem Il Nicchio. Este é o nosso cavalo! — Caroline tentou avançar quando a égua cinzenta desfilou na sua frente.

A *contrada* da Concha marchava atrás, em tons de branco e azul-claro, uma fileira de homens carecas, de nariz grande e com o peito de guerreiros espetado para a frente.

Quando a última *contrada* passou e a sua canção já ecoava pela praça, Caroline tomou o braço de Lara.

— Agora, temos de dar uma corrida até à praça.

Ficaram atrás de uma corrente de pessoas que seguiam na mesma direcção, todas elas empurrando e correndo para os seus lugares.

— Por aqui — Caroline era ágil como uma cabra-montesa e Lara seguiu-a ao longo da barreira que delimitava a pista, até à bancada que ficava junto à linha de partida.

Um funcionário abriu uma pequena cancela para lhes dar passagem e Lara subiu os degraus com dificuldade. Os lugares delas ficavam a meia altura. Lara estendeu a mão para ajudar Caroline a subir e, para sua surpresa, ela aceitou.

— Já está — disse, ofegante, ao mesmo tempo que se instalava. Juntas, inclinaram-se para a frente, para verem uns homens que surgiram com longas vassouras para varrerem as pegadas que tinham deixado na pista.

Pouco depois, dois homens trouxeram uma corda, enrolada num pau, que foi estendida a toda a largura da pista, mesmo por baixo delas, e atada a um peso. Assim que ficou em ordem, fez-se

silêncio entre a multidão. Agora já não faltava muito. Em breve, os cavalos seriam largados na pista. Estavam à espera no pátio enorme do Palazzo, ao fundo da Piazza del Campo, explicou Caroline.

E ali estavam eles, trotando pela colina da praça acima. Na ausência das selas e dos estribos, os cavaleiros formavam silhuetas estranhas, as pernas balançando, soltas. Lara olhou atentamente, para identificar cada jóquei nas suas cores, os padrões de cada *contrada* estampados nos chapéus. Mais à frente, do lado oposto da pista, havia uma curva traiçoeira, onde os cavalos tinham fortes probabilidades de se despistar, os jóqueis de levantar voo e poderia haver ossos partidos.

Os dez cavalos pararam a vários passos da linha de partida, agitando-se, virando-se, empurrando, enquanto a multidão sussurrava e conversava e se esticava para ver. Por fim, ouviu-se o estalido dos atifalantes e vários chius cortantes dirigidos a quem quer que se atrevia a falar. Lara sentiu a tensão que se gerou à sua volta quando cada uma das pessoas presentes na praça, cerca de cem mil, susteve a respiração. Em seguida, uma voz alta e clara fez-se ouvir e, por entre uma chuva de aplausos, La Civetta — a Coruja — deu um salto em frente e o seu jóquei, por meio de estalidos, obrigando-o a andar de lado e tentando fazê-lo recuar, colocou o cavalo em primeiro lugar, junto à barreira central. Il Bruco — a Lagarta — foi o seguinte a ser chamado e Caroline abanou a cabeça.

— Não tem muita sorte.

Rapidamente, e com uma excitação crescente, os dez cavalos foram anunciados, Il Nicchio em oitavo lugar, ao lado dele, na nona posição, Il Drago, o Dragão, e em décimo lugar L'Aquila, a Águia, L'Aquila ficou para atrás.

— Porque é que ele não avança? — perguntou Lara, sentindo dificuldade em suportar a tensão ao ver Il Drago agitar-se e a empurrar o flanco de Il Nicchio, afastando-o da linha de partida e obrigando-o a virar a cabeça, o que fazia com que, caso entretanto fosse dada a partida, ele estivesse voltado na direcção errada.

— O décimo cavalo é o Fazedor de Reis — explicou Caroline. — Só lhe é permitido começar quando todos os outros cavalos estão alinhados. — E como que por magia, nesse mesmo instante os cavalos ficaram sossegados.

Agora, agora. Lara inclinou-se para a frente e a multidão protestou ao ver que L'Aquila não começava. Quanto mais tempo ele esperasse, mais incontrolláveis ficavam os outros cavalos.

— Houve uma vez que a partida demorou tanto tempo — contou Caroline —, que os cavalos tiveram de regressar ao pátio do palácio para se acalmarem.

— Uma vez... — lembrou-se um pouco mais tarde, quando a multidão estava quase a cuspir de frustração para o jóquei manhoso e dissimulado que montava o cavalo de L'Aquila e que lançava olhares para a linha de partida onde os restantes cavalos batiam com os cascos no chão e resfolegavam, ansiosos, parando de vez em quando, perfeitamente ordenados, mas apenas quando L'Aquila estava voltado para o lado oposto. — Uma vez o Palio levou tanto a co meçar que alguns dos cavalos tiveram de ser novamente ferrados.

— Meu Deus! — Lara cobriu a boca para conter a histeria que aumentava.

— Uma vez... — os olhos de Caroline dançavam — ...ficou tão tarde que as pessoas tiveram de ir para casa e regressar no dia seguinte!

Lara ficou com a impressão de que ia ficar ali para sempre, com os nervos retorcidos, os olhos colados no décimo cavalo, mas, naquele exacto instante, L'Aquila virou-se e, juntamente com os

outros nove cavalos, irrompeu através da corda. Aconteceu tão de pressa que Lara não percebeu como é que as pessoas tinham antecipado o momento, mas houve uma explosão no preciso momento em que L'Aquila iniciou a corrida e o ar encheu-se com o ribombar daquela explosão. Toda a gente se inclinou para a frente, alguns pálidos e silenciosos, outros gritando e agitando os punhos. Tentou descortinar Il Nicchio na massa de cores, mas os cavalos já estavam no extremo oposto da praça, galopando colina acima, muito juntos.

Não se ouviu um comentário, uma exclamação, e de novo estavam a passar por ali. Um deles destacando-se na frente, as pernas do jóquei tão moles e dependuradas que pareciam as de uma criança num sobe-e-desce, enquanto que outro puxou as rédeas do cavalo e estava a correr mais lentamente e a ficar para trás, isolado. Vá lá, vá lá! As pessoas estavam paradas, de olhos fixos. Mas é claro que aquele era apenas o ensaio geral e os jóqueis não estavam a andar muito depressa com os seus cavalos. Ninguém se despistou na perigosa curva de San Martino, onde a praça começava a inclinar, e ninguém chicoteou ou pregou rasteiras aos adversários.

Lara sentiu-se aliviada e ao mesmo tempo desapontada. Caroline levantou-se quando os cavalos voltaram a passar. Estavam agora a percorrer a última volta, três juntando-se na subida e ali estava outro, de cabeça clara, destacando-se dos outros. L'Oca. Era o L'Oca. Era o Ganso que estava a ganhar. Ia ganhar. Tinha ganho. Em todo o lado se viram gansos agitando lenços verdes e entoando o seu cântico guerreiro, mas ninguém estava iludido. Era um ensaio, mas isso não importava.

Lenta e cuidadosamente, Lara e Caroline desceram até à pista empoeirada. Lara estremeceu quando olhou para cima e viu que o céu se tornara invulgarmente escuro. Nuvens espessas tinham-se acumulado e sobreposto e enquanto ela ali ficara, admirada com aquela estranha visão, começaram a cair pingos de chuva tão grossos como lágrimas.

— Não reparei que tinha arrefecido. — Caroline parecia perplexa, mas ambas sabiam que o tempo poderia ter mudado em qualquer altura daquelas últimas três horas, que elas nem teriam dado por isso.

Com a chuva vieram rajadas de ar frio que lhes batiam de lado. Alisavam o material suave da blusa de Caroline, que cruzou os braços na frente do peito, e Lara pôde ver como eram magros sem o volume daquelas camadas de tecido cuidadosamente cortadas.

— É melhor irmos andando — aconselhou Caroline, com os dentes a bater. Todos à sua volta, homens, mulheres e crianças, tinham começado a desaparecer pelas ruas laterais, esvaziando a praça.

Subiram a colina, em silêncio. Passaram por geladarias e quiosques, que começavam a encher-se de novo, e quando chegaram à praça dos correios, ficaram à espera que lhes retirassem o carro do estacionamento subterrâneo do edifício onde tinha ficado guardado.

Caroline deixou-se ficar sentada por um momento, como que num transe. Gotas de chuva tinham-se acumulado no seu cabelo e brilhavam como pérolas. Ficaram agarradas à sua pele de porcelana e deslizaram pelo pescoço como se fossem uma loção. Parecia tão bonita como uma sereia. A cara, o pescoço, os braços, até mesmo os dedos cintilavam. Mas estava a tremer e teve dificuldade em acertar no botão da *chauffage*, que deixou escapar uma nuvem de pó que lhes saltou para os olhos. Lara olhou para trás, na esperança de encontrar um xaile ou um cobertor para lhe oferecer, mas não encontrou nada.

— Ora muito bem. — Caroline inspirou profundamente e, endireitando-se, iniciou o caminho de

regresso a casa.

Lara tinha vontade de conversar. Queria fazer um milhão de perguntas. Por que razão é que L'Aquila tinha perdido tantas oportunidades para começar a corrida? Isso era permitido? Iria ser penalizado? E o facto de L'Oca ter chegado em primeiro lugar iria ter algum peso na corrida do dia seguinte? Il Nicchio tinha corrido bem? Não se conseguia lembrar em que posição Il Nicchio tinha terminado. Não se conseguia lembrar, sequer, de Il Nicchio. Como é que seleccionavam os jóqueis? Eram das *contrade*? Recordou-se então de o pai lhe ter dito que a maioria dos jóqueis era proveniente da Sardenha. Eram jóqueis famosos, não estavam sujeitos a lealdades especiais. Eram escolhidos apenas com base na sua capacidade. Mas assim que eram seleccionados, passavam a ser vigiados noite e dia. Vigiados até mesmo durante o sono, assim como os cavalos, para o caso de algum elemento de uma *contrada* adversária tentar assegurar-se que não ganhassem.

— Caroline — disse Lara, voltando-se para ela. Apesar de estar um ambiente seco no interior do carro e de a *chauffage* já ter começado a funcionar, a cara de Caroline continuava molhada. A humidade brotava-lhe da pele e acumulava-se na testa. — Sente-se bem?

— Conta-me — atalhou Caroline. — Gostaste da *prova*, do ensaio geral?

— Ah, sim! — Lara não estava a conseguir encontrar as palavras. — Obrigada por me ter trazido. Estou tão contente por termos ficado para ver isto.

— O prazer foi todo meu — respondeu Caroline, com suavidade, e olhou para Lara como se a estivesse a ver pela primeira vez. — Não sejas muito dura com ele — acrescentou.

Lara esperou.

— Com quem?

— Com o teu pai. Não tem sido fácil... Ele é... — suspirou. — Deves tentar compreender.

Fez-se silêncio. Só se ouvia o som dos limpa-pára-brisas.

— Compreendo, acho eu. — Mas compreendia mesmo? — Vou tentar — concordou, e Caroline virou o carro para a estrada sinuosa.

Quando chegaram a casa, a luz da entrada estava ligada. E não é apenas para mim, pensou Lara, mas subitamente sentiu-se triste.

Lambert estava deitado no sofá, a perna apoiada em almofadas.

— Ainda está com muito mau aspecto — comentou Caroline, inclinada sobre a perna, e era verdade. Estava arroxeadada, mole e inchada quase até ao joelho.

Lara tentou imaginá-lo a coxear ao longo das ruas estreitas de Siena, abrindo caminho até à Piazza del Campo, e depois a subir, com esforço, para o seu lugar nas bancadas. E se a corrida levasse horas a começar? E se levasse dias?

— Como é que correu? — Lambert levantou os olhos para ela. — Foi fantástico! O Ganso ganhou.

— Foi o ensaio. — Caroline estava encostada à porta, desafiando-os a referirem-se à sua palidez. — Vou para a cama. Quero levantar-me cedo... — Ergueu o sobrolho à laia de aviso para quem tentasse dissuadi-la. — Quero assistir à última prova, a *Provaccia*. É a única competição que existe onde todos os jóqueis dão o seu melhor para não ganharem. — Riu. — Então, boa-noite. — Manteve uma mão na parede, como que para se apoiar. — Durmam bem.

— Boa-noite — ficaram ambos a vê-la afastar-se e, durante uns minutos, nenhum deles falou.

Ginny tinha deixado uma ceia fria preparada. Sopa, verde pálida, numa tigela fria, salada e um prato de salame. Lara preparou para si uma sanduíche — o salame dificilmente poderia ser considerado carne — e feliz com esta rara possibilidade de fazer uma refeição simples em vez de uma refeição formal de três pratos, foi sentar-se a comer ao lado de Lambert. Durante algum tempo ficaram a ouvir a chuva.

— Pai, o Palio alguma vez foi cancelado? — perguntou, imaginado a pista de corrida transformada num mar de lama.

— Bem... — Lambert pousou o livro e fechando os olhos por uns instantes, como se assim fosse mais fácil reunir os factos correctos, contou-lhe que em 1798, na sequência de um tremor de terra que ocorrera pouco antes, o Palio de Julho fora cancelado. — Em 1800 — prosseguiu — tanto o Palio de Julho como o de Agosto foram proibidos pelas forças de ocupação francesas e, cinco anos mais tarde, um dos Palios foi cancelado devido a um surto de cólera. O Palio de Agosto de 1900 não foi levado a cabo devido ao luto oficial pelo assassinato do rei Humberto I, em Monza. E, como é óbvio, nenhum Palio foi realizado durante os anos em que decorreram as duas guerras mundiais. Normalmente — continuou —, os habitantes de Siena tentam impedir que questões políticas ou nacionais interfiram com o Palio, mas às vezes é inevitável. Não quer dizer que não se preocupem com política, simplesmente preocupam-se mais com o Palio.

— Ah. — Lara ficou satisfeita por não ter referido os seus receios em relação àquela chuva. — Mas diga-me, pai — recomeçou, lançando um rápido olhar à perna dele. — Vai ficar muito desapontado se não puder assistir ao Palio?

— Não tão desapontado como ficarei se tivermos de perder o nosso comboio.

Lara sobressaltou-se. O nosso comboio? Tinha-se esquecido de que regressavam a casa no dia a seguir ao Palio. Daí a dois dias!

— Mas vamos mesmo? — Sentiu o pânico aumentar. — Quero dizer, o pai estará em condições de ir?

— Nem que tenha de ir no cavalo da Caroline até Calais, com a minha perna engessada e uma mala na cabeça. — Sorriu, para ajudar à piada, mas Lara percebeu, pela sua expressão, que o pai estava desejoso de partir.

Ficou parada no degrau da entrada, olhando para a noite. Continuava a chover, as gotas cintilavam, brancas, no círculo de luz do alpendre, e caíam como partículas negras na escuridão. Deveria correr e ir à procura de Kip?, pensou, o coração batendo descompassado, o medo alastrando pelo corpo. Deveria correr ao longo do caminho sensual, esgueirar para dentro de casa, entrar furtivamente pela porta da frente, percorrer o corredor de pedra até ao quarto de Kip? Deveria deslizar para dentro da sua cama, deitar-se encostada ao corpo dele? Sentir os músculos das suas pernas e dos seus braços, a sua pele sedosa, a nuca, a crista quente das suas costelas? Desculpa, iria sussurrar. E ele iria voltar-se para ela e tomá-la nos seus braços. E ela iria manter os olhos abertos enquanto fizessem amor, observando-lhe a boca, os olhos, a forma como o cabelo lhe caía sobre a testa, demasiado ocupada a sorrir para conseguir pensar em qualquer outra coisa. Para pensar em Roland. E, fosse como fosse, ela já o tinha esquecido. Tinha provado que conseguia fazê-lo naquela noite, durante o ensaio.

Durante três horas não tinha pensado nele. Durante três horas ele não tinha sido nada para ela. Tinha desaparecido. O frio da pulseira do relógio, o cheiro do *after-shave*, o peso dos dedos e da coxa dele.

— Eu sou a melhor! — proferiu com desprezo, numa imitação do mais feroz dos *contrade*. — Tu não prestas! — E desejou saber as palavras em italiano para poder marchar ao longo do vale, através dos bosques e pelas colinas, batendo no peito, gritando e cantando. Declarando guerra. «Não és nada!», disse de novo. «Não és ninguém!» Atirou o nome dele para a chuva. Pisou-o e repisou-o na gravilha. Cuspiu nele. O ribombar de um trovão soou na distância. Ergueu o punho, em resposta: ora toma lá!

— Lara? — Lambert estava atrás dela. — Estás bem?

— Oh! Estou, sim. — Lara sentiu-se corar. — Estava apenas a pensar... a pensar se a corrida será afectada... pela chuva. — O clarão de um relâmpago iluminou o céu, fazendo Lara recuar.

— Estás a ficar toda encharcada. — Colocou-lhe a mão no braço e, avançando a coxear, fechou a porta com cuidado. — Acho que esta noite vou tentar ir lá para cima — anunciou, espreitando a escada escura. — Estou a começar a sentir-me um pouco desconfortável a dormir no meu quarto-sala. — E muito dolorosa e lentamente, arrastou-se escada acima, apoiado no ombro de Lara. — Obrigado. — Sorriu, quando chegaram ao patamar, em frente aos quartos, um cavalheiro estrangeiro do tipo mais insondável.

— Boa-noite — murmurou Lambert, e ela ficou a vê-lo coxear pelo corredor fora, apoiando-se nas paredes e nas portas, os ombros caídos, o cabelo mais grisalho, as linhas ao longo da testa tão pronunciadas como as de um velho.

— Boa-noite — sussurrou Lara e, entrando no quarto, foi sentar-se na cama. Quase de imediato, outro relâmpago iluminou-lhe o quarto, fazendo-a dar um salto, e o susto propagou-se pelo corpo, trazendo-lhe lágrimas inesperadas aos olhos. Repeliu-as, mas, instantaneamente, surgiram mais. Abanou a cabeça com amargura. «Vai-te lixar», disse para consigo, soluçando. Era como se uma outra Lara, mais ativa e mais desaprovadora, estivesse sentada ao seu lado. «Acaba com isso!» Mas já era demasiado tarde. Não conseguia parar. Sentou-se, sem sequer cobrir a cara, e deixou que as lágrimas caíssem. Eram quentes e escorregadias. Engoliu-as à medida que foram descendo até que se interrogou se alguma vez iriam parar.

Deitou-se na cama, enterrou a cabeça na almofada e continuou a chorar, ondas de soluços percorrendo-lhe o corpo, enchendo-lhe a boca e o nariz, sacudindo-lhe as costelas até que sentiu a cara a ferver e a cabeça a latejar dentro do crânio. Por fim, meio cega, tacteou o caminho até à casa de banho e lançou água contra as pálpebras. Olhou-se no espelho e finalmente viu — *tinha* realmente mudado. Soltou um último soluço abafado. Baixou de novo a cabeça e molhou-se até que a cara, os braços, o pescoço e todo o seu corpo ficaram dormentes.

Quando finalmente regressou ao quarto, sentia-se calma. Oca. Sagrada, até, como se dentro dela não houvesse nada a não ser luz. Foi à janela, espreitou e viu que até mesmo a chuva estava a cair com menos abundância. Abriu a janela e inspirou. O ar cheirava maravilhosamente. As agulhas de pinheiro, a alfazema e o rosmaninho dos canteiros de Caroline, que se esticavam para beber. Ficou ali durante tanto tempo, debruçada sobre o parapeito da janela, que começou a cabecear até que subiu relutantemente para a cama e virando a cara para a parede, fechou os olhos.

Podia ter sido o carro do médico que a acordou. Lara não percebeu, mas quando olhou lá para fora, já ali estava. Atravessou o patamar a correr, na direcção do quarto do pai. A cama estava vazia, e alarmada, vestiu um casaco de malha e correu escada abaixo. Ginny estava na sala, aguardando, enquanto o médico utilizava o telefone.

— *Pronto?* — rosnou num tom impaciente. — *Pronto, si?* — Que aconteceu? — Lara agarrou o braço de Ginny. Uma lágrima rolou pela cara dela.

— Ela tinha dito que precisava de se levantar cedo, por isso decidi ir acordá-la com uma chávena de chá. Antes de ir dar o meu mergulho matinal, pensei para comigo...

Lara sentiu os olhos arregalarem-se-lhe na cara.

— A Caroline? Ela está...?

— Não sei quanto tempo estive assim. — Ginny engoliu em seco, como um peixe. — Tive medo de insistir muito a acordá-la, quero dizer... ela parece tão frágil, não é? Como um passarinho. Não quis abaná-la. Pensei que poderia ser perigoso e o médico disse que eu tinha feito bem, que não lhe devia mexer. Ele veio tão depressa. Disse que tinha estado à espera deste telefonema durante todo o Verão. Disse que tinha sido um milagre ela ter resistido tanto tempo.

— Mas ela está? — Lara sentiu um nó no estômago. — Ela está... — Não conseguia proferir a palavra e nesse momento o médico voltou-se e disse-lhes que a ambulância já ia a caminho.

— Não. — Lambert estava de pé, à porta, tão direito e alto quanto lhe era possível no esforço de manter o equilíbrio com uma só perna. — Tenho de insistir nisto. Ela não deve sair daqui.

O médico olhou para ele, confuso.

— Eu conheço-a. — Lambert estava a tremer. — Conheci-a toda... quase toda a minha vida. Ela não teria querido que fosse assim.

O médico baixou os olhos.

— A ambulância deve estar a chegar.

— Mas que está a querer dizer? Que ela vai recuperar? Que se for levada para o hospital vai voltar a ser a mesma de sempre?

O médico encolheu os ombros.

— Pode ser que consigam reanimá-la.

— Para poder morrer no hospital, longe de todas as coisas de que gosta? — Lambert estava apoiado na mesa.

— Pode haver quem queira despedir-se dela. Amigos, familiares. Isto dar-lhes-á o tempo de que necessitam para chegarem até ela. Não lhe parece que isso seja importante?

Lambert não disse nada. Deixou cair a cabeça. Ouviu-se, então, um bip algures no corpo do médico e ele voltou-se.

Quando, por fim, a ambulância chegou, Ginny estava a fazer pão, amassando e atirando a massa contra a bancada de pedra, como se fosse um lutador branco e gordo. Lara afastou-se para o lado quando os homens da ambulância trouxeram Caroline para baixo. Tinham-na embrulhado cuidadosamente num cobertor de emergência, prendendo-o debaixo do queixo, e Lara reparou que, mesmo inconsciente, ela exalava elegância.

Pararam no *hall* e Lara olhou para baixo, para a cara dela. Não parecia nada a mulher que, na noite da véspera, comera gelado nas ruas de Siena. Que agitara o punho ao inimigo. Que lhe pegara na

mão e correria, célere e ágil como um gato, subindo os degraus íngremes das bancadas. Estava tranquila e pálida, mas a sua pele, e ela gostaria de ter sabido, estava branca e densa como nata.

Lambert coxeou até ao exterior e ficou a ver os homens manobram a maca para a introduzirem na parte de trás da ambulância. E então, para surpresa de Lara, ele entrou na ambulância atrás dela, arrastando o pé magoado, fazendo um esgar de dor ao bater com ele no degrau.

— Volto mais tarde — gritou para Lara, e ela viu que ele tinha na mão um livro e um lenço de seda de Caroline.

— Telefone, se precisar que eu vá — disse Ginny, secando as mãos ao avental. — Telefone que eu não vou a lado nenhum. — Ficou à espera, até que as portas da ambulância se fecharam e, secando rapidamente os olhos, correu para a cozinha, para espreitar o pão que estava a levedar, coberto por um pano de cozinha.

Lara sentiu-se envergonhada. Seria possível que to dos soubessem, menos ela, que Caroline estava não só doente, mas a morrer? Ouviu Ginny marcar números de telefone de uma lista que se encontrava na secretária de Caroline. Pelo que percebeu, ela tinha duas irmãs e um tio. Uma grande amiga e dois ex-maridos, que ainda estavam vivos. Ginny falou ternamente e baixo, prometendo a cada um deles que voltaria a telefonar assim que houvesse novidades. Uma das irmãs, ou talvez as duas, estavam a fazer planos para se deslocar a Itália. Para chegar naquele mesmo dia, caso fosse possível. E Ginny fez saber que não havia tempo a perder.

Lara deixou-se ficar em casa. Parecia-lhe impróprio sair e ir deitar-se junto à piscina azul. Em vez disso, esteve a ver os discos de Caroline: Edith Piaf, Billie Holiday, Nina Simone e um álbum do *Concerto para Violino*, de Brahms, que lhe pareceu perfeitamente aceitável pôr a tocar. Atravessou a parede de música envolvente e esmagadora até à cozinha para avaliar a reacção de Ginny, mas ela estava ocupada a separar ovos, recolhendo as claras numa taça grande e as gemas numa mais pequena, quebrando a casca com um golpe certo.

«Para quem é toda esta comida?», Lara teve vontade de perguntar, mas não se atreveu.

Ginny fazia-a lembrar a viúva de Bangalore, a quem tinham pago umas quantas rupias por semana por um quarto que ficava nas traseiras da casa e para partilharem a comida dela e da filha, três vezes ao dia. E a comida que comiam era deliciosa. Caril ao pequeno-almoço, ao almoço e ao jantar, mas tão leve, bom e com um sabor tão delicado — cardamomo e funcho — que estavam sempre prontas para mais. Mas Lara ficava chocada com o que implicava a preparação daquelas refeições. Durante todo o tempo em que estavam acordadas, ou seja, de sol a sol, mãe e filha não paravam de trabalhar: moendo especiarias, fazendo *parathas*[\[11\]](#), comprando quiabo, batatas, feijões e coentros, picando e descaroçando, lavando panelas e voltando a enchê-las de comida.

Até então, não tinham conhecido muitos indianos, convivendo maioritariamente com tibetanos, amigos de amigos de gente que tinham conhecido através de Samye Ling. Em relação aos tibetanos, com os seus altares e as suas *pujás*[\[12\]](#), os seus mexericos e as suas piadas, sentiam afinidades, mas a realidade dos indianos era-lhes totalmente estranha. Quando reencarnar, tinha rezado, espero não voltar como filha ou mulher, prefiro ser um escaravelho ou um elefante. Tudo menos aquele eterno picar e misturar, lavar e esfregar. Tudo menos aquela vida de rotinas domésticas. Mas para Ginny seria o céu.

Estava a bater claras em castelo, polvilhando-as com açúcar refinado, batendo e voltando a bater

até que ficaram bem firmes. Forrou um tabuleiro com papel vegetal, untou o papel e deitou-lhe em cima colheradas daquela espuma branca.

— Pronto — disse, satisfeita. — Já temos os suspiros. — E levou-os a cozer em lume brando. Mas a sua felicidade foi de curta duração. — Mas o que é que vou fazer agora com todas estas gemas? — gritou por cima do súbito crescendo de violinos de Brahms. Para acalmá-la, Lara sugeriu que tomassem o pequeno-almoço.

Sentaram-se juntas à mesa, no terraço, os pratos transbordando de ovos mexidos muito dourados, a toalha coberta de torradas, mel, fruta e chá.

— Obrigada — agradeceu Ginny, como se tivesse sido Lara quem tivesse estado a cozinhar desde o nascer do sol e, pela primeira vez naquela manhã, deixou-se ficar sentada, sossegada.

Lara quis falar-lhe dos monges tibetanos, daquela vez, durante uma *pujá* à morte, em que um deles tinha colocado uma almofada de ar, que imitava o som de flatulência, debaixo das vestes amarelas de outro monge. Ouviu-se então um gorgolejar, um esborrachar e depois um forte e sonoro peido. O monge levantou as mãos ao ar e depois, balançando de um lado para o outro, os olhos semicerraram-se-lhe e desatou a rir. Toda a gente riu. Monges e leigos, homens, mulheres e crianças, e Lara ainda conseguia ver as suas caras redondas e meigas a rir, rir enquanto se preparavam para fazer a *pujá* à morte. Mas Lara não podia contar isto a Ginny sem mencionar a palavra proibida — morte. Até mesmo a mãe dela, que ainda meditava no seu altar, que ainda enchia de água as sete tacinhas, para os olhos, as mãos, para as luzes, incenso, música, comida e flores, que ainda colocava o seu buda azul de orelhas compridas em cima de um *napperon* de croché que Lara tinha feito durante um Inverno em que não havia mais nada para fazer, até mesmo a mãe evitava essa palavra.

— Gostaria de ser levada para o hospital se... — Lara engoliu em seco —, se estivesse a morrer? — Pronto, tinha-a proferido, e viu Ginny empalidecer.

— Não. — Fez uma pausa. — Não mesmo. — E depois, amadurecendo a ideia: — Gostaria de morrer na minha estufa, com a cara totalmente ao sol e com aquele cheirinho doce do tomate a fazer-me cócegas no nariz.

— Eu gostaria de morrer... — Lara nunca tinha pensado nisso em relação a si própria. — Morrer durante o sono, deitada no beliche de cima da carruagem das mulheres de um comboio indiano. — Conseguia sentir o tranquilizante balançar das rodas, à medida que ia vendo os campos passarem rápidos, uns atrás dos outros.

— Eu gostaria de ter alguém por perto — considerou Ginny —, ou não?

— Sim. — Lara fechou os olhos, imaginando Kip, chorando, agarrado à mão dela. — Bem, talvez não na carruagem das mulheres. Talvez na primeira classe. — Conseguia ver-se tapada por uma colcha com nenúfares rosa e verde. — Se calhar... não. — Subitamente, a vida pareceu-lhe demasiado preciosa. — Pensando melhor... Sabe que mais? Acho que não vou morrer.

— Claro que não vai — disse Ginny, com ternura, e começou a levantar os pratos.

O telefone tocou toda a manhã e Lara deixou-se ficar sentada no terraço, ouvindo o tom de voz baixo e calmo de Ginny, dando informações, tranquilizando com palavras simpáticas. Ligou duas vezes para o hospital, mas só lhe disseram que Caroline se encontrava estável e, de cada uma das

vezes, apesar de Lara estar ao seu lado, gesticulando e sussurrando por notícias de Lambert, Ginny pousava sempre o telefone sem nunca perguntar.

— Ele não é um paciente do hospital. Não podemos pedir-lhes que procurem saber de um visitante.

Mas, depois do almoço, Lambert finalmente telefonou. Parecia cansado e desmoralizado e contou a Lara que, depois de muita resistência, tinha concordado em deixar que lhe retirassem o nervo do dedo do pé.

— Podem fazer a operação amanhã — informou. — Caso contrário, vou continuar a parti-lo para o resto da minha vida. Na verdade, vou continuar a parti-lo, mas como me vão retirar o nervo, deixarei de dar por isso.

E o Palio?, pensou Lara. Mas, em vez disso, perguntou pelo comboio.

— Pois é — Lambert pareceu condoído. — Vamos no dia seguinte. Assim que puder escapar. Podes pedir à Ginny que me traga umas coisas? Os meus livros, os meus papéis e se ela conseguir encontrar um jornal...

— E a Caroline?

Fez-se silêncio e Lambert suspirou.

— Ela não está a acordar.

— Quer que o vá visitar?

— Não. — Foi peremptório. Quase gritou. — Não venhas, por favor. Quero que venhas buscar-me quando eu tiver alta. — Hesitou e depois, numa voz mais calma: — Ou referias-te a visitar a Caroline?

— Tanto me faz. Só quero ser útil. — Desejou não ter falado em visitas.

Ginny, que andava ali por perto, apoderou-se do telefone e encostou-o ao ouvido, com um ar importante. Lara deixou-se ficar ao lado dela e permitiu que os seus dedos passeassem pela secretária de Caroline, detendo-se na lista de nomes, nas pilhas de papéis impecavelmente arrumadas, no bloco de papel timbrado, no pote das canetas. Havia um tabuleiro com moedas, alguns cliques, uma escova e, pousados junto à brochura de um hotel, três bilhetes rectangulares com a palavra *Palio* escrita em grandes letras pretas. Lara aproximou a mão e, enquanto Ginny anotava os itens da lista de Lambert, puxou-os para ela e fê-los deslizar para dentro do bolso dos calções. Foi percorrida por um arrepio que lhe apertou o couro cabeludo e, abanando a cabeça, saiu para o sol. Sentou-se no primeiro degrau do terraço e tocou os bilhetes com os dedos. Tão preciosos. Tão valiosos. Fizeram-lhe o coração bater mais de pressa. Que iria acontecer agora aos lugares deles?

— Vou sair agora — gritou Ginny de dentro de casa.

Lara voltou a meter os bilhetes no bolso rapidamente. — Está bem.

Ginny tinha um cesto cheio de comida, um saco com livros e roupas dobradas.

— Volto mais tarde. Há sopa, pão e suspiros para o jantar. Se as irmãs não chegarem, sou capaz de ficar com a Caroline durante a noite. — Ginny estava a sorrir. Ela ia ficar sozinha. — Fica bem?

— Claro. — Lara seguiu-a até à porta, para se despedir. — Então adeus! Dê beijinhos meus.

— Quer que lhe telefone mais tarde? Se não puder regressar?

— Não! Não é necessário. Não precisa de telefonar, eu fico bem.

Mas já estava a sentir vontade de chorar. Por que razão não podia ir também? Por pouco não bateu no chão com o pé descalço e bronzeado. Só quando o carro partiu e Lara se voltou para a casa vazia é que se sentiu mais animada. Esticou os braços e rodopiou, e apesar de saber que era uma falta de respeito, era impossível não gozar a liberdade de ter a casa só para si. Correu de quarto em quarto. Correu pelo jardim, desceu os degraus, passou pela piscina e tentou abrir a porta do quarto de Ginny. Não estava fechada à chave e ela abriu-a um pouco, só para ver. Mas era apenas um quarto, decorado de forma simples. Um vestido volumoso dependurado numa cadeira. Ao lado, o contorno arredondado de um *soutien* abandonado. Fechou a porta rapidamente.

Sentindo-se maliciosa, correu de volta para casa, subiu a escada, percorreu o corredor e rodou o manípulo do quarto de Caroline. O coração batia-lhe apressado. Não devia estar a fazer aquilo, mas precisava de ver tudo. Não ia conseguir ficar sozinha em casa enquanto não o fizesse. O quarto de Caroline estava cheio de Caroline. Havia flores na mesa do tocador, almofadas que tinham caído da cama. A porta do roupeiro estava aberta e ali, reflectidos no espelho do tocador, encontravam-se, dependurados, vestidos de seda em tons de marfim e bege. A capelina estava pousada numa cadeira e, numa prateleira, outro chapéu mais elegante, com um lenço ata do em redor.

Lara deu um passo em frente. Os anéis de Caroline estavam em cima da mesa do tocador, dentro de uma tacinha de porcelana e, ao lado, o relógio, com a sua fina pulseira de ouro. Lara puxou a cadeira e sentou-se. Pegou num dos pincéis de Caroline e espalhou pó na cara. Deu-lhe um ar mais suave, mais desfocado, então colocou um toque de sombra azul nos olhos, e um pouco de *rouge* nas

faces. Com todo o cuidado, retirou a capelina da prateleira e experimentou-a, depois rodopiou, sentindo o lenço de seda roçar-lhe ao de leve nos braços nus.

Correu até ao armário. Havia *tops* de croché, saias plissadas, elegantes sandálias de tiras, todas elas em tons neutros. Lara passou os dedos ao longo dos vestido, sentindo a sua suavidade e o som seco que soltavam ao toque. Tirou um, rosa-pálido, um vestido que nunca vira e segurou-o na sua frente. Ao tocar-lhe a pele, transmitiu-lhe uma sensação de frescura e de fluidez e apesar de saber que não devia, experimentou um por cima dos calções e da *T-shirt*. O bus to estava à medida, forrado a cetim, decorado com finas camadas de seda, o decote era amplo, mal cobrindo os ombros, e ao correr o fecho, o vestido apertou-lhe a cintura, tornando-a fina e firme.

Voltou-se de costas para o espelho e espreitou por cima do ombro. O cabelo escuro quase lhe chegava ao fim das costas.

— Oh! — Suspirou de desejo e, nesse instante, como se fosse um eco, ouviu um ruído. Virou-se e fitou o espelho. Parecera o bater suave de uma porta. Continuou a olhar para si. Estava ridícula. A cara, meio maquilhada, o chapéu horrível, com o lenço a flutuar. Tirou-o e voltou a colocá-lo na prateleira.

E ouviu-o de novo, o bater da porta de um armário. Foi em bicos de pés até ao cimo da escada.

— Está aí alguém? — chamou, mas não obteve resposta. Correu até ao quarto e encostou a cara à janela da frente. Não estava nenhum carro na entrada. Pela janela das traseiras também não viu ninguém. Ninguém na piscina, ou nas escadas que desciam do terraço. — Está aí alguém? — chamou um pouco menos amigavelmente, e desceu lentamente as escadas.

Não estava ali ninguém. A porta do terraço tinha-se fechado, era isso, e com a força tinha feito bater a porta de um armário. Mas agora estava assustada e não conseguia evitá-lo. Deu uma volta à casa. Abrindo e fechando portas. Tentando recuperar a calma. Mas mesmo quando saiu para o jardim e se sentou numa espreguiçadeira, não conseguiu libertar-se da sensação de que não estava só. Estava no alto de uma colina em Itália, e todas as pessoas que ali deveriam estar, encontravam-se doentes, a morrer ou ausentes.

Então, vindo do interior da casa, ouviu o barulho de água a correr. O coração começou a bater-lhe contra as costelas, o seu sangue começou a ferver e, sem esperar para descobrir mais, enfiou as alpargatas e correu em redor da casa até ao jardim da frente. Para onde poderia ir? Estava agora na estrada, passou um carro com um chiar de pneus. Um homem de óculos de sol apitou ao passar aceleradamente, dois outros sorriram-lhe insinuantes, pelas janelas abertas, fazendo gestos obscenos com as mãos e a língua.

Lara correu para o lado oposto e, vendo-se junto ao bosque, enveredou por aí, percorrendo o caminho sensual a toda a pressa até Ceccomoro, demasiado assustada com quaisquer que fossem os fantasmas que pudessem estar a persegui-la, para pensar sequer em comunistas ou javalis. Só parou quando chegou ao terreno agrícola. Estava um calor abrasador. Deveriam ser quatro horas, pelo menos, e não havia vestígios da chuva que tinha caído abundantemente na noite anterior.

Abriu caminho por entre o milheiral, arranhando os braços nus, prendendo o tecido delicado da saia arregaçada, abrandando apenas quando já se encontrava muito perto da casa. Parecia que tinha passado muito tempo desde a última vez que ali tinha estado. Mas afastou esse pensamento.

Não se ouviam gritos vindos da piscina. Nenhum murmúrio do jardim. Entrou muito

silenciosamente no terraço. Alisou o cabelo antes de entrar. Humedeceu os dedos para apagar os riscos brancos na pele, sacudiu a saia cor-de-rosa, e continuando a não ver ninguém, empurrou a porta da casa principal.

Estava fresco e em silêncio. Parou para ouvir. Mas não havia nada. Nem um som. Claro! Tinham saído todos. Tinham ido ao Palio. Abriu rapidamente a porta que dava para a sala da televisão. Estava escuro. Sem nenhum vulto mal-humorado. Sem Kip, de casaco, à espera de chuva. Continuou a avançar, espreitando para dentro de um quarto. Roupas espalhadas por todo o lado. O rebordo arredondado de uma banheira de pés, através de uma porta aberta, ao fundo. Lara continuou por um corredor e saiu por uma porta lateral, para a praça principal. Subiu a rua a correr e entrou na cozinha. Tudo limpo e arrumado como se ninguém precisasse de voltar a jantar. Meu Deus!, pensou. Foram-se embora. Regressaram a Inglaterra.

Ouviu então a buzina de um carro.

— Toca a despachar! — Era Roland. Gritando, irritado. — Vá lá! — E isto foi seguido por outra buzina longa e impaciente.

Lara correu até uma janela e espreitou. Ali estava o carro escuro de Andrew Willoughby, saindo suavemente de marcha-atrás e, ao lado dele, o jipe, a transbordar de retardatários, o motor a trabalhar, libertando fumo preto. Roland tinha a cabeça de fora da janela do condutor e, como se estivesse a olhar directamente para ela, abriu a boca e gritou:

— KIIIP!

Lara correu pelo corredor fora, em sentido inverso, derrapando no chão de pedra até chegar à porta da frente. A porta estava entreaberta e a luz do sol penetrava através dela como fios de palha. Sentiu o coração apertado. Tinha-se desencontrado dele. Por momentos, desencontraram-se. Encostou-se a uma parede e, nesse preciso instante, Kip apareceu, vindo de um quarto lateral, segurando um sapato. Arregalou os olhos ao vê-la e Lara instintivamente levou o dedo aos lábios.

— KIP! — Ouviu-se de novo o grito. Sustiveram o olhar um do outro.

— Espera aqui — sussurrou Kip e, deixando cair o sapato, saiu em pé-coxinho. — Vão sem mim. Vão andando. Não me está a apetecer ir. — Lara imaginava-o a encolher os ombros. — Seja como for, perdi um sapato.

Sem uma palavra de dissuasão, o jipe arrancou com um chiar de pneus, e afastou-se a alta velocidade.

Kip ficou na entrada da porta.

— Olá! — cumprimentou ele, e Lara sentiu um súbito borbulhar, como sais de fruto picando-lhe o interior do nariz. Não chores, disse para si própria. Não chores.

— Caramba! — disse Kip. — Que tens tu vestido? — Lara olhou para baixo e viu que ainda trazia o vestido.

— É da Caroline. — Uma lágrima escaldante começou a rolar-lhe pela cara. — Ela está a morrer. E o meu pai está no hospital com um dedo do pé partido. — O soluço que se estava a formar rebentou numa gargalhada. — Quero dizer... — Escondeu a cara.

— Está tudo bem. — Kip estava ao lado dela. — É uma pena ter sido logo hoje, no único dia do Verão em que alguma coisa acontece. — Enlaçou-a pela cintura e começou a andar com ela ao longo do corredor, fazendo deslizar o pé descalço por baixo do dela, como se estivessem a dançar, à roda,

para trás, para a frente, numa valsa coxa.

— Estás a referir-te ao Palio?

Lara soltou-se do abraço dele e levantando o vestido, tateou o bolso dos calções. Ainda teria aqueles bilhetes? Ou tê-los-ia pousado quando andara a remexer o quarto de Caroline? — Olha. — Estava a retirar os papéis amarrotados, levantando-os para lhos mostrar. — É disto que precisamos? — Como se a música tivesse terminado, pararam, agitados.

Kip pegou nos bilhetes e examinou-os.

— Meu Deus! Que mais tens tu aí debaixo?

— Nada. — Retorceu o corpo para conseguir puxar o fecho e deixou cair o vestido no chão, revelando os calções e a *T-shirt*. — Eram... Foi a Caroline... ela... deixou-os em...

— Isso é fantástico!

Kip retirou um casaco às riscas brancas que estava pendurado numa cabide de parede.

— Vais ter frio mais logo. — Atirou-lho e arranjou um parecido para si próprio. — Anda, vamos.

Só restava um carro. Um pequeno *Fiat* branco que tinha as chaves na ignição.

— A Pamela não se vai importar — garantiu, abrindo a porta. — Sabes conduzir?

Kip franziu o sobrolho.

— Claro! — Mas as mudanças saltaram e arranharam enquanto ele tentava encontrar a marcha-atrás e assim que a encontrou, deixou o carro ir abaixo. — Vai ser melhor assim que começarmos a andar. — E fez girar o carro com tanta velocidade que quase chocou contra o muro. — Pronto — disse, quando ficaram voltados para os portões abertos e, cheio de cuidado, enfiou o nariz do carro na estrada. Mas em vez de tomar a estrada de terra batida que serpenteava até ao vale, virou à esquerda, num caminho que não estava aplanado.

— Isto é só até eu me habituar a este carro — explicou. — Dá-me a possibilidade de praticar. — A princípio balançaram lentamente, saltando entre crateras e rochas, mas à medida que Kip foi ganhando confiança, começou a conduzir cada vez mais depressa. — O segredo — disse, como que recitando uma lição — é não usar os travões, é bater nas rochas e deixar que as rodas as subam. — Lara ficou calada. Estava a fazer um grande esforço para se concentrar e falar. — Se carregares no travão — acrescentou, com satisfação —, estás feita.

Lara fechou os olhos. Parecia-lhe perigoso, mas a alternativa era pior. Por fim, chegaram ao alcatrão da estrada onde, apesar da suavidade do piso ser um alívio, havia o perigo acrescido dos outros carros. Eles apitavam e ultrapassavam, enquanto Kip praguejava e ria e espetava os dedos para cima quando deixava o carro soluçar nos cruzamentos ou travava a fundo nos vermelhos. Mas em breve o trânsito ficou tão intenso que se tornou difícil andar depressa. Depois de vários enganos, inversões de marcha e marchas-atrás, lá conseguiram chegar à praça dos correios, onde Kip parou em frente ao mesmo edifício onde Caroline tinha parado na tarde do dia anterior. Apareceu o mesmo homem, mas em vez de exclamações amistosa, abanou-lhes a cabeça. Andor, parecia estar a dizer. Andor.

— *Signor*. — Kip estendeu a mão para ele e, ignorando as ordens do homem para se retirarem, apresentou-se, referindo o seu título completo e o nome de Ceccomoro, e tendo envolvido o indivíduo numa fluida e apaixonada conversa, entregou-lhe as chaves e afastou-se.

— Não sabia que falavas italiano. — Lara estugou o passo para conseguir acompanhá-lo.

Kip limitou-se a encolher os ombros.

— Nem por isso. Não muito. Não digas aos outros, senão sabe-se lá o que me poderão obrigar a fazer.

Havia um mar de gente a caminhar na direcção da praça. As mesmas geladarias estavam abertas, apinhadas de adultos e, como se fosse obrigatório, Kip parou e comprou-lhes um gelado com duas bolas. Ficaram no canto, tal como ela e Caroline tinham feito, a comer o gelado cremoso.

— Vim a Siena, ontem à noite — contou-lhe. — Para ver as provas, com a Caroline. — E ocorreu-lhe, então, que aquele gelado, aquele merengue e *crema* podiam ter sido a última coisa que ela comeria na vida.

— Eu também vim. — Kip inclinou-se para a frente e deu uma dentada no gelado dela. Lara tinha-se esquecido dele e estava a deixá-lo pingar para a mão. — Vim com o Roland. Ficámos mes mo no meio da praça, juntamente com outros sessenta mil lunáticos. Não consegui ver nada. — Lara olhou em volta à procura de um caixote de lixo — Ou vinte mil. Nunca me consigo lembrar. — Tirou-lhe o gelado e devorou-o em duas gigantescas dentadas. — Aquilo que estou a dizer é que... — Inclinou-se e sussurrou: — Ao contrário de ti, eu não tinha bilhete. Mas não te preocupes, não vou telefonar aos *carabinieri* para descobrir onde foi realmente que arranjaste estes bilhetes. Vou utilizar a minha informação para outros fins. Não te esqueças — o cabelo dele estava a fazer-lhe cócegas na cara —, a partir de agora tenho-te na mão.

Lara riu. Queria sentir-se feliz, mas o facto de se ter lembrado de Caroline tinha-a deixado incomodada. Onde estaria ela, afinal? Estariam, ela e Lambert, num hospital de Siena? Poderiam estar em qualquer lado. Poderiam estar logo ali, ao virar da esquina, ouvindo a multidão abrir caminho em direcção à praça. Devia ter perguntado. Devia ter insistido em ir visitá-los.

— Anda — disse Kip. — Vamos ver o desfile.

— E se encontrarmos os outros?

— Os outros estão apertados numa varanda com uns italianos ricalhaços. Pode ser que os vejamos, mas é impossível que eles nos vejam.

Saíram para a rua e Kip tomou-lhe a mão. A palma da mão dele estava quente, segura e sedosa do sol. Ele não lhe perguntara porque se mantivera afastada, e se não o tinha feito até então, era provável que nunca chegasse a fazê-lo. Sentiu uma onda de gratidão e encostou-se ao braço dele. Ter a possibilidade de dar a mão a outra pessoa era como voltar a ser uma criança e apercebeu-se das saudades que tinha de poder enroscar-se no colo da mãe, de partilhar a cama dela, o banho dela e o corpo dela como se fossem seus.

Naqueles últimos anos, isso não lhe parecia possível. Desde que haviam regressado da Índia. Desde que o seu corpo começara a modificar-se. Talvez depois de um ano a viajar, a dormirem lado a lado, de terem estado sentadas no Budget Bus, semana após semana, no compartimento formado pelos seus assentos, talvez depois disso ambas tivessem necessidade de se afastar. Mas agora sentia-se tão sequiosa da proximidade de Kip que até doía. Apertou-lhe o braço e sorriu, e quando ele olhou, ela tentou não deixar transparecer... a certeza de que nunca se iria cansar.

— Temos um bilhete a mais — lembrou-se Kip, ao aproximarem-se da barreira.

— Guarda-o — disse-lhe Lara. — Não vá ser necessário. — E teve uma visão de Caroline recuperando a consciência ao ouvir o nome de Il Nicchio.

— O momento da verdade — disse Kip, mostrando os bilhetes, e passaram.

A Piazza del Campo era uma massa multicolor de gente. O centro, uma densa tempestade de cor, os lugares em volta sem um único espaço vazio. Lara resistiu a levantar os olhos para as janelas e varandas decoradas com tapeçarias vermelhas e em cujos parapeitos se encontravam debruçados vários espectadores. O desfile já tinha começado, o sino do Palazzo estava a tocar e eles foram conduzidos ao longo da pista de terra até chegarem ao ponto de partida, do lado oposto ao pequeno canhão que anunciava o início da prova. E ali estavam os seus lugares, na melhor localização possível. Foi aberta uma cancela para os deixar passar, e depois treparam para a segunda fila e sentaram-se atrás de uma família inteira vestida com *T-shirts* vermelhas escuras da *contrada* da Torre.

— Quem queres que ganhe? — sussurrou Lara, ao que Kip respondeu que esperava que fosse a *contrada* do Dragão porque tinha sido campeã no ano em que ele nascera.

— O Dragão também venceu no ano a seguir, o ano em que tu nasceste — contou. — Podemos ambos ser dragões honorários.

Ele sabe em que ano é que eu nasci!

— A Caroline tem um cavalo a correr pela Il Nicchio — explicou. — Ela queria... quer tanto que ele ganhe.

— Oh, meu Deus, não permitas que Il Nicchio ganhe. O meu pai, não sei por que razão, prometeu pagar uma fortuna se Il Nicchio ganhar e já me disse que se tal acontecer ele vai ficar arruinado.

O cortejo começara a avançar. Os tambores rufavam e homens em trajes medievais caminhavam à frente do seu cavalo. Havia um tocador de tambor, dois homens segurando estandartes, um homem numa armadura completa e resplandecente e vários outros segurando espadas e bandeiras. Estavam vestidos de verde e amarelo vivo e os dois cavalos que seguiam atrás, estavam cobertos nas mesmas cores.

— Il Bruco — sussurrou Kip, e Lara lembrou-se que era a Lagarta que nunca tinha sorte.

Il Bruco parou precisamente na frente deles. Meu Deus, eles devem estar a ferver, pensou Lara, inclinando-se para a frente para ver os trajes, as calças de malha, as capas curtas e os pesados chapéus. Os gibões e os cintos, as mangas de veludo duplo. E, por fim, os portadores de estandartes começaram a dançar. Atiravam os estandartes ao ar, apanhavam-nos, atiravam-nos uns aos outros, faziam-nos rodopiar, saltavam e dançavam e rodopiavam. Os seus estandartes condiziam com as suas vestes, um axadrezado verde e ouro, com uma lagarta rastejando sobre um galho, uma coroa dourada ao alto e uma rosa vermelha ao lado. O tambor rufou, os portadores dos estandartes saltaram, um sobre o outro, e a multidão aplaudiu. E, depois, o pequeno grupo seguiu em frente.

Seguiu-se Il Drago. Kip bateu palmas entusiasticamente e olhou em volta para ver se havia outros dragões na bancada. Os Dragões vestiam de vermelho com uma faixa de pele na orla da capa e calças com uma perna preta e outra vermelha a desaparecerem dentro de botas altas pelo joelho. O estandarte era debruado a ouro, tendo um dragão de ouro ao centro, e quando se ajoelharam e rodopiaram e atiraram os seus estandartes, parecia que o céu estava em fogo. Kip e Laura estavam rodeados de Torres, Porcos-espinhos, Águias e Conchas, mas, aparentemente, não havia um único Dragão.

Os Bosque vieram a seguir, de chapéus de veludo cor de laranja, capas e coletes de damasco bege e

botas de camurça macia. Depois de cada exibição, a pequena trupe, seguida por dois cavalos, um que iria correr e outro com sela e conduzido pelo jóquei, prosseguia caminho. Os tambores rufavam, a banda de metais tocava outra música e surgia outra *contrada* no canto oposto da praça.

— Vem ali Il Nicchio — apontou Kip.

A bandeira de Il Nicchio era azul, com uma grande concha no meio. Os portadores dos estandartes traziam capas com remates de pele, luvas brancas, túnicas vermelhas e calças justas com ziguezagues em vermelho e ouro. Pararam um pouco mais à frente, o que obrigou Lara a ter de se inclinar de lado para conseguir ver a sua exibição. Mas foi tudo feito nos mesmos moldes: rodopiaram, lançaram os estandartes ao ar, saltaram e agarraram-nos. As bandeiras a descerrarem e a adejar ao serem lançadas ao ar. Lara imaginou-os a treinar o ano inteiro, o coração a bater forte no momento em que atiravam alto os estandartes, nunca descontraindo até os terem de novo bem seguros.

E agora o desfile punha-se em marcha. O grande sino do Palazzo repicava, os tambores rufavam, a banda de metais tocava. Um grupo de crianças, vestidas de branco e com coroas de louro, seguia atrás do Golfinho, a última das dez *contrade* em competição, e, depois, uma a uma, vieram as sete que não tinham ficado apuradas. Estas sete atiraram os seus estandartes com iguais floreados, passaram e desfilaram e dançaram ao som dos seus tambores. Os apoiantes cantaram para eles e agitaram os seus punhos aos inimigos tão apaixonadamente como se eles também estivessem a competir.

Após as sete, seguiu-se uma estranha e sinistra procissão: seis homens montados em cavalos cobertos com saias de veludo e cotas de malha. Os homens tinham elmos com sólidas viseiras de metal, tendo apenas uma estreita abertura através da qual podiam ver.

— Quem são eles? — perguntou Lara e Kip explicou-lhe que eram os fantasmas das *contrade*. Das *contrade* que já não existem.

Dos elmos de cada homem destacava-se um símbolo. Uma serpente — de boca aberta e cuspidor — e um punho, com os dedos apertados em redor de uma faca. Também havia um pintainho, um leão, uma coroa de flores e um urso.

— E que aconteceu a essas *contrade*? — quis saber Lara. Kip encolheu os ombros.

— Extinguiram-se, suponho. Foram absorvidas.

Depois dos fantasmas, nos seus cavalos velados, surgiu um carro puxado por quatro bois brancos. A multidão soltou gritos de alegria e toda a gente que tinha uma bandeira, começou a agitá-la.

— Aquilo é o Palio — anunciou Kip. — Aquele pano pintado. Seja qual for a *contrada* que ganhar a corrida, o Palio é dela.

Lara viu-o, alto e enfunado como a vela de um barco. Tinha pintada a cabeça de um cavalo, uma lua em quarto crescente, a cabeça e os ombros de uma mulher. O carro estava rodeado por homens de armaduras e, de cada um dos lados, trombeteiros soprando na direcção do céu.

Cada um dos bois era conduzido por um homem vestido com um colete cor de terra e, quando passaram na frente deles, Kip inclinou-se e falou-lhe ao ouvido:

— Estás a ver estes bois?

Lara acenou afirmativamente.

— Os chicotes dos jóqueis são feitos com a pele seca dos... — O quê?

— Os... tu sabes... dos... — Kip estava a olhar fixamente para eles, como se, dessa forma, ela percebesse o que ele queria dizer. Até que Lara percebeu.

— Não! — Como era possível que ela não os tivesse visto? Os grandes pénis coriáceos, tão escuros como juncos em contraste com o branco do pêlo. — Isso é horrível! — Levou a mão à boca e depois, para disfarçar a sua reacção, acrescentou: — Quero dizer. É horrível que eles usem chicotes.

— Eles não usam os chicotes nos cavalos — esclareceu Kip. — Eles chicoteiam-se uns aos outros.

— E isso é permitido?

— Que queres tu que eles façam? Que sussurrem palavras do ces, de encorajamento, enquanto os ultrapassam?

— E porque não? — Lara pensou na corrida que Caroline tinha perdido. A prova final em que cada cavalo dá o seu melhor para não ganhar.

Kip deslizou a mão em redor da cintura dela.

— E no final, o vencedor tem de comer os testículos do boi no festim desta noite.

— Não!

— Não. — Kip não conseguia parar de rir. — És um caso perdido. Claro que não!

Sentaram-se muito juntos, de mãos dadas, rindo e falando, até que, com um rufar de tambor, os portadores dos estandartes, um por cada uma das *contrade*, se alinharam frente ao Palazzo, lançando as suas bandeiras o mais alto possível na direcção do céu. Dezassete bandeiras voaram alto, junto à torre do palácio, as cores dançando como uma fonte, mergulhando de novo. Os trombeteiros tocaram as suas trombetas, as pessoas gritaram de alegria e um grupo de homens, de elegantes fatos cinzentos, percorreram a pista, exalando poder e riqueza, os rostos tranquilos, a boca apertada face à seriedade do que estava prestes a ter lugar.

— Os teus amigos da Máfia — disse Kip, dando-lhe uma pequena cotovelada.

A pista estava a começar a esvaziar. Os rapazes vestidos de branco, com as suas folhas de louro, passaram, ligeiros, e, em seguida, apareceram os varredores para desfazerem as pegadas e as marcas dos cascos e alisarem a terra. Mas gerara-se uma confusão na zona central, algures junto às balaustradas. Via-se movimento e ouviam-se gritos e dois homens da ambulância estavam a correr ao longo da pista.

— Foi alguém que desmaiou — disse Kip. — Está sempre a acontecer. — E viu-se um corpo que foi levantado, passado por cima da barreira e, depois, colocado numa maca e levado dali, apressadamente e sem cerimónias.

Os varredores apareceram, alisaram as pegadas e, uns instantes mais tarde, tudo ficou calmo. Até mesmo o sino parara de tocar. O silêncio era enervante. Aquele sino devia ter estado a tocar durante horas. Lara conseguia sentir o seu eco a pulsar no ar.

— Olha para os pombos a tentarem chegar à água — sussurrou Kip, e com efeito, um bando de aves estava a sobrevoar a praça em círculos, desciam em voo picado, esperançosos e, depois, ao descobrirem que a sua fonte estava bloqueada, voltavam a subir. Havia pessoas sentadas nela, agarradas à escultura de pedra, obtendo, de graça, uma vista mais alargada.

E então, o ar foi rasgado pelo troar de uma explosão. Lara deu um salto. As pessoas gritaram. Era um indício de que os cavalos já se encontravam na Piazza del Campo! Estavam a sair a trote pelos enormes portões do Palazzo e agora ali estavam eles, a subir a colina na outra esquina. Toda a gente se inclinou para ver. Vinham completamente loucos, os jóqueis com os seus chapéus coloridos de

chicote na mão, trotando na direcção da linha de partida e, tal

como na noite anterior, reuniram-se um pouco antes da corda, esticada a toda a largura da pista.

— Isto é... — Lara virara-se para Kip, mas uma mulher da Torre, loura, com uma maquilhagem impecável, voltou-se e mandou-a calar furiosamente.

E fez-se silêncio. Silêncio numa multidão de sessenta mil pessoas. Naquele momento, ninguém se atreveria a desmaiar, pensou ela, e nesse instante um nome foi anunciado: Il Drago. Il Drago empinou-se e depois avançou para a linha, onde desatou a andar à roda, como que indignado por ter ficado junto à vedação. Outro nome foi anunciado e mais outro. Alguns eram saudados com gritos, outros com apupos, até que nove cavalos ficaram nos seus lugares.

Lara inclinou-se para a frente.

— Qual é o décimo cavalo? — perguntou em surdina, com um olho na mulher da Torre.

— L'Istrice, o Porco-espinho — sussurrou Kip, em resposta. E ficaram a ver L'Istrice aos solavancos e movendo-se, inquieto, os olhos do jóquei não se desviando nem por um instante da linha de partida. — Estão a fazer as negociatas de última hora — murmurou. E quase era possível ver os homens a negociarem, entre dentes. Mas Il Drago estava de novo a empinar-se e foi necessário andar com ele para trás e para diante, várias vezes, até que acalmasse. Quando finalmente Il Drago estava de novo na sua posição, Il Nicchio assustou-se, começando a empurrar os outros cavalos, sendo igualmente necessário acalmá-lo. E então, quase que por milagre, os cavalos conseguiram ficar sossegados ao mesmo tempo e durante alguns instantes. Cada um deles estava na ordem pela qual tinha sido chamado e até mesmo L'Istrice estava posicionado na direcção correcta. Começa, incitava Lara. Começa. Mas o Fazedor de Reis não esboçou um movimento que fosse. Gerou-se algum rebuliço no centro da linha quando vários animais começaram a recuar, espremendo os dois últimos contra a vedação. Il Drago começou a ficar agitado e as pessoas que se encontravam encostadas àquela parte da vedação começaram a recuar ao ver o cavalo voltar-se.

— Sabias que lhes dão drogas? — sussurrou Kip.

— Para os acalmar? — perguntou Lara.

— Não, para os excitar.

Ouviu-se um grito. Um único grito de frustração acima de todos os outros, e Lara tirou os olhos do cavalo e olhou à sua volta. Tinha de o fazer. Não conseguia respirar com aquela incerteza e, inadvertidamente, levantou os olhos para a varanda sobrelotada do Cafre del Campo. E ali estavam eles: Piers e May, Roland, Tabitha e Pamela. Estavam debruçados sobre a balaustrada engalanada de vermelho, espreitando a multidão. Lara desviou o olhar o mais rapidamente possível, mas, ao fazê-lo, descortinou Lulu, o cabelo cor de mel penteado para trás, o vestido muito decotado, revelando o dourado intenso do pescoço. Lara sentiu uma pontada de ansiedade. Seria por isso que Kip não tinha feito qualquer referência ao facto de ela ter estado afastada? Se calhar nem notara. Talvez tivesse estado demasiado entretido com o regresso de Lulu para se ter importado com a ausência dela.

Vestiu o casado às riscas, puxando-o para cima das coxas, deixando que as mangas a tapassem por completo. Olhou fixamente para L'Istrice, que estava a andar à roda e a sacudir a cabeça. O jóquei tinha as pernas bem apertadas em redor dos flancos do cavalo, tendo apenas as rédeas para se segurar. O alinhamento junto à corda continuava totalmente desordenado. Havia cavalos que recuavam, outros que se voltavam, o oitavo tanto empurrou que o nono acabou por ficar atravessado

bem no centro da linha de partida. De cada vez que um cavalo era empurrado para fora, dava o seu melhor para regressar à linha, mas os outros dificultavam-lhe o mais possível as tentativas de regressar ao seu lugar.

Têm de estar todos parados ao lado dos seus inimigos, pensou Lara, mas não se lembrava de quais as *contrade* que estavam alinhadas. O ar encheu-se de assobios. Gritos e apupos e assobios. Palavras de aconselhamento.

— Agora! — Lara não conseguia evitar sussurrar de cada vez que uns quantos cavalos ficavam sossegados. — Agora!

Mas L'Istrice não recebia autorização para partir.

— Está a recolher mais subornos — murmurou Kip e, de novo, Lara permitiu que os seus olhos perscrutassem a multidão.

Pousou-os nos milhares que se encontravam no centro, examinou aqueles que se encontravam por detrás dos colchões que protegiam a esquina de San Martino, envoltos em lenços, debruçados dos seus lugares, imaginando-os mais sedentos de sangue do que os demais. E então levantou os olhos, só por uns instantes, para a varanda. Andrew Willoughby também ali se encontrava e, ao lado dele — Lara nem queria acreditar —, Isabelle, com Hugh atrás, encostado à parede. Não deveria ela estar a visitar Lambert? Mas em tão lembrou-se que o pai não queria que ninguém o visse em quanto não obtivesse alta. Virou-se para outro lado. Não queria voltar a olhar para lá, mas, quase de imediato e não resistindo, lançou mais um olhar lá para cima. Roland estava precisamente a olhar para ela. Os seus olhos fitaram-na. Lara desviou a cara e aconchegou-se melhor no casaco, mas, ainda assim, sentiu um arrepio percorrê-la tão violentamente que os seus ombros estremeceram.

— Acho que é agora! — Kip apertou-lhe a mão! — Sim, sim!

Os cavalos estavam alinhados, a multidão expectante. Conseguia senti-la, numa enorme agonia, sustendo a respiração. Mas não. Explodiu de indignação: o jóquei de L'Istrice tinha virado o cavalo! Era inadmissível! Lara deixou cair a cabeça. Tinha vontade de gritar. Parecia que a prova nunca mais ia começar, mas, nesse momento e sem aviso prévio L'Istrice deu meia-volta e saltou em frente. A praça explodiu com o canhão de partida. A corda foi descida. Os cavalos desataram a correr. E toda a gente se pôs de pé.

Lara ainda conseguia ver o décimo cavalo, galopando na frente, mas os outros estavam a ganhar-lhe terreno, a alcançá-lo, amontoando-se uns contra os outros. Encaminhavam-se para San Martino, onde a pista curvava bruscamente e entrava numa descida abrupta. Lançavam-se para todos os lados — graças a Deus pelos colchões — mas nenhum caiu. Prosseguiram, Il Nicchio agora na dianteira, depois, por um momento, desapareceram de vista até que de forma quase cómica, quais soldadinhos de chumbo, reapareceram a galope, colina acima, do outro lado. Estavam a passar, velozes, as cores da *contrada* no chapéu, e toda a gente gritou quando L'Onda, na pista interior, começou a ganhar vantagem, começou a ultrapassar o Bosque, o qual, por sua vez, estava a esforçar-se por ultrapassar Il Nicchio e assumir a liderança. E eis, então, que L'Onda caiu. Il Nicchio continuou velozmente. La Selva — o Bosque — no seu encaixe e depois Il Drago chocou com outro cavalo, e ambos caíram.

— NÃO! — gritou Kip.

— NÃO! — gritou Lara, fazendo eco.

Mas não havia tempo para lamentações. Il Nicchio estava seguro na liderança. Il Nicchio. O cavalo

de Caroline.

— NICCHIO! — gritaram ambos, com toda a força dos seus pulmões.

Um cavalo sem cavaleiro estava a avançar a grande velocidade, ocupando o terceiro lugar. Um cavalo sem cavaleiro poderia ganhar o Palio. Essa era outra das suas regras.

— NICCHIO! — gritava também a multidão, balançando de um lado para o outro, chorando, cantando, batendo no peito.

— NICCHIO! — gritou Lara. — Força! Força! — Sentia-se flutuar. — NICCHIO! — A vida dela dependia dele. A vida de Caroline, também.

Il Nicchio estava de novo a passar por eles. Mais uma vez conseguira transpor a curva de San Marino em segurança e, num instante, lá estava ele a subir a colina, espumando e esforçando-se, acelerando na última curva, com o cavalo sem cavaleiro quase a to cara sua garupa, e sim, era quase impossível que ele perdesse aquela corrida.

— NICCHIO! — Lara estava a gritar a plenos pulmões. A gritar tão alto que se esqueceu de tudo e de todos. — NICCHIO!

Parecia que o mundo inteiro estava a gritar enquanto ele galopava aquele último trecho e, antes mesmo de os cavalos terem chegado à corda, já os apoiantes de NICCHIO estavam a lançar-se para a pista. Um homem caiu do banco atrás de Lara, usando o ombro dela como apoio, e ali estavam os homens e as mulheres da Concha, chorando, gritando, beijando-se, levantando os braços para o céu, para a Madonna, para Deus.

Lara ficou a ver, boquiaberta. Nunca na vida tinha visto tanta gente tão feliz. Rodearam o jóquei, tiraram-no de cima do cavalo, beijaram-no, abraçaram-no e levaram-no em ombros.

— Depressa! — Kip pegou-lhe na mão. — Vamos! Vamos tentar chegar lá primeiro.

Arrastou-a atrás dele, saltando do seu banco, mantendo a mão dela bem presa, enquanto iam abrindo caminho, empurrando e espremendo-se por entre aquele mar de gente.

— Lá, onde? — perguntou Lara, enquanto subiam os degraus que os levavam para fora da Piazza del Campo, percorriam a sinuosa rua do comércio, subindo e descendo e entrando noutras ruas igualmente sinuosas.

— Depressa — insistiu ele, e desaguaram, ofegantes, na praça, frente ao Duomo.

Não foram os primeiros. Milhares de pessoas já aí se encontravam, e muitas mais estavam a forçar a entrada na praça. Lara e Kip apertaram-se através da porta e viram-se impelidos para a frente, pela onda da multidão. Todos à sua volta estavam a cantar. A mesma canção perturbadora da procissão do dia anterior. Lara parou, tentando recuperar o fôlego naquela atmosfera quente e húmida da pedra e do suor opressivo. Uma mulher empurrou-a, por detrás, e uma fila de criancinhas deslizou por baixo do seu braço esticado.

Kip puxou-a para si e, então, ouviu-se um brado que ecoou pelo ar, e todos cantaram ainda mais alto, ao mesmo tempo que começaram a avançar e a confluir para um mesmo ponto: era o jóquei, de tronco nu, a ser transportado em ombros para o interior da catedral. O cântico intensificou-se e, elevando-se no tecto abobadado, atingiu as estrelas pintadas.

— Às vezes também trazem o cavalo para dentro — contou-lhe Kip.

Fez um esforço para conseguir ver, colocando-se em bicos de pés, olhando em volta, enquanto, na sua retaguarda, eram cada vez mais as pessoas que estavam a exercer pressão para entrar na catedral.

O cântico subiu de volume, depois diminuiu, o ar estava abafado e Lara não conseguia perceber onde é que havia espaço livre, em toda aquela catedral, para um cavalo.

— Já me lembro — disse Kip, como se tivesse ouvido os pensamentos dela. — Eles trazem os cavalos para dentro antes da corrida. Cada um é levado à sua igreja local para ser abençoado.

Continuaram à espera, o ombro riscado dela encostado ao ombro riscado de Kip, a enorme catedral inundada de calor e de cantares, de suspiros, felicidade e esperança.

— Que tal tornarmo-nos Nicchios, a partir de agora, em vez de Dragões? — sugeriu, num sussurro, e Kip, voltando-se para ela, sorriu.

— Isso é coisa de vira-casacas — respondeu ele. — Mas porque não?

A determinada altura, decidiram abrir caminho até à saída. Foi mais fácil avançar contra a maré de gente, desviarem-se dos ombros das mulheres, furarem por entre os grupos de homens chorosos. Por fim, saíram para o exterior pela porta. Soltaram as mãos e sentindo-se quase intimidados, ficaram parados, em silêncio, no último degrau da escadaria, olhando para a noite desfocada. Ainda se viam pessoas a chegar, vindas da Piazza del Campo, mas agora a um ritmo mais lento, mais calmo, abraçando-se umas às outras apenas esporadicamente, vertendo apenas umas quantas lágrimas. Lara e Kip começaram a andar. A lua estava alta e as pedras da calçada, as montras das lojas fechadas, a roupa lavada estendida nas janelas, as bandeiras e brasões de armas, tudo cintilava na sua luz.

Ao regressarem à praça, descobriram que muitas das bancadas já haviam sido desmontadas, que os cafés que ficavam no topo da colina já tinham reaberto e mesas compridas, cobertas por toalhas de algodão branco, estavam a ser preparadas.

Kip retirou os bilhetes do bolso.

— Jantar incluído — leu, apontando para as linhas escritas em letra minúscula. Desconfiada, Lara sentou-se defronte dele no ex tremo de uma mesa tão comprida que se estendia quase até à borda da pista.

Em breve, os outros lugares eram ocupados por mulheres e homens italianos, uns cabisbaixos, outros discutindo, mas nenhum deles declaradamente apoiante da *contrada* vitoriosa da Concha. Foi-lhes servido vinho e a entrada, um paté frio de espinafres, a que se seguiu um prato de *tortelloni* com recheio de queijo. Não havia menu, nem outra alternativa. Comeram e beberam todos juntos, ela e Kip, os elegantes italianos de meia-idade, os clientes em pequenas mesas de cada um dos lados da mesa grande. Enquanto comiam, a praça foi-se enchendo de novo. Várias pessoas desfilaram por ali, umas com chuchas gigantes, outras tocando tambor.

Três homens fizeram uma serenata a Kip e a Lara, outro tentou vender uma rosa a Kip. Lara recordou-se da aversão que Kip sentia a qualquer coisa que fosse romântica, e para se dissociar do canto melodioso, revirou os olhos. Mas na verdade, adorou o acordeão, o violino e o dedilhar da guitarra, e interrogou-se se seriam aqueles homens que ela tinha estado a ouvir ao longo de todo o Verão, ensaiando canções de amor nas colinas e não, afinal de contas, um grupo de comunistas planeando um rapto ou um ataque bombista à cidade.

— Que significam estas chuchas? — perguntou a Kip, quando o trio, que não tivera direito a uma gratificação, passara adiante, e foi o homem que estava sentado ao seu lado quem lhe respondeu, num inglês perfeito:

— Quando o Palio se realiza, Siena renasce.

Os empregados de mesa circulavam entre eles, enchendo os copos, trazendo mais pratos: uma taça de salada e, em seguida, um prato de carne em sangue.

— É o boi — disse Kip, e Lara olhou para ele, de olhos semicerrados, desconfiada, sem perceber se ele estava a falar a sério se a brincar. — É verdade. Enfim, não é o boi que acabámos de ver, como é óbvio, mas é, de facto, uma especialidade local. Vá, experimenta, é bom. — Cortou uma fatia.

Lara olhou para o prato. Nada a poderia convencer.

— Acho que vou deixar ficar. — Apesar de ter ficado satisfeita por se ter mantido fiel às suas convicções vegetarianas, na realidade, o que a dissuadira fora o facto de ser demasiado impressionável para conseguir comer qualquer coisa que fosse servida num molho feito com o seu próprio sangue.

O empregado de mesa franziu o sobrolho quando retirou o prato de Lara, como se o animal tivesse sido morto única e simplesmente para a sua ingrata pessoa. Para lhe agradecer, se bem que ele não tenha revelado sinais de ter reparado, Lara comeu o gelado que foi servido de seguida, raspando-o até ao último vestígio, e esvaziou, igualmente, o seu copo de vinho. Quando finalmente se levantaram, tinha a cabeça a andar à roda.

— Que fazemos agora? — perguntou Kip, espreguiçando-se, e incapazes de decidir, deram os braços e começaram a percorrer a pista no sentido contrário ao dos ponteiros de um relógio, olhando para as pessoas que estavam sentadas nas esplanadas dos outros restaurantes, ou de pé, conversando e bebendo, junto aos longos balcões envernizados e cor de caramelo do interior.

Mergulharam na zona não iluminada que constituía a base da praça e espreitaram para dentro do pátio do Palazzo, onde os cavalos tinham sido mantidos. Prosseguiram caminho, examinando a apertada curva de San Martino, onde os assentos tinham sido desmontados, as vedações recolhidas e os colchões e os cavalos lesionados retirados.

— Rápido! — disse Kip. — O último a chegar, perde! — E, sem aviso prévio, desatou a correr, o casaco a esvoaçar, os calcanhares nus elevando-se nos sapatos.

— Espera! — Lara lançou-se atrás dele, a cabeça a latejar. — Espera! — chamava. — O Palio já acabou! — Mas Kip desaparecera.

Lara correu o mais depressa que conseguiu, passando por adolescentes de braço dado, homens e mulheres com filhos pequenos, alegres e impecavelmente vestidos. Onde se teria metido ele? Parou, olhou em volta e ouviu um assobio vindo da sua direita. Ali, em vez de Kip, estava uma mesa cheia de Willoughbys, Andrew Willoughby à cabeceira, Lulu ao lado dele, Roland não muito longe, assim como Isabelle.

— Olha a nossa pequena revolucionária! — Os olhos de Andrew estavam a nadar por detrás dos óculos e, para evitar Roland, Lara olhou directamente para ele.

— Sim. — Que outra coisa poderia ela ter dito? Por uns segundos, pareceu-lhe que toda a gente naquela mesa estava de olhos postos nela.

Lulu inclinou-se para a frente:

— Pensei que te tinhas ido embora.

— Pois é. — Lara sentiu que a situação exigia uma explicação. — Mas o meu pai magoou um pé... e...

— Ele está...? — Isabelle olhou para cima através de uma ma deixa de cabelo que lhe caía sobre a

cara. — Ele está aqui? — Lara lembrou-se, então, de que ele estava doente. No hospital. De que Caroline também estava internada. Levou a mão à boca. Tinham-se passado várias horas desde que saíra de casa, provavelmente sem sequer se ter lembrado de fechar a porta. E a luz do alpendre? Tê-la-ia deixado ligada? Ou desligada?

— Sim — gaguejou. — É melhor ir à procura dele. — Mas Andrew esticara a mão e apoderara-se do braço dela.

— Agora diz-me, honestamente. — Estava a olhar na direcção de Isabelle. — Não percebes o que quero dizer? Eles parecem gémeos!

Isabelle endireitou-se na cadeira.

— Não, não percebo — respondeu ela. — E deixa a rapariga em paz.

— Francamente, querido. — Pamela inclinou-se para a frente. — Isso é porque ela tem vestido o casaco do Kip. Apenas isso. Não sejas maçador!

— Mas afinal de contas, onde pára esse rapaz? — Andrew tinha pegado no copo e, continuando a segurar-lhe o braço, levava-o aos lábios. — Onde está o miúdo?

— Ele não veio, não se lembra? — Lulu franziu o sobrolho. — Perdeu um sapato.

— Pois muito bem, gostaria de falar com *Herr Professor* Goldstein — disse Andrew, como se fosse uma anedota, um nome criado num jogo de *Cluedo*. — Wolfgang... ou Lambert, ou como quer que ele se chame. — Olhou para Lara com frieza e baixou a voz: — Eu conheci-o bem, sabias? Conheci-o nos velhos tempos. Ele a mim não engana com aquela mudança de nome idiota.

Largou-a para poder deitar mais vinho no copo e Lara olhou para trás, rezando para que Kip não tivesse voltado atrás à procura dela. Mas a garrafa de vinho estava vazia.

— Por favor! — Andrew acenou com a mão. — Mais *vino*. Ele pensa que me faz passar por parvo. Francamente! Ao fim destes anos todos! Ele trouxe a rapariga para aqui por uma razão, uma única razão...

— Por amor de Deus! — exclamou Pamela. — Claro que ele é teu! Qualquer pessoa consegue ver isso. Pára de fazer tanto drama. Seja como for... — acrescentou, insensatamente — ...mesmo que ele não seja teu, que diferença é que isso faz?

Lara engoliu em seco. — É melhor ir andando.

Olhou ao longo da mesa e apenas viu olhares que evitavam o seu; até mesmo Roland pareceu, por uma vez na vida, estar a dar atenção à mulher. Só May sorriu para ela, tristemente, quando ela se afastou.

— Não te esqueças — gritou Andrew. — Manda-o vir aqui. Com pé magoado, ou sem pé magoado. Diz-lhe que lhe quero dar uma palavrinha.

Mas Lara começara a correr. Correu o mais que pôde ao longo da pista, esquecendo-se até de procurar Kip, desejando afastar-se o mais possível até que, com um baque, chocou contra ele, caminhando no sentido contrário.

— Fala-se no diabo...! — riu ele, agarrando-a e, pela primeira vez naquela noite, inclinou-se para ela para beijá-la.

Lara afastou-se.

— Eu vi-os! — disse ela. — À tua família. No Caffè del Campo.

— Sim, eu sei — respondeu ele, sorrindo. — Porque julgas que te disse para correres? Ninguém

deveria ser obrigado a estar na companhia do pai na noite em que ele se está a despedir do dinheiro.

Lara deixou-se cair de encontro a ele. Fechou os olhos e inspirou os cheiros a lavanda e a sabonete da camisa dele.

— Vamos — pediu. — Já devia mesmo ter voltado.

Lentamente, subiram a colina em direcção ao carro. Esperaram na praça enquanto o homem retirava o carro e, após umas poucas tentativas frustradas, Kip conseguiu arrancar. Conduziram em silêncio, ao longo das ruas sossegadas e, depois, através da noite mais escura. Que dissera Andrew Willoughby? Não se queria lembrar, mas também não conseguia impedir que a voz dele ecoasse nos seus ouvidos. Gémeos, dissera ele. «Eles parecem gémeos.» E lembrou-se, então, da voz dele no corredor do primeiro andar de Ceccomoro: «Uma década de sexo infrutífero... e depois aquele filho da mãe aparece e a minha mulher dá à luz um rapaz.» Que pretendia Andrew dizer? Que Kip era filho de Lambert? Que ela e Kip eram irmãos? E naquele instante, uma coisa negra, enlouquecida, correndo a passos curtos e rápidos, atravessou a estrada.

— Meu Deus! — Kip carregou nos travões tão a fundo que o carro derrapou. — Quer-me parecer que era mesmo um javali.

— Um javali? — repetiu Lara, e lembrou-se do jogo que tinham estado a jogar junto ao rio, quando o pai ainda estava bem. E Kip nunca estivera apaixonado. Olhou para ele, com o coração angustiado, tão sensível que parecia ferido.

— Já se foi embora. — Kip olhou para a escuridão e continuo a conduzir, agora mais lentamente.

Lara ficou a observá-lo sub-repticiamente. Não é verdade, disse para si própria. Andrew estava bêbedo, foi apenas isso. Mais ninguém acreditou nele. «Claro que ele é teu», dissera Pamela. «Seja como for... mesmo que ele não seja teu...» Lara continuou a olhar para ele, como se isso pudesse dissipar as suas dúvidas, mas havia qualquer coisa em Kip que lhe era familiar. Sempre sentira isso. Tão familiar que era como se toda a vida tivesse estado à espera dele. Tenho de lhe contar, pensou, e o seu corpo estremeceu. Pelo menos tenho de lhe dizer que não pode ficar a passar a noite. Mas depois, que iria ela fazer? Não podia voltar a Ceccomoro, e se Ginny não tivesse regressado do hospital, não se atrevia a passar a noite sozinha em casa de Caroline.

— Kip? — Pousou-lhe a mão no braço — Podes ficar comigo em casa da Caroline?

E agarrou-se ao assento para se impedir de começar a tremer.

— Visto que me estás a pedir. — Kip fez um grande sorriso e acelerou, fazendo com que o pequeno carro chocalhasse ao subir a colina.

Quando chegaram, a casa estava às escuras e não havia nenhum carro na entrada. Lara saiu e Kip desligou o motor.

— Não está cá ninguém — sussurrou ela.

E Kip sussurrou-lhe de volta:

— Então porque estamos a sussurrar?

Deram a volta à casa e pararam no terraço. Olharam para baixo, para a piscina. A água, à luz do luar, cintilava, azul escura, mas as árvores, atrás, eram silhuetas negras. Por um momento, Lara viu um clarão nas colinas e tentou detectar alguma música. Penso nisso amanhã, prometeu a si própria, esta noite, não há nada que eu possa fazer. E tomou a dianteira na descida até à piscina.

Não estava calor. O ar estava ligeiramente fresco e a água, quando mergulhou o pé, provocou-lhe

um arrepio que lhe subiu pela espinha acima. Mas Kip já estava a despir as calças e a puxar a camisa, meio desabotoada, pela cabeça. Voltou-se de costas e tirou as cuecas.

Finalmente, ia ter a sua oportunidade de ver um homem nu, pensou, mesmo que fosse irmão dela. Mas antes que tivesse tempo de olhar, já ele se lançara para dentro de água.

— Ahhhh! — Emergiu a gritar e Lara olhou, ansiosa, na direcção da casa, mas nenhuma luz se acendeu em parte alguma, nem nada pareceu ter-se alterado.

Avançou até à sombra e começou a despir-se o mais lentamente possível. Que haveria de fazer? Quanto mais pensava nisso, menos segura se sentia.

— Cobarde! — provocou Kip. Lara voltou-se, então, para ele e puxou a *T-shirt* pela cabeça.

Não havia como escapar aos seus olhos observadores, pairando sobre a água à medida que ela se aproximava da piscina. A pele dela, apesar de todos os banhos de sol, brilhava, muito branca, e as marcas do biquíni formavam linhas fluorescentes. Enfiou um pé, depois outro, e incapaz de suportar estar a ser observada, lançou-se para dentro de água. Nadou muito depressa, durante alguns instantes, debaixo de água, e depois, quando subiu à superfície, já estava quente.

— A diferença entre ti e a Lulu — Kip estava mesmo ao lado dela —, é que ela sabe que é bonita e tu ainda não te apercebeste disso.

— És maluco. — O sorriso de Lara foi tão grande como a lua, mas durante o tempo todo não parou de pensar, «Ele não sabe por que razão gosta de mim. Sou-lhe familiar; não é nada que ele possa controlar, é só isso». Concentrou-se em nadar. — Aquilo que não percebo... — disse, ofegante, para desviar a atenção dele — em relação a ti e a Lulu, é... por que razão não és mais... — queria dizer grato, ou surpreendido, mas acabou por dizer — ...mais interessado?

— Não sei. — O bafo de Kip estava de novo junto à cara dela e conseguia senti-lo cortar a água. — Talvez porque não é o género de mulher de que gosto.

Lara riu, mas uma sensação de medo disparou através do seu corpo, contraindo-lhe a cara ao ponto de a magoar. Para se esconder, colocou os braços em redor do pescoço de Kip e beijou-o.

— Não é que tenhas — disse Kip, retribuindo o beijo — uns olhos, uma boca ou um nariz especialmente bonitos...

— Não? — Lara engoliu um pouco de água ao começar a afundar-se.

— Mas tudo isso junto... — Também ele estava a afundar-se. — É perfeito. Para mim.

— És maluco! — Voltou a beijá-lo, mas, a este beijo, Lara juntou a promessa de que iria ser o último. Esta é a última vez que o faço. Juro.

Kip nem se apercebeu. As mãos dele estavam a percorrer o seu corpo nu. Delineando as suas curvas e os seus ossos, as suas planícies e elevações, pesados da água, mas ao mesmo tempo leves como ar. O corpo dele também estava diferente. Frio e contraído. O estômago liso e duro, as costas como uma tábua. Envolveu com as suas pernas as pernas de Lara, e ela cedeu, enquanto rodopiavam e se beijavam, esbracejando e esperneando para se manterem à superfície, não desejando desperdiçar aquele raro momento, mudando-se para uma zona menos profunda da piscina. Por fim, acabaram por dar umas braçadas até um dos extremos da piscina e apoiaram-se à parede e, aí, beijaram-se até que as suas bocas ficaram dormentes e ressequidas.

— O acto de beijar é muito subestimado — comentou Kip, pressionando-se contra ela, mas Lara sabia que ele pretendia dizer que tinha de haver mais.

— Está bem — concordou, agarrando-se à sua promessa, e então, por incrível que pudesse parecer, rodaram e apertaram-se e quase se afundaram até que ele, por fim, entrou dentro dela, fugindo da dureza da água para um lugar onde tudo era macio. Abraçaram-se com força, as extremidades geladas dos dedos e das orelhas ficaram esquecidas quando se começaram a mover. Era como uma dança, com a barra do *ballet* atrás deles, a lua no alto, e Lara fechou os olhos. Sentiu-se percorrida por ondas de prazer, que avançavam e depois recuavam, e entregou-se ao impulso frio e duro de Kip que, insistente, a empurrava contra a barra. Fechou os olhos com mais força. Disse a si própria que era ele, que era Kip. Fosse quem fosse, não era Roland.

Lembrou-se então, num desespero, dos bonecos feitos com escovilhões para cachimbo que ela e Sorrel fizeram, durante umas férias de Verão, na Escócia. Tinham pegado no boneco e deitado em cima do corpo da boneca, entrelaçando as pernas e os braços de ambos de tal maneira que os corpos deles se haviam fundido. Lara tinha sentido, dentro de si, uma explosão de calor. Fora a primeira vez que sentira isso — uma efervescência de desejo — e tinha corado quando Sorrel pusera os bonecos na cama da casa das bonecas. Esta recordação deixou-a a sorrir e manteve afastadas outras recordações, mas quando terminaram, sentia-se tão exausta que pensou que poderia afundar-se. Por isso cerrou os olhos e deixou-se ir ao fundo, apenas durante um minuto, só para ver qual era a sensação, mas o seu corpo obrigou-se a regressar à superfície e, quando abriu os olhos, Kip estava a sair da piscina.

— Está um frio de rachar! — comentou, e ali estava ele, o pénis dele. Continuava erecto, porque seria? E curvando à frente dele, balançando quando ele andava. Lara cobriu a boca, mas não conseguiu abafar o riso.

— O que foi? — Kip olhou para ela. Mas Lara continuou a rir. — É tão engraçado! — justificou, os ombros sacudindo, e sentiu-se extremamente aliviada.

Lara e Kip correram até casa, nus, apertando as roupas contra si, atentos a pequenas lagartixas que fugiam deles nos degraus de pedra. A porta do terraço estava aberta, atravessaram a sala de estar, por cima do tapete branco, e subiram as escadas. Entraram a correr no quarto de Lara e demasiado enregelados para fazerem qualquer outra coisa, enfiaram-se debaixo das cobertas da cama de solteiro.

— Afinal de contas, onde se meteu toda a gente? — perguntou Kip, batendo os dentes, e naquele preciso momento, Lara pensou ter ouvido o telefone.

— Chiu! — levantou a mão. Mas ou o telefone tinha deixado de tocar ou não tinha sido nada. — Estão no hospital.

— Sim, claro.

Deixaram-se ficar ali, em silêncio, aquecendo aos poucos. Uma centena de pensamentos e de perguntas afluíram-lhe à cabeça. Alguma vez...? O que...? Serias...? Mas quando olhou para trás, para Kip, as pálpebras cerradas, a boca ligeiramente aberta, pareceu-lhe que nada precisava de ser dito. Seja como for, não é verdade, disse para consigo, os olhos enchendo-se-lhe de lágrimas, mas ainda assim, voltou-se de novo para ele e ficou a mirá-lo, procurando indícios.

— O que foi? — Kip franziu o sobrolho. Estava a sentir-se observado. Lara voltou então a deslizar

para a curva do corpo dele e tentou não pensar em nada.

Lara já estava em Bangalore havia um mês quando pediram às raparigas com quem ela estava a ter aulas para actuarem num hotel. Fora grande a excitação, tinham realizado ensaios extra e passado muito tempo de pé, esperando pacientemente que camadas de tecido fossem ajustadas ao seu corpo. Mas nada disto incluía Lara. Lara ainda não estava apta a actuar, iria precisar de praticar durante, pelo menos, outras mil horas antes de poder envergar um traje com cores de pavão e se apresentar em palco. Como tal, ela e Cathy haviam-se sentado no chão da sala de jantar do hotel, de pernas cruzadas, enquanto pequenos grupos de raparigas dançaram à vez.

A professora sentara-se com os músicos, segurando címbalos e observando. Lara ficara a observar os olhos dela, as suas mãos, os seus ombros, os seus pés, o corpo tão alerta, como se também ela própria estivesse a dançar. As crianças dançaram a dança de Krish na quando bebé. Krishna era um bebé travesso e delicioso — roubava iogurte e mel sempre que surgia uma oportunidade. E depois, mais tarde, as raparigas mais velhas dançaram a história dele, já crescido, a ser tentado pelas Gopis, que eram uma espécie de leiteiras, ou vaqueiras, mas, de qualquer forma, lindas. Elas fugiam, elas namoriscavam, elas chamavam-no com os olhos. Vem cá, pareciam estar a dizer.

A professora marcara o ritmo, batendo com os címbalos, agudos como um alfinete. Sob o som dos címbalos, ouvira-se o lamento de um violino e, abaixo dele, a batida seca e espaçada dos tambores. Os pés das raparigas batiam no chão, pesadamente, e as suas campainhas soavam, e Lara, determinada a praticar com mais afinco, a completar as mil horas que lhe faltavam e depressa, voltara-se para sorrir para Cathy. Aquilo era tudo o que a mãe lhe havia prometido. E mais. Mas para sua grande surpresa, Cathy parecera-lhe infeliz. Estava a ver as bailarinas, é verdade, mas estava meio voltada para a audiência. Gorda e branca e a transpirar. Lara via-as através dos olhos da mãe e, quando olhou de novo para as jovens bailarinas, constatou em que medida os olhos delas estavam pintados — enormes devido às camadas de azul — e que tinham jóias suspensas das pontas dos seus cabelos e, exposta a toda a volta das costelas, uma faixa de pele nua e macia.

— Isto deveria ser mais do que um espectáculo — dissera Cathy, mais tarde. — As mensagens são para os deuses, não para os expatriados.

Mas não dissuadira Lara, que, na manhã seguinte, quando se levantou ao nascer da aurora, foi praticar antes de sair para a escola, mantendo os braços estendidos, levantando para trás o dedo médio e fazendo girar os pulsos até lhe doerem.

Quando Lara acordou, não se lembrava de onde estava, não sabia de quem eram os braços que tinha em redor de si, de quem era a cabeça quente que estava encostada à dela sobre a almofada. E, então, lembrou-se. Ficou muito quieta, não se atrevendo a mexer-se, não fosse Kip acordar, também ele, saltar da cama e apressar-se a partir. Voltou a fechar os olhos, tentou afundar-se de novo no calor do corpo dele, mas sabia que já era tarde — viam-se faixas fortes de sol reflectidas na parte inferior das cortinas e ouviam-se os grilos cantando na relva.

Com todo o cuidado, Lara libertou-se do abraço de Kip, deslizou de sob o seu corpo, vendo-lhe a face, que tinha estado encostada à sua cabeça, tombar na cova da almofada.

Vestiu uma camisa e atravessou o corredor para ir espreitar o quarto do pai. A cama de Lambert continuava vazia, as roupas dobradas e fora de vista. Livros e jornais estavam empilhados em cima de um armário baixo e, ao lado do candeeiro, havia um monte de livros de capa dura. Ainda estaria no hospital? Teria alguma coisa corrido mal? Sentiu espalhar-se pelo corpo uma ansiedade que já se encontrava, concentrada, no centro do seu peito.

Lara desceu a escadas a correr. Espreitou a cozinha deserta e a sala, onde as almofadas do sofá continuavam dispostas em perfeita ordem. Ficou a olhar para o telefone que, para se certificar, encostou ao ouvido. A linha estava a fazer um som contínuo, otimista, como se alguém pudesse estar à espera para lhe dizer o que se estava a passar.

— Está? — tentou, esperançada. — *Pronto?*

Mas é claro que não estava ninguém.

De regresso à cozinha, abriu a porta do frigorífico. Havia leite, fruta, garrafas de vidro com sumo de pêsego e alperce. Havia *mozarella* e *pancetta* em embalagens de papel e azeitonas pretas numa lata. Lara ficou a olhar, indecisa. Onde estariam os cereais? E as ti gelas? Corou só de pensar como se tornara totalmente de pendente da atarefada Ginny.

Em vez de ficar a olhar, tirou o pão de forma caseiro e, arrancando um canto, mergulhou-o num frasco de compota de mirtilo. Estava esfomeada. Voltou a mergulhar o pão, mas desta vez a côdea esfarelou-se, deixando a compota cheia de migalhas e, aos olhos exigentes de Caroline, muito provavelmente estragada. Apressou-se a retirar as migalhas com uma colher e depois, não lhe restando outra alternativa senão comê-la, cortou duas fatias de pão e encheu-as de doce. Serviu dois copos de sumo, abriu cada um dos armários até encontrar um tabuleiro e, deliciada consigo própria por ter arranjado inadvertidamente o pequeno-almoço, levou-o para cima.

— Kip — sussurrou. — Kip...

Um dos cantos da boca dele elevou-se, mas Kip não se mexeu. Lara pousou o tabuleiro no chão e, apertando-se no estreito espaço livre ao lado dele, começou a mexer-se até Kip se virar e ficar deitado de lado. Inclinou-se para tirar uma fatia de pão e, colocando a mão em concha para proteger o lençol da queda de eventuais bagas, deu-lhe uma enorme dentada. Foi inundada por uma sensação de felicidade. Alegria pura e autêntica. Deu outra dentada e depois outra, sempre a olhar para o rosto adormecido de Kip, apenas parcialmente visível. A linha do queixo, o cabelo caído para a testa, a orelha tão próxima da cabeça, o lóbulo que dificilmente poderia ser considerado um lóbulo...

Parou de mastigar. Tinha-se lembrado da sua promessa. Que foi que dissera a si própria na noite anterior? Que tudo o que havia entre eles tinha de acabar. Bebeu um gole de sumo e encostou-se às costas de Kip. Mas ele não sabe, permitiu-se argumentar, e se ele nunca souber, também eu me posso esquecer. E ela *consequia* esquecer. Ela conseguia esquecer qualquer coisa. Não tinha ela esquecido Roland? O peso da perna dele, o arranhão no pulso ao tentar repudiá-lo? De qualquer maneira, que poderia ela fazer? Escorraçá-lo? Colocou um braço por cima dele e, receosa, colocou a mão sobre o coração adormecido de Kip.

Quando voltou a acordar, Kip estava debruçado sobre ela, retirando a segunda fatia de pão, espalhando bagas ao longo do lençol.

— Cuidado! — avisou, quando um pedaço de compota caiu em cima da almofada, mas Kip enfiou o mais que pôde dentro da boca.

— Há mais? — perguntou, assim que conseguiu falar, mas Lara estava demasiado ocupada a recolher as bagas da roupa, lambendo o dedo e tentando limpar as nódoas com saliva. — Deixa estar. — Kip espreguiçou-se. — Isso não interessa. Alguém há-de lavar.

— E se ficar estragado? — Quanto mais esfregava, piores ficavam as manchas.

— Qual é o problema? — Kip estava a olhar para ela.

— Acho que é uma falta de respeito, só isso.

Kip arrancou o lençol e atirou-o para um canto.

— Já desapareceu — disse ele. — E, se quiseses, posso enterrá-lo. E fazemos uma cerimónia. Já achas isso mais respeitoso?

Nu e agora sem lençóis, rebolou para cima de Lara e começou a fazer-lhe cócegas com o nariz, emitindo pequenos roncoss, as mãos dela nas dele, a erecção dele, suave, agitando-se de encontro à barriga dela, até que Lara cedeu e desatou a rir.

Fizeram amor. Kip, lenta e ternamente, mantendo os olhos fitos nos dela. Lara, tão ocupada a esquecer, que mal conseguia olhar para cima. Esquecendo Roland, esquecendo Andrew Willoughby com as suas palavras entarameladas, esquecendo Lulu: «Julguei que já te tivesses ido embora.» Esquecendo May. Lembrou-se e depois esqueceu-se de Caroline, deitada na maca, e do pai, arrastando-se até à porta, subindo para a ambulância, levando apenas um livro e um lenço de seda. Mas Kip estava a beijá-la, virando-a e acariciando-a com uma tal insistência que Lara acabou por perder a sua batalha pelo esquecimento. Os seus pensamentos transformaram-se em ondas — ondas espessas de cor — e a medula dos seus ossos em correntes de melaço, de tal maneira que nem conseguia perceber onde é que ela acabava e ele começava, e sentiu-se tão repleta de doçura que pensou que poderia esquecer tudo, para sempre, desde que ele promettesse não parar. E, então, lembrou-se mesmo.

— Temos de ter cuidado. — Apertou-o, mas as costas de Kip estavam banhadas em suor.

— Oh — disseram ambos. Era demasiado tarde.

— Fica para a próxima — sussurrou ele. — Eu até tenho para aí alguns preservativos. — Deixaram-se ficar deitados, juntos, exaustos, rindo nervosamente, os corpos húmidos e escorregadios, de masiado indolentes para conseguirem levantar-se, dormitando.

— Meu Deus, estou esfomeado! — Kip estava a sentar-se na cama e Lara também o sentiu, um desconforto na boca do estômago, a cabeça leve e tonta.

Vestiram-se e desceram.

— Há sopa. — Levantou a tampa do jantar da véspera. — E suspiros.

Mas Kip estava a olhar para o frigorífico.

— Posso fazer uns ovos mexidos — sugeriu. — Pelo menos acho que consigo.

E começou a partir ovos, uma caixa cheia, para dentro de uma tigela. Depois deixou cair um e pisou-o ao virar-se para ir buscar o *bacon*.

— Há aqui um pano, acho eu. — Lara abriu um armário. Kip estava a cortar o *bacon* em pedacinhos, com uma enorme rapidez.

— Chega-te para lá. — Lara deu-lhe um ligeiro empurrão para conseguir chegar ao espaço tapado por uma cortina que ficava por debaixo do lava-louças.

Kip baixou os olhos para ela.

— Que estás a fazer? — O ovo estava esmagado e a escorrer, a gema ficara milagrosamente intacta, mas a clara estava a espalhar-se pelo chão.

— Vou limpar — explicou ela. — A menos que queiras ser tu a fazê-lo.

— Deixa isso! Alguém há-de limpar. — Fez um esgar e Lara sentiu-se a arder de indignação.

— Estás a referir-te à Ginny?

Enquanto procurava, entre as embalagens de produtos de limpeza e frascos de cera, veio-lhe à ideia a imagem da mãe a passar uma esfregona no chão da sala de aula, em Eskdalemuir, depois de terminadas as aulas. Tivera sorte em conseguir arranjar aquele em prego. Mulher da limpeza numa escola. E feliz por aquilo que fazia. Lara tinha-a ajudado: passando um pano pelas secretárias, arrancando pastilhas elásticas, varrendo pó, cabelos e papéis amachucados dos cantos da sala.

— Está pronto. — Kip serviu a comida nos dois pratos e levou-os para o terraço. Mas Lara continuava a debater-se com o ovo partido, que lhe escapava das mãos sempre que tentava agarrá-lo, e mesmo quando conseguiu deitá-lo no lava-louças, ainda ficou uma mancha brilhante no chão que se recusou a desaparecer.

— Eu bem te disse que deixasses isso para os especialistas — bocejou Kip, assim que ela finalmente se sentou. E Lara viu que os ovos eram, a partir de então, outra coisa que ela também iria ter de esquecer.

— Que horas são, afinal? — Os pratos estavam vazios e Kip recostara-se na cadeira. — Já devem ser, pelo menos, umas quatro.

— A sério? — Lara correu até à sala de estar, onde sabia haver um relógio. — Meu Deus, são quase cinco horas! — E subitamente convencida de que o pai, ou pelo menos Ginny, deviam ter tentado contactá-la, pegou no telefone. Mas não havia nada. Ninguém do outro lado. Baixou os olhos para a secretária. Onde é que estava aquele número? — Como é que se chama o hospital, sabes? — Começou a procurar nos papéis dispersos de Caroline, para ver se encontrava alguma pista.

— Que hospital?

— Aquele para onde levaram a Caroline. Na ambulância. — Não sei.

— Mas se fôssemos a Siena... certamente que conseguiremos descobrir, não?

Kip riu.

— Que estás tu a sugerir. A pé?

— Podíamos ir até lá de carro, não podíamos? Quero dizer, ainda temos o carro da Pamela.

Kip arregalou os olhos. Fez uma expressão tão assustada que parecia que o couro cabeludo se elevava da cabeça.

— Merda! — Dirigiu-se à porta da frente e abriu-a. — Tens razão. Ela vai matar-me! Anda, é melhor irmos.

— Onde?

— Temos de levar o carro de volta.

Lara olhou para fora. Não podia ir a Ceccomoro. Só de pensar nisso, já sentia as pernas bambas.

— Não podias, ao menos, levar-me a Siena? Assim que lá chegasse, sempre podia ir à procura do hospital.

— Lara. — Kip estava a franzir o sobrolho. — Eles estão à espera. Sabes disso, não sabes? Eles estão à espera que a Caroline morra.

Lara sentou-se no degrau. Era isso? Estavam apenas à espera, os três, em privado, sem ela?

Kip pegou-lhe no braço e tentou puxá-la.

— Anda — insistiu —, temos de ir devolver o carro.

— Está bem. Vai tu. Eu fico aqui.

— A sério? — Kip olhou em volta, para a casa silenciosa. As colinas, o vale, o denso arvoredor. — Eu digo-te o que vamos fazer. — Agachou-se ao lado dela. — Levamos o carro, largamo-lo no pátio e regressamos pelo caminho sensual. Só vamos ficar fora durante cerca de meia hora.

Lara não respondeu.

— Ou, então, também podes ficar aqui e esperar... — Pelo tom de voz, parecia estar hesitante.

— O que foi?

— Nada. Ficas bem.

Kip encaminhou-se para o carro. A que propósito estaria tão nervoso. Por causa de raptos? Do espírito de Sid Vicious? De javalis? Abriu a porta e entrou e ainda com a porta aberta, ligou a ignição.

— Adeus — gritou, ao fazer inversão de marcha. — Até logo. — E começou a afastar-se.

Lara ficou a vê-lo, a pulsação acelerada, tão incerta quanto ao que deveria fazer que os pensamentos se abateram sobre os seus ouvidos.

— Espera! — gritou, correndo atrás dele. — Também quero ir!

Não se via ninguém em Ceccomoro, apesar de o pátio estar cheio de carros: o jipe, o elegante *Mercedes* de Andrew e dois outros carros alugados, idênticos. Kip estacionou o *Fiat* junto ao muro.

— Não demoro nada — disse —, só tenho de ir buscar uma coisa.

E antes que ela tivesse tempo para protestar, já ele tinha desaparecido ao virar da esquina de um edifício.

Esperou, ouvindo os sons distantes da cozinha, o barulho de um lava-louças, o rápido rodopiar de uma máquina, o murmúrio abafado do pessoal, atarefado a preparar a refeição da noite. À frente dela, encontrava-se um edifício em muito mau estado, com pedras irregulares e, ao lado deste, encontrava-se a prensa das azeitonas, que era agora uma divisão para guardar raquetas e bolas de ténis. May tinha-a levado lá, uma vez, e mostrara-lhe onde é que o burro andava às voltas, sobre o chão de pedra, fazendo girar a pega da prensa gigante até que todas as azeitonas ficassem esmagadas. Pobre burrinho, pensara, com o seu nariz cinzento pregado ao chão, mas May tinha-lhe entregado uma raqueta, recusando-se a acreditar quando Lara protestara que nunca tinha jogado.

— Ouve — tinha-lhe dito May —, se tu e o Kip ainda... tu sabes... no próximo ano, convido-te para o meu casamento.

— Está bem. — Lara ficara demasiado embaraçada para protestar, mas ainda conseguia sentir o calor do seu rubor.

— Agora chega de protestos. — Elizabeth Butler, com a sua capelina laranja e óculos escuros estava a descer os degraus do pátio, acompanhada das filhas. Lara baixou-se, encostada ao muro,

escondida pelo *Fiat*.

— Garanto-vos que vão adorar — vinha a dizer e voltando-se de repente para Nettle, que tinha sussurrado qualquer coisa queixosa ou desafiadora, acrescentou: — Que disparate! Não quero voltar a ouvir nem mais uma palavra sobre o assunto. — Abriu a porta da bagageira do carro. As miúdas ficaram de boca aberta e ombros caídos. — Adeus e mais uma vez obrigada.

Elizabeth estava a acenar para Andrew Willoughby, que tinha aparecido ao cimo das escadas.

— Adeus, minhas queridas — disse, e ele e Elizabeth beijaram-se descontraidamente, pelo menos três vezes.

Lara afundou-se ainda mais.

— Que chatas! — declarou ele, antes mesmo de elas terem saído do pátio. — Porque é que temos de convidá-las todos os anos?

Lara espreitou por cima do capô do carro para ver com quem é que ele estava a falar naquele momento.

Lulu estava de costas voltadas, mas ainda assim, Lara sabia que era ela. As omoplatas bronzeadas, os caracóis do cabelo cor de mel.

— Pobre Andrew — disse Lulu. — Que maçada. Para o ano, convido toda a gente que conhecer em Hollywood. Então, é que te vais divertir.

Andrew soltou uma gargalhada seca.

— É isso que me apoquentas. Mas desde que tu continues a vir, não há problema. — E Lara ouviu-o dar uma sonora palmada no traseiro de Lulu.

— És um homem horrível! — protestou ela e depois exclamou mais alto: — Kip!

Kip estava parado na ombreira de pedra. Lara viu-o olhar em volta rapidamente e como não a viu, encolheu os ombros.

— Por onde tens andado? — Lulu estava com os braços à roda dele. — Lá porque eu trouxe o Todd comigo, não significa que tenhas de fugir.

— É verdade, Kip — acrescentou Andrew. — Não me lembro do que se trata, mas a Pamela está furiosa com qualquer coisa e pareceu-me tê-la ouvido referir o teu nome.

Kip revirou os olhos e tentou libertar-se do abraço de Lulu. — Mas afinal onde está o Todd?

— Oh! Está a ser parvo. Decidiu que ia manter os horários de Los Angeles enquanto aqui estiver. Diz que não faz sentido estar a adaptar-se. Deve levantar-se daqui por uma hora.

— Que idiota! — resmungou Andrew e desapareceu para lá do muro.

Lulu tinha os braços em redor do pescoço de Kip e o corpo pressionado contra o dele.

— O Todd acha que toda esta realidade, aqui, é fantástica. Lordes e *ladies* verdadeiros, anda a tratar toda a gente pelo título completo, apesar de estar sempre a tratar o Andrew por *My Lord* e a fazer uma vénia de cada vez que se cruza com Pamela, apesar de eu já lhe ter dito que tu é que és o verdadeiro lorde e que a mamã é apenas uma namorada. As tuas irmãs estão pior que estragadas!

— Lulu! — Kip cambaleou ligeiramente, pelo que acabaram encostados ao muro. — Ouve... — e baixou a voz, pelo que Lara, apesar de se ter esforçado por ouvir, só conseguiu perceber as interjeições de Lulu — suspirando, rindo, cochichando.

Lara sentiu-se agoniada. Deveria fazer algum ruído? Alertar Kip para o facto de ela estar ali, a ver? Em vez disso, ficou quieta e calada, os joelhos doridos, os braços a escaldar devido ao metal da

grelha do carro. Mas enquanto olhava, a conversadeles pareceu ficar gradualmente mais urgente, juntando-os — as cabeças próximas, as testas tocando-se, os joelhos entrelaçados e depois Lulu começou a beijá-lo.

Lara desviou o olhar. Sentia-se com náuseas e começou a transpirar, um suor frio e pegajoso que lhe cobriu a pele. Tentou tossir, aclarar a voz, mas estava com a garganta seca. Quando olhou de novo para cima, Lulu estava sorridente e Kip tinha-se afastado.

— Já te disse, sempre que precisares de fazer alguma investigação, sabes onde poderás encontrar-me... — E com um movimento exagerado do corpo, foi-se embora.

Kip limpou rapidamente a boca com as costas da mão e olhou em volta. Os olhos dele dardejaram por cima dela, não a vendo e voltando-se, com os ombros caídos para a frente, pôs-se a andar na direcção do caminho sensual.

Lara esperou um pouco antes de segui-lo. O sol estava baixo, derramando-se pelos campos cultivados, cobrindo de sombra os terraços sobranceiros. Atravessou o milheiral, abrindo caminho entre o milho. Onde estaria ele? Não iria correr, não se iria apressar, mas ainda assim, olhou em volta nervosamente, ao entrar na escuridão húmida do bosque sensual.

E então, alguma coisa agarrou o braço dela. Gritou e tentou libertar-se, mas Kip estava a lutar com ela, rindo como um louco, quase a deitando ao chão quando lhe prendeu os braços nos seus.

— Larga-me! LARGA-ME! — Levou um minuto a perceber que Lara estava a falar a sério, e outro ainda até largá-la. — Não quero! Deixa-me em paz! Quero voltar para casa.

Chocada consigo mesmo, empalidecendo, recordou-se de que queria mesmo voltar para casa. Desculpa, poderia ter dito, mas estava demasiado envergonhada.

Seguiu, apressadamente. Se era assim tão fácil, censurou-se, então porque não gritara antes? Com Roland? Por que razão não o tinha feito? A náusea que tinha desaparecido, ressurgiu. Mas sabia que, antes, nunca acreditara realmente que o mundo fosse feio. Mesmo tendo visto, na Índia, pedintes, leprosos, ratos a correrem por cima de corpos adormecidos e um homem a masturbar-se na rua, debaixo de uma saca. Na Escócia, tinha visto um operário das obras cujos dedos tinham ficado entalados numa janela de guilhotina — a cara do homem tinha ficado verde clara, os lábios mordidos.

Mas, não obstante, ela nunca imaginara que isso pudesse acontecer. Mesmo quando estava a acontecer. Quando já era tarde de mais. Se ela tivesse gritado, ou chamado, ou pedido socorro, estaria a reconhecer que aquilo era a realidade, para todo o sempre. E toda a gente ficaria a saber. Lara começara a correr. Pelo menos desta forma era um segredo. Ninguém jamais saberia e ela não se tornaria na rapariga que estava ligada a sordidez, a vergonha e a lama.

— Caramba! — Quando finalmente a alcançou, na estrada, Kip estava ofegante. — Que foi que te deu?

Mas a única coisa que Lara sabia é que queria desesperadamente chegar a casa.

— Ainda não está ninguém — disse Kip, parando na entrada. — Eu bem te disse...

Lara correu para dentro de casa, subiu à casa de banho e deixou-se ficar com a cabeça sobre o lavatório. Se conseguisse vomitar, sentir-se-ia melhor, mas apesar de ter provocado o vômito por três vezes, não saiu nada a não ser um fio de saliva. — Oh — gemeu. Desejava purificar-se, sentir-se limpa e vazia. Ficou a olhar para baixo, para o ralo e imaginou-se a descer em espiral por ali abaixo.

Desaparecendo numa espiral. Cada vez mais pequena, até ficar limpa e minúscula como uma concha. Escovou o cabelo, depois os dentes, e inspirando profundamente, recordou-se de que, independentemente da alternativa, não podia ficar sozinha naquela casa. Desceu.

Kip tinha posto um disco a tocar. Um álbum melancólico de Nina Simone. *Love me or leave me or let me be lonely, You won't believe me but I love you only, I'd rather be lonely than happy with somebody else...* Lara ficou parada à entrada e olhou para ele, deitado no sofá branco, os sapatos sujando a capa de um dos braços. Que diria Caroline, pensou, mas Caroline não estava ali.

— Mais *batati friti*, mais cerveja? — Kip sorriu para ela, esperançoso, e escudada de alguma forma pela música, Lara abriu o frigorífico e examinou o que ainda restava.

— Não me parece que a Caroline seja uma apreciadora de cerveja — gritou na direcção dele, como se tudo estivesse normal, e retirou uma garrafa de vinho. Levou-a com dois copos, um saca-rolhas, a lata de azeitonas e o prato de suspiros, e sentou-se no chão, ao lado do sofá de Kip.

— Quem é o Todd? — perguntou, para lhe mostrar que sabia. — O Todd é o... — Kip corou e pegou na garrafa de vinho. — Desculpa.

Lara passou-lhe o saca-rolhas.

— Achas que podemos beber este vinho, ou será excessivamente caro?

— Espero bem que o seja. Vamos bebê-lo todo. — Sorriu e começou a tirar a rolha.

Não disseram nada enquanto não acabaram o primeiro copo, que deixou Lara mais tranquila e lhe deu ânimo.

— Estás desejosa de regressar a casa? — perguntou-lhe Kip, carinhosamente, enquanto lhe servia um segundo copo.

— Não. — Lara ficou surpreendida.

— Estou a perguntar-te isto porque terias partido hoje se a Caroline não tivesse...

— É verdade. — Lara bebeu um gole. No dia seguinte ao Palio. E lembrou-se de como o pai estava desesperado por se ver de regresso a casa. — E tu? Vais regressar a Londres em breve?

Kip enrugou a testa.

— Mais umas semanas e depois... sim, estou a pensar ir passar uns tempos a casa da minha mãe.

Lara olhou para ele e houve qualquer coisa na expressão de tristeza da sua cara que a levou a levantar-se do chão e a sentar-se no extremo do sofá, onde se encostou às pernas dele. — E depois vais para o Quénia?

— Mas antes disso, podemos ver-nos em Londres — sugeriu ele.

— Sim — concordou Lara, ainda que soubesse que não o de viam fazer. — Em que zona vive a tua mãe?

Kip bocejou.

— Em Knightsbridge.

— Knightsbridge. — Lara fechou os olhos. Podia apanhar a linha de Piccadilly em Finsbury Park, passar por Holloway e Caledonian Road, estações impiedosamente excluídas pela linha de Victoria, e entrar em King's Cross, um labirinto de túneis negros e aterrorizadores, um lugar a ser evitado a todo o custo. Mas o comboio levá-la-ia para Holborn, com o seu aspecto de salas de estar apaineladas e charutos, através de Covent Garden — impossível de dissociar dos há muito desaparecidos

vendedores ambulantes de fruta e legumes que costumavam percorrer as ruas. Depois era Piccadilly Circus, acolhedor e festivo, e Green Park, que, ao contrário de Finsbury, estava cheio de nomes com Park. Hyde Park Corner, e estávamos no extremo do palácio de Buckingham. Carlos e Diana já teriam regressado da lua-de-mel? E, por fim, Knightsbridge — lar, não de cavaleiros, mas do Harrods, e muito de vez em quando o Victoria and Albert Museum.

— Knightsbridge — murmurou, para lhe soar a realidade.

— Numa daquelas praticas, atrás de Pont Street — adiantou Kip, como se isso ajudasse, e Lara lembrou-se dos soalhos de madeira corrida da sua própria casa geminada, a porta das traseiras com ligação ao jardim, a casa de banho com o seu espelho de moldura às flores e tapete feito de trapos. Quando se abria o frigorífico, nunca se encontrava vinho e azeitonas, mas sim leite, uma alface murcha e uma lata de comida para gatos meio cheia.

O disco estava a recomçar, o braço da agulha saltando automaticamente para o início. *Love me or leave me or let me be lonely, You won't believe me but I love you only...*

Kip levantou-se, virou a garrafa e deitou as últimas gotas de vinho. Lara sentia a cabeça congestionada e as pernas pesadas. Ficou espantada por ver que estava sonolenta, quando, na verdade, não se tinham levantado havia muito tempo.

Empurrou mais as pernas, enfiando os pés atrás das costas de Kip.

— A tua mãe vive sozinha? — perguntou. Kip acenou afirmativamente.

— Isto é, sem contar comigo.

— Mas não se pode dizer que tu estejas realmente lá.

— Não, de facto. Só às vezes. Nas férias. E a tua?

— Não, quero dizer, sim. Vive sozinha comigo.

— Nunca teve outra pessoa?

— Não.

Lara perguntara uma vez a Cathy por que razão é que ela e Lambert se tinham separado. Não sabia por que razão lhe tinha perguntado. Na verdade, não queria saber. Ou pelo menos partiu do princípio de que *sabia*. Simplesmente não se amavam. Mas não tinha sido exactamente esse o caso.

— O teu pai estava sempre fora — contara-lhe Cathy. — Estava muitas vezes fora, a fazer trabalhos de pesquisa, mas uma vez, tinhas tu perto de quatro anos... — A cara dela empalidecera ao recordar-se. — Vi-o. Em Kensington High Street, com uma mulher. Estavam os dois muito bem vestidos, pelo menos ela estava, e ele estava a mandar parar um táxi, segurando a porta para ela entrar.

A simples recordação fizera Cathy tremer.

— Que fizeste? — perguntara-lhe Lara, porque não podia deixá-la ali a sofrer.

— Bom. — Cathy fungara e, apesar de tudo, começara a rir. — Tive um caso. Com um amigo dele. Alguém que sempre gostara de mim, e quando o teu pai finalmente regressou da sua viagem de investigação, encontrou o apartamento cheio de rosas que esse homem, que por acaso era muito bonito, me tinha enviado. — Cathy fechara os olhos por uns momentos. — Mas o teu pai... Não podia aceitar isso. Derrubou todas as jarras, partiu a maior parte delas. Esmagou-as com os pés, atirou as rosas pela janela. Juro-te, parecia que tinha perdido o juízo. «Perdi toda a confiança em ti», disse-me. «Depois disto, como é que posso ter a certeza, sequer, de que a Lara é minha?» Empacotou todas as coisas que tinha no apartamento. «Mas tu também fizeste o mesmo», confrontei-o. Estava

ateterrorizada. «Tu tens casos com outras mulheres», e sabes qual foi a resposta dele? — A cara de Cathy ficara desfigurada pelo desgosto. — «Comigo é diferente.»

Lara pegara-lhe na mão.

— Foi nessa altura que fomos viver para a Escócia?

— Pouco depois. — As lágrimas de Cathy começaram a deslizar-lhe pelo pescoço. — Isso ajudou.

Mais tarde, quando Lara subira para lhe dar as boas-noites, encontrara a mãe sentada defronte do seu altar, de olhos fechados, os lábios movendo-se, as mãos em forma de lírio apoiadas nos joelhos. Ele nem tem a certeza de que eu seja filha dele, pensara, e sem esperar que a mãe acabasse, voltou a descer.

Lara olhou para Kip, que tinha os olhos fechados mas estava a cantar em surdina, acompanhando a música.

— Os teus pais estão divorciados há muito tempo?

Kip mostrou-se surpreendido.

— Eles não estão divorciados. O pai está aqui, em Itália, por questões financeiras. A poupar o dinheiro da família. Pelo menos é o que a mamã pensa. Parece que funciona, desde que ninguém se esqueça de não mencionar o nome da Pamela. — Kip franziu o sobrolho. — Quero dizer, ele vai a Inglaterra uma ou duas vezes por ano e, nessas ocasiões, fica sempre em casa, pelo menos julgo que sim.

— Quero dizer, mas eles não...? — Lara também franziu o sobrolho. — E quanto a... — Mas viu que era escusado prosseguir.

Lara foi acordada pelo telefone. Ao segundo toque já estava de pé, tropeçando no corpo adormecido de Kip, cambaleando em direcção à secretária.

— Está? — Era o pai, percebeu pela forma como ele pigarreou, mas, por uns segundos, ele não disse nada — Pai? — perguntou cautelosamente, e foi então que ele lhe contou.

— A Caroline morreu.

— Oh. — Não sabia o que dizer. — Oh, não.

— Esta manhã. Não há muito tempo. — A voz dele tremeu muito ligeiramente e, por um horrível instante, Lara pensou que ele ia começar a chorar. Mas, em vez disso, falou mais baixo. — Olha, eu não quero ficar aqui. A Ginny nem quer ouvir falar em sair daqui, mas eu preciso de me ir embora. De ir para casa.

— Para aqui?

— Não. Para Londres.

Lara sentiu o coração pular.

— Hoje? — Olhou para Kip, que ainda estava deitado no sofá, embrulhado na manta de lã de Caroline, o cabelo espetado na testa.

— A Ginny acha que devíamos ficar com a Caroline. Ela está agora com ela. Ouve, o comboio parte por volta da hora do almoço. Podes arrumar as minhas coisas e vir-me buscar, para seguirmos depois para a estação?

— Mas eu...

— A quem é que podes pedir boleia? — A voz dele estava quase irreconhecível com a urgência.

— O homem que limpa a piscina. Ou o jardineiro. — Lara nunca tinha visto nenhum desses homens. Viriam eles todos os dias, antes de ela se levantar?

— Não. Lara. Ouve. Podias telefonar a chamar um táxi. Pedes que te tragam ao hospital. Estarei à espera na entrada. Ao meio-dia.

— Mas eu... — Como é que iria conseguir arranjar um táxi? E mesmo que conseguisse, conseguiria falar o suficiente em italiano para dar o endereço? E qual era o endereço onde ela estava?

— Lara?

— Sim? — Nunca antes ele lhe pedira que fizesse o que quer que fosse. Enfim, tinha-lhe pedido uma vez que lhe comprasse salsichas numa loja de comida alemã, em Londres, mas quando ela chegara, corada de satisfação pela missão cumprida, constataram que, afinal de contas, ela se tinha enganado no tipo de salsicha. Tinha comprado salsichas fumadas em frasco em vez de enlatadas. O ar de desapontamento estampado na cara do pai tinha deixado Lara muito triste, e só o facto de se lembrar disso estava a deixá-la de novo sem ânimo.

— Obrigado — agradeceu o pai. Até parecia que ela já tinha feito o que ele lhe pedira. — Adeus. — E, muito delicadamente, pousou o telefone no descanso.

Lara olhou em volta. Tudo o que conseguia ver eram as coisas de Caroline: as revistas, os copos, um maço de *Silk Cut*, um lenço esquecido, enrolado em cima de uma cadeira. Que iria acontecer a tudo aquilo? Viria a família de Caroline buscar tudo? As escovas de cabelo e os anéis? As blusas de *chiffon*. As caixas de chapéus e de sapatos? Iriam dar por falta do vestido cor-de-rosa? Até então, nunca tinha conhecido alguém que tivesse morrido. Nunca sequer acreditara que tal pudesse ser possível. Os pais da mãe, os avós, eram os únicos velhos que conhecia. Para além dos monges tibetanos de Puruwala e dos que se encontravam em Samye Ling. E esses eram eternos. Corajosos. Tão preparados para a morte que viviam cheios de alegria. Os avós de Lara também eram eternos. Eram velhos desde as primeiras recordações que tinha deles, mas nunca envelheciam. Tinha-os visitado quando era pequena e, de novo, no Verão seguinte ao regresso delas da Índia, quando o cheiro da carne para cão a cozer ao lume, numa panela suficientemente grande para alimentar uma família inteira de tibetanos, a tinha deixado de tal forma perturbada que saíra para dar um passeio, e passara tanto e tão distraidamente que acabara por se perder e tivera de ser levada a casa por um agricultor.

— Kip? — Ajoelhou-se no chão. Já faltavam vinte minutos para as onze. — Temos de ir buscar o meu pai ao hospital. Temos de nos levantar. Podes ajudar-me?

Kip voltou-se e enterrou a cara na almofada.

— Por favor — pediu, abanando-o. — Temos de apanhar o comboio.

Deixou-o e correu até ao andar de cima, ao quarto de Lambert. O roupão azul dele estava estendido na cama, livros e papéis aos montes espalhados por todas as superfícies disponíveis.

— Kip — gritou. — Levanta-te, por favor. — Lembrou-se, então, que Kip não sabia. Desceu as escadas a correr e ajoelhou-se ao lado dele. Encostou a cara ao ouvido dele e disse-lhe, o mais suavemente possível. — A Caroline morreu.

Kip voltou-se para ela e abriu um olho azul.

— Mas Il Nicchio ganhou. Guardámos o lugar dela...

— Kip — murmurou, insistente. — Tenho de ir ao hospital buscar o Lambert. Depois temos de apanhar o comboio. Prometi-lhe. Ele está à espera. Ajudas-me a arranjar um táxi?

— Um táxi? — Kip espreguiçou-se. — Por estas bandas? Não me parece que tal coisa exista.

— Não podemos telefonar a pedir um?

Kip encolheu os ombros.

— Não sei. Tens o número de telefone?

Lara abanou a cabeça.

— E se voltasses a Ceccomoro e pedisses à Pamela que te em prestasse o carro?

— Nem pensar! — Kip estremeceu de puro terror.

— Mas eu tenho de lá estar. — Lara sentiu a voz exaltar-se, descontrolar-se. — Tenho mesmo. Daqui a uma hora!

— Caramba! — Kip deu um salto. — Acalma-te.

Lara voltou a correr para o quarto de Lambert. Levo sozinha estas malas todas para a rua, pensou. Peço boleia até Siena. Porque não? O pijama de Lambert estava debaixo da almofada, o lenço dobrado num triângulo na mesa-de-cabeceira. Lara encontrou o saco de cabedal, estranhamente usado para um homem que nunca viajava, e começou a guardar os papéis e os livros lá dentro. Abriu o roupeiro e, com todo o cuidado, tirou os fatos. Dobrou-os, depois retirou as calças e as camisas. Numa gaveta, encontrou as meias, cinzento-escuras e pretas, e ao lado delas vários pares de cuecas de algodão branco. Quando acabou de as colocar dentro do saco, olhou em volta para ver se lhe tinha escapado alguma coisa. A escova de cabelo, a caixa dos óculos, vazia, a carteira, e puxou o saco até ao patamar. Quando chegou ao seu próprio quarto, despejou o conteúdo da gaveta directamente no saco de viagem, arrancou o resto das roupas que estavam penduradas em cabides, atirou também os livros lá para dentro. Recolheu a escova de cabelo e a escova de dentes, correu o fecho e depois arrastou os dois sacos escada abaixo.

Kip estava junto ao frigorífico.

— Estou esfomeado — disse. Retirou uma garrafa de sumo de alperce e bebeu um longo e sequioso trago.

— Kip... — Lara ia começar a protestar, mas depois lembrou-se que Caroline tinha morrido.

De seguida, Kip retirou um prato de fiambre fatiado e uma embalagem de queijo.

— Passa-me o pão — pediu, enquanto cortava uma fatia de *mozzarella*.

Lara pegou no pão e segurou-o bem alto.

— Só se me ajudares.

— Tens de ver a situação do meu ponto de vista. — Esticou a mão para o pão — Que ganho eu com isso?

Lara franziu o sobrolho.

— Eu... — Mas ao hesitar, ele arrancou-lhe o pão.

— Estás a pedir-me que te leve ao hospital, apanhe o teu pai e que te leve ao comboio... A que propósito faria isso? — Regou com azeite uma fatia grossa e pôs-lhe em cima uma quantidade generosa de fiambre. — A que propósito faria isso? — Encolheu os ombros. — Se não quero que te vás embora?

Lara ficou a olhar para ele. Era a coisa mais romântica que alguém alguma vez lhe dissera, mas, não obstante, teve vontade de chorar. Já eram onze horas. Conseguia ver o relógio pelo canto do olho.

— Eu também não quero ir — implorou. — Mas o meu pai... é difícil de explicar. Ele tem de ir para casa. E eu... eu tenho de ir com ele.

Kip voltou-lhe as costas e deu uma dentada na sanduíche.

— Seja como for, tu em breve também estarás de volta — tentou convencê-lo —, e poderemos encontrar-nos em Londres.

Correu até à sala e retirando uma das folhas de papel de carta de Caroline, assentou o número de telefone dela e, para o caso de ser necessário, o nome dela.

— Aqui tens — disse e, em resposta, Kip estendeu-lhe a sanduíche.

— Não. — Estava demasiado desesperada para conseguir comer. — Só te peço que me leves ao hospital e, a partir daí, apanho um táxi. Faço o que quiseres... Por favor.

— Qualquer coisa? — Kip fez uma expressão de quem estava a tentar decidir-se — Que tal um broche?

Lara fez um ar duro. Odeio-o, pensou friamente. Odeio-o. Não há nada a fazer.

— Está bem, está bem. — Kip enfiou na boca o resto da sanduíche — Eu vou, mas quero que saibas que a grande P me vai trucidar.

— Ótimo. — Lara pegou nos dois sacos e apressou-se a arrastá-los para o alpendre, não fosse ele mudar de ideias. — Ou queres que eu vá também? — perguntou, imaginando-se a arrastar as malas ao longo do caminho sensual. — Será mais rápido?

Mas Kip já ia a correr.

— Não sejas parva — respondeu e partiu.

Lara ficou parada na entrada, à espera. E se ele ficar retido outra vez? E se ele se esquecer e nunca mais voltar? Contou até cem. Deu pontapés na gravilha do jardim, arrancou cabeças de alfazema, pressionando-as contra o pulso, esmagando o óleo perfumado. Depois, contornou a casa até às traseiras e ficou a olhar para a piscina. Parecia vazia. Abandonada, mesmo. Com folhas e insectos mortos cobrindo a superfície da água. Onde estaria o homem da piscina? Teria sabido que os seus serviços já não eram necessários? Reparou, então, no seu biquíni de pintinhas, que deixara a secar, havia uns dias, pendurado nas costas de uma espreguiçadeira. Desceu a correr até lá abaixo, apanhou-o e consumida pela ideia de poder ter deixado esquecidas outras coisas de valor, correu de volta para casa. Mas tudo em todo o lado era de Caroline. O papel de carta e as canetas. As taças de *potpourri*, os lenços e as revistas.

Em cima, o quarto de Lara estava vazio. Espreitou para debaixo da cama e para dentro do roupeiro já vazio. Espreitou no quarto do pai, passando as mãos sobre as superfícies libertas, abrindo e fechando gavetas. Mas então, o que fez com que o seu coração parasse só de pensar que podia ter-lhe escapado, descobriu o passaporte de Lambert na gaveta da mesa-de-cabeceira. Retirou-o, azul-escuro gravado a dourado e, ao fazê-lo, uma fotografia deslizou de entre as folhas e flutuou até ao chão.

Lara baixou-se para apanhá-la. Que poderia ser? O pai não era o tipo de homem que andasse com fotografias, e por um vertiginoso momento, pensou que pudesse ser uma fotografia dela já antiga. Mas era muito mais velha. Era uma fotografia a sépia de uma família — os pais impecavelmente

vestidos e, entre os dois, os filhos: um rapaz alto, de fato, e uma rapariguinha com cerca de doze anos. Lara virou a fotografia. Otto, Olga, Lissia e Wolfgang. Os nomes deles estavam escritos a lápis, no verso, com o mesmo cuidado com que a família posava. Wolfgang... Lara fitou a cara do pai. O cabelo era forte, a cara ainda suave, mas os olhos tinham a mesma expressão determinada que tinha agora. Lara abriu o passaporte, folheou-o, esperando encontrar mais qualquer coisa, mas havia apenas a pequena fotografia oficial de Lambert como estava presentemente, grisalho e severo.

Um carro apitou na entrada. Lara deu um pulo. Voltou a guardar a fotografia dentro do passaporte, pegou no biquíni e desceu apressadamente.

— Kip — gritou, incapaz de acreditar que ele já estivesse de volta, mas ali, parado na ombreira da porta, estava Roland.

— São estas duas coisas? — Baixou-se para apanhar os sacos e, atrás dele, viu Kip, abrindo a porta do jipe. Lara apertou o passaporte contra o peito e ficou a olhar para ele.

— Olá... — cumprimentou ele, sustendo o olhar dela. — Não fiques assim.

— Assim como? — Lara semicerrou os olhos e reunindo todo o ódio que tinha dentro de si, continuou a olhar.

— Tu sabes... dá uma oportunidade aqui ao rapaz...

Lara não disse nada, continuou a olhar até que ele acabou por se virar.

Devia ter pedido boleia, pensou Lara. Devia ter ido para a estrada. E recordou-se da mãe, abandonando o Budget Bus e apanhando boleias desde a Alemanha até chegarem a casa.

Roland atirou as malas para a traseira do jipe.

— Foi um golpe de sorte, hem? — disse, como se nada se tivesse passado entre eles. — Eu estava precisamente de saída para Siena quando aqui o rapazinho apareceu a correr.

Lentamente, Lara aproximou-se do carro. Bip, bip, Roland apitava, divertido. Sem levantar os olhos, Lara subiu o degrau de metal para a traseira do jipe.

Fizeram o percurso em silêncio, Lara observando a estrada a deslizar por baixo deles, não se atrevendo a olhar em volta, com receio de dar com o olhar de esguelha de Roland.

— E então, que é que acham? — perguntou Roland. — Do novo namorado da Lulu? Ele é maricas?

Kip riu. Admirado.

— Que pena ele ter de regressar. Estava desejoso de ver o que é que ele iria vestir para o funeral. Os calções cor-de-rosa ou os calções cor de salmão. Ou então... só para nosso deleite, os rosa e os salmão.

— O funeral? — perguntou Kip. — Da Caroline? Caramba! Já está tratado?

— Parece que sim. Tudo definido há meses. O Andrew e a Caroline planearam tudo juntos. Todos os pormenores. No maior secretismo. Sabes que aquela chata da Ginny telefonou-nos esta manhã, ao nascer da aurora, a chorar e a oferecer os seus serviços? A perguntar se havia alguma coisa em que ela pudesse ajudar?

Kip olhou para trás, para Lara, como se só naquele momento ele tivesse acreditado que Caroline tinha morrido.

— Francamente, é preciso muita presunção! A mulher só conhecia a Caroline há meia dúzia de dias!

— Quando é? — Lara teve de perguntar.

— Ah! Ah! — Roland estava triunfante — A nossa camarada encontrou a língua. Quando é o quê? O nosso primeiro encontro?

— O funeral. — A voz dela, que pretendia ser cortante, saiu amuada, irritada.

— Eh, pá! Não te chateies! É no sábado. Às três horas.

No sábado? Não deveriam ficar? Não era errado, partirem assim tão cedo? Afinal de contas, Lambert era um amigo muito especial de Caroline. Tinham sido amigos praticamente toda a vida.

— E então? — perguntou Roland quando, depois de terem descido a colina a alta velocidade, pararam nos semáforos do cruzamento. — Qual é o hospital, afinal?

Qual é o hospital?

— Não sei. — Lara sentiu um crescendo de pânico. — Há mais do que um?

— Claro. — Roland fez um gesto largo. — Há o Santa Maria della Scalla e... — Fez uma pausa. — Kip, como é que se chama aquele hospital onde o teu pai foi quando bateu com a cabeça? Le Scotte. E de certeza que há outros.

— Vai ao Santa Maria. — Lara decidiu-se pelo primeiro. — E se ele não estiver lá... — não acabou a frase.

O Santa Maria della Scala ficava na praça, defronte do Duomo. Roland estacionou o carro o mais perto possível e Lara saiu e correu. Sentiu-se quase completamente descontrolada a correr pelos becos, a descer escadas e ao entrar na praça. Mal olhou para o Duomo, com a sua Madonna azul e dourada cintilando ao sol, mas empurrou a porta do hospital com o coração na boca, desejando, rezando, prometendo dedicar a vida a Deus, se o pai estivesse ali à espera dela. Mas não estava ninguém no átrio frio e silencioso do hospital. Apenas uma senhora elegantemente penteada, sentada a uma secretária.

— *Si?* — perguntou, levantando a cabeça, mas como já passava muito do meio-dia, Lara deu meia-volta e desatou a correr.

— De certeza que é o Scotte — disse, entrando para o jipe e Roland piscou-lhe o olho.

— Estás com sorte em ter-me como teu motorista, hem? Nem todos são tão obedientes quanto eu.

Lara levou a mão à boca e desviou o olhar.

Eram doze e quarenta e cinco quando finalmente chegaram ao segundo hospital, onde, para seu grande alívio, Lambert já estava à espera, no exterior, encostado a uma parede, o sol batendo-lhe em cheio na cabeça. Trazia um sapato na mão e um saco com livros, e o pé doente estava branco e envolto em ligaduras, gordo como um pão de forma.

— Desculpe — correu na direcção dele.

— Graças a Deus.

— O Kip trouxe-me...

Avançaram um para o outro e fizeram uma tentativa desajeitada para se abraçarem. Mas Roland estava a apitar. Havia alguém atrás dele que queria passar.

— Depressa — disse Lara, tomando-lhe o braço e conduzindo-o até ao carro.

Kip saltou do jipe e ajudou-o a sentar-se à frente.

— Lamento muito o que aconteceu com a Caroline.

— Pois — Lambert engoliu em seco. — Obrigado.

— Acha que ela soube? — E baixando a voz: — Sobre Il Nicchio... isto é, antes de...

Lambert voltou-se e sorriu, mas a cara estava pálida.

— Sussurrei-lhe ao ouvido. Acho que ela ouviu.

Lara inclinou-se para a frente.

— Fiz a sua mala. — Hesitou. — E trouxe os bilhetes e o seu passaporte... — Esperou por um sinal.

— E juntei os livros e a caixa dos óculos... — Mas Lambert apenas olhava para o relógio, distraído.

— Quanto tempo é que achas que ainda demoramos a chegar lá? Roland encolheu os ombros.

— Não muito. — Enfiou-se perigosamente na faixa mais rápida, por pouco não batendo num carro.

Lara seguia atrás, ainda agarrada ao biquíni, com o passaporte de Lambert no bolso da camisa, alargando-lhe as costuras. E, dentro do passaporte, a fotografia da família dele. Poderia fazer-lhe perguntas sobre a família, trazer o assunto à baila, referir a mãe e a irmã. Fale-me sobre elas. Olga e Lissia, e proferiu os nomes seguidos, para formar o seu próprio segundo nome.

— Foi o teu pai quem escolheu — dissera-lhe Cathy, havia muito tempo. — Gostou dele — dissera simplesmente, mas ocorria-lhe agora que Cathy deveria ter sabido sempre.

Kip estava sentado defronte dela, os joelhos afastados, não correndo o risco de tocarem nos dela.

— Pronto, cá estamos — anunciou, como se estivesse aliviado, e Roland aproximou-se da estação e parou o carro.

Kip saltou da traseira do carro e abriu a porta a Lambert. — Foi um prazer vê-lo de novo, Mr. Gold.

— Também foi um prazer rever-te, Kip. — O pai de Lara falou lentamente, e com um cuidado exagerado, como se só recentemente tivesse aprendido a falar inglês. — E não te esqueças de dar os meus cumprimentos à tua mãe.

Lara ficou parada no alcatrão escaldante e olhou para o perfil dos dois. Não é verdade, insistiu, mas apesar disso, sentiu um nó no estômago. Lambert e Kip continuaram virados um para o outro. Era como se houvesse alguma coisa importante que ambos quisessem dizer.

— Tenho a certeza de que a minha mãe iria gostar muito de o ver.

— Sim — respondeu Lambert, franzindo a testa. — Diz-lhe que lhe telefono um dia destes. Telefono mesmo.

Lara puxou os sacos da parte de trás do jipe.

— É melhor irmos andando. Isto é, irmos correndo.

Tinha de começar a andar antes que Roland tentasse algum tipo de despedida. Lambert fez sinal que sim e, com a máxima dignidade que lhe era permitida, começou a coxear e a arrastar-se em direcção ao comboio.

— Então, adeus — disse Lara, esboçando um sorriso para Kip, mas à medida que se foi afastando, arrastando os sacos atrás de si, pensou: morro se nos despedirmos assim. Morro. Desfeita, continuou a avançar, até que, incapaz de se deter, voltou-se, imaginando que ele se tinha ido embora ou que estava a soltar gargalhadas horríveis, na companhia de Roland, mas ele ainda ali estava, semicerrando os olhos ao sol.

— Telefono-te — soletrou as palavras com os lábios, levantou a folha branca de papel que Lara lhe tinha dado e levou-a aos lábios.

Um sorriso iluminou-lhe a cara. Acenou que sim, desesperadamente, e colocou a mão sobre o coração e deixou-a aí para ele ver.

Num abrir e fechar de olhos, Kip estava ao seu lado. Beijou-a, rápida e levemente e, com igual rapidez, voltou a afastar-se.

— Lara? — Lambert estava a voltar-se para ela, apoiando-se a um poste. — Achas que este é o nosso comboio?

— Sim, é este — respondeu ela, e quando se voltou de novo, já o jipe tinha partido.

Ainda faltavam dez minutos. Lara encontrou dois lugares com um assento vago em frente, no qual Lambert poderia apoiar a perna e, ainda estonteada pelo beijo de Kip, saltou para a plataforma.

— Não demoro — gritou, pensando sempre, não me importo que ele seja meu meio-irmão, vou continuar a vê-lo em segredo. Que podemos fazer? Estamos apaixonados!

Caminhou ao longo da plataforma e entrou numa loja, onde comprou bolachas, água, vários pacotes de batatas fritas e, não encontrando mais nada, mais bolachas. Momentos depois, estava de regresso ao seu lugar.

— Conseguimos — disse, reparando pela primeira vez que a carruagem estava cheia de turistas de mochila, mulheres exaustas e sujas, com cabelo curto e narizes que pareciam holandeses. Mas Lambert mantinha a cabeça encostada à janela e gotas de suor começavam a surgir-lhe no sobrolho.

— Está bem? — Tocou-lhe no braço e, incapaz de esperar, rasgou um pacote de bolachas e enfiou uma na boca. Oh, meu Deus, pensou, assim que começou a mastigar. Ginny! Ela sabe que nos viemos embora? — Pai? A Ginny sabe? — perguntou suavemente. Mas Lambert tinha os olhos fechados.

Lara comeu outra bolacha. Bebeu água. Comeu um saco de batatas fritas oleosas. Conseguimos. Olhou pela janela. Estivemos de férias e agora vamos regressar a casa, e teve de se recordar de que nem tudo aquilo tinha sido um sucesso. Pararam na primeira estação e Lambert abriu os olhos.

— Binario — apontou Lara. — Estamos outra vez em Binario — Mas Lambert não sorriu.

Ficaram em silêncio, olhando pela janela, observando o desenrolar da paisagem escaldante, e quanto mais se afastavam de Siena, mais impossíveis lhe pareciam os planos para um futuro secreto com Kip. Simplesmente não lhe atendo o telefone, prometeu a si própria, e depois ele vai para o Quénia, e quando finalmente voltar... incapaz de pensar para além disso, fechou os olhos.

Lara deve ter dormido, porque quando voltou a olhar para cima, Lambert estava a chorar. Longas e silenciosas lágrimas desciam-lhe pela cara, e a manga estava húmida, onde ele tinha tentado sufocá-las.

— Oh, pai! — Lara estava destroçada. Captou o olhar da mulher que se encontrava sentada à sua frente e que, educadamente, desviou o olhar. — Pai, lamento muito. — Não conseguia pensar noutra coisa para lhe dizer. — É por causa da Caroline?

— Ela era minha amiga — disse, simplesmente. — Minha amiga desde o princípio. Foi a única que me tentou ajudar.

— Sim — disse Lara.

— E eu abandonei-a. Tal como abandonei todos os outros. Lara pousou a mão no braço dele. Custava-lhe muito ouvi-lo dizer aquilo.

— Mas o pai esteve com ela. Este Verão... ontem à noite... Tenho a certeza de que ela gostou... — Mas Lambert abanou a cabeça.

— A Caroline veio ficar connosco em Dorset. — Estremeceu. — Mesmo antes da guerra. E fez tudo para me ajudar.

— Para ajudá-lo em quê?

— Os meus pais. — Lambert lançou-lhe um olhar estranho, como se tivesse ficado espantado por ela não saber. — Eles precisavam de dinheiro para entrar na Grã-Bretanha. Por isso escrevemos a toda a gente. A todas as pessoas bem relacionadas que Caroline conhecia. Passámos um dia inteiro e metade da noite a escrever cartas, sentados no escritório de Lady Holt. E assim que esgotámos as listas de contactos de toda a gente, escrevemos a outras pessoas, pessoas de quem Caroline apenas tinha ouvido falar. E as respostas foram chegando. «Lamento.» «É impossível.» «Está fora de questão.» Então, um homem disse que talvez pudesse ajudar. O pai dele também era um comerciante, se bem que a uma escala bem maior do que o meu pai. Escrevi aos meus pais. Não desistam. Vou arranjar o dinheiro. Mas o homem retirou a oferta. Aparentemente, o filho, que era apenas um idiota qualquer, acabado de sair de um colégio privado, tinha contraído as mais assustadoras dívidas de jogo e tinha espatifado o carro novo da família, pelo que a sua promessa de ajuda fora por água abaixo.

Lambert cerrou um punho. Parecia prestes a enfiá-lo pela janela. — Continuámos a escrever...

— E os Holt? — interrompeu Lara.

— Já tinham feito muito — disse Lambert abruptamente. — Tinham-me acolhido.

— Mas de quanto é que eles teriam tido necessidade? — Pensou na vida extravagante que tinham levado naquelas últimas semanas. — Não havia ninguém que os pudesse ajudar? Apenas meros bilhetes de comboio e um sítio onde ficar? Nenhum deles podia fazer isso? — Ocorreu-lhe mesmo, pela primeira vez, que eles também eram a sua família.

Uma lágrima lenta rolou pela cara de Lambert.

— O governo britânico estava a pedir uma soma avultada como caução, a qualquer refugiado, qualquer judeu refugiado que entrasse no país. Dez mil libras. O que significava que eram vinte mil libras só para os meus pais, o equivalente, hoje, a... digamos... — Lambert abanou a cabeça — ...meio milhão de libras.

— Meio milhão de libras? Para quê?

— Como precaução, para o caso de eles, alguma vez, se tornassem... como é que eles diziam? Um sorvedouro para o erário público. Mas o governo britânico não conhecia os meus pais. Eles jamais teriam pedido fosse o que fosse. Não para si próprios.

— E então... o que foi queacon...? — Lara tentou, e pensou na fotografia que tinha visto naquela manhã, a cara luminosa da irmã de Lambert, os olhos intensos da mãe dele. Então, que acontecera a todos eles? Que acontecera? Mas faltava-lhe a coragem para perguntar. Por isso, deixou-se ficar sentada ao lado do pai, com o braço encostado ao dele, as pernas de ambos tocando-se, o corpo dela protegendo o dele, até que, por fim, ele voltou a cara para a janela e adormeceu.

Naquele momento, as cinco turistas de mochila estavam todas a ler. Livros grossos com as páginas reviradas. Lara comeu outra bolacha, sacou do seu exemplar de *As Vinhas da Ira*, chorou sobre as suas esmagadoras páginas, e quando ficou sem lenços de papel para limpar os olhos, começou a percorrer os seus livros de História, tomando notas e sublinhando passagens sobre a Revolução Francesa, perguntando-se o que aconteceria a Kip e à família dele se massas de pessoas revoltadas

algumas vez se voltassem a sublevar. «Deixem-nos comer do bolo.» Conseguia imaginar a decapitação de Roland e, fechando os olhos, imaginou-se frente à multidão que esperava a sua execução pública. Mas estaria ela a salvo? E se estivesse com Kip? Afastou esse pensamento. Lady Lara Willoughby. Ouviu a voz divertida de Ginny. Mas, vendo bem as coisas, ela até poderia salvá-lo, provar que ele não era, na verdade, um deles. Ele é meu!, gritou, vestida, por alguma razão, de touca e avental. Ele é meu irmão! Parem! A guilhotina travaria com um chiar.

E se estivesse grávida? Sentiu-se enregelar só de pensar nisso. «Se tivermos um bebé...» Conseguia sentir as mãos de Kip no seu corpo, empurrando-a contra a árvore dos beijos. «Não me importava.» Mas iria importar-se quando o visse. Um monstro com duas cabeças, com os quatro olhos azuis idênticos aos deles, insinuando a verdade. Ela teria de passeá-lo num carrinho de bebé coberto por um pano, para que ninguém ficasse a olhar.

E depois perdê-lo-ia. Kip ficaria horrorizado e ela teria de fingir que também estava horrorizada. Mas o que ele não sabia é que aquilo era a única coisa que os unia. A razão que o levava a considerar ser ela o tipo de mulher com que ele se identificava. Tinha sido aquilo que lhe dava vantagem em relação a todas as outras raparigas. Lulu e todas as outras Lulus desconhecidas, e até mesmo Allegra, apenas à espera de crescer. Mas e se fosse de Roland? A ideia fê-la estremecer, mas certamente que um bebé não poderia ser feito a partir de uma coisa tão brutal. Enrolou-se no assento, e apesar de tentar afastar esta ideia com pensamentos e orações para ter sorte, para ter mais uma oportunidade, aquela recordação apoderou-se dela — a perna de Roland, pesada como chumbo, o fedor do *after-shave*, os gemidos no pescoço dela enquanto a esmagava contra a parede.

O campo de refugiados em Purawala, quando finalmente lá chegaram, fora um choque. Cathy já tinha avisado Lara de que as pessoas que iam encontrar eram deslocadas — tinham sido forçadas a sair do seu país pelos chineses. Ela tinha cartas, que lera a Lara, acerca da dificuldade de começar uma nova vida, sobre a coragem destas pessoas e do apoio de que tanto necessitavam para se instalarem e arranjamem uma nova casa.

Cathy lera essas cartas em voz alta, nas longas viagens de comboio a partir de Bangalore, lera-as para alertar Lara, mas também para que tivesse consciência de como sempre haviam sido afortunadas. Vivendo na sua pequena casa na Escócia, onde a casa de banho, apesar de gelada no Inverno, pelo menos ficava num anexo de tijolo ao lado da casa e não, como descrevia uma carta, num buraco infestado de cobras, debaixo de uma única tábua escorregadia.

Mas assim que chegaram ao campo, tinha sido Cathy, e não Lara, quem fora posta à prova. Os tibetanos já tinham sido ajudados. Tinha bons relógios e roupas ocidentais, tinham tractores e escolas e, para desilusão de Lara, as crianças já não precisavam de pendurar vasos do tecto do único edifício para manter o milho a salvo dos papagaios. Cathy pareceu deprimida. Ela e Lara tinham vivido todos aqueles anos na pobreza, recusando qualquer ajuda de Lambert, arranjando-se sem carro, nem mesmo bicicleta, e fazendo as compras na única loja da aldeia.

Tinham comido *dahl* e arroz integral, refeição atrás de refeição, tinham torrado na grelha *chapattis*[\[13\]](#) castanhos duros, bebido leite de cabra com chá e ali estava Sua Santidade, acabado de regressar de uma viagem aos Estados Unidos, trazendo um barriguinha, uma corrente de ouro e um

par de meias bem garridas a aparecerem debaixo da túnica.

— Quero acreditar em tudo. — Cathy apertava a mão de Lara. — Mas estou a ter muita dificuldade em perceber o que é verdadeiro.

Sua Santidade ficou em silêncio durante algum tempo e, depois, olhou para o céu.

— Está a ver? — apontou. — Está ali uma cauda de dragão — e quando olharam, os três, uma única pluma púrpura estendeu-se através das nuvens.

— Eu não... — Cathy voltara-se, os olhos marejados de lágrimas, mas Sua Santidade estava a sorrir tão serenamente que, lenta e inexplicavelmente, Cathy sentiu a sua fé restaurada.

Lambert só voltou a falar no dia seguinte, quando o comboio chegou finalmente a Calais. Tinha dormido irregularmente, recusando todas as ofertas de comida, mexendo-se apenas ocasionalmente para ajeitar o pé inchado e para se deitar na fila de assentos que, muito convenientemente, tinham ficado vagos com a saída das holandesas. Lara levantara-se de um pulo assim que elas saíram e baixara as persianas que davam para o corredor, pelo que, para além de um tímido jovem de óculos, mais ninguém se atrevera a entrar na carruagem onde eles se encontravam. Na fronteira com França, tinha aparecido um guarda que pedira para ver os passaportes. Lara viu Lambert mostrar o seu passaporte, viu-o retirar a fotografia, segurá-la de encontro à coxa e depois voltar a guardá-la. Lara jamais teria reparado na fotografia se não a tivesse descoberto.

Lara também dormira, acordando a intervalos de poucas horas perturbada por um medo inquietante, mas incapaz de se lembrar do que fora tão horrível, ficou sentada até ser, de novo, inundada por ele. Tenho de lhe perguntar, constatou. Tenho de lhe perguntar, só isso. E, nesse preciso momento, o comboio parou.

— Pai. — Abanou-o ligeiramente. — Chegámos. — E descobrindo que ele tinha a camisa ensopada em suor, abriu o saco e tirou o roupão. — Vista isto — disse, ajudando-o —, agora está melhor.

— Obrigado. — Quando desceu do comboio tinha os dentes a bater de frio. — Estamos quase a chegar. — E com o roupão desapertado, adejando à sua volta como uma capa, avançou com dificuldade em direcção ao barco.

Certa vez, Lara ouvira Lambert dizer — tinha a sensação de que tinha sido para Caroline — que se abstinha de fazer perguntas às pessoas com receio de que elas lhe fizessem perguntas sobre ele. Mas quanto mais próximos se encontravam de Inglaterra, mais calmo Lambert ficava. A febre descera e os olhos estavam mais luminosos. Sentaram-se à mesa do restaurante do barco, onde Lara pediu peixe, puré de batata e ervilhas.

— Aviso-te já de que isso deve ser intragável — disse ele com um sorriso, mas estava delicioso. Salgado, com muita manteiga e quente.

— Sabia que ia haver um funeral para a Caroline? — começou Lara. — E que já estava tudo tratado?

— Ah, sim. — Lambert fez uma pausa. — Mas eu nunca vou a funerais. É com os vivos que me preocupo, não com os mortos.

— Então como é que...

— Na minha vida — disse, secamente. — Não no meu trabalho.

— Mas não vai ter pena... — Não conseguiu evitar. — Se ninguém for ao *seu* funeral? Se ninguém se importar? — E achando que as palavras lhe tinham soado ridículas, acrescentou, baixando a voz: — Nem mesmo pela Caroline?

— Não — respondeu Lambert. — Nem mesmo pela Caroline. — Mas pareceu surpreendido.

Ficaram em silêncio e Lara brincou com a sobremesa, um bolo com leite-creme, invadida por ondas de adrenalina que subiam e desciam, até que pensou que se ia dissolver. Tenho de lhe perguntar, pensou, e a constatação dilacerou-a como uma faca.

— Pai? — Encheu-se de coragem quando o empregado levou o café, e Lambert olhou-a de soslaio.

— Sim?

Sorriram um para o outro e, rapidamente, antes que a coragem lhe fugisse, Lara inclinou-se para ele.

— Pai, posso perguntar-lhe uma coisa... sobre o Kip? — Olhou para a cara dele. — É que me ocorreu esta ideia. Isto é, ouvi dizer... queria confirmar. O Andrew... — hesitou. — O Andrew Willoughby. Ele é... o verdadeiro pai do Kip?

Lambert ficou a olhar para ela como se não tivesse a certeza de ter ouvido bem. Então, inclinou-se também para ela.

— Porque perguntas?

Lara sorriu, mas, por dentro, estava a tremer.

— Não, é que... — Não tinha mais nada a perder agora, e caso fosse necessário, poderia correr e atirar-se borda fora — Lembro-me de que o pai conhecia a mãe dele e depois ouvi o Andrew Willoughby dizer uma coisa...

— O Andrew Willoughby? Não acredites em nada do que esse biltre diga. É típico dele andar por aí a insinuar coisas sobre a única mulher que lhe foi fiel. A única mulher que jamais seria capaz de ter um caso. — Abanou a cabeça. — Pobre e adorável rapariga.

— A mãe do Kip?

— Sim, eu gostava imenso dela. Costumava levá-la a sair regularmente, para tentar animá-la. Especialmente quando ela ficou grávida do Kip, estava aterrorizada, coitada, perante a possibilidade de estar à espera de outra menina e de que o casamento dela acabasse. E, com efeito, assim que o Kip nasceu, assim que ele se viu com o seu filho varão, com o seu herdeiro, começou a ignorá-la. E isso destruiu-a por completo... ficou doente, teve uma espécie de esgotamento nervoso. — Lambert disse esgotamento nervoso como se esse fosse um termo médico pouco conhecido. — Eu disse-lhe que nada poderia ser pior do que manter aquele casamento, mas sendo ela católica, nunca concordou, como é óbvio, com um divórcio.

— Então não é o pai?

— Eu? — Lara nunca o vira olhar com um ar tão doce — Não, não sou eu. Mas posso dizer-te quem é meu.

Lara ficou a olhar para ele. Sentiu um enorme vazio abrir-se dentro dela. — Quem?

Lambert estendeu uma mão através da mesa e tocou na mão dela.

— Tu, claro.

— Ah, eu. — E começou a rir.

No comboio, ao entrar em Victoria Station, Lambert estava quase exultante, e assim que o comboio parou, exigiu um carrinho e atirando lá para dentro a sua bagagem, começou a coxear a grande velocidade na direcção de um quiosque onde comprou um exemplar de cada jornal que se encontrava à venda.

— Táxi! — gritou como um louco, apertando os jornais contra si. — Táxi!

E Lara viu a imagem do pai reflectida na cara dos taxistas — um homem, com a barba por fazer, meio vestido, a coxear e estrangeiro — à medida que cada um ia passando, acelerado.

— Táxi! — experimentou ela, esticando o braço. E, quase de imediato, ouviu-se um chiar de travões.

O apartamento de Lambert estava praticamente como o haviam deixado. Escuro e íntimo, até mesmo os degraus da escada que conduziam ao andar dele estavam mergulhados em silêncio. Lara ficou e tomou uma chávena de chá, retardando o momento em que a aventura terminaria, altura em que se iria meter no metro para Finsbury Park, percorrer o longo túnel da estação, entregar o bilhete e sair para o mundo real. De vez em quando, a sua cara abria-se num sorriso. Ele gosta de mim, pensou. O Kip gosta de mim por nenhuma razão em particular. Foi tudo o que conseguiu fazer para travar aquele sorriso. Agora tenho de ter sorte, disse para consigo, e manteve os dedos cruzados.

— Adeus. — Sentiu-se embaraçada quando chegou o momento de se despedirem. — Espero que o seu pé melhore. — Esticou-se e deram um beijo formal, um em cada face. — Obrigada por me ter levado.

Quis dizer-lhe o quanto lamentava o que tinha acontecido com Caroline, com Isabelle, com o pé dele. O quanto lamentava tudo, mas, então, através da porta encostada do quarto do pai, viu o vaso gigante da sua única planta. As suas folhas familiares, de um tom verde pálido e em forma de coração, estendendo-se na direcção da luz. Lara avançou instintivamente para ela. — Sempre me perguntei que planta é aquela.

— Ah! — Lambert abriu mais a porta para revelar a totalidade dos ramos, que se espalhavam por quase toda a parede. — É uma *Zimmerlinde*. A minha irmã enviou a semente numa carta. É a única coisa que eu tentei criar.

Ficaram de pé, a olhar para a *Zimmerlinde*.

— Bom, é óbvio que esta não é a original — estava a falar em voz baixa. — De dez em dez anos, aproximadamente, tiro-lhe uns rebentos.

Lissia, quis acrescentar Lara, mas ficou calada.

— Então, adeus — disse de novo. — Até breve.

— Sim, combinamos um encontro. Talvez para jantar?

— Está bem. — Rindo, voltou-se para ele e deu-lhe um abraço. — Adeus. — Lambert ficou no cimo das escadas a vê-la descer. — Adeus! — Lara acenou da porta do prédio, e Lambert levantou a mão, em silêncio, olhando-a até a perder de vista.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha amiga Georgia Shearman, por ter partilhado comigo as suas memórias da Índia, e à mãe dela, Sarah Shearman, pela leitura e revisão dos factos. Também gostaria de agradecer a Mark e Domitilla Getty, pela sua generosa hospitalidade, por me terem levado ao Palio e por me terem orientado para *La Terra in Piazza*, de Alan Dundes e Alessandro Falassi, que se revelou precioso. Também a Alexander Afriat, por ter respondido às minhas muitas questões, e à minha editora, Alexandra Pringle, por nos ter posto em contacto, e, também, pela sua simpatia e generosidade. Estou muito grata a Kitty Stirling, pelas respostas às minhas perguntas, e, mais uma vez, obrigada a Shawn Slovo, por me ter assegurado uma sala sossegada para trabalhar. Os meus enormes agradecimentos, também, a Manuela Zainea, por ter tomado conta das crianças, à minha agente literária Georgia Garrett pelo apoio continuado, e aos meus primeiros leitores, Julie Myerson, Bella Freud e David Morrissey, cujas opiniões muito valorizo.

[1] *Kedgeree* – Prato de peixe, arroz, ovos, etc. (N. do E.)

[2] *Puri* – Pão não levedado, típico do Sul da Ásia. (N. do E.)

[3] *Dosas* – Crepe com especiarias, típico do Sul da Índia. (N. do E.)

[4] *Dhal* – Lentilhas. (N. do E.)

[5] *Chutney* – Espécie de molho feito com frutos, açúcar, vinagre e especiarias. (N. do E.)

[6] Ray Cooney – dramaturgo e actor britânico, conhecido especialmente pelas suas farsas. (N. do E.)

[7] Excerto de uma canção, *Are You the O’Riley?*, popularizada por Pat Rooney Sr., artista de *vaudeville*. (N. do E.)

[8] Shylock – Judeu usurário na peça *O Mercador de Veneza*, de William Shakespeare. (N. do E.)

[9] *Humous* – Prato típico do Médio Oriente, feito à base de pasta de grão-de-bico. *Taramasalata* – Prato típico da Grécia e Turquia, feito de ovas de bacalhau ou carpa. (N. do E.)

[10] *Dhoti* – Peça de vestuário composta por uma faixa de tecido que é enrolada à volta da cintura e usada tradicionalmente por homens, no Sul da Ásia. (N. do E.)

[11] *Paratha* – Pão chato, frito e recheado com vegetais, típico do Sul da Índia. (N. do E.)

[12] *Pujá* – Cerimonial. (N. do E.)

[13] *Chappatti* – Tipo de pão indiano. (N. do E.)

Índice

[Ficha Técnica](#)

[Para a minha irmã, Bella](#)

[Um Verão em Siena](#)

[AGRADECIMENTOS](#)